O HUMANO DO MUNDO

DIÁRIO DE UMA PSICÓLOGA SEM FRONTEIRAS



DÉBORA NOAL

astral cultural

Encontre mais livros como este no e-Livros

e-Livros.xyz

e-Livros.site

e-Livros.website

"DÉBORA NEGA RADICALMENTE AS FRONTEIRAS, QUALQUER FRONTEIRA QUE NÃO SEJA A DO RESPEITO PELA DIGNIDADE DA VIDA. O MUNDO INTEIRO É SUA CASA E TAMBÉM SUA FAMÍLIA. (...)

O QUE VOCÊ LERÁ A SEGUIR É PALAVRA ENCARNADA. E CABE A CADA UM A ESCOLHA DE DERRUBAR AS FRONTEIRAS QUE O APARTAM DOS MUNDOS."

— Prefácio de Eliane Brum

O HUMANO DO MUNDO

O HUMANO DO MUNDO

DIÁRIO DE UMA
PSICÓLOGA SEM
FRONTEIRAS

astral
cultural

Copyright © 2017, Débora Noal
Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos
pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editora responsável Tainá Bispo
Produção editorial Juliana Albuquerque, Marcio Coelho e Walmir Santos
Capa Agência MOV
Foto capa Matthias Stetnbach
Foto contracapa Brendan Bannon
Fotos miolo Arquivo pessoal da autora (p. 75, 99, 102, 121, 147, 229 e 251), Aurelie Baumel/MSF (p. 182 - de cima), Benoit Finck (p. 30), Eddy McCall/MSF (p. 255), Isabelle Jeanson (p. 78), Kadir Van Lohuizen/Noor (p. 150), Peter Casaer/MSF (p. 182 - de baixo e 232), Phil Moore (p. 124)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

N664o Noal, Débora
O humano do mundo : diário de uma psicóloga sem fronteiras / Débora Noal. – Bauru, SP : Alto Astral, 2017.
256p. : il.)

ISBN: 978-85-8246-601-8

1. Psicólogas - Diários 2. Médecins Sans Frontières (Organização) 3. Assistência humanitária 4. Refugiados – Assistência humanitária I. Título

17-1097

CDD 361.26
CDU 82(81)

Índice para catálogo sistemático:
1. Assistência humanitária : Psicólogas - Diários

ASTRAL CULTURAL É A DIVISÃO LIVROS DA EDITORA ALTO ASTRAL.

BAURU
Rua Gustavo Maciel, 19-26
CEP 17012-110
Telefone: (14) 3235-3878
Fax: (14) 3235-3879

SÃO PAULO
Rua Tenerife, 31 - Conj. 21 e 22
CEP 04548-904
Telefone/Fax: (11) 3048-2900

E-mail: contato@astralcultural.com.br

Aos meus pais, que me deram
olhos que veem.
A Antonio, que é capaz de enxergar
aquilo que eu não sei dizer.
À Chloe, meu pedacinho
no para sempre, que seus olhos
sempre queiram ver.

Toda dor pode ser suportada se sobre ela
puder ser contada uma história.
Hanna Arendt

Médicos Sem Fronteiras é uma organização humanitária internacional que leva cuidados de saúde a pessoas afetadas por conflitos armados, desastres naturais, epidemias, desnutrição ou sem nenhum acesso à assistência médica. A organização oferece ajuda exclusivamente com base na necessidade das populações atendidas, sem discriminação de raça, religião, convicção política e de forma independente de poderes políticos e econômicos. Também é missão de MSF chamar a atenção para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas atendidas em seus projetos.

SUMÁRIO

A porta do mundo
Minha primeira missão: Ciclone em Gonaïves, Haiti
Haiti mais uma vez
Missão Guiné
Missão na República Democrática do Congo (RDC)
Terremoto no Haiti
Desembarcando mais uma vez no coração da África
Primavera Árabe: Missão Líbia

A mulher das raízes aéreas

A primeira vez que me encontrei com Débora Noal, ela estava vindo — e já estava indo. Vindo de um campo de refugiados na Líbia. Indo para trabalhar junto às prisões do Quirguistão. Era 2010 e uma tarde solar em Aracaju. E ela me recebia com chocolate num apartamento colorido. Havia artesanato de diversas partes do mundo (do mundão mesmo, e não apenas da Europa ou dos Estados Unidos) e o cuidado de pequenos detalhes em todos os cantos. Era uma casa viva como a mulher de 30 anos então que me recebia com uns olhos verdes inquietos e uma enorme capacidade de rir.

Sempre tento entrevistar as pessoas em suas casas, porque a casa conta muito de quem nela vive, conta até o que as pessoas não conseguem ou não querem contar. Logo que entrei no apartamento senti que estava numa casa bem-habitada. Mesmo quando a pessoa que ali morava me esclareceu: “Minhas raízes são aéreas”.

E são mesmo. Mas aquele seria apenas o primeiro de meus vários encontros com Débora, e eu a alcançaria em outras casas e cidades e aprenderia que ela faz casas coloridas e cheias de pequenos detalhes bem-cuidados em qualquer lugar por onde vá. E se despede dessas casas coloridas e cheias de pequenos detalhes bem-cuidados com a mesma alegria que as inventa. Débora exerce algo muito raro que é se entregar ao provisório, ao que sabe que será seu por apenas um momento e mesmo assim fazê-lo belo e amoroso. É, em certa medida, um paradoxo. Vive o presente, mas com dedicação de eternidade.

Débora é passageira, e é passageira nos mais variados sentidos. Mas esse jeito de experimentar o ato de passar me parece chave para compreender sua atuação como psicóloga da organização humanitária internacional Médicos Sem Fronteiras. Quando ela conta cada uma de suas missões, é bastante claro para quem a escuta que, enquanto ela lá esteve, esteve por completo, esteve como se aquele momento fosse a vida inteira. Débora passa como se ficasse. E quando conta é como se lá voltasse. E nós, que a escutamos, somos também carregados para aquela experiência. E a experimentamos com as cores e os cheiros e a textura que ela generosamente nos oferece.

Na primeira entrevista permaneci por mais de três horas escutando-a contar sobre o que ela chama de “lado B do mundo”. E porque Médicos Sem Fronteiras vai aonde a maioria prefere esquecer que existe, vai aonde o horror sussurra nos ouvidos, são histórias que perfuram.

Quando ela termina, é como se a gente fosse recosturado para um outro formato humano. E, quem de fato a escuta, carrega o itinerário dessa costura no corpo como uma marca. E isso faz com que sua voz, contando de vozes ignoradas, produza movimento.

Existe aí um outro paradoxo sobre Débora. Com tanta memória de morte, era de se esperar que as sombras fizessem peso nela. Mas ela é leve. Conheço poucas pessoas que transmitam tanta leveza quanto ela, sempre pronta para o riso e para o contentamento. Talvez porque parte do trabalho de Débora como psicóloga seja compreender onde está a delicadeza — e arrancá-la das horas brutas.

Onde está a vida possível naquele que morre talvez seja a questão que atravesse os tantos mundos que ela e os demais MSF alcançam. Mas a dor permanente é que não é possível interromper o ciclo de horrores enquanto a maioria não estiver disposta a enxergar os invisibilizados do mundo. Porque não é que sejam invisíveis, é que os tornamos invisíveis para o nosso conforto. E às vezes tudo o que homens e mulheres como Débora podem fazer é superar as fronteiras para se assegurarem de que não estejam sós na hora da morte. Às vezes tudo o que ela pode fazer é segurar a mão de alguém. Imenso gesto pequeno que molda Débora e outros MSF, um constante confrontar-se com a impotência porque muitas vezes não se pode salvar, estar junto é tudo o que dá.

Neste mundo em que a humanidade tem se especializado em criar muros cada vez maiores e mais numerosos, barreiras cada vez mais monstruosas, cercas que nem sequer se imaginava possível que fossem inventadas, a organização com a qual Débora trabalhou entre 2008 e 2014 faz talvez o mais amplo gesto político, que é o de atravessar as fronteiras para levar cuidado. E, ao fazê-lo, lembrar a nós todos que a única fronteira que não pode ser ultrapassada é a do respeito à vida do outro.

São muitos os homens e mulheres de diferentes nacionalidades sob a bandeira de Médicos Sem Fronteiras, que derrubam, dia após dia, também os muros invisíveis, em busca de tocar os corpos daqueles deixados do lado de fora, mesmo dentro dos limites do seu país. Ou aqueles que precisam fugir de dentro para se manter vivos. O fora e o dentro quando a vida é violada de tantas formas não é um conceito nem dado nem fácil. Débora, neste livro, dá conta de um ato feito por muitos, mas empresta a ele a singularidade intransferível da sua experiência.

Como Débora consegue entrar, entregar-se por inteiro e despedir-se de tantos mundos e ainda assim permanecer íntegra? Para encontrar pistas para essa resposta, precisei compreender que ela vive um conceito de família expandida. Embora seja muito ligada à mãe e às irmãs, essa sua linhagem feminina, Débora se compreende como parte de uma grande família humana. Ela não apenas veste o nome de Médicos Sem Fronteiras. O que ela faz é mais profundo. Ela encarna o nome do que é. E o faz lá na fundação, no sangue. Sua família não é dada por um DNA compartilhado, mas pelo intangível. Sua família são todos. E também é nenhum.

Débora é família enquanto está. Tanto quanto suas casas são eternas por um segundo. E a primeira pista para essa família expandida pode ser encontrada já no primeiro capítulo deste livro, onde a menina abre a porta da casa, a primeira fronteira, e se confronta com o dilema de que há quem está dentro — e há quem está fora. Naquele momento, intuitivamente, Débora

percebe que a questão maior, ao contrário do que muitos pensam, não é botar o homem “pobre” que ali está para dentro. A questão é a porta. A barreira. E decide viver num mundo sem elas. De todas as maneiras.

Débora nega radicalmente as fronteiras, qualquer fronteira que não seja a do respeito pela dignidade da vida. O mundo inteiro é sua casa e também sua família. Diante disso, quando ela anunciou que embarcava para uma missão em que enfrentaria uma epidemia de ebola na República Democrática do Congo, eu temi. Porque ali haveria uma fronteira que ela não poderia negar. Haveria uma roupa especial, uma roupa hermeticamente vedada, uma roupa antivírus, uma roupa antioutro. Não poderia haver toque. Não haveria pele humana, só sintética.

Ela escreveria então: “Voltei pra casa depois de 30 dias na epidemia de ebola do Congo. E estou com aquele cansaço no corpo de quem passou a noite em claro num velório de 30 noites. Foi uma das missões mais difíceis que fiz. Triste. Muitas mortes. A vida se esvaindo sem dignidade. As febres hemorrágicas jogam na nossa cara a mesma matéria que nos faz viver. Era tanta vida saindo de cena e partindo, que, enquanto eu acordava, às cinco horas da manhã, segui escrevendo na minha agenda de atividades diárias a palavra funeral. E eu, um ser humano destes qualquer, uma mundele, uma *mzumgu* (branco estrangeiro), que nunca havia dividido os planos de vida com aquelas pessoas, agora era responsável por dividir com os parentes os planos para o último ato. O rito de passagem, funeral, velório, enterro era compartilhado sempre por mim. Queria que nós, humanos, virássemos fumaça, vento, ar. Indigno. Entrar no último ato dentro de um saco plástico lacrado, sem direito a ter sua face exposta. Sem direito ao último toque, à última fala, à última escuta dos votos de cuidado. Como assim? Sentimento de dor, sentimento de querer cuidar do outro. Como cuidar do outro sem tocar? Como abraçar alguém sem usar os braços? Como você acaricia a cabeça de uma menina de dois anos sem usar as mãos? Como dizer pra alguém que você está do lado dele quando precisa se afastar dois metros? Iniciar uma longa viagem sem companhia. Estar só. Logo ali, no último ato”.

Essa experiência foi uma violência de outra ordem para ela, que já vivera tantas. Débora precisou desesperadamente descobrir como cuidar sem tocar. Ou como tocar sem tocar. O que ela conseguiu, mas me parece que lhe custou a sua pele. Ao voltar, descobriu o medo no olhar das pessoas que sabiam de onde vinha, mesmo depois da quarentena. Agora ela podia tocar, mas muitos temiam tocá-la.

Penso que Chloe nasceu ali, como desejo feroz e atávico, no primeiro abraço em Antonio, depois de sua mãe ser submetida à maior barreira de uma vida humana. Penso que este livro nasceu ali, quando sem poder tocar o outro, Débora precisou fazer marca do que veio antes.

O que você lerá a seguir é palavra encarnada. E cabe a cada um a escolha de derrubar as fronteiras que o apartam dos mundos.

(Eliane Brum)

N
O
L
S

A PORTA DO MUNDO

Santa Maria, RS

Um homem com cerca de 60 anos (um velho, na perspectiva da criança pequena que eu era) toca a campainha de um pequeno apartamento térreo, de dois quartos. Do outro lado, antes que a mãe pudesse dizer: “Cuidado, não abra para estranhos”, a menina abre a porta em um rompante, como se aguardasse alguém. Olha para fora cheia de expectativa e pergunta:

— Quem é você?

— Tem pão velho? — responde o homem com outra pergunta.

— Mas quem é você? — insiste a pequena com olhos de curiosidade.

— Sou um pedinte. — O homem parece confuso.

— Pedinte? — A menina revira suas gavetas internas na tentativa de alcançar o termo “pedinte”, mas volta ainda com a interrogação.

— É, um pobre. Não tenho nada — completa ele, como se isso explicasse tudo.

— Pobre? — Ainda sem descobrir sentido, a menina insiste em desvendar o mistério.

— É, quem não tem nada é pobre — o homem responde, desenvolto em território conhecido.

— E você não tem nada? — A menina surpreende-se porque não sabia que existia alguém que não tivesse coisa alguma.

— Não — confirma o homem.

— Você tem pai? Tem mãe? — persiste a menina.

— Não, sou sozinho — garante o homem, mais uma vez.

A menina, então, faz a pergunta que acredita ser definitiva:

— Você tem dinda?

— Não — diz o homem.

A menina volta-se para dentro do apartamento e grita:

— Mãe, corre, tem um homem pobre aqui! Ele não tem pai, nem mãe e nem dinda.

Em junho de 1985, aos quatro anos, compreendi que não ter nada era mais do que não ter bens materiais. Era não ter laços de afeto, era não ser cuidado, nem protegido. Este foi meu primeiro impacto ao perceber a sociedade na qual eu vivia, ainda que naquela época eu não tivesse sequer ideia do que era sociedade. E esta, talvez, tenha sido a minha estreia em um

mundo sem fronteiras, ao abrir a porta pela primeira vez e descobrir que eu podia reconhecer o desconhecido diante de mim.

Santa Maria, 1998

Início do terceiro ano do ensino médio. Como todos que pertenciam àquele tempo adolescente, indaguei-me sobre o tipo de trabalho que eu faria pelo o resto da vida. Resto da vida aos 16 anos é tema proibido de se pensar, mas era aquele o momento em que a sociedade do meu tempo acreditava que eu deveria decidir. Apenas pensar sobre o assunto me parecia raso, eu pulsava pela concretude do futuro. Não tardou muito para que eu entrasse em uma agência de empregos e solicitasse uma prova daquilo que mais tarde eu chamaria de profissão. Em algumas semanas, meu mundo estendeu-se, e assumi o posto de recepcionista em um pronto-socorro infantil.

Enquanto eu seguia hesitante entre medicina e psicologia, fui juntando as pedras que usaria para construir minha estrada no *para sempre*. Com míseras certezas, fui atrás de movimento, revelações e algum dinheiro para chamar de meu. Permaneci alguns meses trabalhando atrás de um alto balcão de fórmica codificado pelo nome “recepção”. A rotina que estabeleci me impelia a madrugar para acompanhar as obrigações de estudante de ensino médio de uma escola privada, papel que eu desempenhava das 8h às 12h, e, na sequência, eu irrompia em uma vida paralela. Enquanto ainda digeria o almoço, adentrava naquele universo de adoecimentos, e assim me mantinha até o início da noite. Em uma época em que os computadores ainda não eram uma constante, os registros eram processados em folhas de papel. Minha função principal era relatar, de forma concisa, as primeiras demandas do paciente de modo que o plantonista “ganhasse tempo”.

O pronto-socorro, como grande parte dos serviços públicos da cidade, operava no limite do bom senso. Lotados, ali estavam, geralmente, um médico plantonista, uma enfermeira e dois técnicos de enfermagem. A cada urgência, o único plantonista permanecia incomunicável por algum tempo, fazendo com que as mães, e os poucos pais, que aguardavam a consulta, encontrassem em conversas casuais uma forma de acelerar os ponteiros.

Ainda que confrontada com aqueles ossos expostos e carnes dilaceradas, impressionava-me mais as ranhuras das histórias do que as fraturas dos corpos. Fui aprendendo a fazer dos meus ouvidos portais, enquanto me transportava para as narrativas desgraçadas que ali emergiam. De tempos em tempos, esticava meu pescoço até a sala de estabilização para pacientes críticos. Talvez, naquele momento, eu já houvesse percebido que, para mim, o corpo era necessário, mas o sentido atribuído a ele era algo vital. Escutava a equipe médica dizendo que tinha salvado uma vida, e eu ficava ali, pensando, em como se salva da vida. Depois de tantas histórias de pobreza extrema e de discriminação, não me parecia fazer tanto sentido a frase: “salvei uma vida”. Ainda hoje, carrego comigo generosas porções dessas velhas interrogações. Não me canso de angariar incertezas, mas, naquele tempo, eu já sabia que não era esta parte do humano que eu queria “salvar”. Naquela sala de espera, minhas expectativas foram se moldando. E, foi assim, sem muitas afirmações, que a psicologia fez um ninho no meu *para sempre*.

Janeiro de 2005, Porto Alegre, Fórum Social Mundial — FSM (escrito no diário de papel)

Há dois dias, a universidade ocupava um espaço na minha rotina. Junto a Antonio, meu maior amor, e Ariane, minha fiel companheira nestes últimos seis anos de universidade, desembarquei no Fórum Social Mundial. Um Iglu *single* foi nossa referência de casa por alguns dias. No campo de chão batido, edificamos sob o sol de 40ºC nossa primeira morada pós-formatura. Para o banho: um fio de água corrente, que saía como que desmaiada pela tubulação de ferro a céu aberto. O que já não ostentava conforto assegurava ainda menos higiene, visto que dividíamos os sanitários, desprovidos de papel higiênico e sem dispositivo de descarga funcional, com centenas de militantes — por um mundo menos indigno.

Ao fim da tarde amarelada de verão, fixei o olhar no cartaz da pilastra em frente ao centro de saúde do FSM. Solicitavam a presença voluntária de profissionais de saúde para trabalhar na emergência do centro durante o evento. Naquela noite, assumi minha porção psicóloga pela primeira vez. Durante as madrugadas, aquele campo, que fora concebido para facilitar o encontro entre ideias, aspirações e ações para um mundo melhor, evidenciava o abismo entre as realidades e o campo dos desejos. Nos dias que se seguiram, atendi pessoas esfaqueadas, desfiguradas, violentadas sexualmente e oprimidas por uma cultura que carece de empenho para consolidar estratégias coerentes com a vida compartilhada.

Enquanto os dias se alternavam, o plano, que antes habitava o espaço abstrato dos sonhos, fora se traçando. Estava decidida a engajar-me em uma viagem só de ida para as entranhas de um país que eu desconhecia. A estratégia inicial era pedir carona rumo à região Norte do Brasil, tendo como principal destino as comunidades do interior da floresta Amazônica. A ideia era chegar de ônibus a Manaus, trabalhar como psicóloga no Sistema Único de Saúde de alguma região isolada e, durante os anos subsequentes, migrar para diferentes estados, oferecendo aquilo que eu havia aprendido nos seis anos de universidade.

Três dias depois da formatura

Iniciamos nossa busca. Visitamos muitos chefes de delegação que vieram da região Norte do país. Recebemos a notícia de que não havia nenhuma delegação nortista que viera de ônibus. Ali estava nossa primeira pílula de realidade: o estado do Amazonas tem acesso terrestre limitado, e nós, com vinte anos de brasilidade, ignorávamos o fato.

Seis dias depois da formatura

Depois de muito pensar sobre as possibilidades de seguirmos com nossos planos compartilhados, ficou acertado que Antonio voltaria a Brasília para terminar a graduação e nos encontraríamos seis meses depois em algum estado do Brasil. Nesse tempo, seguimos buscando informações sobre as possibilidades junto às delegações. Fomos avisadas, Ariane e eu, de que havia duas vagas em um ônibus que partiria para o estado de Pernambuco. Em uma poltrona não reclinável, sem ar condicionado e sem banheiro, fomos cartografando com a retina a silhueta do Brasil.

Nove dias depois da formatura

Desembarcamos na capital pernambucana. Enquanto os ponteiros se arrastavam entre nossa

chegada em Recife e o cair da noite, entendemos que Edna, a colega do movimento estudantil, que havia oferecido sua casa para nossa primeira hospedagem, nunca apareceria. Assimilando a frustração de ser "abandonada" enquanto o breu se aproximava, visualizamos uma mulher de pele morena, sandálias de couro e braços abertos vindo em nossa direção. Assim como nós, Liu acabara de se formar. E, com a candura nordestina, abria as portas de sua casa para duas retirantes *sulestinas*.

Janeiro a abril de 2005: Pernambuco, Ceará e Sergipe

Naquele momento, já éramos três a divagar utopias, pragmatismos e uma maneira de pagar as contas no fim do mês. Os diálogos e reverberações versavam sobre o abismo entre o que havíamos estudado e o mercado capitalista que regia as atividades empregatícias. Na tentativa de converter as fichas de futuro que havíamos comprado ao longo dos seis anos de universidade, elaboramos e apresentamos projetos que visassem uma maneira de oferecer a pessoas em sofrimento psíquico acesso ao Sistema Único de Saúde. Pensamos, produzimos e residimos juntas por dois meses, até finalmente encontrarmos um comprador para parte de nossas utopias.

Na sequência das noites recebemos dois comunicados. Um: "Sobral-CE abrirá as inscrições para a residência em saúde da família". E o segundo, anunciado por Heider, um amigo do movimento estudantil, informava que "Aracaju-SE, iniciaria o primeiro processo seletivo para a residência multiprofissional em gestão de saúde coletiva". Ambas as notícias eram compatíveis com as apostas que nos propúnhamos a fazer no mundo do trabalho. Em pouco tempo, estávamos escrevendo uma nova história, por uma estrada esburacada que interligava o sertão ao litoral do Nordeste.

Ficamos alguns dias em Sobral e, então, desembarcamos na terra das araras e dos cajus. Os 300 reais que eu havia economizado durante os seis anos de universidade já estavam em fase terminal. A fim de financiar nossas decisões, e comprarmos os bilhetes de ônibus para um novo CEP, Ariane e eu decidimos vender nosso único bem ainda vendável: os próprios cabelos.

Pouco depois, obtivemos nossas sentenças de vida: Ariane seguiria para Sobral, onde passaria dois anos fazendo residência, Liu continuaria em Recife para fazer um mestrado e eu, fugindo do calor sem mar, faria valer minha militância enquanto curtia as praias de Aracaju.

12 de abril de 2005, Aracaju, relato do diário de campo

Um passo, um susto, um caminho.

Primeiro dia na Unidade de Saúde. De repente, paira sobre mim uma sensação de isolamento. Que sensação estranha para quem está cercada de pessoas. Ouço choro de criança. "Com licença, posso passar?", "Tá furando fila", ouço logo após. Quanta gente junta, quase sinto medo, mas de onde vem este medo, medo de quem? Será medo de dor de gente? Quem sofre ali, ou já é aqui? Não sei de onde vem, se de mim ou do outro, mas de que outro falo se há tantos deles ali? Não os posso nomear, só posso senti-los. Logo me lembro da frase de Dirce Cavalcanti que disse: "Maior que o medo de alma de outro mundo é o medo do mundo da alma do outro". Volto logo para o mundo real, não há tempo para a poesia no mundo da Unidade. Se não há poesia, então, como inventá-la? Será possível promover saúde sem poesia?

Não sei, mas procuro encontrá-la mesmo quando quase acredito que ela, ali, não pode viver.

Dezembro de 2006, Aracaju

Estou prestes a concluir a residência. Foram quase quatro mil horas tateando um horizonte e o seu revés. Fui a doutora de conversa para os pacientes do Bugiu, o bairro da periferia, a psicogata dos Agentes Comunitários de Saúde e a psicóloga do sul, aquela que "faz as pessoas melhorarem, embora a gente não entenda o que ela diz", nas palavras do seu Julião, referindo-se ao meu gauchês. Aprendi, para além da técnica, a elencar novas formas de compreender minhas escolhas e engajamentos. O sol forte na cabeça e os ônibus precários fizeram com que eu sentisse a chuva sobre e dentro de mim, refrescando o deslocamento e aquecendo a vontade de seguir neste caminho que tanto me fascina.

Janeiro de 2008, Aracaju

Sonhos para o jantar.

Na porta de saída da Secretaria de Estado da Saúde, o meu primeiro emprego pós-residência, enquanto eu me despedia, ouvi a voz melodiosa da minha chefe, Ana Débora, chamando. Com seu timbre aveludado, informou-me que seu namorado, David, estava voltando de uma missão de Médicos Sem Fronteiras. Em seguida, Ana Débora comentou que David trouxera algumas garrafas de vinho para degustarmos durante um jantar na casa de duas amigas. Com a garantia ilusória de quem acredita ter uma vida previsível, confirmei minha presença.

Durante o jantar, regado a vinho e *paella*, as histórias contadas por David passaram a grudar em mim como ímãs. Ele contava do sofrimento de uma porção de mundo onde as pessoas desconhecem o significado da palavra dignidade. Na medida em que David narrava, eu ia adentrando parte daquele mundo. Fui capaz de sentir o odor daqueles interlocutores, até então ignorados por mim. Senti o cheiro ácido de quem trabalha na terra, as náuseas das histórias de perversidade, os calos nos pés e o peso dos cestos de mandiocas sobre a minha cabeça. Aferi a mim certo desprezo, quando entendi que, mesmo divagando pela narrativa de David, o contexto em que viviam aquelas pessoas nunca havia pertencido ao meu campo de interesse. Ao escutar o cotidiano daquela gente, em minhas entranhas aquele mundo ardia. Com a impulsividade peculiar ao meu *modus operandi*, convenci-me de que sem existir junto deles minha vida já era lacuna.

Saí do jantar anestesiada e ao mesmo tempo plena por ter encontrado toda aquela gente que habitava o lado B do mundo. Retornei a minha casa, completamente tomada pela inquietação de seguir viagem a partir do bilhete que, sem perceber, David me concedera. Decidi ali onde investir minhas economias sentimentais. Saí pronta para fazer transferências emocionais a fundo perdido, apostar na bolsa dos valores humanos — talvez o maior investimento que eu poderia fazer. Com todas aquelas indagações e sem almejar muitas respostas, eu estava mais do que convencida; já estava a caminho.

13 de março de 2008, São Paulo

Finalmente, chegou o dia de encarar o recrutamento de Médicos Sem Fronteiras. Ávida e desassossegada, segui meu ímpeto de partir com MSF. Passei a noite na casa de uma amiga de

infância, Sabrina, que, naquele tempo, fazia de São Paulo uma cidade para chamar de sua. Durante nossas conversas sobre temores e investimentos, meu medo se restringia a não falar a língua francesa, um dos pré-requisitos para passar na seleção. Pernoitei, junto à apreensão e à aspiração de fazer parte daquele coletivo de ideais pragmáticos, e, ao mesmo passo, questionei-me: *de onde emanava tamanha certeza?* Não sabia. Permiti-me apenas viver a certeza em toda a sua intensidade. Desde que tomei a decisão, ou talvez desde que ela tenha me tomado, no meu entorno, as "pessoas de bem" diziam não ser racional deixar um emprego estável, um salário confortável e uma cobertura com vista para o mar para ajudar pessoas que eu não conhecia. Mas, desde sempre, eu sofria de intensidade. Então, segui escutando apenas o que fazia conexão com o que eu sentia. Não havia dúvidas quanto ao meu desejo. E foi assim que investi na potência de vida que dele emanava. Não por altruísmo, mas por estar confiante de que seguindo meus sentimentos eu seria um ser menos fragmentado.

Setembro de 2008, Aracaju, meses de espera

Os meses se arrastavam como nunca depois que voltei da seleção. Na espera por certezas, ia inventando novos horizontes.

9 de outubro de 2008, Aracaju

O sol afobado do litoral nordestino impregnava o meu quarto de luz dia sim, outro também, impelindo-me a levantar sempre mais cedo do que o planejado. A caminhada, acompanhada do amanhecer junto ao mar, respondia-me de pronto por qual motivo eu havia escolhido escrever minha vida naquele lugar. Mergulho profundo em um mar sem pressa era abraço de bom dia, enquanto me preparava para a jornada de trabalho. Entrecortando o dia, eu havia agendado um almoço com um amigo para amenizar minha espera. Desde a entrevista de recrutamento de MSF, fui me arquitetando, na ânsia por estar "bem preparada" para a missão. Dediquei-me a aprender francês e inglês, devorei artigos e protocolos de saúde mental em catástrofes e passei a estudar cada novo conflito ou epidemia, que para a maior parte dos brasileiros era apenas mais uma notícia do Jornal Nacional. Ainda que estivesse totalmente disponível e engajada, MSF parecia indiferente aos meus investimentos, testando de antemão minha persistência e coerência no emprego de meus ideais. Indaguei-me incontáveis vezes se realmente um dia eu seria chamada para trabalhar junto àquela gente do lado B do mundo.

Logo cedo, minha agenda registrava uma reunião com as secretarias de governo. Certifiquei-me de que minha apresentação estava salva no computador e logo fui repassando a pauta do dia. Entrei no carro zero quilômetro que eu havia comprado poucos meses antes e segui em direção à Secretaria Estadual de Saúde.

8h da manhã. No interior do carro, escutei meu telefone tocar. Direcionei o olhar para o visor, e meu corpo ficou como a bateria de uma escola de samba. Parei o carro e degustei cada palavra da mensagem, que me arrepia até agora, enquanto escrevo. Tomada por uma sensação de que havia entrado em um cubinho de gelo, permaneci inerte, e, num golpe de sorte, minha boca seguia emitindo voz para a interlocutora, do outro lado da linha.

Eu mal podia acreditar no que ouvia. No telefone, Ana Cecília, a recrutadora de MSF. Ana disse: "Débora, encontramos a sua missão", e meu corpo já não me pertencia mais. O réveillon

de Copacabana aconteceu dentro de mim. Tive vontade de sair do carro correndo em meio aos pedestres da calçada e gritar: "*Acharam a minha missão, acharam a minha missão!*".

Para onde eu iria? Era o tema de menor relevância. Somália? Chade? Etiópia? Todos os destinos, de antemão, já estavam aceitos. A frase ressoava como um tambor que ecoava mais dentro do que do lado de fora. Enquanto eu interagia com Ana Cecília, dei início à minha missão. Ao fim da chamada, perdi o rumo que deveria seguir naquela manhã.

Eu tinha poucos dias para arrumar minha vida. Ou seria desarrumar? Não importava, eu havia ganhado sozinha na "loteria" da vida. Queria apenas dizer a todos que agora eu também era daquele mundo que quase ninguém queria saber que existia. A partir daquele telefonema, eu passara a fazer parte do lado B do mundo.

Ana Cecília seguia falando, mas eu ouvia apenas os fragmentos. Era como se ela emitisse mensagens telegráficas. Eu captava: "sua missão", "você pronta", "Haiti", "furacão", "pessoas feridas", "desastre", "Gonaïves". Aparentemente, essa foi a mensagem que ela me transmitiu. Com a alma saltitando, regurgitei algumas vezes a mensagem telegráfica para ter certeza de que um dia ela existiu: "Eu — Vou — Partir — Missão."

10 outubro de 2008, Aracaju

Comecei a assimilar o telefonema da organização. Ainda com a sensação de ser a ganhadora do prêmio acumulado da loteria, mantive-me desperta com o único propósito de garantir que o sonho estava acontecendo. Durante o almoço com meu amigo, eu só conseguia falar de praticidades: o que vestir, falar, o que não levar. Na realidade, ocupava-me das (des)praticidades de uma novata. Quanto mais insegura sobre minha capacidade de enfrentar adversidades, mais coisas palpáveis era preciso depositar na mala.

Quando o almoço acabou, meu amigo disse: "Em algum lugar do mundo, alguém espera por você!". Talvez por esse motivo eu estivesse tão eufórica, iria me deparar com aquele alguém no mundo que esperava por mim, e por quem eu tanto havia aguardado.

3 de novembro de 2008, Aracaju

13h. *Départ*. Passei a madrugada me despedindo das pessoas que me cercavam, a minha família Buscapé. Abraços, emoções, mensagens. Um dizia daqui, o outro de lá: "Te cuida", "Não se arrisca", "Telefona assim que puder". Móveis dispostos no corredor do prédio e meus vasos de plantas espalhados pelo saguão do edifício que habitei nos últimos anos.

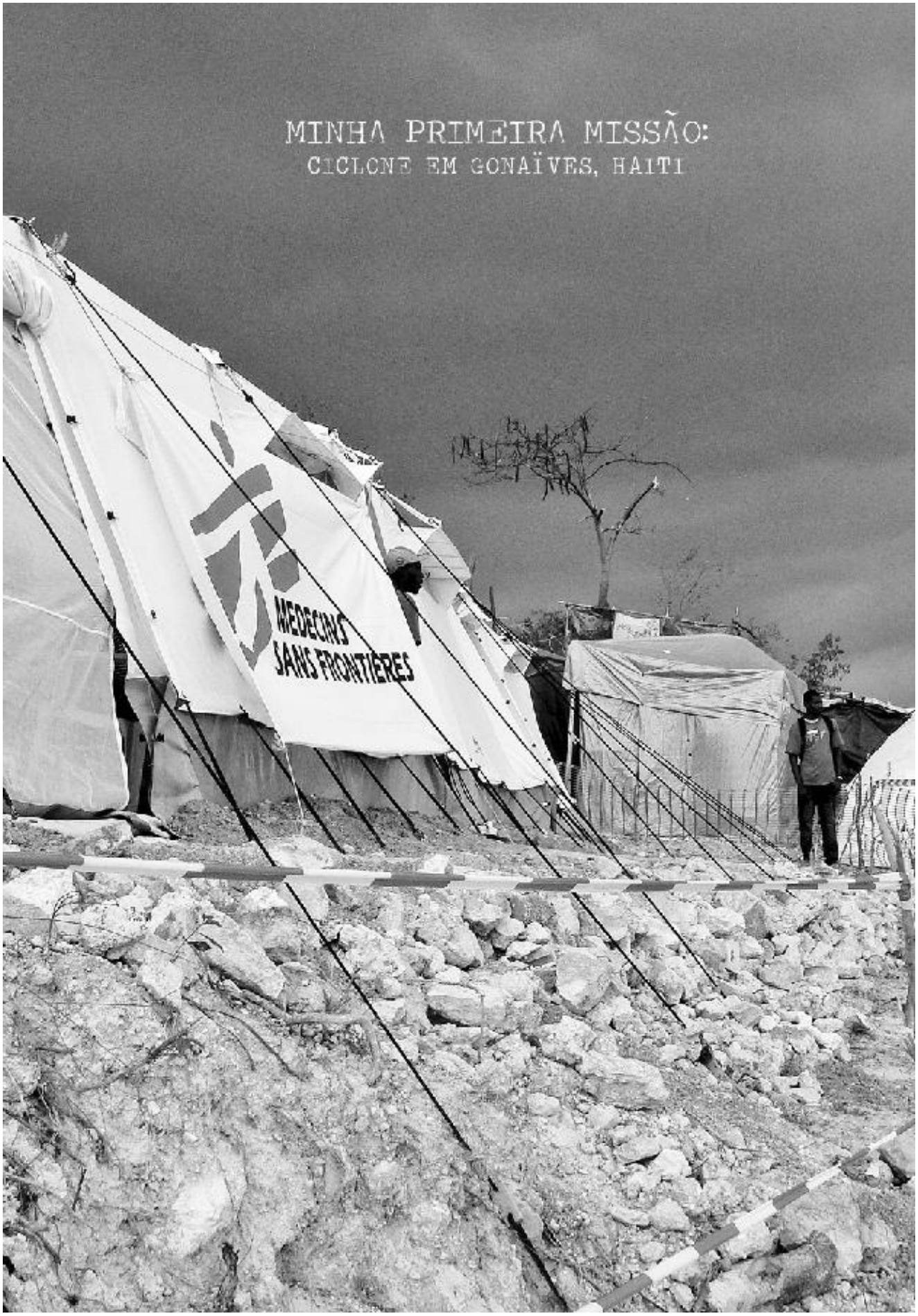
No meu entorno, escutei repetidas vezes que me desfazer da cobertura de aproximadamente 300m² não seria atividade singela, e, quem sabe, eles poderiam estar certos. No entanto, quando eu imaginava o que estaria por vir, contemplava os acontecimentos com simplicidade desmedida. Parte de mim já habitava o Haiti.

Foi se acomodando pelos andares parte dos objetos que pareciam essenciais na minha vida: o fogão pintado de azul, a geladeira com suas flores lilás, a cama adquirida algumas semanas atrás, entre tantos outros que compunham o cenário que montei por anos. Até agora estou me perguntando: "*Que objetos eram aqueles que eu acreditava serem essenciais no meu cotidiano?*".

Escorado em uma das paredes, no corredor do segundo andar, permaneceu o quadro de

1,50x1m que pintei durante semanas. Obra que produzi enquanto fazia de geladeira uma caixa de isopor. Sempre fui uma mulher de prioridades e não necessariamente de “logicidades”. Ao lado da minha “obra-prima”, acomodei lençóis e travesseiros, bem ali, dentro do guarda-roupa de duas portas, feito pelo marceneiro do mercado público, ambos no canto esquerdo do corredor, onde a chuva tardaria mais a alcançá-los. Todos pareciam estar perfeitamente alocados. E, desta forma, os objetos foram retomando o seu lugar de coisas no espaço vivo.

No aeroporto, um longo e demorado abraço em cada uma das pessoas que compuseram o meu referencial de família naqueles últimos seis anos. Uma lágrima para Marina, um sorriso para Rose, um olhar de despedida para Francis, a gata Filomena confiada à Ariane, um abraço em Michele, um suspiro com Dago, um cheiro em Murilo e um aceno para Felipe. Essa foi a última imagem antes de se fechar a cortina de um mundo que até pouco tempo também era o meu.


MINHA PRIMEIRA MISSÃO:
CICLONE EM GONAÏVES, HAITI
MEDECINS
SANS FRONTIÈRES

Viagem São Paulo — Panamá — Haiti

23h, no chão do aeroporto, à espera do próximo voo às 4h

Adormeci no chão do aeroporto de Guarulhos. Catorze quilos somavam a mochila e o *laptop* que serviram de travesseiro e descanso para as pernas. Além do carregamento de expectativas, eu levava uma frasqueira de ansiedade. Aguardei com entusiasmo o avião que partiria para o Haiti via Panamá na minha primeira missão. Senti-me inquieta por saber que para fazer um mundo mais humano era preciso permanecer identificada como mais um deles. Era tanto desejo de querer encontrar aquela gente desconhecida que era até difícil respirar. Naquela espera inquieta, acessei o site de MSF sobre a missão. Em uma das páginas estava escrito:

> **08/09/2008** — Depois que o furacão Gustav provocou um deslize de terra na semana passada, a Tempestade Tropical Hanna causou sérios estragos à costa do Haiti nos dois primeiros dias de setembro. Muitas cidades ficaram alagadas e continuam com acesso difícil, mas não impossível.
>
> De acordo com autoridades, entre 25 mil ou 30 mil casas foram destruídas e quase 500 pessoas morreram em todo o país. As pessoas têm muito pouco acesso à comida e água potável, e importantes colheitas foram devastadas.
>
> Na quinta-feira, 4 de setembro, uma equipe de Médicos Sem Fronteiras (MSF) com oito profissionais médicos e não-médicos chegou a Gonaïves para arrumar o Centro de Saúde Rabouteau, a única estrutura ainda em funcionamento (entre quatro centros de saúde e um hospital) depois das enchentes. Graças ao apoio da população local, foi possível que MSF limpasse o local, trouxesse medicamentos e reabilitasse o centro cirúrgico. No dia 5 de setembro, MSF realizou 110 consultas, tratou de 49 feridos e executou 16 cirurgias.
>
> No sábado, milhares de pessoas começaram a fugir da cidade, depois que as autoridades alertaram em relação à chegada do furacão Ike. O Centro de Saúde Rabouteau, apoiado por MSF, continua sendo a única estrutura de saúde funcional da cidade.
>
> A falta de acesso à água potável para os habitantes da cidade é a questão mais crítica. Todas as fontes locais de água foram contaminadas por causa das enchentes. A preocupação se deve ao fato de que grande parte da equipe médica local fugiu da região.
>
> MSF não conseguiu alcançar muitas áreas da cidade por causa da enchente, tornando difícil avaliar apropriadamente a extensão das necessidades da população.

Um médico de MSF foi no sábado ao Saint Michel de I'Atalaye, onde 400 pessoas ficaram desamparadas, sem comida ou água, por cinco dias. MSF trouxe uma criança a Gonaïves para atendimento cirúrgico e distribuiu comida e água do Programa Mundial Alimentar (PMA).

Uma equipe de MSF, com três pessoas, foi ao Cap-Haïtien para avaliar as capacidades de repostas de emergência e estabeleceu contatos locais para ajudar imediatamente na avaliação no cálculo geral após o Furacão Ike. Equipes de MSF não conseguiram chegar a muitas regiões alagadas na zona leste da comunidade. Hospitais e estruturas de saúde foram reportados como tendo sido severamente destruídos nessa área.

Hoje, as áreas alagadas entre Gonaïves, Port de Paix e Cap-Haïtien não podem ser alcançadas, enquanto cidades como Enry ou Gros Morne, que foram fortemente afetadas pelo Hanna, não receberam nenhuma assistência. MSF ainda está insistindo para ter acesso a essas áreas, mesmo que o próximo furacão possa limitar sua capacidade de alcançá-las.

As atividades de MSF em Porto Príncipe continuam. A organização oferece cuidados médicos e cirúrgicos no Centro de Traumatologia de Trinité; cuidados de emergência em obstetrícia no Hospital Jude Anne; e serviços de cuidados emergenciais e essenciais por meio de clínicas móveis no cortiço de Martissant. Uma equipe de clínica móvel foi ao cortiço de La Saline no começo desta semana.

Ike, classificado como categoria quatro para furacões, alcançou os arredores do Haiti agora e as chuvas recomeçaram.

(http://www.msf.org.br/noticias/205/atendimento-psicologico-se-mostra-essencial-no-haiti/)

Como fui capaz de existir uma vida inteira sem ter ideia do que se passava naquele país? Quinhentas pessoas haviam perdido suas vidas em um fenômeno de grande magnitude, e eu não havia escutado sequer uma nota na imprensa brasileira. Quanto valia a vida de um haitiano? E a minha existência, sem fazer nada com o que eu sabia, teria valor? A partir das minhas buscas e descobertas na noite de hoje, comecei a me aproximar desse contexto. Entendi, naquelas buscas, que o Haiti era um país intenso, de uma cultura singular e rica, onde guardava como peculiaridade uma população 95% negra, 80% católica e 80% voduísta. Como fui capaz de ignorar uma nação inteira?

4 de novembro de 2008 (escrito em diário de papel)

Je suis arrivé à Port-au-Prince... (Cheguei em Porto Príncipe)

Sinto a pulsação do meu corpo. Respiração ruidosa e pensamento acelerado. Olhar atento ao devir. Entrega. Meu desembarque no aeroporto foi acompanhado por uma jovem mulher de cabelos bem trançados que se sentara ao meu lado no voo entre o Panamá e Porto Príncipe. *O Haiti é aqui* — Caetano Veloso reverberava em minha mente.

À minha espera, um corpulento homem. Com seus aparentes 60 anos de infortúnio, "Albert, *chauffeur* MSF", como ele se apresentara, permitia externar o cansaço de uma história que se mesclava ao calor — algo similar à abertura das portas de um forno de padaria no verão. Albert erguera acima do próprio tronco uma camiseta com a marca da organização, gesto que

respondi com um vibrante aceno e um largo sorriso de alívio por não ter sido esquecida.

"Uma hora é a distância entre o aeroporto e sua nova casa", atualizou-me Albert, com seu olhar perdido na poeira da estrada. Parecia não se comunicar com ninguém além de si mesmo. Em uma estrada de chão batido, coberta por muitas camadas de uma terra vermelha bem fininha, vi com olhos de infância as centenas de pessoas que dividiam suas existências com carros, animais, urros e buzinas. No rastro, a terracota se confundia com o preto das peles, a poeira e o cheiro de palha dos balaios de feira.

Do lado avesso ao que Albert poderia enxergar, franzi a testa e desejei encostar as pálpebras. Então era assim: terracota, aquela versão da miséria, que agora estava ali, ao alcance da minha retina. Durante o percurso, mantive um desconforto por eles carregarem seus balaios na cabeça e filhos nos braços enquanto eu seguia como uma sinhá-moça dentro do carro. Em meio à terra que nosso carro deslocava, senti vergonha por tornar ainda mais gritante aquela separação entre dois universos tão desiguais.

No carro, Albert entonava intermináveis histórias sobre futebol. Eram infinitas as análises técnicas acerca do jogador Ronaldo da seleção brasileira. Nas poucas vezes em que me dirigiu à palavra, indagou-me se eu via com frequência Ronaldo pelas ruas. Logo eu, que busco estabelecer uma distância considerável de futebol, entrei no diálogo como se fosse meu passatempo preferido.

Ao chegar ao escritório, alocado na lateral esquerda da casa, senti meus pés congelarem, algo contraditório ao calor de 45 graus que o termômetro da casa registrava. Recepção pouco calorosa. Um olhar rápido em minha direção, desviado na sequência em benefício de uma nota fiscal. Todos aparentavam pressa. Uma moça, nitidamente novata, parecia designada a me receber. Estranhei o fato de que a gentileza e a ternura equivaliam a uma função e não a uma forma de existir. Recebi um *kit* com toalha e lençóis limpos, e fui encaminhada às minhas acomodações embaixo da escada. A moça gentil me informara que Bea, a administradora que desviara o olhar para as notas fiscais, diria quais seriam os próximos passos que eu deveria seguir.

A noite se aproximou. Escutei, atenta, as narrativas de missões MSF vividas pelos companheiros de casa. Eram cenas de um filme que eu nunca havia assistido. Após o jantar, repousei com a sensação de que ainda tinha muito a assimilar.

23h. A diferença de fuso horário se instalou em mim com a sensação de exaustão. Meu quarto estava exatamente embaixo de uma escada que ficava na lateral da cozinha, logo atrás do imenso salão que abrigava um pequeno jogo de sofá surrado e dois gatos desprovidos de pelos. Escutei todos os sons que se pronunciavam fora e dentro de mim. E eu, que sempre tive por hábito adormecer rapidamente, acompanhei com atenção os ruídos que me cercavam. Despertei incontáveis vezes. Aliás, talvez nem tenha dormido. Após a meia-noite a luz que era fornecida por um gerador foi desligada, induzindo-me a procurar minha lanterna. Aquela madrugada foi marcada pela sede e inquietude. Permaneci horas vivendo no futuro.

5 de novembro de 2008

Descoberta e enfrentamento. Levantei às 5h30 me sentindo uma Cinderela sem príncipe. Tive a sensação de que muitos anos se passaram no decorrer de uma única noite. Enquanto

minhas vísceras tentavam encontrar uma posição confortável, aguardei o telefonema de Benoit, o psicólogo belga que eu iria substituir. Repassei cada parágrafo dos textos enviados por ele, como se pudesse sorvê-los por osmose. Como quem espera uma prova de vestibular, posicionei-me ao lado do telefone fixo sobre a mesa do escritório. Enquanto Benoit não se manifestava, aproveitei para dialogar com o logístico da coordenação, resolvi pendências com a pouco acolhedora administradora e com o chefe de missão. Aliás, esse último, com um olhar de gente de casa, fez com que eu entendesse que naquele espaço todos éramos da família.

Fui advertida pela moça acolhedora que eu deveria comer algo, visto que não era possível prever quando seria minha próxima refeição. Prontamente, obedeci aos comandos e dirigi-me à cozinha da casa. Às pressas, fui chamada à mesa da sala enquanto almoçava. Aparentemente, meu voo sairia antes do previsto. Abandonando o prato pela metade, corri com minha mochila em direção ao carro que me levaria até o aeroporto. Uma hora depois, fui deixada no meio da pista de pouso.

No aeroporto fantasma, alguns aviões militares gigantescos com suas potentes turbinas aguardavam autorização para decolar. Em questão de segundos, voltei à pré-escola. Revivi meu primeiro dia de aula quando adentrei o portão da escola de mãos dadas com a minha mãe. Lancheira cor-de-rosa a tiracolo, sorridente e orgulhosa de ser "grande", larguei a mão da minha mãe e declarei minha independência: "Pode ir que eu vou sozinha, só não se esquece de vir me buscar!". Substituindo a lancheira cor-de-rosa pela mochila e um par de equipamentos MSF, desta vez não havia ninguém a quem dizer: "Não se esquece de vir me buscar!". Desejei fortemente que alguém da organização lembrasse.

Em uma espera estendida na pista do aeroporto, sentada sobre a mochila, transportei-me para os filmes de faroeste, onde poeira avermelhada e vapores de calor conferiam movimento a uma pista assombrada. Calor forte e úmido. A terra no meu entorno a todo instante se desorganizava e avançava na minha direção. Finalmente, um helicóptero branco com espaço para acomodar 10 pessoas sentadas e mais um compartimento para carregamentos se aproximou.

Na cena desse filme que protagonizei, estivera ao meu lado uma senhora com as mesmas vestes de Madre Tereza de Calcutá; mais à frente, uma jornalista internacional, um fotógrafo e um voluntário com porte de Indiana Jones no primeiro filme da série. O piloto anunciou, em inglês, que a previsão seria de 40 minutos de voo, com tempo bom. Entre tantas primeiras vezes, aquela foi minha estreia no mundo dos helicópteros humanitários.

Pousamos na base aérea de Gonaïves. Todos pareciam saber o que fazer. Cada um ocupou-se de suas cargas e começaram a providenciar sua retirada daquele lugar. Recuperei minha mochila, que naquele momento já pesava 20 quilos, e os equipamentos de MSF. Quis perguntar para onde estavam indo todos, mas a pressa deles não parecia compatível com a minha eloquência verbal.

Um sujeito com olhar de avô percebeu minha fisionomia de apendicite e, felizmente, perguntou em espanhol se eu sabia para onde deveria ir. Paulo Pramenade, brasileiro — cujo nome foi adquirido na vida humanitária, durante uma missão na Índia —, ajudou-me a sair da pista, já deserta. Paulo ofereceu a ajuda de outro brasileiro: Ricardo, responsável pela

segurança da ONU naquela região. Um par de conexões e telefonemas depois, um coordenador de projeto MSF veio se encontrar comigo. Em algumas horas, fui apresentada para uma dezena de pessoas de uma vez — todas pareciam se conhecer há muito tempo.

Enquanto a noite ainda providenciava sua aparição, convidaram-me para o jantar e para beber cerveja em um bar. E eu, que pensei que ciclones e terremotos não deixavam bares em pé (mesmo que o bar não parecesse estar de pé), aceitei, sem pestanejar, a oportunidade de conhecer minha nova equipe de trabalho. Assim, meio perdida, meio encontrada, dei início à minha caminhada no mundo dos ciclones.

6 de novembro de 2008, Gonaïves

Acordei ainda na madrugada. Segui para a primeira agenda do dia: encontrar o responsável logístico e a coordenadora médica. O discurso de ambos era efervescente, deixando escapar um encantamento pelo que fazemos através de MSF. Avisaram-me que em alguns minutos eu teria reunião com os quatro psicólogos haitianos que eu deveria coordenar durante a missão.

No encontro com os colegas locais, senti como se entrasse em uma máquina de ressonância magnética. Escanearam-me como a NASA faria com um ser extraterreno. Largos sorrisos se fixaram nos rostos de quem não captava palavra alguma que eu dissesse. Abracei um por um, e percebi que, naquele instante, eles tiveram a certeza de que eu era um ser de outra galáxia. Tentei amenizar nosso abismo dizendo que meu francês era peculiar e que, se eles não entendessem nada, poderiam ter certeza de que eu repetiria quantas vezes fosse necessário para nos compreendermos. Houve risos. Talvez tenham ficado aliviados por perceberem que tenho consciência dos meus desprovimentos linguísticos. Assim que comecei a me despir das armaduras, iniciamos nosso processo de formação de uma equipe.

No passo seguinte, visitei as dependências do hospital, que fora montado em dez dias, e tinha a aparência de uma maquete funcional. Construído a partir de uma junção de madeira, plástico e muita criatividade, deixava claro a sua função operacional e não necessariamente estética. Depois disso, fui levada para conhecer o local de trabalho dos psicólogos que atuavam nas equipes móveis. Entendi que essas equipes são chamadas de móveis por transitarem em carros 4x4, com a finalidade de possibilitar o acesso às populações mais distantes do centro da cidade e, por isso, estão a cada dia movendo-se para um território diferente. Desse modo, comecei o processo de compreensão dos espaços onde nós, psicólogos, trabalhamos.

Quando retornei à base, procurei um local para escrever a formação sobre violência sexual que deveria ministrar aos psicólogos haitianos, a fim de oferecermos um novo serviço à população local. Não posso deixar de registrar que fiquei chocada ao saber que o número de casos de violência sexual após um desastre aumenta muito. Como isso é possível? Fiquei um tempo tentando entender, mas, até agora, não faço ideia das “desrazões” de tamanha insanidade.

Para entender mais sobre a vida e a cultura haitiana, fui atrás da equipe MSF mais experiente. Ao chegar ao escritório, que eu dividia com a equipe médica, todos aparentavam estar muito ocupados para me ajudar a desvendar minha nova missão. Intimidei-me ao perceber que todos sabiam o que fazer, aonde ir, e eu ainda teria que aprender todo o processo de trabalho naquele local que urgia pressa. Forcei-me a entrar naquele ritmo frenético. Senti como se precisasse

assumir a direção de um caminhão sem freios em alta velocidade na descida de um despenhadeiro. Achei que não seria capaz de dormir até entrar naquela coreografia acelerada, onde todos os dias eram segunda-feira de manhã.

7 de novembro de 2008

Com o território reconhecido, retornei ao papel que me trouxera até aquele lugar: meu *job description*. Li, reli, repassei uma vez mais o texto de cima abaixo, do início ao fim. Fiquei folheando páginas enquanto ganhava tempo para edificar respostas. O papel virara leitura automática, havia se transformado em uma tela de televisão em tarde de domingo. O documento parecia se esforçar para descrever a construção de um processo de elaboração de um evento potencialmente traumático, mais precisamente um desastre popularmente conhecido por furacão. Fui atrás de informações para entender o que era sofrimento naquele território.

Em meus achados, Gonaïves era apresentada como a quarta maior cidade do Haiti, e a capital de Artibonite. Estima-se que existiam aproximadamente 105 mil humanos residentes na cidade, e que 80% deles tenham sido afetados pelo desastre. Ao terminar a leitura, eu era só questionamentos. Ainda não tenho certeza do motivo que me estimula a descrever esta vivência. Talvez como em um mantra, eu escreva na tentativa de me tranquilizar. Cada linha escrita me remete a dezenas de novos enigmas.

A estratégia recomendada em uma emergência complexa como esta é a intervenção coletiva e uma pequena parcela de atendimento individual. Fiquei me perguntando como dar conta de toda esta gente com o número de psicólogos que temos. Minha cabeça fervilhava em busca de uma resposta. Atordoei-me com aquele punhado de vida a ser descoberto e a sensação de que seriam necessárias centenas de Déboras para dar vazão a tanto trabalho. Como certeza, apenas aquelas que apontavam para a necessidade de cuidar, de mim e dos outros humanos, bem aqui, no agora.

Em um dos primeiros encontros com o coordenador da missão, ficou claro que eu havia recebido carta branca. Ainda que fosse necessário argumentar solidamente cada demanda, a carta branca seguia no meu bolso, como os coelhos nas cartolas dos mágicos, eu apenas não sabia qual era a deixa para fazer aquele número acontecer. Fiquei maquinando respostas enquanto passava os olhos linha por linha de cada documento e tentava dialogar com o mapa da cidade. A coordenadora médica, que tem nome de canal de televisão, MTV, deixou escapar uma estratégia para pensar a intervenção: mapear a cidade antes de qualquer escrita em folhas de papel. Fui hipnotizada pelo mapa da parede, fiz dele uma tela de pintura e, em alguns minutos, me convenci de que havia visualizado uma forma de construir um caminho.

Horas se passaram enquanto permaneci debulhando pensamentos. Estratégias, planos, projetos, gente sofrendo, súplicas de ajuda, o olhar da miséria de toda uma existência. Com os pensamentos congestionando meu corpo, às vezes eu me esquecia de respirar. Naquela noite, tive sono em um fuso horário contrário a este e, por alguns momentos, confundi a noite com o dia.

8 de novembro de 2008 (mensagem enviada para os amigos do Brasil)

“O Haiti realmente é aqui”. Nenhum desastre me atingiu até este momento, a não ser a tormenta de encontrar um mundo tão desigual.

9 de novembro de 2008

O responsável pela equipe de saneamento vai partir. Ele foi um dos primeiros membros a chegar do exterior após o ciclone, e deve sair ainda esta tarde. Fizeram um churrasco na praia, ou naquilo que restara dela. Confirmaram que seria um churrasco, ainda que não houvesse carne por lá. Nossa presença despertou a curiosidade dos moradores do entorno.

As crianças que transitavam próximas à praia me tocavam o tempo todo, com certo estranhamento pela diferença da cor da pele, das vestimentas e talvez pela necessidade de contato físico ao estar num encontro entre seres de mundos distantes. Senti uma forte dor de estômago, quiçá parte do remorso por fazer parte de um mundo de brancos que carregam na pele a dor do nascimento sangrento deste país. Fiquei me perguntando: “*Até onde ajudamos a construir um país menos indigno?”*.

10 de novembro de 2008

6h30. No mundo real o dia nasce desejoso de ser mais Humano.

20h. Seres de lama. Anoitecer do 7º dia como psicóloga MSF. Ao término da visita de reconhecimento do território, junto à equipe Watsan, responsável pelo saneamento e distribuição de água, entendi parte do momento ímpar vivido aqui. É como estar no globo da morte, em um circo de baixo orçamento: é vital rodar em todos os sentidos. Parar ali pode ser o fim. Carros capotados, casas soterradas, ônibus destruídos. O cheiro da tubulação do esgoto foi nosso companheiro ao longo daquela jornada. Caminhamos sob o sol intermitente, em meio às crianças desnudas. Tive a sensação de que parte da população ia emergindo da lama, a mesma que ganha vida enquanto arranca parte da deles. Decompondo a indiferença humana, repasso imagens que rasgam a calma que guardei pra mim.

No território dos ciclones, da tormenta, da desigualdade e da indiferença, há pouca magia. Delirei. E se fizermos um grande vodu, seria possível alterar a geografia humana? A esperança fortaleceria a nossa resiliência e tudo tomaria um novo contorno? Viva a vida compartilhada! A crueldade da rotina de vida neste país convida-nos ao delírio cotidiano na invenção de (re)existir.

11 de novembro de 2008

Peregrinamos pelas ruas. Investimos em espaços de conversas na periferia da cidade. Uma rebelião vem se instaurando em mim, e receio que diminua minhas forças. Recuso-me a ter como rotina tudo o que vejo ao meu redor.

Enquanto nos deslocamos, pela janela do carro as imagens de um universo formado por cores e massacres passivos se alternam. Ultrapassamos pessoas com seus fardos de vida no meio-fio da destruição. Carros do exército repletos de homens armados com suas metralhadoras em punho. Na mira dos fuzis, apenas aquelas vidas já destroçadas.

12 de novembro de 2008

Um passo à frente e já não estou no mesmo lugar. Os trabalhos na Baía de Gonaïves avançam. Houve um novo acidente na capital, duas escolas desabaram em horário escolar. Aparentemente, as estruturas dos prédios e das casas não utilizam material adequado, muito menos utilizam base de sustentação para construção de dois ou mais pisos. A equipe da capital dissera que os prédios se desmontaram como castelos de areia. Onde construímos nossos castelos? Confere-se o termo desastre apenas aos acontecimentos relacionados aos ciclones e terremotos que assolam este lado da ilha, mas ninguém nunca se refere como desastre ao fato de que a maior parte destas pessoas nasce, cresce e vive em situação de extrema calamidade. Não há água potável, as refeições diárias não são uma certeza, tampouco se garante saneamento básico. Além disso, a violência sexual está emaranhada nas histórias de toda esta gente. Se viver nesta conjuntura não for por si só um desastre, então o que será?

13 de novembro de 2008

O dia nasceu promissor. Os trabalhos por aqui estão acelerados na perspectiva da ajuda humanitária, que certamente não é a mesma perspectiva dos desabrigados. Apesar do farrapo de cidade, nosso trabalho terminará antes do planejado. Domingo à tarde fomos à praia, onde só uma faixa de areia e o mar aparentavam estar em seu lugar. Casas e bares nos entornos estavam em frangalhos, marcando na nossa realidade a força da natureza aliada à falta de planejamento e fragilidade estrutural.

15 de novembro de 2008

O furacão começa a ser rebaixado à categoria de tempestade, dentro de mim. Sinto-me mais tranquila e segura, o que é quase incongruente para um pós-furacão. Creio que o período de adaptação à língua e aos conceitos básicos de MSF se estabilizou. Permito-me manufaturar um trabalho de forma cada vez mais aprazível e criativa. No decorrer dos dias, tenho passado por um estafante processo de enfrentamento das minhas sombras.

Nesta manhã, integrei a reunião de coordenadores de ONGs e membros do governo haitiano. Solicitaram que eu apresentasse a estratégia de saúde mental de MSF e expusesse a estatística de violência das últimas semanas. Participei de um quadro onde haviam sido pintadas múltiplas dificuldades, e eu, naquele momento, estava lá, desenhada na mesma tela das cores funestas. Sempre gostei de dialogar, mas, sem o domínio da língua, apetecia-me ser invisível naquele quadro. Este período de domínio limitado da língua foi se constituindo em um retiro contemplativo. Travei inúmeras discussões comigo e aprendi a potência que há em não falar tudo o que passa pela minha cabeça.

Durante a apresentação, guardei sorrateiramente no bolso uma dúvida. Havia muitos brancos no palco de decisões, mas nenhum representante da população local. Nesta reunião de especialistas em desastres internacionais, estávamos decidindo as políticas, os programas e as ações que seriam desenvolvidos na comunidade, e ninguém sequer havia se perguntado por que representantes da população não estavam naquela barraca. Não tive coragem de contrapor aquela insensatez criada por nós, e segui cuidando da minha interrogação. Para quem desenvolvemos estas ações? A quem se destinam nossos investimentos? Que estratégias disponibilizar para que sejam autores das próprias políticas e que não venham a depender de

nós, os “brancos humanitários”, para sobreviver?

Honestamente, perguntei-me: “*Será que estamos fazendo desta cidade um lugar coerente para quem nela vive?*”. Por que diabos não perguntamos a eles o que querem e, como nós, os “brancos”, podemos contribuir na reconstrução do território? De forma alguma, suspeito que nosso trabalho seja irrelevante, mas me fere saber que ainda há tanto a ser substituído, trocado, repensado e que não dialogamos com quem mais conhece a realidade: a própria população. Fui infiel aos meus princípios, senti-me indigna de ocupar aquele espaço. Como imprimir uma revolução de cuidado com ferramentas de paz?

16 de novembro de 2008

Hoje é domingo. Fomos a uma praia. Ficamos hospedados em um grande hotel, com porte de cinco estrelas e serviço de estrela alguma. Aparentemente, um dia este hotel foi luxuoso, hoje parece cenário de um filme de terror. Este é o único local aonde as regras de segurança nos permitem chegar em dias de folga. Lembra um transatlântico naufragado no fundo do mar, com sua carcaça carcomida pelo tempo. Provavelmente, fora construído por estrangeiros que acreditavam poder se exilar desta maré de horror perpetrado pela nossa branquitude ancestral.

Acordei cedo para tomar meu café e reencontrar o grupo. Como os lagartos nos primeiros dias de sol, estiquei meu corpo na areia para tentar sentir a vida que arde no calor do sol. Refleti sobre a minha conduta de vida.

Nas conversas entre os membros da equipe, muitas vezes percebo o fútil sentimento de superioridade de quem nasceu na parte de cima da linha do equador. Inquieta-me o fato de sermos um grupo de ajuda humanitária com pensamentos tão pobres de espírito. Acredito que na maior parte do tempo estes sentimentos sirvam apenas para inibir o acesso à compreensão da alteridade do Outro da mesma equipe, do Outro negro, do Outro branco, do Outro que é cuidado ou daquele que se propõe a cuidar.

Dividimo-nos grande parte das vezes entre expatriados e *staff* nacional. Seria por termos desejos diferentes? Caminhos e histórias distintas? Compreensões e fazeres heterogêneos? Isso tudo me consome e vai de encontro ao meu desejo. Eram exatamente essas as premissas que eu não queria encontrar reproduzidas em um grupo de humanitários. Afinal, essa era a razão de almejar integrar um grupo de ajuda humanitária. Mas não seria isto a que se refere o termo “humanitário”: seres humanos? Se somos gente — branca ou preta, *expat* ou *staff* nacional —, não teríamos todos nós nossos pré-conceitos e nossas misérias? Como fazer com que a parte desagradável do humano se descole de mim? Onde eu guardo o meu preconceito? Como me desfazer da minha pequenez?

18 de novembro de 2008, Gonaïves (texto enviado para família por e-mail)

Ser Humano

Sete horas da noite, sentada na sala de reuniões, após um alaranjado dia de sol quente e poeira vermelha constante, tenho a sensação de que 24 horas se passaram desde o momento em que levantei. Como em todos os dias desta missão, acordei às seis da manhã

e tomei um “vigoroso” banho de caneca e de pingos, enquanto observava o movimento da porta sem fechadura. Estou sempre atenta a qualquer sinal de necessidades maiores que as minhas, já que compartilhamos dois banheiros em uma casa com quinze pessoas.

Passados meus minutos de privacidade homeopática, dirigi-me ao café servido em mesas improvisadas com protetores de insetos para evitar maiores acidentes alimentares, visto que sempre temos algum companheiro de trabalho afastado por motivos de “vida privada”, o que me faz perceber que não somos tão resistentes quanto acreditamos ser.

No café da manhã, regularmente, toda a equipe é informada do que está acontecendo na cidade, bem como das estratégias de cada coordenação: equipe médica, equipe psicossocial, equipe de distribuição de água, equipe de promoção da saúde, equipe logística, equipe de administração e coordenação geral. Antes da reunião matutina, é servido um refogado de trigo integral, com quiabo, molho picante e qualquer coisa indecifrável à moda haitiana que acaba sendo um prato particular e nutritivo para enfrentar o dia. Como acompanhamento, um nada “al dente” macarrão desprovido de molho, além do suco de laranja artificial e do leite em pó sabor água, que, com sorte, conseguimos misturar ao café preparado por algum italiano que carregou consigo uma “cafeteira expatriada”.

Toda a água que consumimos provém de uma das fontes que MSF construiu para a comunidade. Temos a maior distribuição de água de toda a cidade. As pessoas por aqui estão, e sempre estiveram, sem água encanada, saneamento básico e luz elétrica. As ruas estão repletas de detritos, e, através dos vestígios deixados pelo ciclone, ficamos cônscios do pesadelo vivido antes, durante e depois daquelas noites de chuvas e ventos fortes.

O enquadramento alcançado pelo olhar é envolto em uma grossa e intermitente cortina de poeira, herança do ciclone. Seguramente, essas imagens poderiam ser inseridas em filmes de faroeste. Encontramos pessoas da cor da lama ressecada na pele úmida, roupas molhadas de um suor carregado de cheiro de gente, baldes cheios de água que saem dos pontos de distribuição de MSF e são acomodados nas cabeças das mulheres e crianças que enfrentam a fila para abastecer suas casas.

Nas ruas, coabitam lixo, carros capotados, pedaços de móveis, roupas, além do cheiro das matérias em decomposição e do esgoto que passa entre nós a todo instante. Transitar entre os dejetos destas ruas estreitas é desolador. Sensação de impotência frente a uma natureza imperativa e implacável.

Na rotina estabelecida para chegar ao trabalho, não consigo, até este momento, entender como os motoristas, que conduzem veículos da década de 1970 carregados de pessoas, animais e mantimentos, podem saber aonde vão, uma vez que as ruas de terra estão esburacadas e repletas de pessoas. A maior parte dos transeuntes utiliza máscaras, lenços ou camisetas no rosto a fim de filtrar parte da cortina de terra vermelha que se forma com a passagem dos veículos. Soma-se a este pandemônio cotidiano o grande número de cachorros, cabras, porcos, burros e motos, forçando uma coreografia caótica na rotina do deslocamento.

As ruas não possuem sinalização alguma que informe ao infeliz condutor para onde

deve seguir. Atrelado a esta desastrosa conjuntura, temos a possibilidade de verificar que os motoristas dirigem na mão direita e na mão esquerda da rua, assemelhando-se aos carros de bate-bate dos parques de diversão, com o agravante de não estarmos em um parque e de não termos as proteções de para-choque, além de estarmos na principal "avenida" da cidade.

A aventura nas ruas é uma constante. Nós, psicólogas e psicólogos, trabalhamos em parceria com as equipes médicas, equipes de distribuição de água, promoção de saúde, distribuição de comida, ONGs e organizações que identificam pessoas em sofrimento agudo e que necessitam de auxílio específico para reconstituir os retalhos nos quais a vida se transformou. Nosso trabalho é engendrado em clínicas móveis, onde oferecemos atendimento clínico de urgência e acompanhamento das pessoas que testemunharam o ciclone. Fazemos da escuta clínica, da psicoterapia breve (para os casos mais graves) e do acompanhamento psicossocial nossas ferramentas de acesso a essas biografias.

Nas escolas da cidade, um dos membros da equipe ministra a formação para os professores sobre a influência de um ciclone na vida de um humano. Fala sobre os recursos que podem ser empregados na identificação das necessidades psicossociais, e ainda sobre como cada professor pode potencializar os recursos existentes na comunidade por meio da educação.

Nos mercados e nas feiras livres, sensibilizamos as pessoas sobre os efeitos psicológicos do ciclone na vida cotidiana com a ajuda dos líderes comunitários. Este é um momento inigualável de troca de saber e informações entre membros da comunidade, além de ser fantástico para entender as formas de pensar e sentir em uma cultura que não é a minha. No hospital, priorizamos as pessoas que estão doentes por causa do ciclone e pessoas violentadas sexualmente. Até agora, atendi dez casos de crianças e mulheres violentadas sexualmente pós-desastre, e eu fico sempre me perguntando como o desastre é capaz de se travestir de uma forma ainda mais monstruosa do que aquilo que somos capazes de ver.

Meu trabalho consiste em coordenar uma equipe de quatro psicólogos haitianos que realizam um trabalho de escuta, atendimento, formação e auxílio na reconstrução dos planos de vida de gente que perdeu família, que perdeu casa, emprego, gente que deseja encontrar de novo uma trilha para continuar caminhando nesta vida cíclica, onde os ciclones se fazem presentes periodicamente. Mapeio o risco na cidade e tento perceber como identificar novas frentes de trabalho que contemplem as necessidades da população de Gonaïves.

Passado um longo dia de trabalho, quando estivemos imersos no forte calor úmido, reunimo-nos novamente na base de apoio operacional. A base é onde se localiza o escritório e a casa onde parte da equipe dorme, eu inclusive, e onde fazemos as reuniões e refeições. Neste momento, estamos mais uma vez a dividir experiências, com o cansaço nitidamente presente no rosto encardido de cada um, ao mesmo tempo em que é nítido o reflexo do trabalho no nosso corpo. Não sem marcas, engajamo-nos nesta empreitada de fazer um pedaço de planeta um pouco mais coerente com aquilo que chamamos de vida.

Nesta parte do dia, aproxima-se de mansinho uma sensação de sentir de fato o que é Ser Humano, com as sensações e os significados que a expressão carrega. É recebida com satisfação a hora de descansar. Em poucos minutos, o gerador que nos fornece a energia para os equipamentos de comunicação, entre outras coisas, será desligado e preciso me apressar para conseguir tomar meu esperado banho, de caneca e pingos, ainda com a luz de uma lâmpada. Assim o dia termina, com uma sensação de alma lavada, ainda que o corpo não esteja tanto.

20 de novembro de 2008

A imagem de si mesmo. O aprisionamento da imagem ou a possibilidade de se descobrir?

Na rotina aqui desenhada, dia sim e outro também, saio às ruas com a minha pequena câmera cor-de-rosa no bolso do colete. A cada vez que faço menção de fotografar alguém, seja adulto ou criança, a pessoa se posiciona bem em frente à câmera e abre um sorriso largo para mim. É realmente interessante a fascinação que os habitantes de Gonaïves têm pela autoimagem e, pensando bem, não difere muito de nós, brasileiros.

Neste comecinho de manhã, em uma das caminhadas entre buracos e ruelas, atentei para o quanto a imagem e a estética são importantes nesta cultura. As pessoas andam alinhadas como se fossem a uma festa. Alguns homens estão de terno, aparentemente um ou dois números acima do seu, mas um terno. As mulheres e as crianças ostentam penteados de uma beleza incomum, como se carregassem pequenos enfeites de Natal. As pequenas vão à escola em seus uniformes de saias plissadas, camisetas brancas, realmente brancas, e obviamente, adornos em suas cabeças. Pessoas vestidas com camisetas sujas e cabelos desgrenhados? Apenas os maltrapilhos e folclóricos estrangeiros que prestam a dita ajuda humanitária.

20 de novembro de 2008

Meio-dia. Hoje, atendi algumas crianças na pediatria do hospital. Estranhei o que de fato não era natural. Lado a lado, figuravam aqueles pequeninos corpos que estiveram no tênue limiar entre a vida e a morte depois do furacão. Nas entranhas daquela aridez de vida, deixavam exposta sua pele coladinha nos ossos, quebráveis, quase desencapados. Bastavam algumas brincadeiras e se percebia brotar um brilho desejoso de voltar a ser criança.

23h. O sorriso plantou o dia bem fundo nas tripas do ciclone, onde até então não existia. Antes de entrar pela primeira vez em um centro de cuidados haitiano, fiquei me perguntando sobre as expressões que eu deveria fazer quando entrasse: compaixão? Pena? Dó? Logo percebi que as pessoas esperam de você aquilo que elas não podem doar naquele momento. Piedade, dó e pena já havia naquele espaço, eu precisava deixar sair o avesso disso tudo. Toque, afeto, escuta e sorriso foi tudo o que eu consegui oferecer.

21 de novembro de 2008

6h30. Saímos, a antropóloga da equipe MSF e eu, decididas a realizar uma visita singular. Embrenhamo-nos em uma estrada de terra, salpicada com algumas centenas de milhares de buracos, a fim de prestar atendimento na comunidade que habita dentro do centro vodu mais conceituado da região. É difícil imprimir em palavras o que aconteceu por lá. Talvez fosse

necessário pintar algo para poder expressar, em partes, o que presenciamos.

Na chegada, nós nos deparamos com uma construção circular, fechada com portões altos em madeira antiga, estilo porteira de fazenda, estruturados em forma de semicírculo. Havia ainda uma cabeça de animal pendurada na parte mais alta da porteira, além de casas que circundavam a área central da comunidade, onde existia um terreiro com uma placa de cimento cobrindo o círculo central e palhas na proteção da cobertura.

Olhares desacreditados de um contato com os "temíveis" brancos, nós. Emily e eu, brancas de um passado ainda sangrento, fomos acompanhadas por olhares que vinham de todas as frestas. Passos lentos e intrigados antecederam a pergunta que veio na sequência: "O que os *médicos* fazem aqui?". Era possível cortar o ar com a faca. Quisemos saber sobre saúde, água, sobre as condições de vida pós-furacão e sobre os cuidados disponíveis no nível psicossocial. Por respostas desconfiadas e evasivas, fomos comunicadas da ausência do responsável pelo local. Então, entendemos que os tempos e as entregas não estavam em sincronia e pleiteamos um encontro com o líder, na ânsia por trocar informações sobre as demandas da comunidade.

Com olhos encantados, quis ver de perto um dos rituais da comunidade. Fiquei absorta ao perceber as peculiaridades do espaço onde uma cabeça de animal estava afixada na entrada do centro, próximo ao espaço dos rituais, vários olhares cabreiros pela nossa presença e, ao mesmo tempo, crianças brincando com bonecas Barbies.

19h. O dia de hoje não queria descansar. Ao chegar à casa, fui chamada ao hospital para atender insanidades protagonizadas pelo lado ainda mais perverso do machismo. Duas mulheres violentadas sexualmente. Uma no comecinho da vida e a outra no meio dela, ambas em estado de choque. A insanidade sofrida por elas tinha como desencadeador o simples fato de serem mulheres. Ambas estavam em busca de comida e abrigo após o desastre. A passagem desta noite imprimirá em suas biografias o desastre de uma forma ainda mais aterrorizante.

Uma das "mulheres" tem cinco anos de idade, e de medo. Ela foi abusada por um adulto enquanto "fazia pipi" (palavras da pequena), sozinha, em uma área próxima à da extração de sal. De tão tenra idade e já responsável por ela mesma. A pequena não emitia uma palavra até eu colocar curtos filmes infantis para ela assistir. Com olhos de sombra, me contou sua história em rabiscos. É, no mínimo, tocante a transformação que uma criança pode operar em si sem emitir uma palavra.

23h55. O dia ainda lateja dentro de mim. No entanto, nego-me a considerá-lo ruim. Decido me apegar à sensação de conquista, ainda que ínfima, por ter fechado uma parceria com uma ONG para equipar com jogos e brinquedos a sala do hospital de MSF. Trabalhar aqui é um exercício constante de criar utopias. Ainda no banho de caneca, penso em como tornar menos árido o próximo encontro com as sobreviventes da violência, que certamente não tardará. Uma gota de consolo neste mar de perversidade. Às vezes, eu me pego sonhando acordada... ou seria tentando sonhar em meio a este pesadelo que se chama desigualdade?

22 de novembro de 2008

8h. Quando ainda rompia o alvorecer, visitei algumas instituições que acompanham crianças que perderam seus familiares, suas casas e suas referências de território. Fui tomada pelo apreço que elas demonstravam por alguém que acabaram de conhecer. Observavam, com

olhinhos vivos, a branquela, eu, que acabava de chegar. A cada nova sala em que eu entrava, elas automaticamente executavam uma coreografia ensaiada enquanto cantavam em *créole* uma música que dizia: “Bem-vinda a nossa casa!”. Naquele instante, algo em mim se desmanchou.

Enquanto olhavam meu tênis que carregava a bandeira do Brasil, apontavam uns para os outros com olhos compridos, espreitando a branca-brasileira. Os haitianos parecem ter uma sensação de proximidade com o Brasil. Muitos meninos usam camisetas, mochilas ou acessórios com a bandeira brasileira, certamente, oriundos de alguma doação feita por meus companheiros de pátria amada.

13h. O tempo não é lógico, cronológico ou racional. O que ele é? Ainda não sei dizer, mas creio que já começo a assimilar o que ele não é. Com todos estes descobrimentos, sinto o passar denso dos meses. Talvez seja isto o tempo, uma unidade de medida de sentimentos.

23h. No Haiti, os coletivos urbanos assemelham-se muito aos ônibus antigos da década de 1970, em alguma província fronteiriça entre México e EUA. Os coletivos carregam com eles o toque haitiano, que possibilita a todos uma imersão em um mundo de cores e expressões genuinamente locais. São muitas matizes, traços e agradecimentos a Deus e aos seus amores carnais. Na lataria de alguns desses veículos, seguem estampados lado a lado a versão haitiana de Jesus Cristo e os corpos seminus de suas amadas.

No primeiro contato com os coletivos, tive a certeza de que se Isaac Newton houvesse passado por ali, jamais teria afirmado que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço. As pessoas se
(des)acomodam até no teto e, como se isso não fosse o suficiente, a música que os acompanha ultrapassa todos os decibéis do bom senso. Complementando o “Picasso” das ruas e avenidas, as motocicletas, que dividem espaço com os coletivos, carregam sobre duas rodas, três ou quatro pessoas, isso quando não carregam ainda um ou dois cabritos (vivos ou ainda sangrando) amarrados pelos pés no guidão.

23 de novembro de 2008, Gonaïves

19h. O dia acordou domingo. Despertei, como nos demais dias, pensando na minha lista de afazeres prioritários. Aliás, por aqui, quase tudo é prioridade. No mundo dos ciclones não existe domingo, não existe feriado, não existe noite, não existe “nada para fazer”. Interessante perceber que, em um dia de domingo, ainda que seja convencionado que não precisamos estar no escritório ou no terreno, quase todos seguem tranquilamente o processo de trabalho, ou ainda, refletindo sobre novas perspectivas e possibilidades de reinventar sua forma de conduzir o cuidado. Não temos uma pessoa que tenha como função fazer com que estejamos todo o tempo implicados no trabalho. A tarefa mais próxima disso é a do coordenador de terreno. A ele cabe articular os processos de trabalho, embora cada um carregue em si mesmo seu próprio chefe. Mantemos conosco a consciência de que estamos em uma emergência e que existem muitas pessoas que precisam de um contexto mais justo para viver.

Encanta-me bastante a ideia de não trabalharmos para “ajudar os pobres”. Trabalhamos para seres humanos, trabalhamos para que pessoas, assim como nós, tenham um pouco mais de dignidade e ferramentas para manejar suas próprias vidas e fazemos isso por meio dos

cuidados de saúde. É pouco, é verdade, quase ínfimo, perto de tudo o que um humano precisa, mas procuro pensar grande e me contentar com o pouco que fazemos. Será mediocridade da minha parte?

Durante a missão, percebo que alguns rótulos utilizados pela sociedade para nominar os trabalhadores de MSF — "Malucos Sem Filhos", "heróis" — se desconstroem a cada dia que passo por aqui. Talvez se nós fôssemos mais honestos e admitíssemos que cada um de nós tem sua pobreza, seja ela econômica, afetiva, sentimental... talvez tivéssemos a certeza de que trabalhamos também para nos salvarmos de uma vida esvaziada de sentido. Pensando bem, não seria nada mal se cada pessoa que não ache sentido na sua vida produzisse algo de pragmático e significativo para a vida de outros humanos.

Ainda agora, no jantar, me peguei imersa na narrativa de uma companheira de trabalho, de cerca de 70 anos, sobre uma visita recente que ela havia realizado. Seus olhos irradiavam uma luz hipnotizante enquanto contava que há três semanas, para fazer o diagnóstico de desastre de uma região distante do centro, teve de passar dias andando a pé e em um burro entre as montanhas, na busca por pessoas que necessitavam de cuidados médicos. Naquele instante, instalou-se em mim uma sensação de aconchego por fazer parte de uma equipe comprometida com o próprio mundo. No que concerne a consigna "heróis", bom seria se fôssemos. No entanto, somos desmedidamente humanos. Dia a dia somos expostos às intempéries dos sentimentos e das divergências, criando na pele feridas de uma história que poderia não ser a nossa.

Dezoito folhas já foram viradas no calendário desde que dei início a esta jornada. Fica cada vez mais palpável para mim o quanto o tempo depende das experiências que vivemos e da intensidade da nossa entrega cotidiana. Trabalhar no Haiti é experimentar um condensado de existência. Reconhecer e acolher as peculiaridades humanas a cada novo encontro me desafia no processo de me inventar como psicóloga. Inebriante é presenciar a intensa diversidade que se apresenta em um curto (con)viver. O dia acordou domingo e meus pensamentos vivem um momento de sábado.

23h50. No miolo da tarde, perguntei-me se isso aqui é mesmo a vida real. Real? Vida? Trabalhamos duro, trabalhamos muito. Todo dia, saio à rua e vejo um montante colossal de lixo e restos de humanidade. As casas que ainda insistem em ficar de pé seguem com suas estruturas abaladas. Hoje é domingo, único dia em que só saio para urgências, e meu passatempo, assim como o dos demais, é o trabalho. Discutimos ferramentas e afazeres, falamos de tudo, até do que não se diz. E eu sigo me perguntando: "*Que vida é esta que ajudamos a construir a partir da nossa?*".

25 de novembro de 2008

19h. Atendi três crianças encaminhadas por terem sido violentadas sexualmente. De alguma forma, é desconcertante ver estes comecinhos de "mulher", com seus dois ou três anos de idade, dilacerados por crimes insanos. Humanos? Saí do hospital me sentindo uma humana, com um "h" bem minúsculo.

22h40. Quase 90% dos casos que atendi até este momento são crianças menores de cinco anos de idade. Humanas no início da vida que já sentiram a angústia do que é ser violentada

sexualmente por homens adultos. As mulheres maiores de idade são violentadas, geralmente, por muitos homens ao mesmo tempo, rotineiramente mais de três. Enquanto as escuto, sinto minhas vísceras se contraindo e meus músculos se enrijecendo. É um esforço descomunal não demonstrar para elas que eu estou dilacerada com suas narrativas. Algumas vezes, na tentativa de me proteger, repito mentalmente que preciso encarar essas histórias como dores de parto, que venham a nascer novas formas de viver destas vidas traçadas por linhas foscas. Deixei o hospital com dor no corpo todo, uma dor de escuta.

27 de novembro de 2008

Recebi hoje esta mensagem da equipe de comunicação MSF-Brasil:

> "Saúde mental. Esta é uma grande preocupação de Médicos Sem Fronteiras (MSF) hoje no Haiti. O país foi arrasado em apenas 30 dias após a passagem de dois furacões e duas tempestades tropicais, entre agosto e setembro deste ano. Os desastres mataram 793 pessoas e deixaram cerca de 800 mil pessoas desabrigadas ou incapazes de se alimentar. Quase metade dos que morreram residiam em Gonaïves, a quarta maior cidade haitiana, que ficou completamente inundada e teve grande parte de suas construções completamente destruídas ou danificadas.
>
> Percebendo a demanda por atendimento psicológico, MSF instituiu o projeto psicossocial. Após passagem do furacão Jeanne em 2004, a população do Haiti já estava bastante fragilizada e a organização viu a necessidade de integrar os serviços médicos já prestados aos de saúde mental, de forma a diminuir o impacto dos seguidos desastres na vida da população haitiana. É nesse contexto que trabalha a psicóloga brasileira Débora Noal, que está em sua primeira missão.
>
> Segundo ela, o projeto trabalha com clínicas móveis também em cidades e aldeias ao redor de Gonaïves. Pacientes que sofrem de distúrbios psicológicos, violência ou problemas relacionados ao desenvolvimento infantil são o foco dos profissionais de MSF. As clínicas móveis possibilitam o acompanhamento desses pacientes e identificam locais em que há necessidade de visitas semanais. Uma das maiores preocupações dos profissionais reside nas crianças, por causa da destruição de grande parte das casas e escolas.
>
> Mesmo depois de a água baixar no fim do mês de setembro, a cidade está coberta de lama e os danos à infraestrutura, que já era precária, se revelam profundamente graves. Estradas obstruídas por deslizamentos, hospitais e escolas destruídos e falta de água potável são apenas alguns dos problemas hoje enfrentados pela população haitiana, que em sua maioria vive com menos de US$2 por dia.
>
> Médicos Sem Fronteiras está no Haiti desde 1991 e hoje conta com equipes médica, psicossocial, de distribuição de água, promoção de saúde, logística e de administração para lidar com os efeitos da passagem dos furacões Gustav e Ike e das tempestades tropicais Hanna e Fay."
>
> (http://www.msf.org.br/noticias/205/atendimento-psicologico-se-mostra-essencial-no-haiti/)

Quase fico aliviada em saber que ao menos algumas linhas sobre o horror que os haitianos

passam cotidianamente desembarcaram no Brasil. É desconcertante imaginar que se um fenômeno desta magnitude tivesse atingido algum país da América do Norte ou da Europa Ocidental, provavelmente todas as mídias mundiais seriam unânimes em anunciar que ali havia um desastre. Tenho me dado conta de que a indignação só nos acomete quando nos vemos no lugar do Outro e, aparentemente, a parte mais rica e influente do mundo não se enxerga neste Outro negro e faminto. É como se existisse uma lente onde apenas os que se parecem comigo são enxergáveis. No mínimo aniquilador o mundo que inventamos para nós.

26 de novembro de 2008

Murchei. Minha esperança está se desidratando. Em algumas horas, atendi sete casos de violência sexual. Saí do hospital às 21h. Estou com uma sensação de ter perdido algo, de estar na sombra do mundo. Uma das meninas, que eu registrei com nome de Flor, tem 16 anos, e fora abusada durante dois dias por seis pessoas (pessoas?), quatro homens e duas mulheres. Passados nove inescrupulosos dias do início desta crueldade, Flor ainda ostenta marcas no corpo e na biografia, que não daremos conta de curar. Infelizmente, a medicina e a psicologia não avançaram a ponto de conseguirmos fazer transplantes de alma e de pensamentos. Sinto minha alma repleta de ranhuras, tenho o pensamento enovelado, sou um pouco menos gente. Tenho dor de Flor.

28 de novembro de 2008

O dia fluiu como rio de corredeira. O dia se fez todo na comunidade, densas trocas de horizontes e anseios. Encantador poder estar aqui.

1º de dezembro de 2008, ser forte para ser Humano

Regressei à base quando a noite já era um fato. Voltei excitada com a novidade: acompanhei a chegada de duas vidas. Estava exausta, mas o pequeno Schwarzenegger mantinha seu lugar na desorganização do meu pensamento. O pequeno desembarcou no mundo acompanhado de seu irmão gêmeo, ainda desprovido de nome. Os irmãos nasceram alguns meses antes do previsto, provavelmente estimulados pela passagem do ciclone.

Matutando sobre o futuro destes minúsculos seres, pesquei de rompante um pensamento que os comparava ao peso de um saco de açúcar e à dimensão de uma seringa hospitalar. Em seguida, tentei entender o que levou a família a escolher tal nome para este ser de frágil ossatura e de quase inexistente musculatura: Schwarzenegger.

Na busca por alcançar algumas respostas, desaguei nos cinemas locais. No Haiti existem alguns cinemas de bairro, improvisados em casas e “clubes”. Pequenas telas feitas de lençóis e algumas televisões de tubo pequenas exibem filmes que há décadas não frequentam as telas de cinemas do eixo comercial. Todavia, chama-me muito a atenção o fato de exibirem filmes de lutas sangrentas, onde, como todo herói americano, o protagonista vence sozinho o mal, que até então dominava a todos. Possivelmente um desses cinemas improvisados (des)favoreceu a escolha do quase impronunciável nome.

Enquanto eu acompanhava o nascimento de uma família, a mãe dos gêmeos pediu que eu segurasse seus filhos para que posassem para sua primeira foto com uma branca. Exibi meu

melhor sorriso. Era forte o contraste entre a nossa pele. Enquanto meus braços envolviam aqueles corpinhos quentes, desejei que sobrevivessem às próximas 24 horas, e assim sucessivamente, a cada novo dia, até que suas dimensões fossem compatíveis com a manutenção da vida sem ajuda médica.

A quantos ciclones e distribuições de comida serão expostos? Serão eles responsáveis por impulsionar o processo de ressignificação da cultura, ou serão eles mais um número existente nas estatísticas de violência urbana?

Na sequência de conexões, descortinei a imagem da primeira cena do dia enquanto chegava ao hospital: uma enorme fila de pessoas agitadas e cobertas de poeira nas proximidades. Elas se aglomeravam e se espremiam umas contra as outras, na tentativa de avançar um passo e lograrem um saco de farinha enriquecida, ou, com sorte, um saco de arroz. É assustador me deparar com a dimensão da força de mulheres grávidas e crianças franzinas quando o produto que carregam é o que as fará sobreviver por mais alguns amanheceres.

Refleti sobre significados e significantes da palavra (sobre)viver. Quais são as formas, expectativas e construções que estas palavras englobam? O que, enfim, é necessário para catapultar uma mudança neste abismo que se chama desigualdade? Como desarmar o sentimento de indiferença? Quanto tempo será necessário esperar até que os habitantes deste universo percebam que este é o momento de construí-lo sobre novas bases de sustentação? Somos capazes de sobreviver a este emaranhado de iniquidade que criamos? Aqui, no mundo dos ciclones e das intempéries da natureza, trabalhamos para que este fragmento de mundo seja um pouco mais digno para quem dele faz parte. Que este Schwarzenegger seja forte o suficiente para ser Humano.

3 de dezembro de 2008

Enquanto o dia ainda queria se transformar em manhã, escutei o relato de uma Rosa. Estatura mediana, 26 anos, sobrevivera ao furacão, ainda não posso afirmar se ao furacão *Ike*, *Hanna* ou ao furacão
Nascer-no-Haiti. Mãe de três hipnotizantes crianças negras, daquelas que nascem com olhos de farol. Fui radiografada por elas enquanto conversava com sua mãe dentro da sala de atendimento psicossocial. Perguntaram-me se eu tinha algo para elas comerem. A próxima flecha foi lançada por Rosa, quando quis saber sobre a possibilidade de eu ajudá-la a "eliminar" o bebê que carregava no ventre. Eram duras palavras para uma Rosa. De uma forma desoladora, ela havia sido mais uma vítima da faceta cruel deste coletivo que nós chamamos humanidade, mais uma vítima da violência sexual, e os quatro, juntos, me fizeram encarar o quadro da dor sem moldura.

No caminho para casa, percebi algo faltando, não sabia se em mim ou se no planeta. Tomo banho nesta água fria a cada dia e sou tomada por uma insensata realidade, queria saber inventar mundos como boa parte das pessoas, isolando-me em um faz de conta manufaturado. Percebo que este globo tem muitos vazios. Queria ser capaz de inventar preenchimentos, produzindo prazer através das alienações cotidianas. Por que não sou capaz de me sentar diante da televisão e assistir a tudo isto como se fosse apenas mais uma das tantas notícias que os telejornais apresentam?

23h50 de uma noite de pensamentos pisoteados. No Haiti, a legislação não permite em hipótese alguma que mulheres pratiquem o aborto. Embora a lei também não garanta a subsistência das crianças, a proteção delas e de suas mães, tampouco oferece a adoção como possibilidade ou garante um acompanhamento médico e/ou psicológico para essas díades que nascem de encontros violentos entre vidas miseráveis. A lei árida e cega diz apenas que é preciso que eles "sejam mantidos". São os filhos da violência sexual. Como se ter tido sua biografia torturada não fosse o suficiente, a lei também não garante que essa crueldade não se repetirá. Grande parte dessas Rosas é condenada mais de uma vez, e sua geração mantém consigo a dor de nascer, crescer e ser reproduzida forçadamente neste jogo vil de selvageria machista. Onde guardar estas vidas? Estou em frangalhos.

4 de dezembro de 2008, um mês

É noite na cidade dos ciclones. Sentada na cama, sob a meia-luz que o mosquiteiro branco proporciona, aproveito os instantes entre o final da jornada de trabalho e o momento do dia em que ainda há claridade para registrar algumas memórias. Escrevo enquanto dou sequência ao denso dia de atividades, sentimentos e criações. Hoje faz um mês que cheguei à cidade de Gonaïves. Tenho a sensação de que faz três ou quatro meses que vivo por aqui. Aliás, o significado da palavra "vivo" nunca esteve tão entranhado em mim quanto agora.

Nos últimos 30 dias, senti densamente empatia, tristeza, desejo, incompreensão, compaixão, solidariedade, respeito e desolação. Interessante experimentar ser humana ao compartilhar o que há de melhor em mim: eu mesma, ainda que permeada por estilhaços e lanças. Relembro as frases que escrevi no diário ainda no Brasil: "Transborda em mim o querer compartilhar meu mundo com o mundo de uma gente que ainda desconheço".

O sentir ainda pulsa sob o mesmo ritmo, no entanto, está agregado a uma frenética incompreensão desta iniquidade entre solos próximos. É nova, para mim, a conexão com humanos que ao acordarem percebem que não há mais parentes, não há mais casa, não há mais trabalho, não há. As ruas ainda estão cobertas de entulhos, não me parece possível que um dia este local descompassado volte a ser uma cidade. Na medida em que andamos por aqui, pessoas apontam para suas casas e pedem ajuda, pedem dinheiro, pedem comida, pedem. A todo instante, eu me deparo com o sentimento de desolação; falta comida, falta casa, falta água, falta escola, falta esperança. A única coisa que sobra por aqui é a miséria.

Desde que pisei neste solo, elaboro e confabulo estratégias, executo ações de uma psicologia que nunca me ensinaram, coordeno os colegas psicólogos haitianos que, assim como eu, nunca aprenderam em livros o que é ser psicólogo no Haiti. Ministro formação para professores e líderes comunitários e construo parcerias com a equipe médica, de promoção da saúde e da equipe de distribuição de água. Mas ainda me pego pensando: *para quê?*

Tentando me contrapor, penso, em retrospectiva, nas ações que realizei e acredito termos chegado a um bom saldo de atividades. Neste mês, realizamos atendimentos a meninas e mulheres vítimas de violência sexual, atendemos gente de um presente macerado, escutamos pessoas que estão internadas no hospital, mães que perderam seus bebês na sala de parto.

Transformamos lençóis em telas de cinema, facilitamos trocas entre pessoas que carregavam consigo tristezas agudas, estimulamos a psicomotricidade de crianças, ajudamos a encontrar

novos sentidos para aqueles determinados ao suicídio, fizemos releituras de corpos faltantes na sequência de suas amputações. Erguemos e colorimos salas para receber com afeto, escutamos e proporcionamos acolhimento às pessoas que demandavam um pouco de tranquilidade no presente, a fim de encontrar algum caminho à sua frente. Entramos, ainda, em escolas e operamos um trabalho de compor presentes. Não ajudamos a edificar casas ou bairros, ajudamos a remendar objetivos de vida e construir desejos para estruturação de sonhos. A cada dia se reconfigura um novo sentimento de leveza por ter escolhido ter escolhas.

5 de dezembro de 2008

Boas novas! Construímos a segunda sala de atendimento psicossocial. Amanhã decoraremos toda a sala para que produzam um pouco mais de aconchego e confidencialidade para receber as vítimas de monstruosidades sexuais. O espaço foi construído em dois dias, após um aumento vertiginoso do número de pessoas que buscam atendimento especializado ao terem seus direitos sexuais violados.

Ao pensar nos sentidos produzidos por quem perpetua tamanha violência, eu me pego constantemente indagando: *por quê?* Não sou capaz de inferir razão alguma para esses atos.

As interrogações me fazem companhia. Angústia pelas Rosas, Maries e Florences.

9 de dezembro de 2008

Exaurida. Montamos uma sessão de cinema no hospital para os pequenos da pediatria. Hipnotizante ver o olhar deliciado de descoberta desses seres pequetiticos atentos à tela improvisada com lençol, projetor e meu computador. Infelizmente, não consigo descrever algumas cenas que presencio, mas posso garantir que servem de luz para o meu caminhar. Bendito seja o cinema!

10 de dezembro de 2008

Animado e poeirento início de dezembro. Decidi montar uma grande árvore de Natal com fotos de pacientes que estão em tratamento aqui no hospital. Imprimiremos as fotos (um dos bens mais apreciados por aqui) no formato de bolas e penduraremos na árvore do hospital. Inventaremos o Natal. O Papai Noel também vai chegar ao Haiti.

11 de dezembro de 2008

19h. Gonaïves se transmuta na velocidade dos ciclones. Neste momento, a cidade tem aspecto de lixão clandestino. Escutei uma colega dizer que se tivéssemos 40 grandes caminhões a transportar, cada um deles, cinco caçambas de entulho por dia, levaríamos dois anos para limpar tudo. Fiquei pensando: *"E para limpar a história de sofrimento e miséria humana, quantos caminhões seriam necessários?"*.

23h. Realidade em carne viva. Não sei quando irei retornar por outro ciclone. Não há medidas, tampouco estimativas fiáveis para assegurar o quanto o país é capaz de resistir a um novo desastre. Por ora, sigo caminhando, cantando e seguindo a canção. Ontem à noite, dancei no escritório junto com outros *expats*. Após um longo dia de trabalho, desopilei o fígado ao som de músicas e coreografias compartilhadas. Que boa a sensação de estar VIVA.

23h55. Esta noite, recebi o e-mail de uma amiga que me perguntava se eu desejo mudar o mundo. Espero enquanto desejo e desejo enquanto trabalho. Organizo-me para que esta espera tenha em seu caminho produção. Produção de sentidos, imersão no desejo. É, pensando bem, sou insensata o suficiente para achar que é viável mudar o mundo. Ao menos o meu mundo permaneço tentando mudar.

12 de dezembro de 2008

13h. O dilúvio. Ruas inundadas. Ao fazer a supervisão da equipe Psi, transitei em um caminho cheio de poças que encobriam crateras de lama. Para mim, uma nova aventura; no entanto, esta é a ingrata aventura diária que tem de enfrentar a população de Gonaïves. A natureza raras vezes mostra sua versão maternal neste pedacinho de ilha.

19h. No miolo dos atendimentos, por vezes estampo um sorriso do lado de dentro, talvez por entender minha audácia de chamar isto que falo de francês. Impressionante como é possível ir percebendo a dor do outro através dos corpos, mais do que pela palavra. A postura arcada, a pupila dilatada, a respiração interrompida, a pele negra esbranquiçada pela farinha recebida como doação, o cheiro do pavor exalando pelos poros femininos, o corpo enrijecido pós-abuso sexual. Certas vezes, percebo-me exausta, ainda que bem consciente do que estou construindo neste encontro. Tudo a ser inventado, e falta sempre uma vírgula, um outro acento.

23h. Subsisti junto a Mônica, 8 anos, paciente da enfermaria cirúrgica. Guardo de forma nítida a imagem invulgar. Um corpo de criança a encobrir um esqueleto humano. Olhos fundos, boca de lábios muito finos colados no osso, faltam-lhe chumaços de cabelo. Mãos finas e falanges salientes pareciam denunciar a morte em curto prazo. Apática, a olhar para o pé direito do hospital improvisado. Parecia não haver uma criança ali. Em nosso primeiro encontro, Mônica pesava 23 quilos, hoje está com 18. Pele envolta no osso e musculatura enrijecida pela febre tifoide que a deixava cada dia mais impossibilitada de andar. Estava tomada pelo agravamento da enfermidade.

Encontrei uma das médicas da nossa equipe e lhe questionei por qual motivo o quadro clínico estava piorando. Katrin, uma americana de origem oriental, disse que os pais dela, de 27 anos, têm seis filhos, e, além de Mônica, eles têm outros dois com febre tifoide. A família reside em uma cidade a duas horas de distância daqui, isto é, muito longe para um país onde as estradas são inexistentes e o transporte público se configura um desafio.

Katrin me disse que, desde que descobriu que Mônica perde peso por rejeitar a comida do hospital, começou a dividir o almoço que traz da nossa base MSF (laranja, peixe seco e suco) com ela.

Sinto orgulho de Katrin, uma cirurgiã que sabe que o "salvar" uma vida está muito além da análise clínica de um corpo. Sabe que a medicina se entranha nas brechas do convívio diário e não apenas na ponta de um bisturi.

13 de dezembro de 2008

Mônica raras vezes dá sinais de que almeja viver. No entanto, como convidada de honra da sessão de cinema do hospital, fez questão de colocar o seu vestido azul de festa e deitar-se como uma princesa. Como faltava local para todos, um dos enfermos dividiu seu leito com ela

para juntos assistirem ao filme. Suspirei de amor ao vê-la tão serena e com um sorriso tão frágil.

14 de dezembro de 2008, domingo, enquanto planejo a semana que se desenrolará

Amanhã é dia de montar a árvore de Natal do hospital. Empregarei meus horários de não atendimento psicológico para fazer fotografias de pacientes e membros do nosso *staff*. Já consigo enxergar a pontinha do trenó do Papai Noel chegando.

15 de dezembro de 2008

Fizemos mais uma sessão de cinema na enfermaria pós-cirúrgica e compareceram pacientes de todo o hospital. Para falar a verdade, apareceram também muitos trabalhadores do *staff* nacional. Antes de iniciar a sessão, fiz um anúncio: "Preparem-se para ver grandes artistas na tela". E começou o show. No entanto, quem ficou mesmo abismada fui eu, ao ver olhos encantados grudadinhos na "tela" improvisada sobre o plástico que divide as enfermarias. Antes de o filme começar, projetei as fotos dos pacientes que eu havia feito pela manhã. A cada vez que eles se viam na tela, apontavam e se retorciam nos leitos ou nas cadeiras, como se seus corpos pudessem estar ao mesmo tempo em dois lugares. Riam das poses, esqueciam que estavam ali, privados de saúde. Então, eles foram protagonistas no filme. Fiquei tão absorta com o cinema que me esqueci de montar a árvore de Natal.

16 de dezembro de 2008

Serena. Amanhã convidaremos os pacientes para montar a árvore de Natal, faremos também oficinas com eles e seus acompanhantes para montarmos as fotos que enfeitarão a árvore. Na espreita deste momento, vou sendo capturada pela guriazinha que habita em mim na expectativa do Natal.

17 de dezembro de 2008

19h. Terceira sessão de cinema do hospital. Hoje, na ala masculina da enfermaria pós-cirúrgica. Havia convidados especiais: internos da pediatria, da ala feminina e da maternidade. Estar junto aos pacientes enquanto descobriam o mundo de sonhos e fantasias que uma tela de cinema proporciona foi inebriante. Ao escutar rumores de que haveria uma sessão de cinema, iniciaram uma busca por leitos desocupados, cadeiras improvisadas e emprestadas de outras alas, vestidos novos ou tomados de empréstimo somente para aquela *première*. Era a vida se projetando logo ali na minha frente.

23h. Katrin, a cirurgiã, regressou ao seu país de origem na tarde de hoje. Antes de partir, porém, pediu que eu cuidasse da menina que repousa em seu esqueleto infantojuvenil. Ela queria que eu ficasse atenta aos anseios e aos pedidos da pequena. Disse ainda que no gosto de Mônica tem espaço para suco *Tampico* (o que há de mais popular por aqui) e pão todo dia. Reivindicou que eu não a deixasse desistir da vida. Pedido aniquilador a alguém que não gere os destinos e desatinos da existência. Katrin me desconcertou. Embora tenhamos muitas pessoas internadas, ela se permite saber o nome, a história e os dessabores de seus pacientes. Temos tempo para ensaiar uma história de bem-querer com aqueles que nos chegam em busca

de cuidados.

20 de dezembro de 2008

Pulmões de terra. Acho que jamais ingeri e inalei tanta terra e mofo em um só dia. Membros de ONGs locais solicitaram avaliação psicológica de crianças afetadas pelo ciclone e pela violência. Permanecemos a manhã toda nos escombros do que sobrou de um antigo hotel abandonado em um dos bairros periféricos da cidade. Sentada em pedaços de papelão no chão da velha sala, dois colegas haitianos e eu jogamos, brincamos e avaliamos aqueles pequenos.

Havia 30 crianças que, ainda que empoeiradas, achavam espaços para suas criancices. Encorajamos os pequenos a ensaiarem desenhos e narrativas, sem muita ideia do que iríamos testemunhar. Densas narrativas. Em um dos casos, o desenho mostrava um homem segurando uma mulher pelo pescoço e disparando oito tiros. Cada bala do revólver fora impressa com giz de cera no papel encardido. Como seria bom se as balas estivessem apenas naquele pedaço de papel. E a mulher gritava dentro e fora do desenho. A mulher era da mesma família do menino, que por ora a protege na memória enquanto desenha.

21 de dezembro de 2008

Sou também deste mundo. O dia amanheceu pleno de domingo. Quando a manhã ainda acordava, subi o morro acompanhada por Kathleen, uma amiga enfermeira, a fim de realizarmos uma expedição na comunidade. Vestidas para as intempéries do clima, caminhamos algum tempo ao som dos cânticos de igrejas locais que ecoavam, ao longe, pelas ruelas e esquinas de areia e pedra.

Foi um caminhar manso, marcado por muitos momentos de descoberta, sensação híbrida de adentrar ruelas e perceber o estranhamento dos iguais. Éramos nós, as brancas, que estávamos em seus territórios, quase dentro de suas casas a fim de passar de uma estreita rua a outra, saudando as pessoas com um *"Bonjour"* e recebendo de volta um *"Bonjour, Blanche!"*. Aqui estamos nós nesta terra de contrastes e linguagens que produzem o estranhamento, o aninhamento e o encontro.

Ao subir, notamos meninos de 8, 10, 12 anos de idade que, ainda que nada dissessem, muito revelavam ao nos abraçar com o olhar. Por vezes, algum perguntava algo em *créole*, pedia para fazer fotos e dividir a água que carregávamos conosco enquanto subíamos.

Quando chegamos ao alto do morro, a recompensa: contemplar as multiplicidades desta cidade plena de inquietude. Enquanto observávamos o mar, a montanha de pedras, o lago impresso pela força da natureza durante o ciclone, os abrigos forjados por entre tendas e os velhos carros amarelos com suas latarias furadas, sentíamos o sol queimando nossa pele. Podíamos escutar as buzinas dos caminhões que cortam a cidade na grande rota nacional. Sensação de quem descobre o mundo na intensidade de suas esquinas.

Estivemos até a metade do dia entre aclives e declives, assistidas pelos promissores projetos de adultos. Retornamos à base já na curva do domingo. Sempre retornamos à base e/ou avisamos de tempos em tempos o rádio operador para informar onde estamos e se estamos bem. Não saímos sem rádio ou celular; temos um forte esquema de segurança, além de regras bastante claras sobre lugares e horários, onde e quando podemos estar, jamais sozinhas e nunca

totalmente livres.

16h. Quando ainda havia domingo, fomos à praia. Um iluminado encontro. Passei o final de tarde com as crianças. Criamos uma aula sobre produção de fotografia com minha câmera de capturar momentos. É bom escoltar o descortinar que o aprisionamento da imagem provoca, a cada novo flash um sorriso de autor, uma sensação de ser possível reinventar a paisagem através de uma nova lente.

No fluxo de carinho que foi se estabelecendo, brindaram-me com um novo penteado. Foram três pequenas cabeleireiras de 8, 10 e 14 anos que me cercaram e me fizeram muitas tranças desajeitadas. Com um pente desbotado, aparentando um cor-de-rosa de passado, e poucos dentes para exercer sua função de pentear, as ágeis mãozinhas me proporcionaram um novo visual. Enquanto me trançavam, havia uma quarta que se distraía lixando meu pé com um coral marinho, a poucos passos do mar. Os cuidados iam ensaiando formas de se aproximar.

Na despedida, outro presente: as pequenas "*madames*" de 4 e 5 anos de idade juntaram, em um frasco de shampoo descartado na praia, conchinhas para mim. Em troca, ofereci minha garrafinha de Coca-Cola, que eu guardara para imprevistos. A garrafinha fora milimetricamente dividida por dez crianças, uma comovente cena de segundos, que nunca vai embora.

Ainda que por vezes machuque estar ante as incongruências desta aproximação, o contato afetivo deixa a missão mais leve. Bom saber que posso desabitar meu mundo tranquilo de certezas e deixar que a cada dia o amanhã abra uma janela ou me jogue pela porta um raio de sol, uma gota de chuva ou um círculo de vento. Sensação nítida de devir, de sair da plateia da televisão e entrar pela tela da vida, caindo de susto no palco de um mundo que antes me tocava, mas não era meu. Agora, eu sou também deste mundo.

22 de dezembro de 2008

O sistema escolar. Muito trabalho. Temos uma demanda grande para as consultas psicológicas. Atendemos muitas pessoas que apresentam doenças causadas pela agonia de perder familiares, casas, empregos e certezas. Atendemos ainda muitas mulheres e crianças que tiveram as vidas violentadas por homens de desejos criminosos. Até este momento, recebemos 26 humanas (de 2 a 36 anos) violentadas, o que proporcional e sentimentalmente falando é um número incabível quando entendemos que coexistem menos de 300 mil habitantes nesta cidade.

Cuidamos também de crianças com déficit de aprendizagem, que, de acordo com os pais, estão enfeitiçadas por magia e vodu. Segundo consta nos relatos de quem nos procura, é magia feita provavelmente por algum vizinho que se desagrada da convivência, ou algo desta natureza. Estes são os diagnósticos sociais mais enunciados por aqui.

Ontem, um pai me disse que o filho é "louco e retardado" (palavras dele). Mas, enquanto eu fazia o atendimento, percebia que o filho era muito inteligente, embora tímido. Quando iniciei a escuta, o menino contou que todos os dias é agredido pelo professor durante a aula. Relatou ainda que recebe severos castigos corporais. O pequeno tem medo do professor, tem medo da escola, tem medo do pai. Disse que o pai mente e que não tem proximidade com ele. No desenho que fez da família, havia somente um avô e um irmão, não tinha mãe, não tinha pai,

não tinha ele... simplesmente, não tinha.

Ao tecer contos sobre o desenho, eu era transportada às primeiras formações que fizemos nas escolas. Na primeira reunião junto aos professores, escutei um grito pontiagudo e um gemido tônico de menino, ao mesmo tempo em que escutava o som de um relho dilacerando a história de uma criança. Lembro que me senti impotente e chocada; nunca tinha presenciado uma cena de violência escolar consentida socialmente. Não fui capaz de agir a tempo. Eu havia ficado presa entre aqueles mundos. Tinha medo de intervir de acordo com minhas premissas e vivências e violentar ainda mais aquela relação, ao passo em que tinha medo de deixar o menino naquela situação e ser conivente com aquele desvario.

Quando saí da escola, fiz uma reunião com os psicólogos da minha equipe para tentar identificar formas de ajudar aquela criança. Todos riram da minha indignação, não conseguiam entender por que fiquei tão chocada, e me diziam: "Aqui é assim, algumas escolas muito construtivistas não permitem, mas a maioria delas tem como base do Projeto Político Pedagógico as punições corporais. Todos nós passamos por isto...".

Com a serenidade de quem sempre vivera neste palco de violações, continuaram, sem alterar o semblante. "Os pais até pedem para o professor bater", disseram eles. Ainda torturada pelos sons e pela naturalidade que todos aparentavam, estive por horas a desenhar formas de falar de uma cultura do medo, sofrimento psíquico e violência para pessoas que não estranham aquilo que, de fato, não é natural.

Como sensibilizar aqueles que têm como missão educar, e, ao mesmo tempo, são perpetradores do trauma, da violação, da tortura. Passei horas a refletir sobre formas de intervir dentro da minha própria equipe de trabalho, afinal, eles também eram produto de uma construção social violenta, e todos têm o direito de querer não resignificar sua própria história. Como produzir estranhamentos?

Compreendi naquele instante parte daquelas demandas de crianças que não aprendem porque estão, segundo os professores e pais, enfeitiçadas. Tento entender qual é o disparador da dificuldade de aprendizagem: o ciclone, o castigo que vem do professor, a punição que vem dos pais, a ausência da casa que foi levada pelo ciclone, a perda do parente. Onde está o ponto disparador deste (curto-)circuito? Onde está a encruzilhada? Onde se encontram todas estas estradas?

Penso ainda: "*Como romper com a linha de violência que se faz presente a todo instante?*". São pequenos sujeitos/sujeitados que se apropriam da premissa em que o maior oprime o menor, que criança não tem vez, que os mais fracos devem calar e que, para ser escutado, é preciso gritar ou que para demarcar seu território é preciso agredir. Neste instante, Gandhi traduz bem o que sinto quando diz que o que mais inquieta não é o grito dos poucos opressores, mas o silêncio dos muitos que são oprimidos. *Por onde começo?*

23 de dezembro de 2008

Incongruências. Permiti-me deslocar a escrita em dois hojes: o primeiro hoje começou às 19 horas com uma das noites mais divertidas que tivemos até aqui. Foi a primeira noite das *Filles Sans Frontières*. Recebemos pela primeira vez, por motivos de segurança, a permissão para sairmos "sozinhas", com um carro MSF até a meia-noite para nos escoltar. Fizemos uma

plotagem com folhas A4 para o carro que nos conduziu ao bar (um dos três bares que temos aqui na cidade) e nos divertimos muito ao proibir os homens da equipe de nos acompanhar. Uma forma de brincar com as frustrações e angústias de ser mulher em um lugar onde a violência dirigida ao sexo feminino é perpetrada centenas de vezes em um único amanhecer.

O segundo hoje foi carregado de um recorte de mundo nauseante. Quando ainda estava no bar, fui chamada para atender uma urgência. Por estar na mesma rua do hospital, em 5 minutos estava na sala psi em frente à moça que me aguardava. Deparei-me com um olhar de menina que me acompanhava sem mover o pescoço. Na composição daquela dor havia ainda um corpo sujo de terra envolto por roupas rasgadas e pés descalços. No pacote da cena havia um braço escoriado, um cabelo desgrenhado e uma saia suja de sangue. Não foi difícil perceber que ali havia uma vida violentada.

Chemine foi violentada da forma mais perversa que uma mulher pode ser. Chemine é mais uma das muitas vítimas de violência sexual que recebi desde o dia em que iniciei o trabalho por aqui. Chemine, portadora de uma voz frágil e um corpo assustado, observava-me como se fosse uma menina de 7 anos, os hematomas e a vergonha permaneciam expostos. Na face cabia ainda o "nojo de seu próprio corpo" ou daquilo que ele havia se transformado aos seus olhos. Habitante de um território que não lhe permitiu conviver com a mãe e o pai, ela residia na casa de uma tia que lhe disse que a culpa por ter sido violentada era dela mesma.

No fundo dela ecoava uma voz quase inaudível. A voz narrava as últimas três horas, quando fora estuprada por um homem mais velho, enquanto voltava pra casa. A rua de sua casa, como as demais ruas da cidade, não possui luz elétrica. Enquanto Chemine passava por exames e medicações, senti meu corpo se liquefazendo, fiquei pequena diante da magnitude da perversidade perpetrada.

A cada nova gota de sangue que tirávamos dela, para saber se o homem, além da cicatriz irreparável na sua biografia, havia lhe deixado como herança um filho ou uma doença infecciosa, eu me perguntava: *Por quê? Por que era ela, novamente, que deveria ser ferida?* Furamos seu braço direito para coletar seu sangue, furamos seu braço esquerdo para lhe vacinar contra hepatite, furamos mais uma vez para lhe prevenir do tétano, oferecemos medicações que iriam desencadear inúmeras reações fisiológicas para não permitir que desenvolvesse outras doenças. E assim, agora em nome da saúde, invadimos seu corpo mais uma vez.

Durante meses ela deverá fazer exames para saber se seu corpo está bem. Bem? Seria isto possível ainda nesta vida?

24 de dezembro de 2008

7h. A zelar pela dor de Chemine, dormi apenas quatro horas. Na terra dos ciclones, nem sempre é tempo de dormir. Como primeira agenda do dia, fui ao encontro de Chemine para saber como havia dormido, e se ela gostaria de dividir comigo alguns pensamentos e sensações que haviam lhe acompanhado durante a noite. Chemine, com sua postura corporal de gente ferida, respondeu apenas que se sentira culpada pela violência e que sentia medo de retornar à sua casa. Enquanto eu a atendia, permanecemos as duas ali, sentadas no leito, uma ao lado da outra, dividindo a sensação de não estar só neste mundo haitiano. Quando deixei Chemine,

fiquei a me questionar sobre que culpa pode ter ela da vida que a assola?

20h. Já véspera de Natal? Trabalho na véspera de Natal para que o Natal seja um dia de festa. Que o dia de amanhã seja um dia de Natal! Ainda era madrugada quando me perguntei se Papai Noel existe (assim mesmo, em maiúscula). Na dúvida, espero trabalhando. Porque só sei esperar caminhando.

25 de dezembro de 2008, Gonaïves, Haiti

Porque hoje é Natal. Hoje, aparentemente, é Natal. A algumas gerações, a população de Gonaïves espera o Natal, espera o Papai Noel, espera o espírito do Natal, espera. Desadormeci com um sentimento de que há muito a ser feito, a ser comemorado, a compartilhar, de que há muito tempo vivemos a esperar o espírito do Natal, mas que por vezes nem percebemos que nós somos a sua essência.

Antes do intervalo no calendário, também conhecido por feriado, finalmente pude deixar um pequeno presente à comunidade que frequenta o hospital. Deixei as fotografias que fiz durante toda a semana dos pacientes da pediatria, maternidade, cirurgia e incrementei-as com as imagens dos trabalhadores que fazem do hospital seu porto de chegada assim que sai o sol, e um ponto de partida assim que o sol se põe.

Com a ajuda da equipe e dos pacientes internados, fizemos pequenas caixinhas com as imagens, cada caixinha foi pendurada no teto da sala de entrada do hospital. Havia dezenas de fotografias, logo acima da cabeça de quem entrava ou saía. Visto que já era passado meio dia de feriado, grande parte do *staff* estava saindo para aproveitar sua tarde de repouso e preparação para o Natal, mas, para minha surpresa, ainda que fosse feriado, ninguém que passava por ali ficava alheio às imagens. Atentas, as pessoas fixavam o olhar para o alto. Ficavam absortas a admirar o teto, como se buscassem algo.

Para aguçar os sentidos, colocamos música para o “evento” de pendurar as caixinhas no teto. Em frente à emergência, na porta de entrada, no pequeno som improvisado, música de Luiz Gonzaga e Beth Carvalho. Porque sempre é tempo de fazer o sonho dançar. Quando terminamos de afixar todas as caixinhas, já tínhamos mais de vinte pessoas na pequena sala a olhar o teto e escutar a música, e, naquele momento, percebi o Natal entrando pela porta do hospital.

O outro instante onde o Natal apareceu foi quando entregamos presentes para os pequenos da pediatria e as mães que pariram seus bebês naquele dia. Encantador presenciar o trenó do Papai Noel voando em tempo de ciclone. Quando via as expressões de surpresa por receber um presente de onde não se acreditava (porque esperar, sempre se espera), lembrei do meu amigo Ricardo, que alguns dias atrás escreveu que Deus um dia existiu, mas que Ele já foi embora. Fiquei realmente muito tempo refletindo sobre a frase, até que cheguei no Papai Noel. Refleti sobre o tempo em que eu acreditei nele (e acho que ainda acredito), com o diferencial de que hoje espero o Papai Noel aparecer dentro de mim. Estou certa de que sempre posso encontrar o Papai Noel nestas esquinas e becos do mundo. Por vezes, ele chega suado, com cheiro de gente fermentando, sem barba, cabelo despenteado e roupa suja, mas ele chega com presente, presente de gente, presente de vida, de vida presente. Da mesma forma, entendi que, para mim, a celebração do Natal é aquilo que acontece quando trabalho para construir um mundo mais

acolhedor.

26 de dezembro de 2008

Na ceia de ontem tivemos na mesa a comida de todos os dias, com o valor agregado de um frango magrelo representando um peru. E compondo a *mise en place*, uma mesa ornamentada com latas de leite em pó representando candelabros natalinos, um presépio constituído de bonecos de vodu (os mesmos que eu havia encomendado para trabalhar com as crianças vítimas de violência sexual), toalha de mesa confeccionada com o plástico utilizado para sentar no chão que ainda não tinha sido utilizado, xícaras brancas com vinho e copos plásticos para água.

Em algum momento da ceia, alguém disse que comer a comida de todos os dias no dia de Natal é apenas um ponto de vista, uma vez que poderíamos encarar que comemos a ceia de Natal todos os dias. E assim criamos o nosso Natal.

27 de dezembro de 2008

O dia nasceu sábado no corpo da segunda-feira. Esqueceram de avisar aos dias da semana que existem regras. Trabalho, escrevo, planejo, avalio, desenho, decido e pratico.

Assim como meus colegas estrangeiros, que em português trocam o verbo ser pelo estar, por aqui me confundo e transito o tempo todo entre o que *sou* e o *onde estou.* Nestes termos, acho que *sou* cansada de segunda e *estou* desejosa de domingo.

Faltam poucos dias para terminar minha missão na cidade dos ciclones. Em poucos dias vou partir da cidade dos ciclones. Sou cheia de Mundo!

28 de dezembro de 2008

Alguns hojes atrás, tentamos chegar a uma queda de água para tomar banho. Na medida em que escalávamos as pedras na tentativa de alcançar nosso pedaço de paraíso, um grupo de mulheres pediu que não tomássemos banho. Interrogativos, ficamos a escutar uma delas enquanto dizia que na 3ª queda d'água elas esperavam a água da cachoeira para beber, e não poderíamos nos banhar em uma água que as famílias beberiam. Assim, nós nos despedimos de nossa maior diversão: o banho de cachoeira.

29 de dezembro de 2008

Recebemos um comunicado: "Por motivos de segurança, não poderemos sair da base MSF no *réveillon*, mas poderemos convidar outras ONGs para participar de uma festa em nossa base". Temos sólidas regras de segurança, e muita dificuldade para sair da base para qualquer outro destino que não o hospital ou os locais de atendimento MSF na cidade. As mulheres da equipe sempre saem em carros identificados e acompanhadas de integrantes do sexo masculino.

Embora na semana passada tenhamos tido nossa primeira noite das *Filles Sans Frontières*, esta semana retomamos à regra onde se deve sempre solicitar companhia a um homem MSF para ausentar-se da base. Ao entrarmos nos carros, avisamos o rádio-operador e voltamos antes da meia-noite. Assim, vivemos com a liberdade de ir e vir restrita e o desejo liberto.

31 de dezembro de 2008

Amanhã o ano faz aniversário, e aqui, no mundo dos ciclones, nós nos preparamos para comemorar as nossas conquistas de cada dia nesta raspinha de ano que ainda temos. Que 2009 chegue pleno e seja recheado de bons devires!

1º de janeiro de 2009, último dia

O dia amanheceu de um passado absoluto. É o primeiro dia do ano e meu último dia de trabalho na missão Gonaïves. Acordei com o pensamento naquilo que edificamos por esta centelha de terra. Ainda que seja feriado mundial, dia 1º de janeiro de 2009, minha rotina não sofreu grandes alterações: tomei meu particular banho de caneca e pingos, vesti minha camiseta MSF (em todos os sentidos e analogias) e segui rumo ao hospital para encarar o dia de trabalho e despedida.

É dia de fechamento, de encerrar um ciclo desta trajetória, de repassar projetos terapêuticos, de concluir avaliações, de desvelar algumas "caixas pretas" da missão. Então, reflito sobre as muitas que sou em meio a tantas referências que foram me ofertando: a doutora de conversa, a tal psicóloga do Brasil, esta que atende na sala com nuvens no teto, a que fica lá onde tem desenhos de crianças coloridas nas portas, mesas e cadeiras pequenas, aquela que atende onde as cores saltam aos olhos.

Longo suspiro ao contemplar os objetos que compõem o cenário desta narrativa. Sentada em uma diminuta cadeira talhada para receber com zelo as crianças, galgo um espaço para descrever o que enxergo. Dividem este cenário meu laptop, o jogo de xadrez (doado pela farmacêutica), as caixas de lápis de cor (doadas por uma ONG) e as canetinhas coloridas de péssima qualidade compradas no mercado paralelo (e única forma de conseguir comprar qualquer objeto na cidade); todos eles postos sobre a pequena mesa tingida de branco.

Em fragmentos de minutos, faço rapidamente um caminho de retorno às primeiras histórias que me foram contadas aqui: lembro o meu primeiro dia de trabalho, onde fui chamada às pressas para realizar um atendimento de urgência. Com dificuldade de compreender o que era dito, arrebanhei um médico haitiano que passava no corredor a fim de me auxiliar na tradução do *créole* para o francês. Posso sentir ainda minhas inquietudes iniciais de compreender para além das palavras faladas, a ânsia de capturar o significado daquelas palavras em uma cultura que eu apenas começava a desvendar.

No momento em que olho a sala e percebo os objetos, que fragmentados seriam apenas objetos, entendo que aqui ganharam vida por produzir uma ambiência mais coerente com o que chamamos de acolhimento. Na sequência do dar-se conta, vislumbro a linda menina negra de 2 anos de idade, com seu vestido branco de laço azul e cabelo repleto de pequenas tranças com laços de fitas azuis, e seu olhinho de medo ao encontrar a branca, eu, dentro da sala. Lembro-me do pequeno corpinho acanhado e tenso, corpo que antes mesmo de iniciar seu período de amadurecimento teve sua história atravessada pelo desejo sexual perverso de outro humano.

Em pequenas porções, as histórias foram chegando. Na velocidade do pensamento, repassei dois meses de vida na cidade do ciclone, a cidade alaranjada da poeira e do sol, a cidade onde a vida pede urgência na reconstrução do presente em busca do futuro. Recordei as falas do homem de 24 anos que dividiu comigo durante vários dias sua história de amputação de uma

perna e seu desejo de abandonar a vida após a cirurgia que o impediria de trabalhar em um país sem benefício social a qualquer trabalhador, condenando-o à mendicância. Chegaram ainda as histórias das mulheres que perderam seus bebês no momento do nascimento. E, por fim, foram se achegando aquelas com quem dividi grandes angústias e talvez um dos maiores medos quando se é uma mulher, o de ser violentada sexualmente.

Enchi-me de história, pensando na imagem das igrejas, "cinemas" e clubes onde ministramos formação para 1.243 pessoas da comunidade, imagens das casas improvisadas em tendas e albergues. Histórias de quem perdeu a casa, de quem perdeu o trabalho, os parentes, as narrativas de quem perdeu todas as referências socioafetivas e que hoje não tem ideia de onde irá dormir. Histórias de quem perdeu o desejo de seguir lutando no sol de todo dia, de quem busca algum sentido para querer chamar de vida.

Lembrei-me também dos bairros cobertos por lama, das casas cor de argila, dos porcos que dividem o espaço com as pessoas, com os velhos carros, com as bicicletas sucateadas que rodam com duas ou cinco pessoas pelas ruas da cidade. Revisito rapidamente as supervisões aos colegas haitianos, que se estenderam pela tarde de sábado, pela noite e por algumas madrugadas. Posso sentir o domingo de manhã encobrindo uma segunda-feira que já estava lá. E, assim, foi chegando o último dia, que nasceu para mim, na cidade de Gonaïves. Deste modo, fui tecendo a teia da história e costurando o trajeto da minha última visita ao hospital, lugar por onde, todos os dias antes de fazer os atendimentos, passo para dizer bom dia e perguntar aos pacientes como estão e se querem desenhar, brincar ou jogar. Apesar de não termos uma variedade de jogos, os existentes são compartilhados. Nesta manhã, quando passei em cada leito para me despedir, tomou forma uma sensação estranha de ir embora deixando para trás gente conhecida, gente da gente, gente de casa.

Enquanto dizia meu último *bonjour* a Crisnnel, 9 anos, que se recupera, há mais de 30 dias, de uma operação, deixei um saco de bolinhas de gude, um maço de folhas coloridas para desenho e uma caixa de giz de cera, dizendo que a partir de hoje não passarei mais todo dia para conversar, nem jogar, nem assistir filme, mas que estarei torcendo para ele voltar rápido para casa. Avistei no olho de Crisnnel uma lágrima, e chorei por dentro. Sensação esquisita de quem deixa para trás esta parte da família. Antes ainda de sair, disse que a partir de hoje ele é o responsável pela coordenação dos desenhos na enfermaria, que a cada vez que chegar um novo menino, ele é o responsável por oferecer papéis e lápis para desenhar e que cada novo desenho produzido por eles deve ser pendurado na parede da enfermaria, como forma de pulverizar um pouco de infância na sóbria sala de hospital.

Na enfermaria feminina, ficou um abraço para Mônica, 8 anos, e seus dois irmãos de 11 e 14 anos (responsáveis pelos cuidados dela). Eu disse a eles que amanhã não estarei lá para passear do lado de fora do hospital, mas que tem um mundo de brancos que estarão no seu entorno lhe fazendo as vontades. Deixei também um creme para o cabelo, bastante apreciado na hora de fazer as muitas tranças, um pouco de creme para o corpo para ser dividido entre as duas mocinhas e um desodorante, para despistar o cheiro de humanidade que é imperativo no meio da tarde. Ficou ainda um creme dental e uma rápida aula sobre a importância de escovar os dentes, os três riram muito enquanto eu fazia demonstrações sobre a utilização de cada

produto.

Para os demais pacientes, ficou uma bala no leito de cada um. Enquanto entregava as lembrancinhas, fui acompanhando os movimentos dos rostos se transformando em sorrisos. Gostoso presenciar aquelas lascas de felicidade. E fui saindo em uma fusão de sentimentos. Missão cumprida! Assim foi anoitecendo meu último dia da Missão Urgência Ciclone na cidade de Gonaïves. Ao virar a página, imprimi saudade.



Conversando com meninos na
Praia de Gonaïves, Haiti
(9 de novembro de 2008)



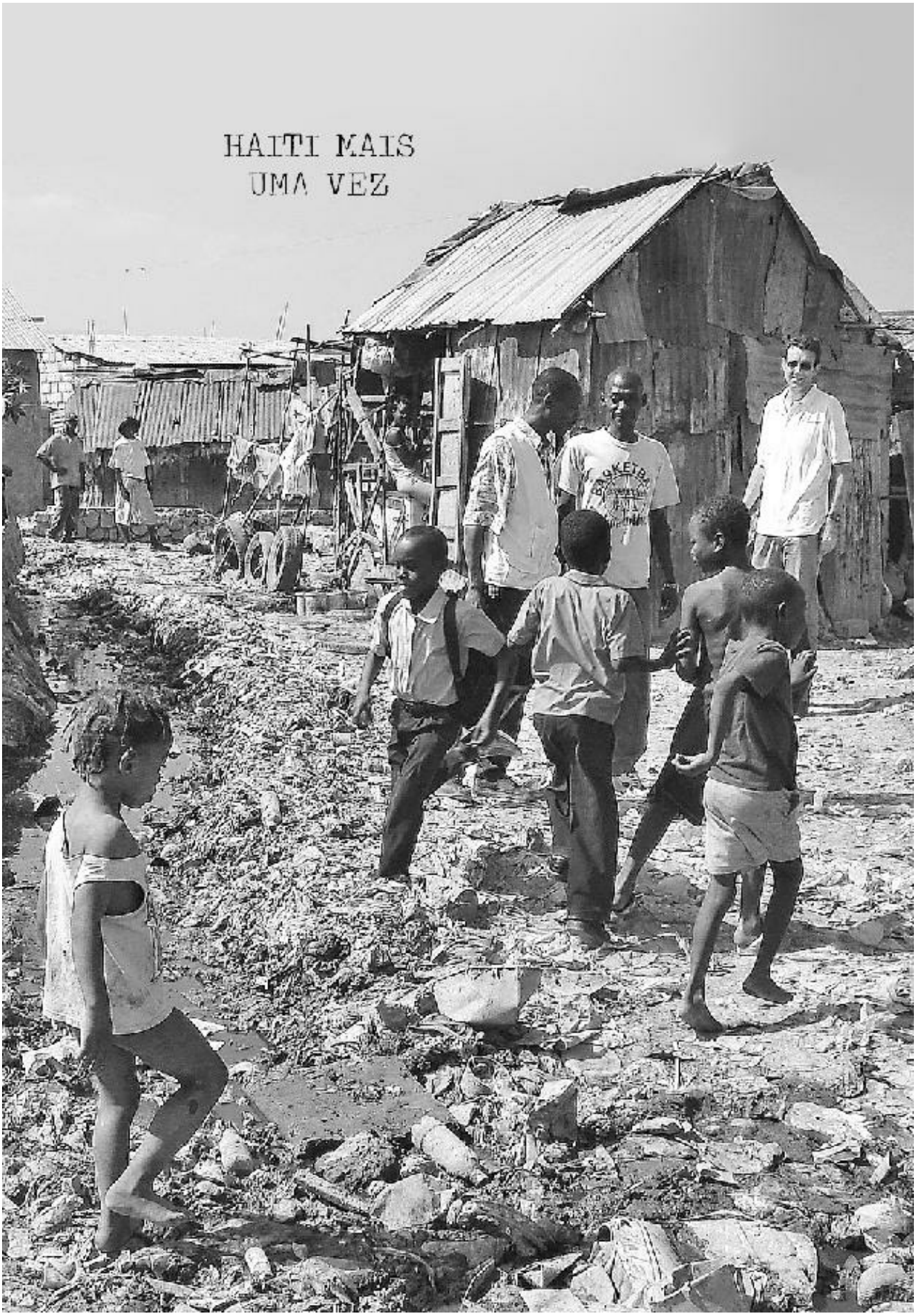
MÉDICOS SEM FRONTEIRAS

Em 2008, após duas tempestades tropicais e dois furacões que atingiram o Haiti no final de agosto e no início de setembro, MSF deu início a uma ação de emergência na cidade de Gonaïves, no norte de Artibonites. Um hospital de 80 leitos foi reinaugurado pela organização na cidade em cooperação com o Ministério da Saúde. O hospital era a única estrutura da região apta a responder a emergências e prestar serviços obstétricos e pediátricos. Durante as últimas três semanas de 2008, 675 pacientes foram admitidos na sala emergência e mais de 110 partos e 50 intervenções cirúrgicas foram realizados. MSF também distribuiu kits de higiene para 5 mil famílias.

As clínicas móveis da organização se movimentaram para chegar às pessoas nas áreas mais remotas utilizando carros, burros e mesmo a pé. As pessoas assistidas eram as mais vulneráveis, que habitavam, naquele momento, abrigos temporários. As equipes de MSF ofereceram mais de 3.500 consultas por meio de suas clínicas móveis.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS ATUA NO HAITI DESDE 1991.

Médicos Sem Fronteiras é uma organização humanitária internacional que leva cuidados de saúde a pessoas afetadas por conflitos armados, desastres naturais, epidemias, desnutrição ou sem nenhum acesso à assistência médica. A organização oferece ajuda exclusivamente com base na necessidade das populações atendidas, sem discriminação de raça, religião, convicção política e de forma independente de poderes políticos e econômicos. Também é missão de MSF chamar a atenção para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas atendidas em seus projetos.


HAITI MAIS
UMA VEZ

3 de janeiro de 2009

Sigo escrevendo do país onde 95% da população descende da violência perpetrada desde a escravidão, descende de um povo de luta e feitiço, um povo que reivindicou sua independência muito antes da maioria dos países, deste lugar onde a escravatura assassinou a dignidade de muitas gerações. Narro a partir de um país onde ainda hoje se mantém na postura e nos hábitos a postura aguerrida que muitas vezes assusta, uma cultura onde a agressividade nos atos e nas falas nos toma de assalto e pede reflexão.

Grande parcela das crianças que aqui habitam não tem o direito de ir à escola. Aqueles poucos que ousam chegar lá se deparam com atrozes dificuldades estruturais e pedagógicas, uma vez que aqui ainda é permitido ensinar por meio da violência física e psíquica. A sociedade permite, e, por vezes, estimula, que professores, em nome da "educação", espanquem e causem lesões nas histórias individuais e coletivas destes pequenos que entendem desde muito cedo as regras hierárquicas entre crianças e adultos, entre opressores e oprimidos, entre quem tem a força e quem não tem o direito, entre a minoria branca e a maioria negra.

As escolas possuem incontáveis problemas estruturais, geralmente são casas e prédios antigos, adaptados em forma de pseudosalas de aulas, e cada uma tem duas ou três portas, como se fossem construídas no meio de corredores de passagem. É difícil manter a concentração, uma vez que os alunos de classes diferentes estudam no mesmo ambiente, com divisórias de compensado de madeira ou ainda de concreto, de pouca espessura. Esse cenário ilustra e explica a cena desoladora da notícia de dois meses atrás, que anunciava o desabamento de duas escolas, fazendo vítimas aqueles que, contrariando a conjuntura dominante, ousaram estudar.

E, desse jeito, foi se constituindo esta cidade de contrastes, onde o lixo, os porcos, a inexistência de saneamento básico, o mar do Caribe, as mansões e as montanhas estão em confluência, de mãos dadas com a desigualdade, a injustiça e a opressão. Este é o cenário da minha segunda missão.

4 de janeiro de 2009, Porto Príncipe

Há alguns dias, desembarquei, pela segunda vez, em Porto Príncipe. Passadas algumas horas, espremidas no interior de um carro, lotado de gente e equipamentos, chegamos ao destino final. Como todo prelúdio de missão, passei na coordenação do projeto para entender o contexto e a condição em que vive a população e como estão articuladas nossas estratégias com a demanda local. Somado a esta nova etapa, solicitaram ainda que eu apresentasse um

relatório da missão Gonaïves a fim de aprimorar os novos projetos de emergência em ciclones e furacões. Relatei à equipe da capital fragmentos de todas as experiências vivenciadas em Gonaïves e registrei minhas sugestões para que a organização aprimorasse parte de sua estratégia de cuidados em saúde mental.

Após os primeiros instantes da reunião, quando expus meus pontos de vista, recebi oficialmente o convite para assumir uma nova missão: avaliar o projeto de saúde mental no centro de urgência Martissant 25, um dos bairros mais violentos de Porto Príncipe, e proporcionar um atendimento em saúde mental de forma coordenada com a equipe médica de urgência. Amanhã, começo meu primeiro dia de trabalho, animada e me sentindo desafiada!

5 de janeiro de 2009

No início da manhã, fui tomada por uma notícia atroz. O chefe da missão me chamou na sede da missão nacional, bem ao lado de onde eu estava hospedada, para me informar que havia acontecido um grave acidente com Judith, minha amiga e pessoa responsável pela logística da missão Gonaïves. Com olhos de inquietude, o chefe da missão me informou que Judith tinha queimado uma grande parte do seu corpo durante um procedimento padrão de incineração de materiais médicos. Sem maiores detalhes, ele me informou que minha amiga está sob o uso de fortes anestésicos, que a nossa equipe de Gonaïves havia prestado os primeiros socorros e que, em alguns minutos, ela chegaria de helicóptero ao hospital de queimados da capital. Emendando uma frase na outra, o chefe terminou a conversa solicitando minha ajuda com os primeiros cuidados psicossociais.

Senti minha pele ressecando ao pensar na dor de Judith. Ainda às pressas, passei no banheiro em busca de um espelho, imaginando que a primeira pergunta de Judith ao acordar seria sobre as condições do seu corpo. Na ambulância que me levaria até Judith, fiquei ensaiando algumas feições para que Judith não se assustasse com a sua imagem refletida no meu olhar.

No hospital, aguardei impacientemente a ambulância que a estava levando do helicóptero ao centro de queimados. Em poucos minutos, a sirene que desperta todos os meus sistemas de alerta soou na rampa de acesso à sala de emergências. Usei meu melhor sorriso para dizer: “Bem-vinda, Judith, eu sabia que você não poderia ficar sem mim na missão!”. Judith, ainda grogue de medicação, sorriu-me um sorriso pela metade e tentou abrir um dos olhos para confirmar a autenticidade da identidade daquela voz, que reconhecia como sendo de gente de casa, ainda que estivesse com sua consciência alterada.

As horas se alternaram entre avaliações médicas e psíquicas até ser confiada a mim a missão de acompanhar Judith ao seu repatriamento em um avião médico até a Bélgica.

7 de janeiro de 2009

Desde que Judith chegou, mantenho-me em tempo integral ao seu lado. Permaneço atenta às suas demandas. Sei que não é de se queixar e menos ainda do tipo que pede ajuda. A favor de seu restabelecimento estava sua capacidade de rir de si mesma e de falar sobre amenidades. Minha responsabilidade junto a ela vai do banho de leito ao entretenimento. Separei filmes e músicas, além de um cardápio de frutas e sopas. Embora Judith não peça nada, tenho

convicção de que o fato de receber carinho em forma de comida, banho e filme é uma forma de abraço.

Entre conversas e gargalhadas, ela me solicitou que eu a acompanhasse até a Bélgica no avião. Talvez este tenha sido seu único pedido até aqui e, infelizmente, não posso realizá-lo. O avião voará do Haiti a Bélgica fazendo uma escala nos Estados Unidos, país onde não posso entrar porque não tenho visto. Nunca entendi muito bem esses documentos exigidos para que possamos entrar em países, e, em um momento como este, é menos compreensível ainda.

8 de janeiro de 2009

Aguardamos os papéis do avião para que Judith decole rumo à nova etapa de tratamento.

9 de janeiro de 2009

14h. Judith finalmente voltou para casa. Ficamos horas no aeroporto, dentro do avião de repatriamento médico, trocando despropósitos e vislumbrando possibilidades de próximos encontros. Foi impressionante ver Judith toda enfaixada, com dificuldade até para falar e ainda assim mantendo serenidade e calma antes de uma viagem em que dependeria de outro colega para tudo, inclusive ir ao banheiro. Um sorriso para Judith e um desejo de que sua pele se renove.

19h. Passada a "missão Judith", desembarquei em minha nova morada. De mochila nas costas e sacola plástica na mão, bati na porta da *Maison Rouge*, como era batizada aquela casa. Em Porto Príncipe, as casas MSF recebem nomes que lembram as cores de suas fachadas. Fui prontamente atendida por Gaetan, o coordenador do projeto em que trabalharei e meu novo colega de casa. Ainda na porta, os cavaleiros da Távola Redonda se posicionaram: Mr. James, o médico inglês branco, e Mr. Jean, o enfermeiro negro da Costa do Marfim junto a Mr. Gaetan. Em cinco minutos, apresentaram-se tal qual *lords*, oferecendo-se para me mostrar a casa que também seria minha pelos próximos meses.

Como em uma coreografia ensaiada, seguraram minha mochila, ofereceram-me algo para beber e logo foram seguindo em fila indiana para me mostrar todas as dependências da casa. Por um instante, pensei: *"Vou dividir meus próximos meses com estes três gentis mosqueteiros da vida humanitária. Sorte para nós!"*.

11 de janeiro de 2009

Os ponteiros do relógio fazem um percurso diferente por aqui, eles correm de tal forma que não tenho forças sequer para escrever quando chega o final do dia.

13 de janeiro de 2009

Medo, atenção e estado de alerta. Nos últimos dias, visitei e fui apresentada a equipes MSF da capital, bem como fui apresentada à minha futura equipe de trabalho em Martissant 25. Quantas coisas novas para aprender. Quando lembro que meu contrato é de 30 dias, eu me pergunto se darei conta de terminar esta missão em tão pouco tempo. Almejo abrir uma janela na barriga do tempo.

14 de janeiro de 2009

Catorze hojes atrás, passei a escrever em mim esta nova missão. Dei-me conta de que a maior parte do trabalho que devo desenvolver aqui nunca me foi ensinado durante os seis anos de graduação em Psicologia. Meu trabalho está pautado nas diferentes formas de prover cuidados a populações de extrema miséria e violência urbana. Neste "pacote", é meu trabalho, também, prover estabilidade emocional e primeiros socorros psicossociais àqueles que chegam no centro de urgência de Martissant 25. Além de assistir pessoas gravemente feridas e seus familiares, acompanho todas as vítimas de esfaqueamento, os sobreviventes de chacinas, as mães em trabalho de parto, as mães que acabaram de perder seus bebês, pessoas abandonadas por suas famílias por estarem impossibilitadas de desempenhar atividades remuneradas, pessoas violentadas sexualmente, entre outras atividades que transitam brutalmente entre a vida, ou o risco de estar nela, e a morte. Ou seja, transito diariamente neste limiar tão tênue entre a vida e a morte, que sempre achei serem os extremos, ou ainda os dois polos, de uma existência. Mas, eis que tenho me dado conta de que os extremos são, na verdade, a vida e a indiferença, ou a morte de todos os dias e a indiferença que se instala. Ainda estou descobrindo o paraíso dentro do mar do caos, no entanto, já me sinto bem-vinda a *Port au Prince*!

15 de janeiro de 2009

8h. Polícia e exército fortemente armados nas ruas de Porto Príncipe. MINUSTAH, homens armados como se estivéssemos em plena guerra. Estamos? Por que investimos tanto em armas e tão pouco em formas de sustentar a vida? Será que se escolhêssemos investir nos projetos e planos de vida desta gente precisaríamos de tantos tanques e carros de guerra?

21h. Sensação de estar acordando no hoje, no agora, no presente. Desvendo-me a cada novo encontro. Estou tecendo a teia da vida, esta teia de relações que faz com que eu possa visualizar outro mundo, até então ignorado por mim. A construção de outro mundo possível, ainda que apenas dentro de mim.

16 de janeiro de 2009

13h. Exaurida e fascinada. Acabo de sair de um parto. Acho fantástica a nossa chegada neste mundo. Caras de dor, corpos que mexem, barrigas que se deslocam, músculos que se contraem, líquidos que escorrem entre as pernas, gemidos que se deixam sair: e lá vem ele! No parto de hoje, segurei gentilmente as mãos da mãe enquanto ela me esmagava e ameaçava morder minha barriga para extravasar a sua dor. Desde que cheguei ao Haiti, esta foi uma das poucas dores boas que eu pude acompanhar. E era literalmente uma dor de parto, a mágica do existir acontecia a partir dela. Saí saltitante da sala, e, como nas novelas, procurei a família para dar a notícia de que haviam ganhado "um lindo menino". Mas, do outro lado da porta, assim como na vida daquela mulher e seu filho, não havia ninguém. O momento de felicidade parecia vir só de mim, desta branquela esquisita que é de um mundo onde, utopicamente, as pessoas ficam felizes ao saber que uma vida chegou. Que agonia perceber que bem ali, nos braços daquela mãe, estava um menino sem nome, sem pai, sem casa, e que havia todo um destino estreito a ser desenhado a dois.

22h. Dizem que a vida é marcada por momentos inesquecíveis. Neste momento, posso

afirmar que vivo uma vida inesquecível a cada novo dia que me lanço neste acervo de incertezas. Estou nada menos que radiante com o trabalho que tenho, embora triste por meter o pé na realidade e caminhar sobre as mazelas deste mundo de gente que tenta construir mais que um futuro, tenta coexistir em meio ao desprezo humano. Pensando bem, este é um prazer bem egoísta, visto que meu trabalho é ínfimo demais perto da necessidade que existe em cada uma das vidas que me atravessam deste lado da ilha.

21 de janeiro de 2009

13h. Recebemos uma criança em estado de choque após ser agredida pela professora na escola. Para além de um corpo, uma biografia ferida. Uma alminha aprisionada e aterrorizada por aquela que deveria ensinar possibilidades e garantir proteção, carinho e zelo. Assim que comecei meu trabalho no Haiti, percebi o quanto as pessoas ficam impressionadas com o afeto direcionado a elas. No primeiro momento, não acreditam que alguém lhes sorri e lhes afaga em um centro de urgência. Talvez fiquem mais impactadas com o afeto que recebem do que com a agressão cotidiana. Neste contexto em que vivo aqui, noto que a população geralmente é bastante ríspida (uma reação esperada por quem conhece a história deste país), e acaba por surpreender-se quando a vida lhe acaricia. As pessoas parecem não ter o afeto como primeira escolha. Entusiasma-me a possibilidade de dar afeto, e invisto neste ato transgressivo e, por vezes, assustador que é o ato de afagar.

19h. Abandonaram uma bebê de aproximadamente dois meses na sala de urgência. Levei uma rasteira ao vê-la ali, desprotegida. Naquela hora, quase sofri de insanidade e levei-a para casa, mesmo sabendo das penalidades que eu poderia vir a sofrer. Encorajei-me a ser "profissional", como me solicitou o coordenador do projeto, referindo-se ao meu olhar pidão que denunciava meu desejo de levá-la conosco. Mas, como ser profissional sem ser humana? Será que eu deixaria de ser profissional se cuidasse dela em casa, como alguém da família? Tentando assumir meu papel de psicóloga, articulei um projeto terapêutico para ela. Troquei fralda, dei colo, coloquei para dormir, cantei. Tentei fazê-la sentir que é querida, que tem afeto que a envolve e a protege. Toda vez que alguém diz ao lado dela que ela é abandonada, eu logo aviso que ela está cercada de carinho. Ainda que não seja o bastante, preocupo-me em diminuir os danos a quem, por alguma razão, foi deixada ali.

Esta noite, um dos meus colegas fará o plantão noturno e pedi a ele que a carregasse no colo e a permitisse perceber um calor humano. Ainda que por poucos instantes, somos a sua família, a família mundo que, por alguma razão, se encontrou naquele lugar. Recebi como resposta: "Mas eu não sei fazer isso".

Demonstrar carinho, às vezes, é um aprendizado árduo e talvez a melhor forma de perceber-se vivo.

22h. Nossa bebê não foi a primeira a ser abandonada na urgência de um serviço de saúde e, o mais triste, certamente não será a última. Muitas crianças são e estão abandonadas neste país por razões díspares. Parte destes bebês é resultado das graves violações aos direitos humanos sofridas por aqui. Para além do fato de estarmos no país mais pobre de toda a América, e um dos três mais corruptos do mundo, parte destes bebês é oriunda das violências sexuais, aliada à impunidade, falta de perspectiva de vida, ausência de uma política séria de atenção às vítimas

de violência, criminalização do aborto, ausência de moradias dignas, de empregos, a falta de escolaridade e de políticas públicas que garantam a proteção.

23h de uma noite que não quer começar. Finalmente, o marceneiro terminou de construir a sala que eu pedi há dois dias. Agora, temos uma sala feita com lona de circo, 16 pequenos bancos para crianças e 4 pequenas mesas para desenho e estimulação psicomotora. Tudo muito colorido, cada uma com sua cor. Uma sala de produção de desejo de VIDA dentro de um serviço de saúde. Ao contrário do que denuncia o olhar do marceneiro, tudo me parece extremamente coerente com a saúde mental.

23h50. Em um hoje atrás, uma grande amiga me perguntou se eu tenho medo de estar aqui. Como resposta, só consegui dizer que a vida é maior que o medo, eu realmente desejo estar aqui, ali, acolá. É delicioso desvelar nossas próprias facetas ao percebermos nós mesmas no olhar do outro. Acho que estou em estado de poesia.

23h55. É tanto hoje que sinto que estou vivendo demais. Fui à minha primeira aula de *créole*. Pareceu-me um francês sem R's. Sigo na linguagem universal da boa vontade ao entender o outro.

22 de janeiro de 2009

19h. Magia. Trabalhei parte do meu dia com a nossa bebezinha no colo. Amanhã ela partirá. Sem lenço, sem documento, sem bagagem. Com sorte, encontrará alguma gente neste mundo que a ajudará a escrever o presente. Amanhã um orfanato a espera — um dos dez que existem por aqui para receber quem, por algum motivo, é desprovido de rede socioafetiva. É fácil demais amar um serzinho pequeno, pretinho e frágil. Talvez ela jamais saiba que um dia uma branca a segurou como se a tivesse colocado no mundo. Por alguns dias, fomos uma família.

23h. O hoje é uma abstração carente de interpretação. Que o quadro da vida seja pintado com tinta fresca, colorida e sem pincéis. Utilizemos os dedos da mão para sentir a delícia do contato entre a tinta e os 36ºC que pulsam de um corpo humano.

24 de janeiro de 2009

Nossa bebê, a pequena Radishka, como a nominaram, partiu rumo à sua nova trajetória. Cena ébria de despedida. Estavam lá nós, sua família MSF — os quatro mosqueteiros —, e as duas sóbrias senhoras do Ministério da Ação Social, responsáveis por "recolher" quem precisa de carinho para se desenvolver.

Enquanto as senhoras organizavam os papéis para a partida, foram chegando, cada uma a seu tempo, as médicas, as enfermeiras, as senhoras da limpeza. E o momento de despedida foi se consolidando. Tínhamos entre nós a cumplicidade no olhar de quem sabe que está fazendo o que é preciso, ainda que dilacere pensar que não sabemos se ela terá um presente digno. Éramos quase cúmplices e estávamos interligadas àquela pessoinha que ia partindo sem um rumo certo, era um serzinho que em sua tenra idade ainda não tinha tido o direito de escolher a rota da própria viagem. Vai, Radishka, o mundo te espera.

30 de janeiro de 2009

Um dia de encontros na cidade da procura.

2 de fevereiro de 2009

Fiz a visita e a avaliação de cinco instituições que ajudarão a produzir novos significados para a vida de pacientes que a partir de amanhã serão acolhidos por cada uma delas. Ao chegar, ainda cedo, a Martissant 25, senti que o dia seria pleno de conquistas. Alívio em saber que encontramos boas rotas para estes viajantes que nem sempre são autores de seus próprios rumos.

Enquanto dava a notícia da estrada que cada um seguiria, a mãe da pequenina Martine me chamava com um olhar de ausência para tocar no corpinho que um dia foi de Martine.

Enquanto a mãe organizava os poucos pertences daquela que desfrutara pouco mais de um mês deste mundo, dizia que ela havia sofrido muito nos últimos dias e que não poderia aguentar mais, dizia ainda que não tinha como sair do centro de urgência, porque não tinha dinheiro, não sabia o que fazer, aonde ir, não havia pessoa da família a quem pudesse chamar. Sem saber o que fazer, pediu que eu conseguisse uma caixa de sapatos para poder transportar o corpo de Martine até o local do enterro, o chão de sua própria casa.

Em um fragmento de segundo, passou pela minha cabeça a imagem dessa mãe dentro de uma *Tap Tap*, tipo de transporte público local, repleta de gente, música ensurdecedora e pessoas se empurrando para conquistar um assento, e ela tentando proteger aquilo que restara do que um dia foi Martine. Passou-me pelo pensamento a figura desoladora desta mãe, tentando processar, sozinha, um luto que agora também era meu.

Indo de encontro às regras, perguntei à mãe de Martine quanto custava um funeral e um enterro, e o que ela gostaria de fazer para dar um funeral digno à pequena. Me doeu saber que um funeral custava pouco mais que três jantares em algum restaurante classe média no Haiti. Senti vontade de abraçá-la e o fiz. Separei meu dinheiro do mês e promovi um pouco de dignidade para a despedida de Martine.

E foi assim o dia em que a pequena partiu, foi assim o dia em que senti a impotência de quem observa a partida de uma principiante de Ser Humano.

Sinto a impotência de viver entremeada a toda esta iniquidade. Sensação de que está tudo desordenado ao meu redor. Sinto-me em farrapos por um pesar de quem sabe que não pode prover o mundo, que não pode pegá-lo com a mão, dor de quem deseja fazer o revés do que vê, de quem deseja fazer um mundo onde sejamos o impossível.

3 de fevereiro de 2009

13h. Trabalho no concreto, dia duro. Dia recheado de construções, de cimento e ternura. Estamos em reforma no centro de urgência, vamos expandir com concretos e tijolos, porque na alma já temos um império de “puxadinhos” afetivos. Conseguimos algumas parcerias para dar um ar de humanidade ao centro de urgência. O mundo quase tem jeito.

20h. Esta noite, servi uma taça de vinho tinto e me debrucei sobre uma pilha de quadradinhos de madeira que há alguns dias me aguardavam no pátio de casa. Passei horas entretidas em meio a pincéis e tintas, numa tentativa de personalizar os leitos da sala de observação. Serão colocados no teto, junto a pequenos peixes artesanais de papel machê, conferindo um toque que remete à parte ensolarada da vida haitiana, à alegria que vem das cores.

4 de fevereiro de 2009

20h. Vinho, pensamento e reflexão. Início do segundo mês da segunda missão. Um dia de contemplação. É tempo de olhar para dentro e ver o que ainda é preciso ser refeito.

23h. De onde venho, como estou, para onde vou? O que é o futuro? Indagam-me diariamente os pacientes pós-coma. Talvez boa parte da humanidade precise sair do coma. Acorda, humanidade!

5 de fevereiro de 2009

Hoje, perdi no jogo de dominó e ganhei no jogo da vida. Passados dez dias sem alterações no quadro clínico de Sonel, iniciamos nossa primeira partida de dominó. Sonel é um menino de 10 anos de idade que tem um sorriso hipnotizador, negro de toda uma ancestralidade, tem olhos de jabuticaba madura. Chegou há dez dias, acompanhado de uma mulher de meia-idade, informando que ele sofrera um grave acidente. Havia sido atropelado por um caminhão, e, como resultado desse impacto descomunal, fraturara a perna e um dos ossos do quadril. Com a notícia, dada pelo ortopedista de que Sonel provavelmente não poderia andar normalmente sem uma cirurgia especializada, e que mesmo após a cirurgia ele deveria ficar acamado por aproximadamente nove meses, a tia partiu deixando Sonel à sua espera dentro do centro de urgência. O menino passa os dias esticando o olhar até a porta, na esperança de enxergar a tia.

Ainda em um devir criança, Sonel perdeu os pais e, segundo ele mesmo contou, a partir desse fatídico dia passou a viver com aquela tia. Disse ainda que a tia trabalha fora de casa o dia todo, que sustenta a casa e cria mais três filhos, além dele. O companheiro da tia, ele pouco vê, e aparentemente não o considera como sua família. Desde que iniciamos nossos jogos, ele me chama todo dia pela manhã com aquele jeitinho manhoso de filho tímido, enquanto faço escuta no leito daqueles que não podem se locomover.

Em uma dessas manhãs, perguntei a Sonel se ele gostava de ler, escrever e jogar. Aquele dia transformou nossa equipe de profissionais de saúde em um time afinado. Apostamos uma manga (fruta super apreciada por aqui) se ele ganhasse no jogo e um desenho feito por ele se um de nós ganhasse. Então, apareceu um menino onde antes havia um paciente em reabilitação. Sonel nos encheu de sorrisos e desenhos em troca de uma manga.

Sonel e eu nos transmutamos naquele dia. O jogo de dominó permitiu que ele interagisse com os acompanhantes de outros pacientes que, a partir de agora, dividem conosco os cuidados afetivos e pragmáticos de um menino de sorriso de comercial de pasta de dente. Foi assim que eu me transformei em uma faceira perdedora. Tenho perdido no jogo e ganhado meus dias.

5 de fevereiro de 2009

Penduramos esta tarde as identificações dos leitos. Com um pequeno peixe de papel machê colorido feito pela população do bairro de Martissant 25, um quadro com o número do leito e um espaço para escrever o nome do paciente, exercitamos um pouco mais a dignidade de ser uma pessoa, e não um número. Quando os pacientes chegam, recebem a possibilidade de escolher uma revista, livro, folha para colorir ou desenhar. Inicialmente, oferecíamos esses artigos somente para as crianças, mas rapidamente percebemos que os adultos se beneficiavam

tanto quanto os pequenos, e acabavam pegando o material das crianças quando não oferecíamos para eles. Sendo assim, agora as artes fazem parte do processo terapêutico de crianças e adultos. Instalamos ainda dois móbiles artesanais feitos em madeira colorida. Agora, temos uma sala que extravasa a palheta de cores do hospital. Não canso de exibir meu sorriso cheio de dentes.

6 de fevereiro de 2009

Difícil. Dividir? Como somar?

Hoje é o hoje, nada mais. Tudo demais.

7 de fevereiro de 2009

ANGÚSTIAS E AFLIÇÕES. ESPERAS E DÚVIDAS. CAMINHOS E ACIDENTES. UMA GRANDE INTERROGAÇÃO.

8 de fevereiro de 2009

Medo, cansaço, dor. Meus pensamentos estão inquietos.

12 de fevereiro de 2009

Dia de encontros. Faz 34 dias que cheguei a Martissant 25, e durante todo este tempo convivo com Adrien. Jovem adolescente, aproximadamente 18 anos, esguio, pele fosca e mãos ásperas, chegou ao centro de urgência com um forte traumatismo craniano após cair de um caminhão em movimento, em uma das estradas de acesso entre o Sul do Haiti e a capital. Segundo a lembrança do médico que o recebeu no centro, tinha raras possibilidades de recuperação tamanha a profundidade do corte.

Na ocasião do acidente, Adrien não portava documentos e estava desacompanhado em todos os sentidos. Desde o início de sua estabilização física, não havia lembrança alguma sobre a família ou o lugar de onde vinha. Enquanto os dias iam se passando, nós fomos aos poucos estimulando a possibilidade de recuperação física e psicológica e, ao mesmo tempo, estimulando que ele recuperasse parte do passado, a fim de auxiliar no encontro dele com sua família. A cada consulta, uma pequena descoberta. Alguns meses após sua internação, Adrien disse pela primeira vez, e com dificuldade, o nome da sua mãe. Na outra semana, o nome de uma pequena vila da ilha haitiana. E, em um outro dia, o nome de um pastor da igreja. Assim iam se seguindo os descobrimentos vitais para um ser humano.

Como os dados eram escassos e a cidade distante para um país com estradas precárias (a vila situa-se a aproximadamente oito horas de carro da capital) e com pouco acesso aos meios de comunicação de massa como televisão, rádio ou jornal, decidi apelar para a confederação nacional dos pastores de igrejas e solicitei ajuda ao pastor-presidente. O presidente da confederação não me deu muitas esperanças, mas, diante da insistência de uma branca que não conhecia o país e seus muitos limites, aceitou auxiliar nas buscas. No aceite do pastor, uma luz na memória de Adrien se acendeu.

O pastor, mesmo descrente da minha ideia, escreveu ao pastor da pequena vila onde aparentemente vivia a família de Adrien. Em seguida, este segundo pastor escreveu à mão uma carta aos fiéis da igreja na pequena vila de Morne Coma contando a história de Adrien e

pedindo que ajudassem nesse reencontro. Muitos dias se passaram nessa troca de cartas manuscritas em folhas pautadas, até que, enfim, uma chegou às mãos de dona Benita, vendedora de verduras e frutas do comércio informal. E, nesse circular de gestos quase que rudimentares, utilizando apenas a tecnologia da boa vontade, foi se fazendo presente o encontro entre dona Benita e Adrien, dois personagem de uma mesma história que tiveram densos capítulos de um drama quase sem final feliz.

Este foi o dia em que Adrien se lembrou do rosto da sua mãe. Então, foi se configurando o dia do encontro. É difícil colocar em palavras o que senti presenciando de perto o reencontro entre mãe e filho, que diante um do outro formaram novamente uma família. Este foi meu dia de parteira.

A palavra encontro produz em mim um significado complexo. Estes somos nós na vida, onde as esquinas nem sempre se encontram, onde, às vezes, a tecnologia é afetiva e não pede sofisticação, pede um pouco de vontade, um pouco de desejo, um pouco de humanidade, um fragmento do tempo que temos para viver. Mundo de encontros e laços.

12 de fevereiro de 2009

Lindo dia! Hoje, encontrei gente com coração gigante. Conheci a responsável por uma "casa secreta", assim me foi apresentada a instituição que abriga mulheres que tiveram negados seus direitos de ir e vir, que tiveram roubadas suas possibilidades de viver em paz, que são alvo de insanos atos que as impedem de serem LIVRES, de ter direitos, de desejar, de viver. Este foi o dia em que conheci a casa de abrigo às mulheres violentadas e ameaçadas por aqueles que um dia elas chamaram de companheiros, namorados, esposos ou maridos.

13 de fevereiro de 2009

Que bom saber que existe gente com corAÇÃO de gente!

14 de fevereiro de 2009

Hoje, tenho a alma tranquila e as pálpebras pesadas.

16 de fevereiro de 2009

19h. Dia forte. Pleno de papéis e planos. No mundo das urgências, o tempo sofre de hipotermia, os segundos pedem passagem e rompem a barreira do bom senso, em uma luta desenfreada por se fazerem presente. Hoje, o tempo me faz refém. Desejo freá-lo. Tenho três semanas de missão e a sensação de sempre ter estado por aqui. Sou deste mundo e, agora, ele também é meu. Somos nós, que por hora corremos em direções opostas, mas nunca paralelas. Estamos nós em constante contato, por vezes atrito; jamais imunes um ao outro. Estamos os dois na mesma missão.

22h. Nos próximos sete hojes, trocarei de indicador de tempo, troco de número de idade, troco de marcador. Daqui a sete hojes, estarei trocando a pele do tempo, e que venha a tempo de me fazer sentir o vento do mar no calor do asfalto em dia de verão, que me chame sempre na esquina do relógio para contemplar o tempo que por vezes quer caminhar, mas corre, que por vezes quer correr, mas voa, que por vezes quer voar e me leva com ele. Hoje, sou o tempo

que um dia esperei para mim.

18 de fevereiro de 2009

Cansada. Em êxtase nesta vida cheia de sentido... toda Viva!

19 de fevereiro de 2009

Hoje, partiu Biberly. Dois anos brincando de viver neste mundo. Durante uma vírgula da sua história, teve sobre seu diminuto corpo uma panela de água fervente que queimou seu destino em vários graus, decidindo seu futuro. Quinze dias convivendo conosco dentro do centro de urgência e, com a falta de sangue para fazer uma transfusão, teve sobre seu futuro um ponto final. Sou uma interrogação.

23 de fevereiro de 2009

7h. Hoje, troco de indicador de tempo. Sou 2.8 na escala da vida. Dia especial. Ganhei um bolo de aniversário dos colegas de casa e decidi compartilhá-lo com os pacientes do hospital. Pedi a Sonel que cortasse e distribuísse os pedaços do bolo. Comemorei com a extensão da minha família, família mundo.

23h. É meu dia de comemorar a vida e ainda estou no plantão do centro de urgência. Espero as vítimas da violência das festas de Carnaval, espero pacientemente a chegada daqueles que, por algum motivo, fizeram de sua festa a razão do meu trabalho. Em uma noite de chuva e calor úmido, sigo aqui, sentada em frente a este computador, esperando aqueles que, na tentativa de se divertir, acabaram por nos encontrar.

24 de fevereiro de 2009

Tenho passado parte das minhas tardes com Starline nos braços. Em seus tenros doze meses na Terra, a pequena foi abandonada na porta de um orfanato. Em um desses tantos orfanatos que aqui se propõem a guardar gente miúda que, por alguma razão, não foi bem-vinda por quem deveria lhe proteger. Sempre dói me aproximar dessas pequenas vidas, frutos de um abandono, mas tenho para mim que os pais são tão abandonados quanto aqueles seres que eles deixam nas casas de passagem. Desde que tenho acompanhado os cenários de miséria absoluta e violência extrema, penso no quão duro é uma existência inteira de abandono, e me pergunto como desenvolver afeto e carinho por algum ser vivo quando nunca se sentiu na própria pele a sensação de proteção. Com a proporção de mulheres violentadas por aqui, penso em quantas Starlines seguem sendo massacradas em ventres e casas e quantas são abandonadas por toda uma história. Da sua biografia, sei apenas que ela foi deixada na porta de um orfanato e que, por falta de alimentação e cuidados primários, está com desnutrição severa. Desde que chegou, não permite que ninguém a toque, as enfermeiras têm dificuldade de lhe oferecer tratamento por meio das intervenções em seu corpo fragilizado pela desnutrição. Ela segue por horas deitada no berço, como que em leito de morte. A primeira vez que a vi, passei um tempo observando-a antes de me aproximar, e ali entendi que algo no nosso mundo não era de seu interesse. Talvez quase tudo, visto que o entorno nunca havia lhe dado algo que não fosse dor. Neste dia, remexi meus bolsos procurando balões e balinhas, mas lembrei que ela não deveria

ter nenhuma familiaridade com meus vulgares instrumentos de trabalho. Aí surgiu uma ideia de desenhar um rosto no balão e me aproximar de sua vidinha solitária. Posicionei o balão na altura de seus olhinhos perdidos e comecei um diálogo com ela. O mundo que habitava era tão distante, que aparentemente a voz do balão não chegava lá. Fui aproximando as falas e o balão do berço, até que senti sua pele áspera de desnutrição. O bracinho fino e craquento não se mexia, mas, aos poucos, o rostinho foi se virando em minha direção. Deste dia em diante, Starline abriu um pequeno portal e nossos mundos foram se conectando.

Antes de começar a supervisão da equipe psi a cada manhã, passo no seu leito para desempenhar meu monólogo, visto que ela me acompanha com os olhos, mas não responde com palavras ou sons. Tenho para mim que em sua tenra vidinha não existiram trocas afetivas e verbais, e que ela ainda não sabe o que é investimento afetivo. Outro dia, quando me aproximava de seu berço, percebi que ela ensaiava erguer os braços como se pedisse que eu a segurasse. Naquele dia, alcancei o nirvana.

Mescla de sentimentos. Uma *melange* de sensações. Plenitude, desejo, paixão, interrogação, busca, conquista, afeto, parceria, ciclone de sensações, furacão de mundo. Hoje, sou presente, encontro e busca. Sigo construindo um mundo onde aqui, bem em frente, a felicidade está a esperar por nós.

4 de março de 2009

20h. Hoje é dia de se preparar para bater asas de novo. A missão vai tomando a forma de fim. Em poucos dias, vou partir e me repartir. Em pensamento, sigo cantarolando a música de Chico Buarque que diz: “Toda a alma de artista quer partir...”, sentindo-me, quem sabe, uma artista circense a desmontar uma lona furada e uma arquibancada enferrujada. Assim foi se fazendo a arte de deixar aquele lugar, a arte que aprendi, enquanto remendo minha lona interna, na tentativa de me proteger das intempéries da vida. Em cada partida, um encontro. Em cada encontro, uma inevitável despedida. Em cada despedida, um preparar-se para um novo encontro. Então, vou pintando no globo terrestre pequenos pontos coloridos para um dia saber que eu ali depositei a esperança de desenhar outro mundo possível.

Riso solto de quem entende que a plenitude está no presente da busca. Busca de um mundo que, ao sair de mim, encontra o universo que há no Outro. E que venham novos mundos, que saiam de mim as Outras e Outros que um dia guardei. Desvelo mais uma porção da potência que há dentro e fora de mim. Vou saindo em busca de uma janela, uma porta, uma fresta de existência. Deliciando-me com a arte de ser autora da própria biografia.

23h. Eterna.

6 de março de 2009

20h. Pesquei meu melhor pensamento de nuvem e segui para Martissant 25. Acho que já entendi o que é voar. É dia de despedida. Uma das tantas que vivi por aqui. Sonel, ainda no aguardo pela cirurgia que não podemos lhe proporcionar, perguntou se vou lhe abandonar. Com um olhar de tempestade, deixou-me na mão uma interrogação e uma ventania do lado de dentro. Disse que ficou sabendo que hoje é meu último dia de trabalho. Alguns dias atrás, falou para duas enfermeiras que iria morar comigo no Brasil, iria estudar e um dia seria médico para

trabalhar junto comigo. Ontem, ele me disse que tinha uma ótima ideia, que eu deveria alugar uma casa e morar junto com ele e com a Starline. A fala de Sonel me paralisou, e eu, que sou feita de palavras, deixei todas elas caírem no chão. Não achei nenhuma para devolver a Sonel.

7 de março de 2009

Partindo para a República Dominicana para amansar as ideias, antes de ir embora definitivamente. Volto em cinco dias para o Haiti, porque ainda há tempo de chegar.

10 de março de 2009

Passo meus dias a olhar o mar do Caribe. Tenho sido tomada por pensamentos de mar, desses que vão e vem. Desde que cheguei a Santo Domingo, percebo que não vim inteira, talvez uma porção importante minha tenha ficado no outro lado da ilha. Atravessar a fronteira dos dois países que coabitam esta pequena ilha foi como desvelar uma outra dimensão. Tenho estranhado tudo ao meu redor. É possível que eu tenha perdido muitas camadas de pele. Sinto-me exposta. Estou em carne viva. Aqui em Santo Domingo, pude sair sozinha pela primeira vez. Não há um esquema de segurança ou alguém para quem eu precise perguntar até onde posso ir. Dei-me conta de que por meses fui cerceada no meu direito de ir e vir e que provavelmente a maior parte das pessoas que lá vivem está cerceada por toda a sua existência. É como nascer em uma prisão e não saber que do outro lado da porta tem gente livre de ideais e direitos. Esta gente nasce, cresce e morre sem ter acesso a um mundo de escolhas, direitos e paz.

12 de março de 2009

De volta à casa haitiana. Entro dividida em uma chegada com perfume de partida. Preparando minha partida desta segunda missão. Dor de parto. Coisas boas nasceram deste encontro. Impossível esquecer. Desejando me lembrar. Inquieta por partir. Ainda há muito por fazer.

23h. Hoje foi a primeira vez na minha vida que pensei em ser mãe. Ser mãe! Ser mãe é uma construção que teve sua planta baixa edificada por Sonel. Fiquei horas divagando sobre a imagem daquele olhar de filho que me pediu para não deixá-lo sozinho. Sonel me disse que seria o melhor filho do mundo, o que na fantasia dele traduz-se em “limpar a casa e estudar”. Disse ainda que um dia seria médico e que viajaríamos juntos em missão com Médicos Sem Fronteiras. Que missão?! Seria eu justa comigo, e com ele, se fôssemos uma família? Uma família. Será que eu consigo assumir esta missão?

13 de março de 2009

TA CHEGANDO A HORA. É HORA DE PARTIR.

Passei parte da manhã me despedindo dos pacientes e da equipe de trabalho. Fui ao mercado informal logo cedinho e comprei muitas bandeiras do Brasil. Escrevi uma mensagem para cada uma destas pessoas que ficarão por aqui. Na sala de observação, Sonel ganhou a bandeira e eu ganhei uma das minhas fotos mais bonitas. Ele fez questão de ser carregado até a sala onde eu fico para me dar um abraço e tirar uma foto de despedida. Deixei dinheiro com Angelo, o

assistente psicossocial, para pagar as mangas e laranjas apostadas nos jogos de dominó que virão nas próximas semanas ou ainda para comprar alguma necessidade urgente, como um suco Tampico.

No jantar de despedida, toda a minha equipe de trabalho apareceu com as bandeiras do Brasil amarradas na cabeça. Fizeram cartas, gravaram CDs, colaram mensagens em revistas. E eu fiquei com saudade de amanhecer com a agenda cheia e os planos compartilhados.

14 de março de 2009, chegada em Aracaju

A caminho de casa, pego-me voando em minhas memórias. Durmo na cadeira de poucos centímetros de conforto e adormeço um sonho de missão. Logo na chegada, ainda no aeroporto de Aracaju, após densas horas de voo, aterrisso na cidade que escolhi morar. Avião descendo e minha cabeça repassando imagens como um projetor antigo de fotos. Ainda não acredito que se passaram apenas alguns meses. Tenho certeza de que alguns anos se passaram. Sinto-me mais velha. Como poderia ter eu vivido tanto em alguns meses?

Mochila nas costas, bolsa a tiracolo e cheiro de humano fermentado. Espero a abertura da porta na pequena sala de bagagens. Ninguém à minha espera. Ando na direção do ponto de táxi e meu olhar se fixa em uma cena de filme de baixo orçamento: duas loiras de salto alto, com seus cabelos longos esvoaçantes e uma garrafa de champanhe nas mãos, algumas taças de plástico, balões coloridos voando por entre outros passageiros e uma caixa de bombons. Não posso acreditar que estas loiras me aprontaram esta! Adoro gente sem noção, amo esta gente que não perde a oportunidade de fazer o inesperado, de se expor. Marina e Rose, como não amar duas pessoas tão cheias de vida?! Naquele instante, voltei para casa.

Ainda exalando cheiro de gente fermentada, aceitei ir para um bar onde outros amigos nos aguardavam. De frente para o mar, com o champanhe sobre a mesa e as taças em nossas mãos, faço uma imersão em um mundo de histórias desconhecidas para este lado do mapa. Em alguns minutos de conversa, as loiras me informam que alugaram para mim um apartamento no mesmo edifício que eu morava antes da missão. Colocaram meus móveis dentro do apartamento e arrumaram lençóis e toalhas limpas, água na geladeira e algo para comer quando retornar do bar. Não há narrativa que expresse o que é se sentir cuidada por quem se ama. E as pessoas ainda me questionam o que é família?! Família é isto, é estar em casa, é se deixar ser cuidada, e querer cuidar, é abraçar com a sensação de estar protegida, é não ter de sempre pensar em tudo. É isto, este tipo de gente que não precisa ter o mesmo sangue para sentir que é gente da gente.



Atendimento no centro de urgência de Martissant 25, Porto Príncipe, Haiti (24 de fevereiro de 2009)



MÉDICOS SEM FRONTEIRAS: HAITI — MARTISSANT

Durante o ano de 2009, os moradores das favelas de Porto Príncipe continuaram vivendo em condições deploráveis. Naquele ano, o Haiti registrava o maior índice de mortalidade materna do Hemisfério Norte — 67 mortes para cada 10 mil bebês nascidos vivos. A pobreza, combinada a um sistema de saúde praticamente privatizado, comprometeu os cuidados oferecidos às mulheres nas áreas que compreendem as favelas.

No Centro de Emergência de Martissant, MSF ofereceu cuidados médicos essenciais em um dos bairros mais afetados pela pobreza em Porto Príncipe, onde viviam 400 mil pessoas. Inaugurado em 2006, o projeto foi criado para responder às necessidades médicas resultantes do alto nível de violência armada na região de Martissant. Ainda hoje, as demandas são urgentes e as equipes atenderam, ao longo de 2015, cerca de 50 mil pacientes, dos quais 30 mil foram tratados por traumas acidentais e 5 mil por traumas violentos. Os demais casos estiveram relacionados com queimaduras, complicações obstétricas e outros ferimentos.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS ATUA NO HAITI DESDE 1991.

Médicos Sem Fronteiras é uma organização humanitária internacional que leva cuidados de saúde a pessoas afetadas por conflitos armados, desastres naturais, epidemias, desnutrição ou sem nenhum acesso à assistência médica. A organização oferece ajuda exclusivamente com base na necessidade das populações atendidas, sem discriminação de raça, religião, convicção política e de forma independente de poderes políticos e econômicos. Também é missão de MSF chamar a atenção para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas atendidas em seus projetos.


MISSÃO GUINÉ

9 de abril de 2009

Digerindo em doses homeopáticas as sensações vividas.

10 de abril de 2009

Passo de um lado para o outro as páginas do álbum de fotos da missão. Repasso as sensações que a imagem me traz. Olho cada uma como uma criança pobre que toma milk-shake pela primeira vez. Quero que este momento nunca acabe.

12 de abril de 2009

Em uma nuvem. Esperando para chover.

19 de abril de 2009

10h. A gente se acostuma pelo medo da simples possibilidade de se machucar. Acostuma-se para evitar o pus e o sangue escorrendo para fora do corpo, acomoda-se para fugir da cicatriz, do corte, quiçá para poupar a pele. A gente se acostuma para preservar a vida, que a passos rápidos e silenciosos vai seguindo este ritmo descompassado e que, de tanto se poupar, perde o próprio fio com que é tecida e ainda com a boca fechada pede um copo de qualquer coisa que nos faça esquecer.

22h. *A gente não vai sem medo, a gente vai apesar dele.* Essa frase representa bem o meu sentimento nas missões. O medo de ficar perdida, ser sequestrada, estuprada, permite que eu entre em contato com a realidade apavorante do espaço para onde estou prestes a ir, ao mesmo tempo em que me faz ter certeza de que jamais pensei em ficar. Poupar a pele e me resguardar para viver uma vida sem sentido nunca foi uma escolha, apenas um caminho a ser seguido: o da vida. E cá estou eu, seguindo o rumo da vida mais uma vez.

21 de abril de 2009

Hoje o meu sonho não faz silêncio.

24 de abril de 2009

E vai se fazendo tempo de partida em uma alma que se parte e reparte como se fosse um grande quebra-cabeça de imagens abstratas. Vai se conformando uma nova paisagem com a cor do vento e um cheiro de casa, e a alma vai costurando sorrisos e amanhãs. Tenho dois olhos que brilham: minhas únicas certezas.

25 de abril de 2009

Borboletas no estômago. É chegada a hora de voar.

26 de abril de 2009

8h. Dia ensolarado e quente. Passei na estante de livros da sala e escolhi um daqueles que há tempos espero para saborear com calma. Em seguida, acomodei com cuidado meu MP3 na sacola, carteira com algum dinheiro para comprar meu coco natural, protetor solar para garantir que minha cor pálida não se transforme em vermelho encarnado mais tarde. Enfim,

estou pronta para um dia de praia.

10h30. Enquanto alongava meu olhar na imensidão do mar, escutei um som abafado de telefone ressoando dentro da sacola. Alguém parecia querer participar do meu dia de férias. Um sotaque francês do outro lado da linha me chamou: "*Dêborra, é você?*". Meu coração acelerou ao reconhecer a voz que atende pelo nome de Dominique, e que é prenúncio de nova missão. Todos os meus mecanismos de alerta foram acionados.

— Estou na praia, tomando uma água de coco — respondi, deixando transparecer meu entusiasmo ao ouvi-lo.

— Você troca *seu aguá* de coco e vida de *prraiá* por uma *mission no Guinea*? — provocou ele.

— Guiné? Claro que troco. Quando?

— Vá *pro* sua casa *agôrra* mesmo que *sou* enviando um e-mail para *parrtír* amanha *mismo* — ordenou ele.

Carreguei o coco, a sacola e a toalha até o carro e comecei a me perguntar quais eram os países com os quais a Guiné fazia fronteira no mapa da África. Eu sabia que colar nas aulas de Geografia da professora Lia um dia trariam consequências. *Bom, nada que o Google não responda a tempo,* pensei.

Ignorando o promissor dia de praia, comecei a leitura do material que descrevia o histórico da missão e o perfil do trabalho que eu deveria desenvolver no local. Urgência nutricional na região da floresta da Guiné, esta seria minha nova missão. Minhas células vibravam. Sem pensar duas vezes, dei início à arrumação da mochila para partir no dia seguinte. Intensifiquei minhas pesquisas para me aproximar da cultura e dos hábitos do lugar. Depois, comecei a imprimir o material para ler no avião.

Meu novo trabalho? Seria auxiliar a equipe médica a compreender os porquês da desnutrição e auxiliar as famílias na recuperação física e emocional pós-desnutrição. E foi assim que meu desejo chegou à Guiné, uns dias antes do corpo.

28 de abril de 2009

Como de costume, desembarquei na Bélgica — em Bruxelas, para ser mais precisa — antes de chegar ao destino final da minha missão. Em estado levitativo, cheguei à sede de MSF no bairro de Jette. Com as pupilas dilatadas e meu sotaque brasileiro, confirmei junto à recepcionista a missão e a intensa agenda de reuniões que eu deveria cumprir antes da partida. Passei o dia no escritório de MSF, escutando atentamente os comandos da coordenadora da missão Guiné. Escutei orientações sobre segurança, respeito à cultura, recomendações da última equipe que visitou o país, dicas e sugestões de como intervir sem ferir a cultura, e, por fim, relembraram-me do enfoque familiar e cultural que eu deveria priorizar, uma vez que a desnutrição nem sempre é disparada pela ausência de alimentos. Na orientação da coordenadora, eu deveria atentar e estudar mais o caráter cultural, sazonal, étnico e religioso da desnutrição.

Para falar a verdade, eu nunca havia olhado para a desnutrição desta forma. Meus olhos foram se descortinando, como se estivesse no palco de um teatro mudo. Tentei não deixar pistas do quanto estava fascinada por fazer parte de uma equipe que não pensava apenas nas consequências corporais da desnutrição. Meu peito inflava quando pensava que, de todas as

psicólogas do mundo, havia sido eu a designada àquela missão.

30 de abril de 2009

Ventania esfriando minhas entranhas. 10ºC acusou o termômetro da estação de trens, contrapondo-se aos 40ºC que me aguardavam no dia seguinte. Assim fui me fabricando, na medida em que deixava a Bélgica e alcançava a Guiné.

2 de maio de 2009

Desembarcamos em Conacri, capital da Guiné. Junto a outros cinco MSFs, fui identificando que a vida não estaciona na fila. Nós seis, como crianças, permanecemos brincando; acho que se tratava de uma tentativa bem inconsciente de nos prepararmos para uma missão ainda não decifrada. Mantivemos as pupilas bem dilatadas e as pernas desassossegadas.

4 de maio de 2009

22h30. Escrevo às pressas, sorrateira como quem sai à francesa. Em tom de descoberta, relato as primeiras impressões de uma cidade que tem nas roupas e vestes as cores da aquarela. No ar, o odor dos peixes secos ao sol, e, no horizonte, o olhar longínquo que acompanha o largo sorriso de dentes de marfim.

A previsão é de que nesta semana nos deslocaremos para Beyla, onde delinearemos a intervenção de urgência nutricional. Aguardamos na capital, Conacri, um dos voos da ajuda humanitária internacional que semanalmente leva as equipes às proximidades da região da floresta. Assim, fui anoitecendo em uma cidade que demanda inúmeros alvoreceres antes da equidade fazer morada neste lugar.

23h. Passamos o dia a definir a melhor estratégia de intervenção. Mapas, canetas, blocos de notas, informações culturais, entrevistas com pessoas que fizeram a missão exploratória e muita discussão antes de entrarmos em algo próximo a um consenso. Somos poucos, entretanto, temos o principal: a disponibilidade de acreditar que este mundo também é nosso. Estamos fazendo o tempo gestar a si mesmo, uma vez que ele sempre se faz urgente. Enquanto o avião não aterrissa, imaginamos como será a paisagem da região que grita uma das facetas da fome.

23h30. Sinto como se fossemos plantar sementes, enquanto esperamos o tempo certo de colher. Um olho no futuro e um par de ações concretas no presente. Trabalhando a cada segundo como um relógio que trabalha dentro da gaveta. Despercebidos, mas cônscios do nosso papel.

5 de maio de 2009

7h. Neste instante de constante devir, permanecemos agrupados e preocupados. Um incansável transitar de corpos que se deslocam em muitas direções. Definitivamente, esperar não é a nossa virtude.

20h. Seguimos na expectativa da chegada de um dos aviões da ajuda humanitária. Tendo em vista que este é o período de chuvas, as estradas seguem intransitáveis. Faremos algumas visitas às regiões adjacentes à cidade de Beyla. Provavelmente, teremos ainda dois a quatro

dias de viagem de carro até chegarmos à fronteira com a Costa do Marfim. Vai se fazendo a construção de uma história com menos fome. A previsão do satélite aponta para a chegada de chuvas fortes em alguns dias, o que dificultará nossa missão de chegada, principalmente para instalação dos equipamentos e estruturas, bem como tende a inviabilizar a rota que nos levará da capital à fronteira guineana com a Costa do Marfim.

7 de maio de 2009

Ainda agora partiu a primeira parte da equipe rumo a Beyla. Serão quatro dias dentro de um carro com poltronas não reclináveis, sem ar condicionado, toaletes ou restaurantes em postos de combustíveis. A julgar pelo comportamento da equipe, pareciam estar saindo para uma excursão do ensino médio, no entanto, saem com a missão de preparar o terreno para a chegada das equipes que começarão os trabalhos nesta região. Como missão, esse primeiro grupo precisa encontrar abrigo para a nossa equipe, e, em seguida, comprar os equipamentos para receber aqueles que nasceram afastados do lado rico do globo e, por isso, não têm os direitos humanos (quase) universais assegurados. Enfim, partiram aqueles que encaram como riqueza a humanidade dos outros.

8 de maio de 2009

20h. Tenho apostado todas as minhas fichas neste jogo de viagem que comprei assim que me percebi independente. Eu o tenho utilizado para operar viagens tanto pra dentro quanto para fora de mim. Sigo viajando em busca desta imensidão de gente que habita o planeta, sigo andando com meus próprios pés, e neles curando as bolhas proporcionadas por um caminho escolhido por mim.

23h. Sigo em Conacri, neste momento selecionando parte da equipe nacional que trabalhará conosco. Ministrarei uma formação para “criar agentes psicossociais” em quatro dias. Como não encontramos psicólogos formados no país, decidi investir em pessoas com diferentes formações e com um “perfil de agente psicossocial”.

Por vezes, sinto-me como em uma fábrica de “inventar” horizontes. É um desafio imenso fazer com que a falta destes profissionais não se constitua em uma barreira para o cuidado. Serão pessoas que auxiliarão, principalmente, na estimulação psicomotora das crianças que estão em situação de desnutrição severa e moderada, além de auxiliar na identificação de problemas nutricionais relacionados ao vínculo das famílias com suas crianças. Dessa forma, sigo caminhando um passo, bem largo, por vez.

8 de maio de 2009

Finalmente, foi confirmado: na próxima segunda-feira, parto para a fronteira da Guiné com a Costa do Marfim, quando então me juntarei à equipe que ontem iniciou sua viagem de carro a fim de montar a base de suporte a missão.

Estou bem curiosa para saber o que irei encontrar por lá. Será minha primeira missão em um país muçulmano, por isso trouxe dois lenços e muita vontade de me aproximar dos conceitos construídos a partir do lugar que a religião ocupa no cotidiano das pessoas.

9 de maio de 2009

Terminei as entrevistas para a contratação da primeira parte da equipe que me auxiliará na construção da estratégia psicossocial. Enquanto repasso as fichas que preenchi, lembro que entrevistei hoje uma linda Dama Negra, que chegou com seu longo vestido amarelo de fibras de algodão com adornos de tecido oriundo do algodão de mesma coloração. Na cabeça, trazia como valor agregado lindos cabelos loiros comprados, seguramente de boa procedência. Impressionante a desenvoltura e a postura que apresentou, bem como a boa compreensão da psicologia por alguém que não é da área. Sinto-me satisfeita com os avanços da seleção. A chegada dessa Dama Negra foi um raio de sol neste tempo de chuvas intermitentes.

10 de maio de 2009

Domingo. De forma efervescente, passei o dia a montar estratégias e apostilas para a intervenção em Beyla. Amanhã é o dia em que aterrissarei nas proximidades da cidade. Passei e repassei teorias e intervenções que foram realizadas em países que vivenciaram situações similares. E como será essa realidade em que vou trabalhar? Sob que bases se apresentam neste perfil de fome? Neste momento, a inquietude é minha fiel companheira.

11 de maio de 2009

Partindo. Voando em busca de um novo tempo.

Acomodada como um apêndice na barriga do pequeno avião de 18 lugares, embarco com minha diminuta mochila e sorrio internamente. O piloto deu boas-vindas aos passageiros e fez uma piada antes da decolagem. Meu inglês e o sotaque dele eram tão incompatíveis, que até agora não percebi onde estava a graça.

Passada pouco mais de uma hora de viagem, pousamos no meio da floresta. Enquanto eu retirava minha mochila do avião, o piloto me perguntou se era mesmo àquela cidade que eu me destinava. Rapidamente, perguntei a ele se aquele voo não deveria ter uma parada única, e logo me dou conta de que não anotei o nome da cidade onde deveria desembarcar. O piloto listou seis cidades diferentes, com nomes como Nzérékoré, Kérouané e mais quatro nomes difíceis de pronunciar. Arregalei os olhos e vociferei internamente palavras que não se diz.

Desprovida de linha telefônica, radiofrequência ou sinal de internet, tentei pensar em como faria para saber o nome da infeliz cidade onde eu deveria desembarcar. Senti-me perdida. Sendo um pouco mais realista, eu estava perdida. Resolvi ligar meu radar mnemônico, que boa parte das vezes encontra-se fora de área de cobertura, entretanto, naquele cenário, parecia a única opção. Realoquei a mochila no bagageiro do avião e decidi apostar minhas fichas na próxima parada. Após aproximadamente 30 minutos, o piloto anunciou novo processo de aterrissagem. Com os batimentos cardíacos disparados, decidi ouvir minha intuição. Despedi-me do piloto e desci com a segurança de um analfabeto que precisa ler as placas para achar o caminho de casa.

Depois desse ato quase suicida, apertei as fivelas da mochila a fim de acomodar melhor seu peso junto ao meu corpo e me dirigi à estrada de terra mais próxima da pista de decolagem, que era similar às pistas clandestinas utilizadas pelos traficantes de drogas.

Tendo em vista que não havia nenhum sinal de que aquela região fosse habitada, tentei fazer

uso de sentidos pouco utilizados por mim em momentos de calmaria, como o olfato. Farejei e observei, como um cachorrinho abandonado, o que estava ao meu redor. Do meu lado direito, uma bonita plantação de cana-de-açúcar, do outro lado, a mesma coisa. Perguntei-me onde estariam meus colegas de equipe, que deveriam estar me esperando na pista. Padeci de leve desespero. Orientei-me de maneira a ser assertiva e buscar novas formas de sair daquele lugar.

Como que em um filme de suspense, o céu mudou como em um passe de mágica do azul ao preto — *da cor do meu futuro*, pensei — e a chuva torrencial caiu. Em poucos segundos, escutei gritos, eram gritos coletivos. Antes de buscar alguma explicação, fui assolada por outro tipo de chuva, desta vez a de crianças, que saíam às pressas do meio do canavial. Elas, assim como eu, queriam se proteger em todos os sentidos.

Começamos a tentativa de comunicação. Olharam-me como quem vê um animal raro, tocavam-me com as pontas dos dedos, como se minha pele as queimasse. Trocaram olhares e começaram uma nova aproximação. Depois, jogaram um abacaxi e uma batata doce próximo aos meus pés, tentando agradar este animal branco nunca visto antes.

Tentei perguntar se conheciam MSF, mas, sem falar francês e nem inglês, pareciam escutar um dialeto obsoleto. Então, continuei calculando internamente o tempo que levaria para pedir abrigo na casa de uma daquelas crianças, antes de o dilúvio dar uma trégua.

Duas horas mais tarde, ainda sob a chuva intensa, ouvi, como em um sonho, o ruído do motor de um carro. Em seguida, avistei no interior do veículo dois mzungus, ou gente branca como dizem por aqui, com seus sorrisos amarelos de desculpas. Os dois haviam se perdido na estrada que nunca existiu.

Agradeci, baixinho, a sorte que tive e me lembrei, animada, da profecia da minha vó, que seguia se cumprindo comigo: “A sorte acompanha quem não tem juízo!”.

12 de maio de 2009

Dormimos esta noite em Nzérékoré. Encharcada pela chuva e com bastante frio, eu estava ávida por um banho quente e uma toalha felpuda. A chegada ao alojamento improvisado na casa de moradores da região tornou evidente o abismo existente entre o meu desejo e a realidade. A realidade, neste caso, traduzia-se em um banho de caneca com água fria e de odor duvidoso, camiseta suja para secar o corpo e a inexistência de sabonete. No banheiro, uma fossa cavada na terra argilosa e a ausência de papel higiênico me lembravam da minha incompletude humana. Como substituição ao desejado papel higiênico, apenas uma chaleira plástica cor-de-rosa com água, para limpar aquilo que restou das minhas humanidades.

Ainda fui capaz de me atentar para o fato de que eu não poderia esquecer que teria de cuidar para utilizar mãos diferentes para higiene íntima e alimentação, uma vez que comeríamos parte das refeições sem os habituais talheres ocidentais. Eu, como uma matuta, comecei a me dar conta desses artefatos inventados para produzir um artificial “conforto”, e o quanto esses objetos refinados (papel higiênico, garfo, faca, colher, pratos, vaso sanitário...), que eram tão familiares e rotineiros, naquele momento me eram de um requinte imensurável. Percebi que aqueles instrumentos ajudam a ocultar nossa natureza mais orgânica. Tive a sensação de ser confeccionada de uma humanidade transgênica. Ainda ontem, todos esses itens me eram banais e invisíveis.

Interessante — não bom, que fique bem claro — poder retomar estas raízes inventivas e me dar conta do quanto sou humana. Nunca tinha pensado em utilizar minha mão *in natura* para me limpar depois de ir ao vaso sanitário. Comer com a mão sempre me pareceu desconfortável. Fiquei me questionando quando foi que inventamos tantas formas de nos esquecer de nossas origens ou ao menos do que somos capazes de fazer com nosso próprio corpo.

13 de maio de 2009

Estivemos na ilustríssima presença do *Monsieur Cheffe du Village*. Chegamos a um prédio que se assemelhava a um edifício abandonado, cuja estrutura logo denotava que havia sido construído no período da exploração colonial daquele país. Dentro dele, dois jovens soldados, aparentando ter entre 17 e 20 anos aproximadamente, confirmam que o chefe da comunidade estava lá.

Entramos na sala, ainda que estivéssemos ligeiramente certos de que havíamos entrado na sala de projeção de um filme, e nela nos deparamos com um homem robusto de meia-idade sentado em um trono coberto com pele de leão, chapéu de penas de pássaros e o couro de algum animal, que eu não soube identificar, como tapete. Ali estava, em pessoa, o senhor *Cheffe du Village*. Majestoso, surreal e imperativo foram alguns dos adjetivos que atravessam meu pensamento quando lembro a imagem deste senhor. Devido à formalidade que a situação demandava, ficamos por alguns instantes atônitos, mas logo nos lembramos do objetivo de estarmos diante daquele ilustre senhor. Então, solicitamos a permissão para entrar na sua comunidade e realizar os testes de desnutrição, para em seguida oferecermos ajuda humanitária. Pedimos ainda permissão para nos comunicar com todos os demais líderes comunitários para que a população soubesse o que estávamos fazendo e viesse a se beneficiar dos cuidados disponibilizados.

Autorização concedida. Até agora não sei onde eu deveria ter posicionado minhas mãos durante a reunião. Se fosse a rainha da Inglaterra, acho que eu saberia o que fazer, mas, com uma figura tão distante do meu cotidiano, sigo não tendo ideia de como deveria ter me portado. Saí de lá sem a certeza de que deveria ter me ajoelhado, beijado sua mão, feito alguma reverência, tirado o chapéu que eu não tinha. Nestas horas, prefiro acreditar que ser vista como a branca esquisita explica tudo. Saí da sala como quem sai de um transe.

14 de maio de 2009

Enquanto comprávamos os mantimentos para a equipe, encontramos um velho carro tracionado na cidade e um motorista que dizia saber o caminho que leva à cidade de Beyla. Tendo em vista que precisávamos de um carro extra para levar todos os mantimentos que compramos, contratamos os serviços do motorista e seguimos rumo à cidade foco do projeto. Quando já havia se passado seis horas de estrada de barro fofo, entre as árvores da floresta, caímos em um imenso buraco. A cratera aberta no meio da estrada media duas vezes mais que a altura do nosso jipe. Passadas cinco enlameadas horas no fundo do buraco — em todos os sentidos que a palavra buraco possa ter —, enfim passou um caminhão repleto de homens. Para a nossa sorte, eles se ofereceram para ajudar. Sem cordas ou cabos, todos os homens do

caminhão desceram dispostos a içar o carro com as próprias mãos. Contrariando a minha incredulidade, a tração humana nos fez sair do buraco. Já a salvo dentro do carro, lembramos que não havíamos comido o dia todo. Com a lama cobrindo até o capô do veículo seguimos até o vilarejo mais próximo.

Noite. Chegamos a uma cidade que, pelo tempo de rota, o motorista acreditava ser Zérékedou. O sol recluso fez emergir luminárias abastecidas com óleo diesel. A luz amarela que as luminárias emitiam provocavam uma sensação de que o tempo havia se estagnado. Encontramos um vendedor de churrasquinho, de uma carne não reconhecida por nenhum de nós, criativamente espetada em aros de bicicleta. Salivamos como os cachorros de Pavlov. Pedimos cada um dois espetinhos daquela carne duvidosa com um pão francês que, pela consistência, provavelmente havia sido importado da França ainda no período da colonização. Sensação bizarra de comer com a mesma mão que horas antes servira para limpar nossas humanidades. Sem banco, sem mesa, sem luz e sem perceber, já havíamos terminado nosso restrito manjar.

Perguntei se Pierrete havia identificado a origem da carne. Com sorriso de Monalisa, ela me respondeu: “Melhor nem perguntar, visto que aqui não existem vacas, porcos, cabras ou frangos. A ignorância é uma forma de sabedoria”. Foram sábias as palavras de Pierrete.

15 de maio de 2009

Estamos em Beyla. Sinto-me protegida por estarmos finalmente junto da equipe e também por não precisar dormir na floresta. Moramos em uma casa que destoa das demais casas de taipa da população. Nosso alojamento está localizado em uma das poucas casas de alvenaria existentes na cidade. Embora a casa esteja em construção e não possua acabamentos, tem uma sala ampla com cimento no chão, uma pequena cozinha com fogareiro e um banheiro. Os colchões ficam posicionados no chão da sala, dividindo a copa e o banheiro. A divisória entre os finos colchonetes, que se assemelham a absorventes femininos diários, se dá por meio dos mosquiteiros individuais fixados nas paredes com pregos.

Hoje, somos nove expatriados ao todo, cada um vindo de um canto do mundo. Somos da França, Bélgica, Beni, Haiti, Itália e Brasil. Esta diversidade de culturas, hábitos e rotinas divide o único banheiro improvisado. Temos despertadores para avisar o tempo de banho de cada um, para que todos se lavem antes de dormir ou trabalhar.

Com uma porta sem trancas, uma caixa d’água de 100 litros e as chaleiras plásticas, dividimos entre nós a água para o banho frio diário. Para preparar as refeições, temos uma cozinheira, que, por algum motivo, deita no chão da sala para tirar um cochilo no meio da manhã e novamente à tarde, além de sair correndo com um pano para nos cobrir, cada vez que percebe que saímos do banho enrolados em toalhas ou com roupas que deixam à mostra braços e colo. No final do dia, já com os primeiros sinais de que a noite vai se conformando, nós nos recolhemos, exaustos, e dormimos entre roncos e conversas.

17 de maio de 2009

Com o sol tórrido de 40 graus e a umidade constante, o cansaço chega rápido e rasteiro. Passo meus dias dedicada à sensibilização psicossocial na comunidade. Tenho dores em cada

centímetro dos meus músculos. Sensação de cansaço físico. Somente hoje foram nove horas de uma viagem onde os amortecedores foram os músculos do corpo. Como sacos de batata em carroças, sacolejamos e ordenamos nossos pensamentos um a um no ritmo das batidas que às vezes eram do solo, às vezes vinham do peito. Uma rota recheada de sofrimento. Enquanto a roda do carro girava, algumas crianças corriam estrada afora brincando de seguir a nuvem de poeira que o carro deixava para trás.

18 de maio de 2009

A estratégia mais difícil de organizar, até este momento, tem sido a de articular um consenso entre as inquietas e inquietantes mentes expatriadas desta equipe. Seguimos compondo o quebra-cabeça, que tenta montar sua primeira imagem de um processo de ressignificação do nosso próprio mundo.

19 de maio de 2009

Sob o mosquiteiro, à luz da lanterna.

Resto de gente. Acordei às 5h30, trabalhei sem parada para descanso até as 20h30 nas comunidades. Encontrei com 400 crianças, MUITA GENTE! MUITO CHORO! 15 horas sem comer! Chegamos em casa e fomos avisados de que não havia combustível no gerador para terminar as tarefas administrativas do dia, tampouco para a iluminação comum. A única refeição do dia foi feita à luz das lanternas. Tenho dor até na raiz dos pensamentos. Mantenho uma ânsia permanente de me banhar. Tenho a pele avermelhada pela terra colada pelo suor. Minha camiseta segue grudada no corpo depois de um dia todo de labuta.

Acredito que faz 15 graus lá fora, e eu, coberta de uma lama vermelha em cada um dos meus poros, só consigo imaginar a delícia que seria deixar a água caindo sobre meu corpo em um banho de chuveiro. Sonho poder tomar um banho de chuveiro! Deliro um pouco ao imaginar a água simplesmente caindo sobre mim, sem que eu precise encher caneca alguma ou carregar um balde pesado.

De volta à realidade, inscrevo-me na fila do banho. Assim como os demais colegas, posiciono-me próximo à saída da porta do banheiro para garantir meu momento diário de prazer e individualidade. Ainda que seja um banho frio, e com a mesma caneca que é utilizada para limpar as humanidades do sanitário, só tenho um plano para hoje: tomar banho.

10 min depois. Acabo de terminar minha meia ducha. No meio do banho, no escuro, percebi que não havia água suficiente, ainda com o cabelo duro de lama misturada ao xampu, decido dormir. Começo a me dar conta do quanto o invisível aos olhos cansa; do quanto o clima, a poeira, a miserabilidade das comunidades me fazem sentir a exaustão do corpo. Não consigo descrever o que me cansa, mas me sinto como a casca de uma fruta passada no fim da feira.

20 de maio de 2009

Estive o dia todo andando de comunidade em comunidade, avaliando a necessidade de cuidados psicossociais relacionados à nutrição. Fiz alguns grupos com homens e outros apenas com mulheres, visitei líderes comunitários e algumas mesquitas. Caminhei muito no sol e acredito que começo a entender um pouco mais sobre esta comunidade e seus muitos

significados e significantes.

Um dos momentos mais ricos do dia foi quando fui apresentada a algumas mulheres sábias, que me falaram sobre magia, certamente, apenas aquela parte que é permitida aos brancos acessar. Explicaram-me que quando uma mãe dá à luz a um bebê em noite de eclipse, com certeza a criança será desnutrida, porque carrega consigo uma maldição. Disseram-me que, por vezes, os feitiços produzidos por alguém da família ou da vizinhança assolam uma determinada família, e, então, um de seus membros padecerá de adoecimentos, o que inclui a desnutrição. Contaram-me ainda que quando um homem, muito provavelmente o marido, tem relações sexuais com a mulher durante o período gestacional, a criança pode padecer de desnutrição.

Eu nunca havia parado para pensar no peso inerente aos muitos significados do estar desnutrido. Estas informações são importantes para que eu entenda o que faz com que muitas famílias escondam seus desnutridos dentro de casa. A vergonha parece ser parte do fardo que se carrega por fazer do Outro seu espelho. Beira o inaceitável que nós, humanos, identifiquemos e julguemos os "pecados" e "feitiços" de outro ser.

A cada nova descoberta, percebo o quão ignorante sou. Percebo que todos esses anos de estudo pouco me facilitaram o entendimento deste universo singular que é o humano do mundo.

É como se, até hoje, eu tivesse lido apenas o lado A de cada livro. Onde estava o lado B de toda a literatura que devorei ao longo dos anos?

22 de maio de 2009

Continuamos a realizar a avaliação nutricional das famílias. Para nos assegurarmos de que não há pessoas "guardadas" dentro das casas, depois de explicar nosso trabalho, pedimos permissão para visitarmos as casas, que, em sua maioria, têm apenas um cômodo. Não nego que este procedimento me parece bastante policialesco e desrespeitoso com as idiossincrasias culturais, mas, ao mesmo tempo, entendo a preocupação da equipe médica de não deixar desassistidos aqueles que mais precisam da nossa ajuda.

As casas redondas de barro, cobertas com palhas, parecem, na minha limitada visão ocidental, iguais. Para nos certificarmos de que todas as casas já foram avaliadas, bem como suas crianças pesadas e medidas, marcamos as casas de barro com giz branco. Assim, sabemos identificar se já passamos por ali ou não.

As comunidades se organizam de forma circular, isto é, cada um dos círculos de casas é composto por um núcleo familiar. Normalmente, um homem habita sozinho um *tukul* (casa de barro em formato circular) e cada uma de suas mulheres vive somente com os filhos até que esses cheguem à adolescência. Apenas aos adolescentes homens é concedido o direito de possuir seu próprio *tukul*. As filhas adolescentes devem residir com a mãe até casar e ganhar o direito de habitar seu próprio *tukul*, junto aos filhos, claro. Refiro-me a mulheres no plural, porque nesta cultura a bigamia integra a realidade, sendo considerada um status de poder e virilidade do homem.

Segundo me foi ensinado por um dos representantes da comunidade, periodicamente, e de acordo com o interesse e disponibilidade do homem, a mulher frequenta o *tukul* do seu marido

para que tenham relações íntimas. A frequência das visitas deve respeitar a hierarquia da chegada da mulher no núcleo familiar e a quantidade de mulheres que o homem mantém sob a sua responsabilidade. Segundo meu informante, para que não haja discórdias no seio familiar, o homem deve ser justo e tratar todas da mesma forma.

Não posso negar que meus anos de militância feminista foram abalados por uma realidade que, até então, me parecia distante. Como é difícil perceber o mundo pela luz do olhar de outra cultura... Enquanto meu informante ia falando, meu cérebro produzia respostas automáticas como machismo, relações desiguais etc., outra parte do cérebro, porém, rebatia dizendo: “Este é o meu julgamento”.

Uma escuta não se faz com base no julgamento de quem ouve, mas de quem o sente. Tenho me empenhado para identificar onde está o ponto de destaque quando narram suas perspectivas, mas me descolar de uma trajetória de militância e reivindicação de direitos das mulheres é tarefa penosa para mim.

25 de maio de 2009

Dormimos esta noite no hotel do presidente. De acordo com o recepcionista-camareiro-vigia, este hotel foi construído para receber o presidente da Guiné (sabe-se lá em que década da história). Em um breve olhar de soslaio, percebi que existiam muitas vidas ali, ainda que nenhuma delas fosse humana. Havia aracnídeos, artrópodes e todos os demais insetos que coabitam aquele pedaço de floresta. Aparentemente, estes são os hospedes que mantêm a fidelização da “rede hoteleira”. As portas não têm fechadura, as janelas que nunca mais se abriram foram castigadas pela ferrugem. Não havia lençóis e as lamparinas a óleo diesel compunham o bucólico cenário daquela noite.

Pierrete decide repousar na suíte presidencial. Durante a noite, senti um carinho suave no rosto. Em um ímpeto instintivo, virei-me prensando no travesseiro uma aranha pouco menor que a palma da minha mão. Passei o restante da madrugada temendo ser acariciada por minhas colegas de quarto.

27 de maio de 2009

Estou angustiada por não perceber coesão na minha equipe. Somos dez integrantes, já contando com a chegada do novo enfermeiro. Compartilhamos o trabalho, a comida, o quarto e o banheiro. A overdose de convivência sustenta minha sensação de que nos conhecemos desde a infância. No avesso da proximidade física, é possível entender que alguns de nós não compartilhamos os significados da expressão “trabalho em equipe”. Sinto que nos desgastamos enquanto não falamos a mesma linguagem.

Reconheço em mim uma mescla de pertencimento e não pertencimento. Prazer em fazer parte de uma equipe que deseja ser útil para o mundo em que vive, mas tristeza de fazer parte desta equipe que não consegue entrar em acordo para trabalhar unida. Somos dez cabeças bem duras.

28 de maio de 2009

Caminho no meio das ruas avermelhadas. Muitas pessoas me observam. Pressinto um mar

de olhos que me seguem o tempo todo. Em um local onde 100% da população é negra, uma pessoa como eu é vista a quilômetros de distância. Em muitos momentos, desejo ser só mais um deles. Sem chance. Neste pedacinho do mundo, sou a Branca de Neve que não espera príncipe algum. Sigo escrevendo meu próprio conto, que, de vez em nunca, é de fadas.

29 de maio de 2009

Fui escutar histórias de vida e desejos de futuro. Apatia, desdesejo, descontentamento, não prazer, sentimentos relatados a mim pelos grupos. Encontro de diferentes culturas. Hoje, falei com muitas mulheres. Falamos sobre amenidades como: "a sorte de casar cedo", "a sorte de arranjar um marido", "quantos filhos Deus dá a cada um". Enquanto aprofundávamos as reflexões, tive a sensação de ser atingida por flechas de piedade lançadas pelas mulheres da comunidade. O olhar de dó projetado em mim se referia ao fato de que eu, aos 28 anos, já uma senhora de idade nos padrões locais, não tenho marido e nem filhos. Enquanto aproximávamos nossos mundos, por dentro eu me deliciava pela "sorte" de poder ser diferente.

30 de maio de 2009

Milhares de quilômetros de distância, mas já no caminho de volta para casa. A dois dias da chegada em Conacri, e coberta por uma densa camada de terra, percebo-me apaixonada por meu colega de missão. Sempre fui fiel ao princípio de não manter relações amorosas no local de trabalho, mas, faltando dois dias para terminar esta missão, eu me descobri apaixonada por um colega de trabalho. Encontrei nele uma alma escancarada para o amor.

Fiquei me perguntando de onde surgiu este sentimento. Talvez eu tenha me permitido acessar sua forma genuína de expressar afeto e se entregar ao entorno. A forma como abraça os motoristas ao se despedir e sorri com os olhos enquanto saúda as pessoas que passam por nós em meio à nuvem de poeira, a sua forma de compor as frases utilizando as palavras "trabalho" e "cuidado" quase como sinônimos... Este afeto gratuito pela humanidade desconhecida e desconexa transborda, compondo uma figura encantadora.

O homem por quem me apaixonei é daqueles homens grandes que nos envolvem como casacos em dias de inverno, que têm um andar firme e um olhar de gato de rua. Só ontem percebi que ele passa os horários de folga a brincar com os meninos na rua, parecendo mais um menino do grupo. Gosto do contraste de cores, ele branco em toda sua ancestralidade e os meninos, iluminados por uma negritude de ser menino.

1º de junho de 2009

Hoje tenho a alma leve e a pele ardida pelo sol. A cor da pele negra toma conta do meu sentir. Chegando da missão, exalando carinho pela África da ponta do pé à raiz do cabelo.

23h. "Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, não há ninguém que explique e ninguém que não entenda", escreveu Cecília Meireles. Levito. Apego-me a essa liberdade que nem sempre consigo traduzir em palavras. Um sentir de intensidade. Missão cumprida. Aterrissando na Bélgica ainda hoje.

15 de junho de 2009

19h11 (e-mail para as amigas de infância).

Seguem as novidades da parte que me cabe neste latifúndio. Retornei... não, talvez a palavra mais fidedigna para esta frase seja nasci. Nasci viva e exultante por concluir a missão na Guiné. Nesta comemoração, fiz um tour pela Bélgica e, na sequência, decidi passar dois dias na Irlanda para beber um chope com meu amigo Pintinha.

Na chegada em Aracaju, eu me dei conta de que sou uma moradora de rua, visto que o apartamento onde eu havia deixado meus pertences está fechado e as chaves estão em São Paulo. Sendo assim, mantenho a mochila dentro do carro e troco de roupa na casa de amigas a cada dois dias.

Aproveitando este momento, onde não tenho um lar para chamar de meu, aceitei o convite para trabalhar com MSF em Pernambuco e, nas semanas após a este trabalho, estarei na República Democrática do Congo, em uma missão junto aos deslocados internos da região de Haut-Uele. Sigo por aqui, me preparando psicologicamente, se é que alguém é capaz de se preparar para a barbárie humana.

16 de junho de 2009

E eis que elas, as ditas asas transparentes, tecidas de ar e vento, preparam-se mais uma vez para alçar voo.

Vida para elas.

20 de junho de 2009

No Brasil, junto ao mar. À espera do novo destino. Louca para sair por aí.



Grupo na comunidade, Beyla, Guiné (20 de maio de 2009)



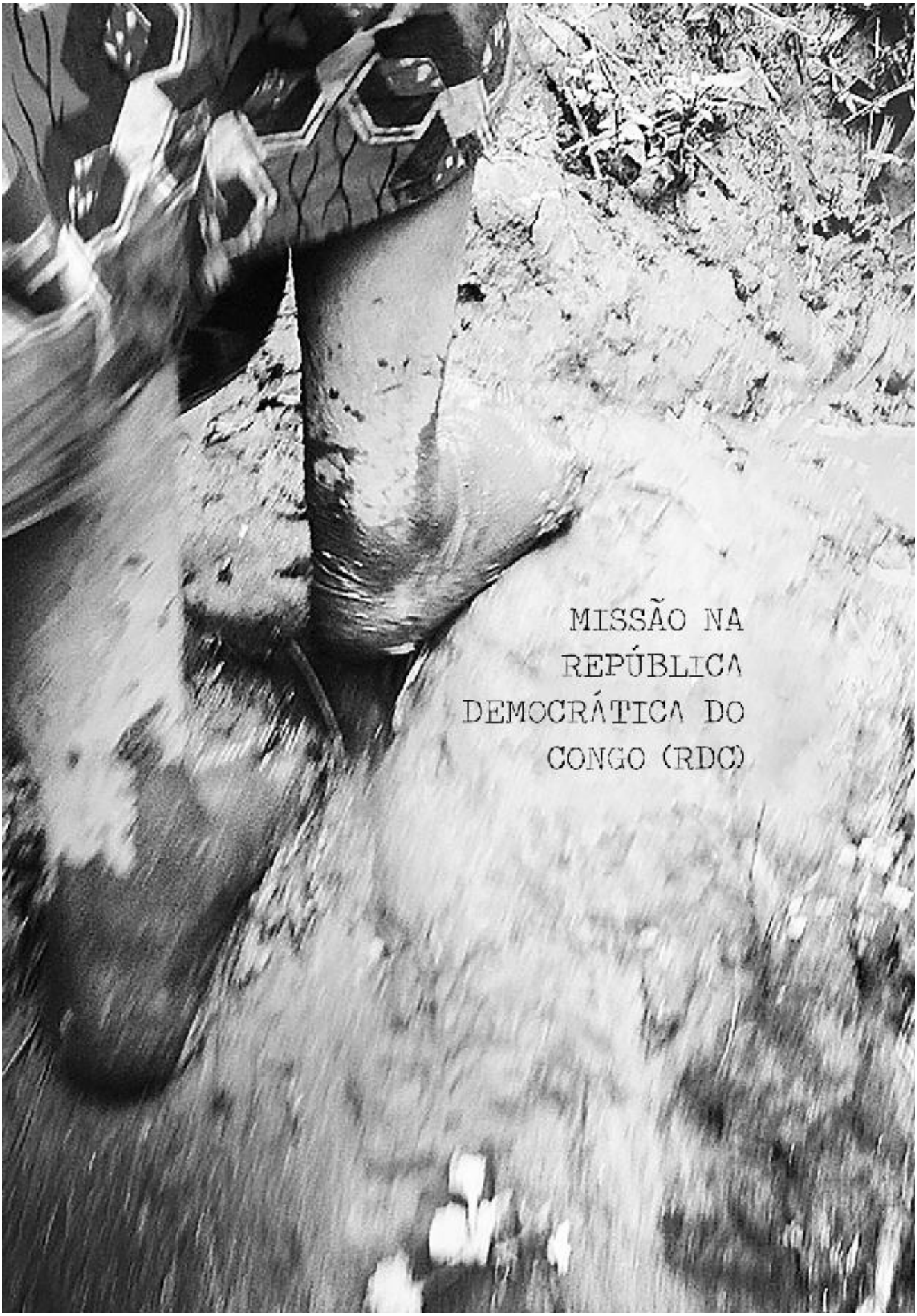
GUINÉ

Em abril de 2009, uma equipe de Médicos Sem Fronteiras atuou no país brevemente em resposta ao que foi considerado, inicialmente, uma crise nutricional em Beyla, próximo da fronteira com a Costa do Marfim. Já em setembro daquele ano, forças governamentais reprimiram violentamente uma manifestação em Conacri, capital da Guiné. O confronto deixou 150 mortos e centenas de feridos, o que sobrecarregou os hospitais locais no dia 28. A resposta de MSF envolveu a doação de suprimentos médicos aos hospitais e centros de saúde locais, além de assistência na triagem e no tratamento de feridos. Mais de 400 pessoas foram tratadas na ocasião, um terço das quais com ferimentos graves. Um centro para cuidados médicos e psicológicos foi estruturado por equipes da organização. A instabilidade política se prolongou durante todo o ano e a pobreza e o acesso limitado a cuidados de saúde de qualidade continuaram afetando a vida da maioria dos guineanos.
Em 2014, a Guiné foi um dos países mais afetados pela maior epidemia de Ebola na África Ocidental, e MSF esteve entre as principais organizações lutando contra a doença. Até o final de 2015, MSF manteve atividades de vigilância para continuar o combate à doença no país, além de se envolver em estudos sobre vacinas e a infecção em si.
Desde 2003, MSF também oferece tratamento para HIV na Guiné, tendo sido responsável por assistir, em 2015, um quinto do total de pessoas em tratamento em todo o país.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS ATUA NA GUINÉ DESDE 1984.

Médicos Sem Fronteiras é uma organização humanitária internacional que leva cuidados de saúde a pessoas afetadas por conflitos armados, desastres naturais, epidemias, desnutrição ou sem nenhum acesso à assistência médica. A organização oferece ajuda exclusivamente com base na necessidade das populações atendidas, sem discriminação de raça, religião, convicção política e de forma independente de poderes políticos e econômicos. Também é missão de MSF chamar a atenção para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas atendidas em seus projetos.

N
O
L
S


MISSÃO NA
REPÚBLICA
DEMOCRÁTICA DO
CONGO (RDC)

10 de julho de 2009, já no avião, a caminho da RDC

Indo ao encontro de uma humanidade que ainda desconheço. Conflito armado, rebelião, fuga, sequestro, violência sexual. Eis as palavras que permeiam o contexto da minha nova missão. E o caminho vai sendo trilhado junto à vida na República Democrática do Congo.

11 de julho de 2009, Isiro, República Democrática do Congo, África

Em algum futuro onde ainda há tempo de ser hoje.

Minhas pálpebras pesadas teimam em se fechar. Meus olhos deixam evidente o cansaço acumulado nos 15 dias de viagem, desde que saí do Brasil rumo a Niangara, no coração da África. Com o encantamento de quem desvela uma terra desconhecida, inicio meu primeiro diário por estas terras isoladas.

Sentada na cadeira de plástico, coberta por uma fina camada de poeira avermelhada, começo a escrever. Próximo à soleira da janela do meu quarto, que exala uma fragrância marcante de pelo de morcego, e com a vista para uma grande extensão de capim selvagem, busco inspiração. Desde que deixei minha casa aracajuana até este momento, estes são meus primeiros sessenta minutos em que me encontro fisicamente sozinha.

Nesta trilha, cada parada vai se conjecturando em degrau e escola. Ao deixar para trás as 14 horas de viagem entre Aracaju, São Paulo e Bélgica, senti-me pronta para os três dias de reuniões em Bruxelas e para receber as primeiras informações sobre o local, a equipe, a demanda e as particularidades da urgência. Somaram-se a estas primeiras horas de voo, mais 11 que separam as imaginárias linhas entre Bélgica e a RDC.

Entre o somatório das horas voadas e da diferença de fuso horário, sigo atordoada, com aquela sensação de ressaca cronológica. Enquanto ainda tentava chegar ao meu destino final, permaneci cinco dias na capital Kinshasa, a fim de participar de reuniões junto à equipe de coordenação e articulação da estratégia de intervenção. Nesses encontros, foram compartilhadas as especificações atualizadas e orientações sobre novas definições e rumos, as últimas urgências na região, os riscos à saúde, a situação atual do conflito armado e os cuidados com a segurança que eu devo seguir. Para falar a verdade, antes de realizar este tipo de trabalho, eu nunca havia pensado na imprescindibilidade de analisar as questões políticas, financeiras e o histórico sociocultural das diferentes regiões do globo como prerrogativas essenciais para as estratégias de cuidados psicossociais.

Retomando o passado recente, lembro que há algumas horas entrei uma vez mais nas entranhas de um avião. E em três horas, finalmente, desembarquei na base de apoio de MSF na

cidade de Goma, fronteira com Ruanda, onde fizemos a parada operacional, para receber materiais, novas orientações sobre a missão, bem como sermos atualizados sobre a situação da violência na região.

O relógio marcava meia-noite e meia de um tempo surreal quando nos deslocamos até nossos quartos compartilhados. Este ingrato, o Sr. Tempo, travestido de fuso horário diferente, fez com que saíssemos mais cedo do que o corpo aceitava, às seis da manhã. Ainda sob a densa neblina que cobria o lago em frente à casa, saímos sem ver a luz do sol. Partimos rumo ao aeroporto para mais duas horas de voo. Destino final: Isiro. Chegamos à terceira base de apoio de MSF antes de subirmos nos carros tracionados e seguirmos para mais sete horas de estrada de terra em uma imersão de poeira e lama até Niangara.

Nesse redemoinho de fusos, o dia da semana ou o horário do relógio de pulso que carrego comigo já não têm significado. O aqui se constrói com tijolo de ação, cimento de desejo e convicção sólida. De certeza, somente a de que estou viva e conectada a um mundo recheado de desigualdade. Assim o dia vai se agregando em hoje e nós vamos colocando algumas pedras no caminho de algum futuro para chamar de nosso.

16 de julho de 2009, Niangara (e-mail enviado aos amigos)

Prato do dia

Levantamos junto com as galinhas e regressamos à estrada. Desta vez, o destino seria a rota de Seiko rumo a Niangara, onde está localizada a sede do projeto de emergência de MSF. Sacolejamos como frutas em caixas durante as oito horas de rota em uma estrada de lama no meio da floresta congolesa. Em nossa única parada, de vinte minutos, aproveitamos para comer a refeição que mantínhamos acondicionada em sacolas plásticas.

Como prato do dia foi “servido” macaco assado e cabra com pimenta, acompanhada de banana no azeite de dendê — banana esta que deixaria qualquer baiana de acarajé surpresa com a quantidade de óleo que é capaz de absorver. Confesso que quando vi todo este manjar dentro de uma sacola verde, meu apetite, que estava mais do que aberto, teve uma redução de 80% na escala Noal. Contudo, já fazia cinco horas que eu havia ingerido uma xícara de chá de capim-cidreira sem açúcar e 1/8 de um fóssil de pão.

Estava evoluindo com a minha dieta equilibrada pela fome quando avistei a cabeça do macaco dentro da sacola. Naquele instante, fui tomada por um choro reprimido. Lembrei que em minha infância e adolescência, isto é, por 15 anos, o macaco Chico foi membro da minha família. Era o mesmo que comer um familiar. Bem ali, o apetite se fez remorso e não fui capaz de degustar o finado Chico.

Saciada de desgosto e com o estômago oco, segui rumo ao carro até ser abordada por um filhote de chimpanzé. Ele, como todos os demais membros da comunidade local, estava boquiaberto com aqueles dois brancos, Manu e eu, no meio do grupo de outros sete colegas negros. O pequeno chipanzé cheirava, tocava nossos pés e corria, como se nossa cor manchasse sua mão. O filhotinho parecia encantado com a descoberta do dia: brancos

na floresta. Sigo ainda impactada com este encontro.

Enquanto escrevo, o sol já foi descansar. E cá estou, no convento de Niangara, construído aparentemente na década de 1950, de onde o tempo parece não ter saído. Nossas acomodações são formadas por uma dezena de pequenas celas, duas salas de banho e três sanitários, a serem compartilhados pelos 18 membros da equipe (nós e mais 9 colegas que já estavam nos aguardando). Já me sinto quase à vontade nesta que será a minha casa nas próximas semanas.

Sentada em uma cama menor que a de solteiro, comecei esta narrativa. A cama tem exatamente dois palmos além da minha largura, e é sustentada por quatro tijolos de barro. Como "adicional de luxo", possui um colchão que me permite dizer com quantos ferros foi composta sua base. Sou capaz de sentir cada um deles marcando meu corpo.

Bem instalada e com uma sensação de quem começa uma nova jornada de descobertas, vou me aninhando no meu cômodo, ao aguardo do fim do horário de iluminação proporcionada pelo gerador. Como companhia, tenho a imagem do finado Chico, assado: o prato do dia.

18 de julho de 2009 (e-mail escrito à família)

Fazendo um futuro, ainda que isso signifique simplesmente amanhã. Meu pensamento despertou num turbilhão de sensações. Hoje foi um daqueles dias em que se faz nó de pensamento, do tipo que a gente busca saber como podem acontecer. Foi dia de tentar entender como é possível viver toda uma existência baseada em premissas de aflição, tortura, sofrimento e medo.

Passei parte da minha noite de sábado a tricotar uma imagem que desse sentido à malha de medo em que a população deste país está envolta. São centenas de pessoas que passam 24 horas do seu dia escondidas dentro da mata, vestidas com pedaços rasgados de um pano qualquer, que permanecem comendo apenas o que a natureza pode lhe oferecer no momento: carne de macacos mortos a pedradas, frutos caídos no solo e alguns míseros tubérculos que a natureza oportuniza àqueles que mendigam a própria existência. São pessoas que não têm direito de planejar, organizar ou escolher a própria vida, onde o futuro é uma palavra que tem pouco sentido. Neste pedaço de mundo só é permitido pensar em algo que possibilite garantir a vida no aqui e agora.

Saciar a fome enquanto fogem de grupos armados, que aterrorizam a população com os saques, as chacinas e os estupros coletivos é, na maior parte do tempo, a única opção de cada dia. As torturas físicas, psicológicas e as violações às meninas de 8, 12, 14 anos, bem como a sórdida escravidão sexual a que são submetidas durante as várias semanas, meses ou anos em que ficam confinadas em poder dos grupos armados, são uma rotina que massacra toda e qualquer forma de vida neste lugar.

Enquanto as meninas são mantidas como escravas sexuais, os meninos são forçados a carregar munições e mantimentos para os soldados, entre outros materiais que serão utilizados para impor o medo às suas próprias famílias e comunidades. Escoltados por

seus torturadores, caminham durante vários quilômetros na floresta densa, sob a mira das mesmas armas que exterminaram outros humanos.

Aqui residem os descendentes do medo, que se faz presente em suas carnes expostas desde o dia em que nascem. Eles, os donos desses rostos que não posso traduzir em números, me são caros e promovem uma avalanche de afecções. Quando paro pra acomodar as múltiplas narrativas com que me deparo todos os dias, acredito estar vivendo dentro de um sórdido filme de terror. Enquanto contam com dificuldade suas histórias, posso assistir à musculatura rígida transpor em palavras doloridas aquilo que há muito tempo vem dilacerando sua carne.

Questiono-me a todo o momento sobre este rascunho de vida que se tem por aqui. Quando foi que deturpamos, dessa forma, o mundo dessa gente invisível que um dia pode vir a ser cidadã? E assim vão tendo sua autoestima desconstruída, seu poder de refletir esmagado. Assim seguem eles, talhando à faca o prenúncio da morte.

Trabalho ciente de uma ferida que não posso cicatrizar. Trabalho na esperança de que eu seja parte de uma força motriz que tenta oferecer acolhimento a uma gente que deseja um dia a mais. Assim vai acontecendo um ensaio de futuro, ainda que isso signifique simplesmente sonhar com um amanhã que nunca chegará.

19 de agosto de 2009

Não consigo adormecer. Passei o dia todo escutando indigeríveis histórias de tortura e crueldade. Esta manhã, muito cedo, uma senhorinha de aparentemente 70 anos de idade, porte pequeno, vestida de trapos, com seu cabelo raspado e olhar de agonia, esperava-me com os pés descalços e um galho de árvore como cajado no portão da nossa casa.

Ainda dentro do convento, deparei-me com aquela cena, antes até do café da manhã. Mesmo que não falássemos a mesma língua, escutei pacientemente a expressão de suas poucas palavras e suas muitas linguagens. Era Helene, que acabava de chegar após incontáveis dias de caminhada solitária na floresta congolesa. Em uma fuga descabida, Helene, que até agora não permite afirmar do quê ou de quem fugira, exalava um forte cheiro de pavor. Com seu corpo em frangalhos, ergueu algumas partes dos trapos que lhe cobriam o corpo expondo apenas as feridas que qualquer um poderia enxergar. Seus pés envelhecidos estavam descalços e padeciam com secreções purulentas.

Helene sangrava por dentro e por fora sua narrativa. Enquanto me mostrava as feridas, deixava evidente o ventre enrugado pela idade e pela fome, dando sinais de que não comia havia muitos dias. Helene pedia ajuda para existir; surpreendentemente, ela queria viver. Contou-me ainda que era viúva, que tinha filhos e que todos eles haviam desaparecido. Apontando para Deus, ou para o lugar de onde ela acreditava que Ele deveria estar assistindo à sua saga, dizia que havia sido a vontade d’Ele. Contou que as meninas e os meninos foram sequestrados, e que ela não tinha ideia de onde poderiam estar. Ouvira das muitas vozes da floresta que todos eles haviam sido mortos. Helene provavelmente sabia o destino de cada um dos filhos, mas, como não existiam corpos, a dúvida era sua melhor possibilidade.

Entrei no refeitório, que cheirava a madeira velha e mofo, para pegar algo que ela pudesse comer. Como de costume, ao último a fazer sua refeição não havia nada a escolher, exceto a

garrafa térmica chinesa de chá de capim-cidreira sem açúcar. Perguntei à cozinheira o que poderíamos oferecer a Helene, e ela me mostrou a despensa vazia, sugerindo que Helene aguardasse nossa próxima refeição. A cozinheira finalizou dizendo que se estivéssemos com sorte, conseguiríamos comprar sementes e grãos na feira itinerante. Naquele instante, o desespero de Helene era também o meu.

Fui buscar junto a outros expatriados e encontrei finalmente algo para ela comer. Suas mãos grossas traziam nas fissuras a história das perversidades recentes. Conseguimos abrigo em uma casa próxima e fomos ao hospital para que ela fizesse uma consulta médica. Na saída da consulta, uma lágrima escapou de Helene, e ela me surpreendeu com um abraço. Segundo ela, um abraço de gratidão para a branca que oferecia segurança. Despedi-me de Helene com a sensação de ter ficado pequena diante da magnitude de uma dor solitária.

E como o dia de hoje parecia não ter fim, no início da tarde, enquanto atendia outros deslocados internos que chegavam, recebi Gadra, uma menina de 8 anos de história e uma estatura próxima a das meninas de 5. A pequena, de aparência frágil e olhos receosos, foi violentada sexualmente ontem. A mãe viera com ela (caso raro por aqui) e contara as cenas de pavor. Na fala da mãe, uma expressão de culpa por ter deixado a menina sozinha em casa enquanto trabalhava no campo. A mãe, assim como eu, sabe que estar junto à filha no campo não seria, tampouco, garantia de que ela estaria a salvo, visto que a maior parte das mulheres por aqui é violentada enquanto trabalha ou retorna das plantações. Muitas mulheres relatam ainda que os violentadores as estupram no caminho da roça à residência, enquanto mantêm os bebês amarrados ao corpo da mãe violada.

A mãe disse que a menina é responsável por cuidar dos irmãos menores, e compete a ela também fazer a comida e os serviços da casa, uma vez que a mãe e o pai trabalham na roça. Depois, contou que ela e o pai têm plantado cada vez mais distante de casa, visto que os ataques têm destruído parte do que eles vêm plantando nas redondezas, e que, por essa razão, saem muito cedo e voltam quando o sol já não esta mais lá.

Na noite de ontem, quando os pais retornaram, a menina contara à mãe que um homem estranho colocara algo ruim dentro dela, e que ela estava sangrando. Quando a mãe perguntou sobre o que era essa coisa ruim, a menina falou que estava dentro da calça dele. A mãe soube por uma vizinha que outro dia ouviu-se uma história parecida com uma criança de um povoado próximo. A mãe procurou nossa ajuda depois de ouvir pela vizinhança que uns brancos ajudam a curar este tipo de “problema”.

A menina não disse uma palavra até que eu inflasse um balão e conversasse com ela como se eu fosse o balão. Ela me olhava como se eu estivesse louca, pois, na terra dela, não existem balões, e menos ainda balões que falam com crianças. Na terra dela, um adulto não se curva diante de uma criança; na terra dela, o maior e o mais forte não lembram como é ser pequeno ou frágil. Então o balão disparou o processo de vínculo, e eis que ela abriu uma pequena fresta de confiança. A partir dali, começamos o processo de cuidado. Enquanto Gadra era atendida pelo ginecologista de MSF, dentro de mim sua narrativa ardia.

20 de agosto de 2009

Estive com medo o dia todo. Passei o dia na comunidade de Wawe, onde me afirmaram que

grupos armados haviam sido avistados a poucos quilômetros do centro da cidade. De acordo com os moradores, é certo que esta noite vai haver ataque a Niangara, onde estamos. Contaram que, no entardecer de hoje, eles vão colocar os barcos na margem direita do rio, lado oposto de onde deverá vir o grupo armado, e que os homens da comunidade passarão a noite ao relento, do outro lado da ponte, preparando a defesa da cidade com seus paus e pedras.

Um dos senhores mais antigos da comunidade me disse ainda que praticamente todas as mulheres já atravessaram a ponte, a fim de dormir em segurança na beirada da ponte que liga Niangara a Wawe. Aos homens resta repousar no bairro de Wawe para evitar que os bens sejam saqueados. Os bens deste povo se resumem a uma cama de bamboo, ou rede tramada, uma palhoça de taipa e alguns tubérculos e frutas colhidas perto de suas casas.

Eu fico me perguntando: "*Como alguém pode arriscar a própria vida para salvar estes bens?"*. Fiquei pensando que isso acontece também conosco; muitas vezes, arriscamos nossa existência para "salvar" o que acreditamos que são "nossos" bens palpáveis. Como podemos fazer isso? Como nós, humanos, não somos capazes de transcender ao palpável e às prisões que nos impomos em nome do material? Sigo não entendendo. Como nos acostumamos com esta rotina de ausência de vida? Como romper com esta cultura que nos dilacera a cada dia?

21 de agosto de 2009

Exausta. Meu corpo beira o limite. Não é difícil ser tomada pelo cansaço quando passamos o dia sob um calor úmido que provavelmente ultrapassa os 40 graus, andando pelas comunidades miseráveis e escutando biografias que sangram. Somam-se a essa conjuntura as calamitosas condições de alimentação, sono e lazer de que dispomos aqui. Faz dias que como apenas banana seca frita no azeite de dendê e café preto ou chá de capim-cidreira no café da manhã, com fufu, que é feito de algum carboidrato, como a mandioca, e um pouco de pondu, uma espécie de cozido da folha de taioba com muito azeite de dendê e pimenta. No jantar, requentamos as sobras que ficam armazenadas dentro das panelas e são guardadas no armário, visto que não temos geladeira.

Esta manhã, enquanto olhava a banana posta à mesa, senti raiva. Delirei enquanto desejava comer pão com manteiga e leite quente. Aqui não existem vacas e o leite de caixinha é algo nunca visto. Todo o comércio pelas redondezas é feito apenas do que é produzido na região, e, com o começo dos ataques, todas as produções têm sido afetadas. As feiras vendem pequenos maços ou um punhado de cada coisa. A medição é feita pela palma da mão do vendedor, encarnada do tempo.

Nossa equipe de logística, que até aqui é toda congolesa, tem encomendado comidas de outras áreas próximas a Niangara, no entanto, o avião que deveria trazer equipamentos e comida não consegue pousar há mais de 15 dias devido ao mau tempo, ao clima e ao conflito armado. O banho noturno é sempre feito com uma caneca de alumínio com água fria, quando, ao contrário do meio do dia, faz muito frio. Esse desolador cenário permite, ainda que de forma árida, que nós também possamos sentir uma pequena parte da astúcia que é ser congolês em tempos de conflito armado. Já no fim deste parágrafo me percebo sorrindo. Apesar de parecer incongruente sorrir em meio a tantas penúrias, termino o meu dia com a certeza de que, de todos os psicólogos do mundo, sou eu que estou hoje aqui, compartilhando uma aflição que

é de todos nós. É uma sensação de querer estar perto para dividir a dor com as pessoas que amo. Por mais que racionalmente eu saiba que o que faço é ínfimo e fugaz diante de tamanha dor, estar perto em uma hora de sofrimento é minha forma de dizer que eles não estão sós.

22 de agosto de 2009

Começaram a arrumar um espaço para a atenção psicossocial.

Ontem, discuti calorosamente com um dos logísticos da nossa equipe, o mesmo que já ironizou a boa condição da sala psicossocial. Desde que cheguei a Niangara, atendo pessoas que precisam de um atendimento individual em um toalete desativado do período colonial. Quando cheguei, todas as salas do antigo hospital, que fora construído àquela época para atender os trabalhadores brancos que ali viviam, estavam ocupadas por algum tipo de atendimento ou procedimento, e a mim acharam justo disponibilizar um toalete de 2 x 1,5m com direito à presença do próprio vaso sanitário, que tento disfarçar com um lençol.

A pessoa atendida e eu ficamos no chão quando as cadeiras estão sendo ocupadas por alguém de outro consultório, ou uma de nós se senta no vaso sanitário. Aparentemente, este cenário não choca as pessoas atendidas tanto quanto a mim, possivelmente pelo fato de que os vasos sanitários não serem parte de suas rotinas. Por vezes, penso que para eles, que usam apenas latrinas em casa, a presença do vaso, que tanto me indigna, talvez seja somente um estranho artefato de decoração de brancos. Para mim, é gritante a indignidade dessa condição de acolhimento.

Finalmente, parece que vou me libertar deste infeliz sanitário. Andei no meio do capinzal e encontrei outra sala desativada, que, com uma boa reforma, vai se transformar em uma sala para o acolhimento de atenção psicossocial. Então, poderemos reunir grupos e fazer outras atividades mais lúdicas. Já anunciei a descoberta à equipe, que não entende os motivos de tamanha alegria. Como eu não poderia estar feliz de sair de um sanitário para uma sala? Aparentemente, as reflexões sobre humanização, políticas de acolhimento e ambiência nunca foram pauta desta equipe. Proporcionar a sensação de ser acolhido e protegido por um ambiente é a razão da minha luta neste espaço-tempo chamado hoje.

23 de agosto de 2009

Levei os logísticos pela mão, no sentido literal, até que iniciassem as obras de construção do meu espaço “humanizado”. Contrataram muitos deslocados internos para começar a cortar o capinzal que ultrapassa a minha altura. Farão um caminho entre o hospital e a sala de saúde mental. Encomendei panos artesanais, tecidos parecidos com a chita brasileira, e convoquei as mulheres da cidade para arrumar a sala junto comigo. Estamos orgulhosas do nosso feito. Nunca consegui entender a dificuldade que muitas equipes de saúde têm em perceber que a ambiência de um lugar também é um modo de cuidar. Esperar as pessoas com um espaço acolhedor é por si só a primeira maneira de dizer: *“Eu me importo com você”*. Ao fim da mudança, comecei a exalar um cheiro forte de humano, mesclado ao odor fétido dos excrementos de morcego. É um desestímulo lembrar que o banho de caneca e água gélida me aguarda. Tenho vontade de abandonar o corpo quando penso nesse banho.

24 de agosto de 2009

Dias atrás, convidei as meninas que atendo no serviço de violência sexual do hospital para fazer um grupo. Elas têm entre 8 e 17 anos e partilham uma ferida na alma por terem sido violentadas sexualmente há menos de três meses. Em um primeiro momento, resolvi convidá-las por faixa etária, mas percebi que, mesmo quando não convidava todas, todas apareciam. Decidi perguntar a cada uma como souberam da existência dos grupos. Uma delas me contou que, como a cidade era muito pequena, todas se conheciam e compartilhavam de alguns códigos, sendo o da violência sexual um deles.

De acordo com as meninas, quando sabem que uma delas é violentada, elas buscam a menina e se apresentam como alguém que passou pelo mesmo problema. E nesse encontro a convidam para o grupo. Assim, justificaram a presença de tantas meninas em cada novo encontro. Fiquei abismada com a revelação desse código de horror e carinho ao mesmo tempo. A maturidade que demonstram em acolher umas às outras, ainda que não tenham conhecimento técnico ou acompanhamento especializado, enche-me de alegria. Inflo-me de orgulho delas por sentirem que a fala ou o compartilhamento de uma mesma dor traz alívio. Aqui, neste pedaço de mundo onde a psicologia chega pela primeira vez em 2009, essas meninas são a prova de que cuidado não é *expertise* de nenhuma profissão.

Esta semana, apareceram ainda duas irmãs, de 10 e 15 anos, ambas violentadas no caminho do trabalho para casa. Pai e mãe ignoram a crueldade perpetrada por agressores desconhecidos. É dolorido e, ao mesmo tempo, causa em mim um estranhamento perceber que meninas com 8 anos de idade chegam sozinhas ao hospital e pedem para se consultar com as doutoras brancas. Um dia desses, uma das poucas mães que chegou junto com uma delas, me disse que isso é triste, mas que é normal. Quase todas as meninas já sofreram algum tipo de violência sexual, e elas, as mães, não podem acompanhá-las ao hospital porque precisam trabalhar no campo para que a família possa comer. Elas, as mães, caminham muitas horas no meio da floresta até chegar a um espaço desmatado para poder plantar e colher. Então, passei a incorporar no meu cotidiano, de uma forma áspera, a infância e a adolescência como uma criação cultural. Nós, os ditos humanos, (des)construímos quase tudo, inclusive o cuidado e a dor.

25 de agosto de 2009

Todos os dias chegam ao convento, e também ao hospital, grupos de farrapos humanos, desejosos de se sentir gente. Todos os dias, quando acordo, vejo chegando de longe uma fila de gente rasgada, cortada e que sangra. Essas pessoas sabem que prestamos atendimento aos deslocados congoleses. É uma gente que chega sem saber ao certo em que lugar do mapa está, sem ter ideia da razão de sua fuga, ou o porquê de ter que fugir a cada dia. Gente que não sabe o que fazer para estar em paz. É uma gente que não sabe como comer no dia de hoje, que não tem certeza de onde irá dormir ou se irá acordar.

São dezenas de Sulemanes, Godes e Maries que acabaram de perder uma, duas, três, nove pessoas da mesma família. São pessoas que precisam de ajuda para digerir a própria história, e que precisam conviver com a necessidade de sobreviver no agora. No mundo em que habitam não há tempo para velório ou enterro. Foram deixando pelo caminho os corpos daqueles que chamam de filhos, maridos, avós e mães. Foram carregando consigo marcas entranhadas de

uma ferida que não posso tratar. Queria oferecer um anestésico de pensamento, mas não posso.

Faz alguns dias que atendo sozinha, como psicóloga, todas essas pessoas. Ainda que eu tenha uma tradutora, que me acompanha dia e noite nessas escutas, sinto-me só na arte de elaborar. Os médicos e enfermeiros que aqui estão são também congoleses e, embora se comovam com as histórias, parecem naturalizar esse quadro da dor. Nos finais de tarde, tenho conversado com Manu, o outro branco que divide a missão comigo, sobre meu cansaço em perceber o quão pequena sou em meio a tamanha perversidade. Ele fica impaciente com minhas reflexões, pensa estar protegido se não as escuta. Talvez Manu, como muitas pessoas que habitam este planeta, opte por não saber e assim acredita estar edificando um mundo mais confortável para si. O não ouvir do Manu é como um dardo lançado, que sai ferindo não só a mim, mas também aqueles que esperam que nos mobilizemos em busca de ajuda.

Meus pensamentos estão em rebuliço, busco incessantemente encontrar outras pessoas para me ajudarem a reinventar um cotidiano para esta nossa gente. No desespero de dar conta desse quadro pintado de horror, contratei quatro moradores para me ajudar na tarefa de sensibilizar a comunidade para os cuidados psicossociais. Frisamos que nem todas as pessoas que passam por eventos difíceis ficam traumatizadas, mas que para algumas pessoas é difícil comer, dormir, viver. E, para essas, nós oferecemos uma equipe para recebê-las. A fim de facilitar a compreensão do trabalho, elaboramos desenhos e algumas histórias em papel A3, que são contadas para comunidade. Como a maior parcela da comunidade não tem aproximação com o mundo das letras, há apenas desenhos para que nós possamos narrar a história fictícia de alguém que se parece muito com as histórias de cada morador daquele lugar.

Ao final das histórias, refletimos com eles algumas formas da comunidade prover por si mesma o cuidado psíquico. Nessas trocas, eles mesmos sugerem novas possibilidades de ressignificar a própria vida. É encantador ver aqueles homens e mulheres de enxadas e saco de estopa na mão, olhando para as figuras e se percebendo dentro de cada uma das histórias. E mais bonito ainda é acompanhá-los a se reinventar na arte de zelar por si e pela comunidade. Bom presenciá-los despertando o psicólogo interno e, para além disso, desejando estar neste mundo.

26 de agosto de 2009

22h. Medo. Hoje falaram que dois membros de grupos armados foram encontrados na comunidade de Zande, a uma distância de menos de 30 minutos de caminhada da nossa base. Já são quase nove horas, muito tarde para um lugar onde o sol se põe às cinco, a luz elétrica é inexistente e o lazer quase não é possível. Trabalhei duro, estou muito cansada, mas tenho medo de dormir. Sempre tive um sono fácil e profundo, mas tenho medo de dormir e sermos atacados durante a noite. Já organizamos a sala de segurança para ir, já temos a caixa de alimentos para sobrevivência prolongada até virem nos buscar. Nada disso me acalma.

Tenho medo de dormir um sono mais profundo e não conseguir escapar a tempo. Desde que parte da equipe voltou para capital, sou a única mulher de uma equipe de 14 homens. Somos dois brancos em uma comunidade onde 100% da população é negra. Sei que se entrarem aqui, será muito fácil eu ser vista, sei ainda de como acontecem os estupros coletivos e isso é o que mais me faz temer estar aqui. Morrer? Não. Definitivamente, não tenho medo da morte; tenho

medo da dor e de ter uma vida vazia de sentido. Acho que de sentido estou plena, mas ainda temo dor e sofrimento. Sou humana, demasiadamente humana, doloridamente humana. Posso escutar cada ruído de folha de árvore do lado de fora do meu quarto que mede 3 x 2m. Escuto qualquer coisa, incluindo os moradores do forro. Abaixo do telhado tem um forro de compensado fino, onde vivem ratos e morcegos. A janela, desprovida de tranca, é fechada com um pedaço de madeira, enquanto a porta teve sua fechadura corroída pela ferrugem. Eu sinto medo.

23h. Sigo escutando tudo, até mesmo o que não se escuta. Sinto minha respiração ofegante, escrevo sob a luz da lanterna de cabeça. Quando ouço algo do lado de fora, apago a lanterna, porque tenho receio de que percebam que estou aqui. Esta noite, durmo vestida com a camiseta de MSF e calça com bolsos para portar meus documentos pessoais. Deixei ainda uma pequena mochila com um kit básico do que necessito para sair às pressas. Tenho a sensação de que a qualquer momento serei obrigada a sair correndo. Fico repassando as histórias das pessoas que contam que os ataques às comunidades são geralmente às quatro da manhã, o pior horário para sair às pressas, pois ainda estamos sonolentos e sem o funcionamento integral das funções do corpo. Não posso ser lenta, preciso saber me proteger.

1h. Continuo com medo.

27 de agosto de 2009

Não fomos atacados. Passei o dia sonolenta, mas passei o dia todo trabalhando. Atendi mais de vinte pessoas somente no hospital, e só parei quando percebi que já não era mais possível enxergar o meu entorno. Nas últimas 24 horas, chegaram muitos grupos de pessoas que foram violentadas em comunidades próximas e que sabiam que aqui, em Niangara, MSF os receberia. Um dos senhores que atendi contou que ficou em cativeiro por muitos meses e que os grupos armados sabem da existência do hospital e das equipes MSF por aqui. Ele nos orientou a ficarmos em alerta.

O mesmo senhor me disse ainda que foi torturado durante muitos dias, que presenciou muitos ataques às comunidades vizinhas, e que presenciou a morte lenta e dolorosa do irmão. Contou que, no período do sequestro, seu irmão mais novo havia acabado de adquirir uma bicicleta que serviria de transporte para estabelecer um comércio ambulante e que tinha a intenção de buscar e trazer artigos de uma cidade para outra. As cidades a que ele se referiu estão sete dias de viagem, de bicicleta, distantes uma da outra. Na volta de sua primeira viagem, avistou homens armados na estrada que pediram a sua bicicleta. O irmão tentou dizer que tinha acabado de comprar aquele meio de transporte e que precisava muito dela para trabalhar. Ainda na presença do senhor que narrava, foram cortando um a um os dedos do irmão, e depois ainda lhe cortaram as orelhas, desencadeando hemorragia e infecção, provocando sua morte.

Esse senhor esteve na minha sala porque, somado ao fato de ter presenciado o fim cruel de seu irmão, estava sendo acusado pela própria família de ser cúmplice daquela morte, uma vez que “havia presenciado tudo e nada havia feito”, de acordo com a acusação da família. Esse homem, ainda em choque, contou essa passagem deixando evidente a grande parcela de vida que havia perdido com a partida do irmão. Guardei parte de sua dor e retornei à base para

varrer meus restos para algum local em que ninguém pudesse notar. Transplante de passado, preciso aprender a fazer isso.

28 de agosto de 2009

6h de um dia indigesto.

13h. De volta à vida urbana. Depois de dias na selva, voltei com a alma em frangalhos. Um sorriso, duas lágrimas, três memórias e um número incontável de histórias pra elaborar. Assim como as pessoas que foram perdendo seus parentes pela floresta e não tinham tempo de enterrar seus mortos e elaborar seus lutos, eu também preciso de ajuda e tempo para elaborar isso tudo que vivenciei.

Preciso de ajuda para ir enterrando cada um dos corpos mortos que conheci ao longo dessas histórias, ao passo que preciso desenterrar da minha memória cada uma destas histórias de perseverança, fé, cuidado e sobrevivência que me atravessaram.

Eu sigo como quem sai da tela de um cinema e cai na sala de projeção. Ainda preciso de tempo para entender tudo isso. Talvez eu nunca consiga digerir tudo. Assim como eles, guardarei algumas cicatrizes que nunca conseguirei curar. Mas trago no corpo a sensação de carinho em estar presente no momento em que mais foi preciso uma companhia. Não estou certa de que alguém pode alcançar aquilo que trago comigo, mas em mim, de forma bem orgânica, é possível sorver toda esta plenitude.

15h de uma tarde sofrida de cicatrização. Não paro de escrever. Não tenho vontade de falar com ninguém, meus olhos se turvam a cada nova questão que me fazem sobre a conjuntura de Niangara. Nesta manhã, pediram que eu fizesse uma palestra para a equipe de MSF que fica na base em Kinshasa. Percebi que meus olhos se umedeciam enquanto eu falava rapidamente e quase sem respirar. E, no salão a céu aberto, sentados em círculo, todos aqueles olhos negros também mudavam de cor. Assim como eu, as pessoas pareciam não conseguir respirar.

Usei muitas vezes a expressão desespero; talvez eu tenha trazido muito desespero comigo. Ainda não sei o que fazer com todo esse desespero. Penso, repenso, e ainda não sei o que fazer com isso tudo. Talvez seja preciso gritar, mas ainda não sou capaz. As pessoas de Niangara seguem correndo e gritando dentro de mim. Elas querem fugir cada vez mais para dentro de mim, mas eu preciso ajudá-las a sair, uma por uma, cada uma ao seu tempo.

Volto fisicamente de um tempo onde a dor, a tortura, a violência e a morte são companheiras de um povo que se chama Marie, Kabila, Gadra, Helene, Remon, Sulemane. Que a paz faça morada em suas rotinas.

22h de uma inquietude sem tamanho. Estou com a memória repleta de biografias de mulheres que um dia saíram de suas casas e tiveram amputado seu direito, dito universal, de ser humana. Estou recheada de seres que tiveram seu acesso à liberdade negado, gente que ficou três, quatro, cinco meses ou anos sequestrada dentro da selva congolesa. Gente que teve seu corpo escravizado em um passado recente e que mantém os pensamentos em uma prisão sem amarras; gente que esqueceu como é ser humano.

23h. Meu carinho e meu respeito as pessoas que, de alguma forma, me fizeram abrir os olhos da alma.

29 de agosto de 2009

Esta noite não tive medo. Passei algumas semanas na selva imaginando ser sequestrada. Não foi comigo, mas, infelizmente, foi com a Marie, a Gadra, a Helene, entre tantas outras de nós. Triste enredo de uma novela que não terminou.

31 de agosto de 2009

Um olho na imagem e o outro na carnificina. Sinto agonia no lado esquerdo da alma.

Amanheci presa à imagem de Sulemane, um jovem de 21 anos. Chamaram-me na enfermaria masculina para cuidar de um caso de psicose após um acidente de bicicleta, nas palavras do enfermeiro congolês. O jovem magro, estatura mediana, vestindo apenas uma fina camisola de hospital, estava agitado. Ameaçava correr. Tinha a expressão de quem não entende o que está acontecendo e mantinha uma postura de quem não tem para onde ir.

Os enfermeiros estavam impacientes, dizendo que Sulemane não colaborava com o tratamento, mostrando-se agressivo e agitado. Perguntei a ele se havia alguém que o acompanhava, perguntei ainda se havia alguém com quem eu poderia entrar em contato. Até aí, não tive sucesso. Quis saber se ele queria comer algo especial. Em questão de segundos, Sulemane me pegou pela mão e disse que queria conversar do lado de fora do hospital.

Saímos juntos para conversar, sem a interferência daqueles olhos que imprimiam nele rótulos pejorativos. Protegido dos olhares de acusação, ele começou a chorar, disse que não se lembrava do acidente de bicicleta, lembrava apenas que ele estava indo à feira procurar um emprego para sustentar o irmão mais novo, que está sob sua responsabilidade desde a morte da mãe, quando tudo se apagou da memória.

Explicou que ele e o irmão só têm um ao outro, visto que o pai deles desaparecera na floresta congolesa há alguns anos, e que o irmão mais velho havia sido sequestrado, torturado e assassinado pelo grupo armado mais conhecido da região. A mãe de Sulemane ficou muito triste após o assassinato do irmão e parou de se alimentar. A progenitora passou semanas na cama, chorando, até que os meninos a levaram a um hospital. Nesta parcela de mundo, a palavra depressão ainda não existe, e, por essa razão, na maior parte dos diagnósticos médicos a causa morte é chamada de gastrite. Depois do diagnóstico, a mãe partiu desta vida na sua própria cama antes que ele retornasse da feira.

Sulemane disse que desde que Allah havia levado sua mãe, não entende direito o que acontece com ele, só sabe que se esquece das coisas, perde o rumo de casa. Disse ainda que só sai de casa uma vez por semana, às sextas-feiras, para ir à mesquita orar. O irmão de 17 anos quer muito estudar para ser doutor, mas, como a única escola da comunidade era paga (5 dólares o ano letivo), ele não pôde continuar. Quando eles não suportam a fome, saem para a plantação dos vizinhos e trabalham 12 horas em troca de duas batatas, uma cenoura ou qualquer outro tubérculo. Quando trabalham a semana toda em uma plantação, podem comprar uma barra de sabão. O sabão é certamente um indicador de mais-valia. Muitas pessoas queriam poder tomar banho todo dia com sabão, ainda que o sabão daqui não tenha cheiro e nem faça espuma.

Após a conversa com Sulemane, fizemos uma reunião com a equipe e demos alta médica a

ele. Lembro que eu pedi a Sulemane para retornar no dia seguinte com o irmão. Ainda me é muito viva a fisionomia dele: porte mediano, olho de menino esperto e respeitoso. Vestia uma calça jeans uns dois ou três números maior que o seu, amarrada com um pedaço de pano para não cair, muito sujo e muito rasgado, além de exalar um forte odor humano. Sobre o batente da porta, em frente à sala onde eu atendia sentada em um pedaço de pano estendido no chão, ele retirou os calçados e baixou a cabeça.

Pedi a ele que me contasse um pouco quem ele era e o que desejava da vida. Lembro das palavras saindo uma a uma, com a pausa que só os congoleses sabem fazer. Com a lucidez de quem passa fome, disse que em um lugar como este não havia tempo para sonhar, que ele desejava apenas ter fufu e pondu todo dia na mesa e uma barra de sabão para tomar banho todo dia. Quando perguntei como seria o seu mundo se ele um dia acordasse no mundo ideal, o menino levou um tempo para começar a sonhar. É preciso treinar para conseguir sonhar. No tempo dele, respondeu que ele teria uma calça jeans nova e uma camiseta bonita e que estaria indo para escola. Com aquela descrição, meu coração passou um tempo sem bater.

Algumas semanas antes da visita dele, eu havia pedido aos expatriados da capital que enviassem roupas e calçados para que pudéssemos oferecer às pessoas que chegavam sem nenhuma roupa para trocar. Foi possível realizar parte daquele desejo tão comedido. Foi uma cena memorável: os dois partindo lado a lado, cada um com seu sorriso largo e tímido e uma calça jeans e camiseta limpa nas mãos. Na despedida, pedi ainda que ambos fossem participar da seleção que MSF promoveria para limpar a pista do aeroporto improvisado e que, embora eu não prometesse um emprego, esta era uma possibilidade a mais. Na mesma tarde, pedi ao logístico que gravasse na mente a descrição dos dois e das vestimentas que eu havia dado. Então, esse seria o código para contratá-los por alguns dias para que sobrevivessem mais algumas semanas e, quem sabe, comprassem o tão desejado sabão.

Três dias mais tarde, recebi a visita do irmão de Sulemane, cheirando a sabão de pedra, vestido com a calça nova e a camiseta limpa que havia ganhado. Como de costume, tirou seus chinelos e baixou a cabeça, pedindo permissão para entrar na minha sala. Com olhos de filho, agradeceu-me por ter oferecido um tempo para escutá-lo e dividir as dificuldades com ele, disse ainda que se sentiu encorajado a seguir em frente. Prosseguiu dizendo que com o salário da semana de limpeza na pista de pouso pagaria um ano de escola, e pediria permissão ao diretor da escola para não comprar uniforme, posto que usaria a calça e a camiseta dada por mim, a única branca da cidade. Completou o diálogo dizendo que um dia será doutor. Eu, já radiante nesse ponto da conversa, disse que seguiria sempre acreditando que ele era capaz.

2 de setembro de 2009

Desejosa de colo. Ansiando por uma atadura na alma que hoje sofre de hemorragia. Sangro uma história que também é minha. Quero entrar em um pronto-socorro para estancar este peso agudo no pensamento. Tenho percebido que desde que saí de Niangara as pessoas me olham de uma forma diferente. Ou seria eu que me enxergo e olho os outros sob outros ângulos? Tenho falado ainda mais rápido do que de costume, estou com um sono agitado e tenho notado minhas pupilas dilatadas, como se estivesse saindo de um choque. Tenho pouca paciência com as minúcias e desimportâncias materiais. Tenho vontade de sair correndo, urrando para todas

as pessoas na minha frente que ali, a cinco horas de avião, tem uma guerra. Quero colocar nos jornais do mundo que aquelas mulheres estão sendo violentadas em todas as fases da história daquele país. Tenho vontade de dizer que é preciso fazer alguma coisa, mas eu não sei o quê. Quero sair daqui. Quero um colo para minha narrativa.

3 de setembro de 2009

7h. Estou cansada. Mais do lado de dentro que do lado de fora, talvez mais do que sou capaz de perceber. Acabo de receber a notícia de que nos próximos 15 dias devo ficar em Kinshasa, porque todos os voos que saem daqui estão lotados. Tenho vontade de atravessar o oceano a nado. Quero dizer para o mundo, inclusive para mim, que está muito difícil conviver com toda a tortura que vivenciei nos últimos dias. Sinto-me desconfortável dentro da minha pele, quero desprendê-la de mim.

Meio-dia (e-mail para as gêmeas Aline e Julia que hoje completam 1 ano de vida)

Queridas Lili e Juju,

Fiquei muito feliz ao receber o convite de vocês. Como sabem, estou do outro lado do oceano, ali, do ladinho direito do Atlântico, em um lugar que se chama Kinshasa, na África (eu espero que um dia vocês conheçam, mas não digam pro papai e pra mamãe que eu disse isso, porque este país ainda está em guerra e acho que eles ficariam um pouco preocupados).

Mas, hoje, fiquei pensando, como todos os adultos: como vocês crescem rápido! Já faz um ano que saíram de dentro da mamãe. Por favor, não se entediem com essa frase. Eu sei que todos os adultos são um pouco nostálgicos e paranoicos com o crescimento e a envelhecência e imagino que eles digam isso pra vocês todos os dias. Posso garantir que quando o papai era pequeno, era ainda pior, porque ele tinha grandes bochechas que o faziam parecer um queijinho. E, pra piorar, ele tinha primas que o amavam e esmagavam suas bochechas. Ele sempre foi lindo!

Deem um beijo enorme no papai e na mamãe. E um abraço com sabor de algodão doce pra cada uma de vocês. E não precisa dividir, tem um grande pra cada uma de vocês.

Divirtam-se na primeira festa de vocês!!!!

Titia Beia

22h. Presa entre os dois lados do oceano que dividem a África e a Europa. Hoje faz sete dias que tento sair do Congo e o transporte aéreo não colabora.

4 de setembro de 2009

9h. A cada dia me questiono sobre os valores que o mundo tem como referência para construir a humanidade. Carrego uma alma cheia de curativos, enquanto reflito sobre esta conjuntura em que vivemos.

Parece que finalmente nesta noite vou partir da África rumo a outro continente. Mas cada momento é ainda mais duro porque sei que parto com tudo ainda por fazer. Vou partindo com

esta ferida que se alojou no lado esquerdo do pensamento.

14h. Dizem que o mundo gira, mas, às vezes, não tenho certeza do que ele realmente movimenta. Que seja possível girar na direção oposta dos destinos marcados pela perversidade provocada em nome da insanidade que se chama guerra.

5 de setembro de 2009

Um desassossego por Marie. Caminhei da casa ao escritório pelo meio fio de uma calçada imaginária no meio destas finas terras vermelhas de que é feita Kinshasa. A terra me remeteu a Marie e ela se negou a deixar meus pensamentos. Fazia 24 horas que a equipe e eu havíamos chegado a Niangara. Eu ainda não sabia da existência das línguas lingala e bangala, e muito menos imaginava como falar. Lembro da mulher esguia, pés de solado grosso e feridas acumuladas, cabelo raspado, pele seca de um passado árido, olhar fosco e um pequeno bebê amarrado às costas. A frase de Marie ecoa dentro de mim: “Eu não tenho nenhum motivo para viver, mas me disseram que aqui tinha uma branca que ajudava as pessoas”. Naquele momento, pensei em como eu, uma branca do outro lado do oceano, sem conhecer a língua nem os costumes, poderia ajudá-la. Como as pessoas pensavam que eu poderia ajudá-la?

Ela morava com seis filhos e o marido, mas desde que nascera sua vida era sofrimento aos olhos de qualquer ocidental que viva em uma cidade dita globalizada. No entanto, no entender de Marie, seu sofrimento começou no dia em que, ao sair com um dos filhos da feira de rua, escutou: “Corre, porque acabaram de matar teu marido na estrada”. Essa frase fora o disparador de uma história de terror e drama que até agora lateja dentro de mim.

Marie me contou que, ao escutar a frase, correu para casa, para reunir os seis filhos e correr para a floresta em busca de proteção. Ela voltou para a sua comunidade, com seu bebezinho amarrado às costas, e reuniu rapidamente os seis filhos. Na pressa, que só quem protege uma vida entende o que significa, Marie esqueceu a filha de dois anos de idade. Com um remorso sem precedentes, orientou os filhos a se esconderem na floresta enquanto retornaria para buscá-la. Ao entrar no povoado, Marie se deparou com a cena de uma realidade que nenhuma mãe do mundo poderia enxergar: encontrara a pequena queimando junto com os inexistentes bens materiais. Se a história de Marie terminasse aqui, ela já seria dolorida, mas, como em um pesadelo que nunca teria fim, ela seguiu uma saga que é difícil até de lembrar.

Marie chegou ao povoado onde sua mãe morava alguns dias depois de percorrer no breu e na escuridão a floresta densa junto com os cinco filhos. Nesse ponto do pesadelo, Marie foi estuprada por dezenas de homens armados dias depois de achar que estava protegida ao lado de sua família. Marie, que não era mulher de deixar o sofrimento ser imperativo em uma vida de migalhas, fugiu mais uma vez e, a cada nova fuga, encontrou a morte em suas muitas facetas.

Chegou a Niangara em carne viva e, sangrando em todos os pontos da sua narrativa, conseguiu apenas me dizer que sobrara com ela o pequeno bebê que há semanas permanecia amarrado em seu corpo, como uma unidade inseparável, como parte da última possibilidade de se ver mãe, ainda que aos pedaços. Sabendo que os demais filhos haviam sido mortos ou sequestrados, eu não acreditava poder fazer muito por Marie, mas consegui perguntar a ela a última vez em que havia sido feliz.

A resposta custara um dia, mas veio: “Foi quando eu dancei”. *Dançou?*, pensei, na ignorância de alguém que viveu uma vida feliz e que banalizou a felicidade, como um bilionário banalizaria 100 mil dólares. Ainda perplexa com esse tapa na cara que Marie me deu, pensei rapidamente em estratégias que pudessem fazer com que outras Maries tivessem ao menos um momento de felicidade. Nessa aposta, ganhei meu analgésico de alma: a imagem das mulheres dançando e sendo felizes, mesmo que aquele sentimento durasse o tempo de uma dança. Esse curto tempo, onde o sofrimento não era predominante, foi tudo o que consegui oferecer para elas. Era o meu muito.



Grupo na comunidade de Niangara, RDC (21 de agosto de 2009)



MÉDICOS SEM FRONTEIRAS: REPÚBLICA DEMOCRÁTICA
DO CONGO (RDC)

No leste da RDC, incluindo a região de Haut Uelé, onde fica Niangara, a população civil carrega o fardo de mais de 15 anos de um conflito violento. Vilarejos têm sido saqueados e destruídos, homens armados têm forçado as pessoas a fugirem e estupros vêm sendo usados como arma de guerra.

Em 2010, por todo o país, décadas de negligência da gestão pública de saúde resultaram no aumento das taxas de mortalidade infantil e materna. Naquele ano, a expectativa de vida estava entre as menores do mundo segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). À época, os projetos de MSF no país ofereciam cuidados médicos gerais e especializados em hospitais, centros de saúde e por meio de clínicas móveis em diversas províncias, totalizando mais de 1 milhão de consultas médicas, mais de 10 mil cirurgias e 19.200 partos. As equipes também trabalharam com campanhas de vacinação, cirurgia de emergência, programas de nutrição e cuidados pediátricos. Cuidados de saúde mental, bem como atenção voltada para mulheres, foram oferecidos, incluindo assistência especializada a sobreviventes de violência sexual. Na área de Uélé, na província Orientale, a insegurança dificultou o acesso a pessoas deslocadas pela violência, às quais MSF chegava apenas com aviões

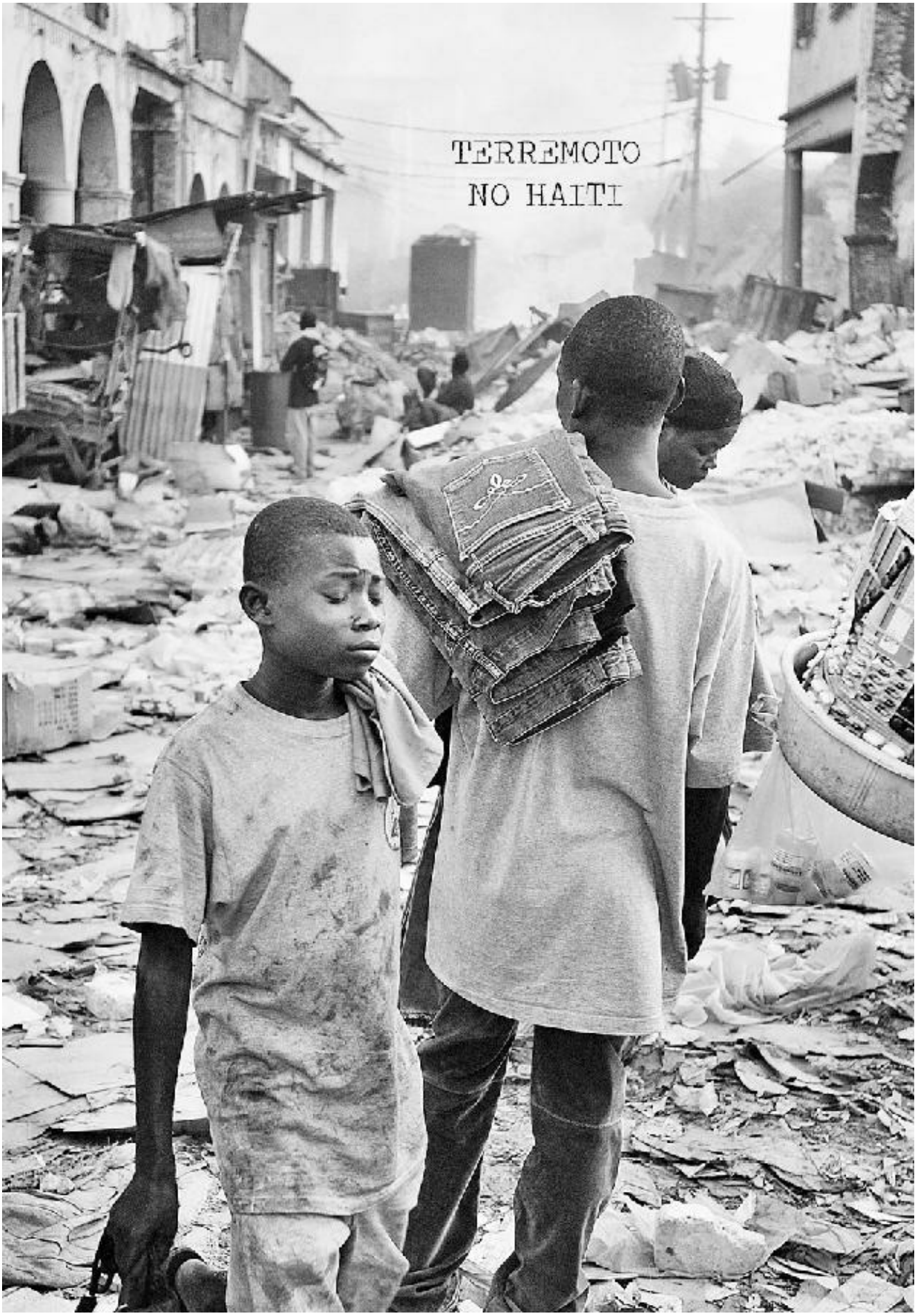
Na RDC, as emergências são de diferentes naturezas e o acesso às localidades afetadas é sempre um desafio. Para garantir a resposta rápida a crises instaladas, desde 1995 o país conta com sua própria unidade de emergência de MSF, o PUC — Pool d'Urgence Congo, na sigla em francês. Apenas em 2015, o PUC recebeu 171 alertas e agiu em sete emergências — envolvendo desnutrição, sarampo, cólera e crises com refugiados e deslocados —, beneficiando mais de 300 mil pessoas em todo o país.

Em 2015, a RDC foi o país onde MSF mais investiu recursos financeiros para manutenção de seus projetos. No total, foram 100,3 milhões de euros.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS ATUA NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO DESDE 1981.

Médicos Sem Fronteiras é uma organização humanitária internacional que leva cuidados de saúde a pessoas afetadas por conflitos armados, desastres naturais, epidemias, desnutrição ou sem nenhum acesso à assistência médica. A organização oferece ajuda exclusivamente com base na necessidade das populações atendidas, sem discriminação de raça, religião, convicção política e de forma independente de poderes políticos e econômicos. Também é missão de MSF chamar a atenção

para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas atendidas em seus projetos.


TERREMOTO
NO HAITI

13 de janeiro de 2010, Aracaju

06h10. Despertei em um rompante com o barulho estridente de um telefone tocando. No outro lado da linha, uma voz tensa e um sotaque incomparável. Frases que iniciavam e terminavam com palavras de diferentes línguas.

— Dominique?

— Sim, Dêborrá, *c'est* Dominique falando — respondeu ele. — Você sabê o que *acontece* esta noite?

— Como você sabe que fiz uma festa de inauguração do meu apartamento?

— Eu *sou* sério, Dêborrá — devolve ele, trocando o verbo ser com estar. — Acontece *une* grande *catastrôfe*, ainda sem possibilidade de avaliar o real *prôbleme*. Foi no Haiti e *somos* sem notícias de *Marianá*.

Meu corpo todo se congelou ao ouvir Dominique. Na tentativa de acordar de um pesadelo, abro os olhos ao máximo descolando meus cílios que ainda seguiam unidos pelo rímel que não tirei. Minha memória voltou para alguns meses atrás, quando Mariana me perguntou a respeito do Haiti. A recordação me trouxe um gosto amargo de remorso por ter enfatizado naquele momento o quão rico seria para ela fazer uma missão no Haiti. Naquele passado não muito distante, eu havia dito que os riscos de danos à vida de um expatriado no contexto haitiano eram menores do que em muitos outros lugares do mundo.

Enquanto meu cérebro parecia andar em círculos, Dominique me informava que ainda não haviam conseguido nenhuma comunicação com o terreno, mas que eu precisaria ligar para mãe de Mariana, a fim de acalmá-la. Como se tranquiliza uma mãe que assiste pela televisão a um dos maiores terremotos da história e sabe que a filha está lá? Sem informação alguma sobre Mariana, como poderia eu tranquilizá-la? Em seguida, Dominique me perguntou se eu poderia partir ainda naquela manhã. Sem raciocinar, confirmei minha partida.

Meu coração parecia querer sair de dentro de mim. Arrumei a mochila com a cabeça lá na minha conversa com a Mariana, enquanto refletia sobre os porquês de nossas escolhas. Tive vontade de chorar, mas meu atordoamento paralisava minhas lágrimas.

Liguei para mãe de Mariana e escutei sua voz trêmula. Eu me apresentei dizendo que eu havia feito uma missão na Guiné junto com a filha dela. No mesmo instante, a mãe se pôs a chorar do outro lado da linha e perguntou se eu tinha notícias de sua filha. Infelizmente, eu não tinha. Informei que estava partindo para o Haiti e que faria o meu melhor para cuidar dela. Disse ainda que conhecia a casa onde ela vivia em Porto Príncipe e o seu local de trabalho, e que tentaria chegar o mais breve possível. Desliguei o telefone ainda sentindo o aperto no peito

daquela mãe.

7h30. Enquanto separava e depositava as roupas na mochila, eu ensaiava frases para dizer a outra mãe, desta vez a minha. Fiquei pensando: *"Quais palavras usaria para dizer que iria ao Haiti?"* Normalmente, amenizo as histórias de dor e de sofrimento que vivo, penso que se ela não estiver consciente da crueza da verdade não ficará presa à minha história. Desta vez, acredito que a mídia vai se encarregar de contar à minha mãe. Sinto-me mais tranquila se ela não souber de todo os riscos que corro. Do contrário, estaremos presas uma a outra, impedindo-nos de seguir cada qual o seu próprio caminho.

8h. Recebi uma mensagem no celular: "Minha filha, viste que tragédia aconteceu esta noite no Haiti? Fiquei triste e, ao mesmo tempo, aliviada por saber que estás segura aqui no Brasil". Rapidamente, respondo: "Precisamos conversar, me liga quando tiveres um tempo". Em um segundo, minha mãe ligou já lacrimejando: "Desta vez não, minha filha, desta vez é perigoso demais. Por favor, não vá desta vez!".

Com a decisão irreversível ressoando na minha fala, respondi que ela não se preocupasse porque eu voltaria em algumas semanas. Disse ainda que eu sempre voltava viva e que desta vez não seria diferente. Desliguei o telefone e comecei a buscar informações na internet sobre a catástrofe. Deixei as lágrimas caírem enquanto acompanhava as imagens pela tela.

Meio-dia. Por vezes, fico impressionada com o fato de eu chorar copiosamente a cada filme que assisto. Fico pensado que vivo no meio de grandes tragédias do mundo contemporâneo, que acompanho segurando com a mão a desgraça, e nem por isso choro quando estou diante dessas cenas na vida real. Talvez seja devido à sensação de impotência que tenho do outro lado da tela da TV ou do computador ou ainda das páginas de um livro. Sei que quando ocupo o lugar de espectadora, pouco posso fazer para auxiliar o outro a elaborar sua dor ou eu, a minha. Fascina-me o fato de que uma vez diante da ferida do outro, esta também passa a ser minha e que, juntos, encontramos novos caminhos e significados.

Refleti ainda sobre o conflito de sentimentos que minha mãe deve estar enfrentando. Porque eu, uma vez com a mão na dor do outro e o pé no perigo, ocupo a minha mente na ação de me conectar com a pessoa que divide comigo sua história. Mas ela, sendo minha mãe, precisa acompanhar a dor do outro e a minha à distância, temendo e sofrendo, sem conseguir transformar a ferida em paz e vida. Difícil ser mãe. Quase impossível ser a minha.

13h, Rio de Janeiro. Desembarquei no Rio de Janeiro. Estou aqui para uma rápida passada no escritório. Venho em busca de novas informações sobre o terremoto. No corredor, Dominique me entrega uma foto 3x4 com o nome de uma cirurgiã mineira, Eliane. Ele me encarrega de encontrá-la e reconhecê-la na sala de embarque do aeroporto do Panamá, de onde, segundo ele, deveremos seguir juntas até a República Dominicana, em direção ao nosso destino final: o Haiti.

Pergunto sobre a rota e os canais de acesso entre a República Dominicana e o Haiti, quem e onde devo encontrar no local da missão. Dominique me responde que não tem mais informações além da foto 3x4 e do número do voo. Em tom de brincadeira séria, diz que sabe que vou me "virar bem!". Na saída, ele me abraça e me presenteia com duas lanternas de cabeça compradas na calçada em frente ao escritório, uma para mim e outra para Eliane. Sinto-

me grande ao me despedir de Dominique.

16h de um outro fuso horário, Panamá. Enquanto o avião aterrissava no Panamá, minhas pálpebras exercitavam sua máxima abertura na procura por Eliane. Retirei do bolso a foto e fui sobrepondo às imagens dos rostos que via. Estava à procura de uma pessoa que tivesse uma "cara de MSF". No corredor, próximo à sala de embarque, avistei uma mulher jovem, com uma mochila surrada e ombros cansados, leia-se: olhos cintilantes, roupas de ficar em casa, e postura de quem procura algo. Em seguida, me aproximo: "Eliane?". O sorriso cansado permanece estampado em seu rosto enquanto ela me responde. Atualizamos uma à outra com as informações que trouxemos sobre o Haiti. Sem formalidades, montamos nossa equipe.

Meia-noite na República Dominicana. Antes que as portas para o desembarque fossem abertas, um dos comissários de bordo anunciou: "Sra. Débora Noal, identifique-se à equipe de comissários". Recebi um bilhete da equipe MSF-Haiti informando que haviam tentado me aguardar no aeroporto da República Dominicana, mas que, como o voo havia atrasado, tiveram que partir para Porto Príncipe. O simpático bilhete informou ainda que eu deveria encontrar uma forma de seguir rumo a Porto Príncipe ainda com a luz do dia, visto que à noite os riscos eram muito altos.

Enquanto eu lia o bilhete, Eliane interpretava pela minha face que as notícias não eram reconfortantes. Refizemos os planos e combinamos de dormir em uma pousada que eu conhecia em Santo Domingo, a fim de seguirmos ainda na madrugada para nosso destino final. Na saída do aeroporto, encontramos um sujeito com uma postura humanitária e camiseta MSF. Sua aparência, além do cansaço, remetia a um despojamento encorajador. Sem pestanejar, acenamos para ele, que prontamente confirmou sua missão: resgatar os voluntários MSF que estariam chegando de diversos países do mundo para iniciarmos os trabalhos no Haiti. No minuto seguinte, fomos informadas de que o único local disponível para abrigar a todos nós seria um motel de beira de estrada, que estrategicamente estava localizado no caminho da estrada principal que ligava a República Dominicana a Porto Príncipe. Depois disso, soubemos que o transporte sairia às quatro, horário este em que deveríamos estar entrando no ônibus. Em uma situação de rotina, disponibilizar apenas três horas de sono para nós, que estivemos viajando por um longo tempo, talvez não fosse o ideal, mas, naquele momento, parecia o plano perfeito.

4h. Foi um sono tão profundo que despertei com a sensação de que dias haviam se passado entre o momento em que deitei e o soar do despertador do meu telefone. Não acreditei que haviam se passado somente algumas horas desde o momento em que eu havia fechado meus olhos pela última vez. Entusiasmada e confusa por não ter certeza da diferença de fuso horário entre Brasil e República Dominicana, meu coração estava disparado pelo receio de estar atrasada. Ensaiei um banho rápido, mas o meu lado gato escaldado quase me fez desistir da ideia, visto o congelamento da água que saía pelo cano. Vesti a camiseta MSF e coloquei mais uma vez minha mochila nas costas. Segui com os olhos fixos nos ponteiros do relógio e a mente inquieta.

Ao descer os dois lances de escada entre o quarto e a garagem, percebi a inexistência de uma porta de entrada, apenas um portão de carros. Como em uma cena de filme, no momento em

que acionei a abertura do portão, vi os portões dos quartos vizinhos se abrindo e de dentro deles saindo minha nova equipe de trabalho. Com suas mochilas na mão e corpos inquietos, começamos a nos posicionar no centro do pátio. Cumprimentamo-nos com a cumplicidade de quem sabe ter o mesmo destino. Com acenos de cabeça e sorrisos de bom-dia, fomos tomando nossos assentos no velho ônibus dominicano.

4h30. Partimos rumo a Porto Príncipe. No caminho de ida, demos início a uma primeira organização geoespacial dentro do ônibus. Agrupamos-nos por categorias profissionais: médicos, paramédicos, administrativos e a equipe de jornalismo MSF. De uma forma fluida e não planejada, os mais experientes passaram a coordenar os grupos respectivos às suas categorias profissionais. Na lente do meu campo de visão, um homem bem mais velho que a maioria de nós capturou por um longo tempo a minha atenção. Paul, um velho cirurgião, beirando seus 70 anos de história e um olhar de avô mineiro, relatou que trabalhava havia muito tempo com MSF e que coordenaria a equipe de cirurgiões. Ele exalava uma ternura de quem era capaz de suturar uma alma apenas com o olhar.

Paul informava que provavelmente perderíamos muitas pessoas nos dias que se seguiriam, dizia ainda que teríamos como companheiras a tristeza e a dor em cada uma das 24 horas do dia, mas que precisaríamos manter a calma e o foco que havia conduzido cada um de nós àquela missão. Enquanto repassava informes técnicos sobre o material a ser utilizado pela equipe e alguns princípios básicos da cirurgia pós-terremoto, eu me percebi hipnotizada por sua doçura. Senti-me orgulhosa por fazer parte da sua equipe.

Eu, a primeira psicóloga a (des)embarcar naquela missão, tenho como tarefa cuidar da saúde mental dos expatriados e do *staff* nacional, além de montar a estratégia de intervenção para a população local. Aproveitei o tempo no ônibus para informar aos meus colegas meu trabalho e o objetivo de ter um suporte psicológico na missão, além de algumas dicas de como eles poderiam perceber o sofrimento em si mesmo e nos pacientes.

Ainda no início da estrada, paramos na fronteira da República Dominicana com o Haiti para comprar comida e água. Tivemos receio de não conseguir comprar no caminho, então decidimos garantir alguns suprimentos básicos. Ainda no boteco de beira de estrada, um grupo de geólogos americanos se apresentou pedindo para seguir conosco. Disseram que nunca estiveram em uma catástrofe antes, mas que viram as notícias na televisão e resolveram se mobilizar para ajudar.

Um dos membros da nossa equipe, o mesmo que tinha como missão “resgatar” os voluntários MSF no aeroporto da República Dominicana, informou a eles dos riscos de chegar a um país pós-catástrofe sem uma equipe que lhes desse suporte e sem conhecimento técnico para atuar em situações dessa magnitude. Nosso colega os informou ainda que, além de colocar a vida de outros em risco, eles poderiam estar arriscando a própria vida.

Durante esse *briefing* de segurança, ele também sugeriu que os americanos retornassem à República Dominicana e fizessem contato com uma organização que tivesse objetivos semelhantes aos deles, a fim de operacionalizar a ajuda de uma forma mais segura. Era visível a insatisfação dos geólogos com a intervenção do meu colega, mas, diplomaticamente, desejaram-nos boa sorte. Então, cada grupo seguiu sua missão.

10h. Cada centímetro da estrada ia sendo mapeado com os olhos. Das rachaduras nas casas às fendas no asfalto, tudo era passível de ser analisado. Escaneamos a figura de cada rosto no caminho. Quando nos aproximamos de Porto Príncipe, sentimos a força impiedosa que acometera aquele território. Era a fusão de dois desastres, um disparado pelo terremoto e o outro disparado pela miséria humana que o antecedera. A paisagem se assemelhava a uma maquete de caos. Onde havia uma cidade, agora restavam apenas ruínas.

Imóveis pareciam castelos de areia. Prédios deixavam à mostra apenas os telhados, enquanto os andares restantes estavam submersos em um grande fosso. Gritos secos ressonavam na poeira, e as feições de pavor acompanhavam esse quadro que nunca deveria ter sido pintado. O passo acuado de medo acompanhava aqueles que ainda eram capazes de andar. Poucos odores eram tão evidentes ali quanto o cheiro da morte. O cheiro de sangue nas camisetas molhadas de suor e pânico nos aproximava da agonia de quem saíra recentemente daquela montanha de restos. As pessoas pareciam estar em outra dimensão. Olhavam para o que antes eram prédios, mas pareciam não enxergar o que estava acontecendo ali. Corpos carbonizados ainda em chamas permaneciam estendidos no meio da avenida. Pessoas nuas corriam por entre destroços. Pedaços de pernas e braços estavam estirados sobre calçadas. Eram muitos os estilhaços daquilo que um dia constituiu um corpo humano.

As peles negras permaneciam cobertas de uma poeira terracota. Alguns golpeavam nosso carro pedindo que ajudássemos a escavar os escombros. Gritavam: “Minha filha está aqui!”, “Meu pai está aqui!”, entre outras frases que desejei jamais ter escutado. Senti a dor de perder gente. Era devastador o sentimento de impotência por não poder ajudar a escavar, de não saber como se resgata alguém em um desabamento. Era uma dor que se originava da consciência de que minha missão não era aquela. O que eu havia me proposto a fazer naquele lugar parecia irrisório diante da necessidade de retirar aquelas pessoas de debaixo da terra imediatamente. Cidadãos sem camisas e descalços escavavam o concreto usando como ferramentas as próprias mãos. Feridos ignoravam os cortes em seus corpos na esperança de recompor parte da sua família. O chão ainda tremia; era como se trafegássemos pelas ruas da cidade em um barco.

Nossa primeira parada na capital foi na quadra onde havia um dos maiores hospitais de MSF antes do terremoto, o hospital Trinité, que oferecia um serviço especializado no tratamento de pessoas queimadas e/ou politraumatizadas. Lembro-me de ter circulado algumas vezes pelas unidades distribuídas nos quatro andares que lá existiam. Hoje era possível apenas ver um de seus andares, todos os demais haviam sido esmagados pela força do impacto causado pelo encontro de duas placas tectônicas. O coordenador do hospital se confundia com os pacientes. Coberto com a poeira dos escombros, ele limpava incessantemente a lente de seus óculos que parecia dificultar ainda mais o entendimento do quadro da destruição que se havia estabelecido diante de seus olhos. Com uma aparência corporal muito próxima a dos pacientes acomodados no asfalto em frente ao prédio caído, ele não perdeu em momento algum a capacidade de acolher aliada a uma visão estratégica.

Enquanto me apresentava, eu o abracei com toda a força que havia no meu desejo de estar ao seu lado. Perguntei como poderia ajudá-lo. Retribuindo meu abraço, ele me pediu que tomasse conta de dois trabalhadores MSF que estavam soterrados, mas que podiam nos ouvir

através dos escombros. Informou-me ainda que nós havíamos perdido um cirurgião e uma instrumentadora cirúrgica, além do paciente que estava passando pela cirurgia no momento em que o hospital colapsou. Todos os três estavam na sala e não conseguiram escapar a tempo. Alguns minutos após essa conversa, nossa colega foi resgatada dos escombros e enviada para o seu país de origem. Estou com a sensação de que tenho tanto a fazer, que precisaria de muitas vidas para dar conta deste cenário.

14h. Encontrei a equipe MSF-Bélgica que me esperava para iniciar o trabalho. Cheguei no escritório e me direcionei para a coordenação da missão. Um cirurgião egípcio me cumprimentou com um dos abraços mais fortes que já recebi. Informou-me que nesta missão todos precisariam da minha ajuda. Depois, disse: “Lembre que todos precisam, mas se esqueça de mim”. Fingi não perceber a ansiedade e a emoção na sua voz e pedi para ele me apresentar à equipe que estava presente na hora do primeiro tremor. O cirurgião egípcio fez a descrição do perfil, posição e histórico de cada membro da equipe antes, durante e depois do terremoto e me pediu para cuidar de cada um deles de forma especial. Em seu olhar, uma faísca de quem sente que pode compartilhar a missão, ainda que o medo e a inquietude ele guardasse apenas para si. Decidi fazer o projeto terapêutico de cada um de forma bem singular, inclusive o dele.

16h. Juntos, saímos para o campo, o cirurgião egípcio e eu. Visitamos cada um dos centros de saúde e unidades hospitalares MSF. Eu me esforcei para compreender a situação e iniciar a intervenção de forma coerente com as necessidades de cada um daqueles que eu precisava cuidar. Eu estava agitada, com olhos dilatados e pele arrepiada; o contexto era uma grande hipérbole da vida real.

Na chegada a um dos centros de urgência, tive a sensação de que havia entrado em um filme da Segunda Guerra Mundial. Já na entrada do centro, uma multidão de pessoas desesperadas forçava o portão, na tentativa de conseguir atendimento. No mesmo quadrante daquela cena, homens armados passavam de um lado ao outro da unidade de saúde. Estávamos em Cité Soleil, um entre tantos outros bairros assinalados pela violência extrema e pela miséria transgeracional. A ansiedade foi companheira permanente durante aquela visita. Meu corpo parecia não obedecer aos comandos, senti o chão tremer como se estivesse numa esteira rolante; uma constante vibração originada pelas ondas da terra.

No olhar das pessoas que estavam, na sua grande maioria, deitadas no chão, sem uma perna, sem um braço, sem um dedo, os pedidos de ajuda por vezes não faziam ruído algum. Sou branca e, naquele lugar, ser branca e portar uma camiseta MSF era ser vista como médica. Imploravam para que eu as examinasse. Aquela talvez tenha sido a primeira vez que eu desejei muito ter escolhido a medicina e não a psicologia. Enquanto eu passava pelos enfermos e os encarava, eles iam abrindo suas roupas e mostrando suas dilacerações. Era uma população inteira a ser suturada por dentro e por fora de seus corpos.

Queria poder suturar cada uma daquelas vidas estilhaçadas pela catástrofe humana. Do meu lado, sofri de incapacidade. Era inútil explicar que eu era “apenas” uma psicóloga. Naquele instante, acho que nem eu entendia o que uma psicóloga fazia naquele lugar. Se minha profissão pouco fazia sentido neste país antes do terremoto, naquele momento era irrelevante minha tradicional explicação sobre o que fazia um psicólogo em meio a essas muitas

amputações da vida. Centenas de pares de olhos clamavam por atendimento médico. Tive dificuldade para respirar. Tive que me esforçar para sustentar um leve sorriso e um olhar de acolhimento.

1h de um dia que nunca vai terminar. O cenário de batalha era composto por oito tendas que foram montadas para realizar os atendimentos em pessoas amputadas, politraumatizadas, feridas e/ou em estado de choque. Duas delas foram destinadas para abrigar com exclusividade aqueles que deveriam passar imediatamente por uma cirurgia de amputação. Os pacientes das tendas ao lado referiam-se a elas como “as tendas da morte”. O chão permanecia em constante movimento, como se andássemos sobre um colchão de água.

Acabaram de chegar muitos corpos. Familiares carregavam consigo, sobre fragmentos de portas e janelas, partes de corpos humanos. Um dos médicos pediu que eu auxiliasse na triagem do lado de fora do centro, tentando acalmar a população, pois não tínhamos condições de atender à todos ao mesmo tempo. Pensei, rapidamente: “*Como se acalma uma mãe que tem em seus braços um filho dilacerado?”*.

Do outro lado do portão que dava acesso ao centro de saúde, encontrei o escuro do mundo em todos os seus matizes. Cité Soleil nunca tivera iluminação pública, mas hoje o bairro parecia ainda mais sombrio. Cumprindo minha missão de triar os casos que poderíamos operar, subi na carroceria do caminhão repleto de corpos mortos e outros ainda com vida.

Naquele momento, estive responsável, juntamente com um maqueiro, por verificar quem ainda manifestava algum sinal de vida. Eu? Justo eu, que sempre acreditei que todo ser vivo tem direito à vida, sou responsável por dizer quem poderia tentar mais alguns minutos de vida assistida e quem deveria partir sem qualquer dignidade. Era uma grande disputa entre princípios, necessidades e realidade. Desejei muito nunca ter estado ali.

Permaneci na carroceria do caminhão com minha lanterna na cabeça iluminando aquele amontoado de gente clamando por socorro, e ali fiquei tentando encontrar algum sinal que lembrasse a vida. Para a maior parte daquelas pessoas era tarde demais. O caminhão cheirava a morte recente. A morte com seu odor agridoce. As pessoas que ainda respiravam gritavam muito na ânsia de serem atendidas. Algumas me seguravam pelo braço no desespero de serem vistas. Um pai implorava que eu deixasse passar o filho morto que segurava nos braços. Outro dizia que parte da sua família ainda estava embaixo dos escombros e que precisava de médicos para ajudá-lo. Minha cabeça estava repleta de pessoas que gritavam. Muitas certamente ficarão a gritar ainda muito tempo dentro de mim. Também eu sangrei, padeci de uma hemorragia de pensamento.

2h30. Quando terminei a missão de identificar vida possível de ser salva, flexionei minhas pernas e busquei identificar em meio a todo aquele breu o local onde se localizava um choro distante de criança. Já no solo, aproximei-me de uma menina que gemia na entrada do portão. De cócoras, bem próxima ao chão, comecei o processo de escuta. Em instantes, senti que o chão estava desaparecendo, ao mesmo tempo em que percebi alguém me suspender pelo colarinho da camiseta. Após meu princípio de desmaio, Hani, o cirurgião egípcio, lembrou-me de que eu estava acordada havia muitas horas, e deveria estar, segundo ele, desidratada e hipoglicêmica. Meu corpo começava a manifestar os primeiros sinais de que havia sido

atingido.

Hani me perguntou se eu havia comido e bebido algo durante o dia. Ordenou afetivamente que eu me dirigisse até o carro de apoio e que voltasse imediatamente para casa. Ali, lembrei-me de que não havia ido ao banheiro e nem comido nada durante o dia todo. Hani me disse em tom paternal que era preciso se cuidar para poder cuidar de outros. O princípio básico de humanos: dar somente o que se tem. Naquele instante, eu achava que não havia mais nada que não fosse sofrimento e fadiga para oferecer. Em resposta, fui capaz de dizer a Hani que a recíproca era verdadeira e que ele também estava na mesma situação. Decidimos voltar juntos.

Entramos no carro e logo em seguida escutei uma batida suave na lataria: toque-toque. Era um começo de gente, de aproximadamente seis anos, que sozinha buscava uma solução para o problema de sua mãe. Desci do carro e peguei no colo aquele serzinho que bravamente pedia socorro. Ela disse que seu irmão estava vindo ao mundo e que a mãe precisava de ajuda para deixá-lo sair. Perguntei se a mãe estava próxima do carro. Ela balançou a cabeça em sinal de positivo.

Até agora não sei como nos entendemos, porque a pequena falava *créole*, língua que não domino, mas Hani e eu rapidamente aceitamos aquele pedido para encontrarmos a mãe em trabalho de parto. Hani fez os exames na mãe enquanto eu atendia a pequena. No meu colo, ela me contava com um grande sorriso no rosto que queria que viesse um menino para proteger ela e a mãe.

Horas depois daquele pedido de socorro, finalmente chegou ao mundo seu pequeno protetor. E nós, os brancos, saímos anestesiados por encontrar um sinal de vida no final de um dia onde a morte reinava absoluta.

16 de janeiro de 2010 (e-mail para a família)

> Muitos corpos soterrados e outros tantos dispostos pelas ruas. Pessoas dormindo no meio do asfalto, no resto do que um dia chamaram de bairro. Muitas amputações. O desastre ainda não permite que tenhamos a noção exata da sua proporção. Estamos atendendo centenas de pessoas a cada turno e nada por aqui parece ter qualquer explicação. Permanecemos à espera de minutos melhores.
>
> Difícil descrever as cenas de sofrimento que acompanhei hoje. Corpos nas ruas e olhares assustados. Deitei-me fazendo a mesma pergunta que assola os haitianos que encontrei: por quê?
>
> Estamos com os hospitais cheios de gente despedaçada. As ruas seguem transbordando fragmentos de morte. Todos os nossos centros de saúde ruíram, estamos lutando por mais uma hora de vida. Ainda não vi máquinas, nem equipamentos para resgates, e ainda não chegaram as organizações especializadas em retirar sobreviventes de escombros. Os sobreviventes tentam retirar seus familiares com as próprias mãos. Por quê?
>
> Há duas noites os tremores de terra continuam, mas em intensidades menores. As pessoas adormecem nas ruas, com receio de que o que sobrou de suas casas desabe no meio da noite. Seguimos trabalhando.
>
> Beijo, Debi

(e-mail para mãe)

Mãe amada,

Pode ficar tranquila, estou em segurança, mas trabalhando duro. Temos mais de duas mil pessoas só nos nossos centros de saúde, e ainda temos muita gente embaixo dos escombros. Estou cheia de energia para trabalhar. Te amo. Fica tranquila.

17 de janeiro de 2010 (e-mail para família)

Muito calor e muito trabalho. Passei o dia todo trabalhando e estou tendo acesso à Internet, ainda que por pouco tempo. Estou atendendo meus colegas MSF que estavam no Haiti no momento do terremoto. Em algumas horas, eles voltarão para suas casas. Mandem muita energia para cá. As cenas são muito tristes, mas tentaremos fazer tudo o que for possível. Sou feliz de fazer parte da nossa família.

Beijo, Débora

Outro terremoto, desta vez sem consequências maiores do que a população já vivenciou. No momento exato do início do tremor, eu estava dentro do centro de saúde de Martissant 25. Enquanto nós avaliávamos a possibilidade de transferir algumas crianças para a pediatria, escutamos um ruído bem forte, como se o encanamento todo do prédio estivesse se rompendo debaixo de nossos pés. Assemelhava-se a um estrondo abafado, seguido por uma movimentação do piso e das paredes.

Alguns anos atrás, comprei móbiles para decorar a pediatria. No momento do terremoto, os móbiles balançavam fortemente sobre nossas cabeças, de um lado para outro, enquanto as paredes imediatamente começaram a rachar. Ouvimos muita gritaria, choro e correria de pacientes pelo pátio. Todos estão muito impactados, e nós também, mesmo que em menor grau.

Decolarei hoje rumo à República Dominicana. Será minha responsabilidade repatriar seis colegas que estavam em Porto Príncipe no momento do terremoto para um local mais seguro. Essas pessoas cuidaram de dezenas de queimados após uma explosão em um posto de gasolina que existia próximo ao nosso centro de urgência. Ainda que a decisão de repatriá-los neste momento não fosse a mais adequada para todos eles, a coordenação decidiu que devem ser repatriados todos juntos. A primeira razão da decisão deveu-se ao fato de que partindo juntos terão mais possibilidade de apoiarem uns aos outros, não potencializando o sentimento de que alguns são mais “fracos” que outros. Farei meu possível para que todos fiquem bem.

Na noite passada não fui capaz de descansar, a terra permaneceu inquieta durante a noite toda. A maior parte da população dorme nas ruas, ao lado de estilhaços de corpos humanos e de fragmentos de pessoas carbonizadas. Persegue-me uma sensação estranha de viver dentro de um filme. Não me parece justo que isso tudo realmente aconteça com as pessoas da vida real. Como é permitido perder do dia para a noite todas as pessoas que você ama? Como?

18 de janeiro de 2010

Sigo na capital Porto Príncipe. Não foi possível decolar. A todo o momento chegam pessoas extremamente feridas, temerosas, ainda em processo de assimilar o indizível.

(e-mail para Rafaela)

> Rafa, as cenas aqui são indescritíveis. Eu estou bem, mas estou trabalhando 24 horas e ainda não consegui fazer nem perto do que precisa ser feito. A desolação é maiúscula por aqui.

8h. Atordoada. Os corpos seguem carbonizando pelas ruas, enquanto as pessoas mantêm seus olhares fixados no vazio, em uma tentativa frustrada de assimilar o desmoronamento de parte de suas histórias de vida. Humanos seguem tentando escavar as pilhas de restos, na tentativa de achar um corpo para chamar de família. E eis que se multiplicam os muitos segundos que se seguem a uma pergunta sem resposta.

10h. Novos tremores de terra fazem com que pacientes, ainda dentro da sala de cirurgia, saiam em desespero a correr nus pelos grandes salões formados pelas tendas e colchões no chão do pátio do centro de urgência. Uma triste cena de um filme que nunca deveria ter existido.

20h. A gente não vai sem medo, vai apesar dele. É preciso trabalhar dentro de espaços de concreto. Nada mais aparenta ser sólido. Sabemos da possibilidade de novos tremores, e até mesmo da possibilidade do desabamento, mas existem muitas vidas que precisam de atenção especializada, desafiando o limite entre o medo e a certeza da missão. Esta noite senti minha cama mexendo várias vezes, como se eu estivesse dormindo em um colchão de água. Quis correr. Enquanto me preparava para sair do quarto, tentei saber se outras pessoas estavam saindo também. Muitos optaram por dormir em barracas do lado de fora, mas outros, como eu, dormem dentro de casa. Acompanho dia a dia a evolução das rachaduras na parede do meu quarto. Tenho medo, mas penso que ficar é preciso.

19 de janeiro de 2010

8h. Continuo fazendo os atendimentos aos meus colegas MSF. Essa brava equipe permaneceu 24 horas tentando dar conta de uma quantidade enorme de gente ferida, amputada e queimada, sem perder, contudo, a preocupação e a agilidade dentro dos centros de saúde lotados.

15h. Sensação de impotência diante da demonstração clara e objetiva da força desta natureza que nem sempre parece ser mãe. Pernas que se mexem e chão que se move sem que se deseje. Como é possível tamanho colapso na história deste país?

23h50. Uma fadiga toma conta de mim. Um esmorecer se deriva das situações que vivenciei do amanhecer ao crepúsculo. Estou inquieta por fazer parte deste cenário corroído pelo encontro de desastres humanos e naturais. Tenho DOR em *Caps Lock* hoje.

(e-mail para as amigas de infância)

> Amigas lindas,
> Estou muito cansada, mais pelo que vi do que qualquer outra coisa. Esta madrugada

cheguei a República Dominicana para o repatriamento da equipe que estava no Haiti durante o terremoto e que precisa de cuidados. Amanhã eles serão repatriados e eu voltarei a Porto Príncipe. Vocês não imaginam o que é sentir o cheiro da morte, com todos os significados que isso possa ter. O chão ainda treme. Nada pode ser assegurado, nem seguro, nem mesmo a terra em que pisamos. Tem pedaços de carne humana e restos de tudo o que um dia possibilitou a vida. Uma sensação inexplicável de registrar tudo isso como tatuagens no pensamento.

20 de janeiro de 2010

Ainda na República Dominicana. Optamos por deixar a equipe mais tempo junta antes de cada um retornar ao seu país. Apostamos no cuidado e no acolhimento que os membros da equipe podem proporcionar uns aos outros na árdua tarefa de digerir o inexplicável desastre. Acreditamos que sentir a cumplicidade dos olhares de quem viveu uma catástrofe como essa pode auxiliar no fortalecimento de cada um antes de voltarem para suas residências.

Eu me permiti parar um pouco para pensar no que estamos vivendo. Recebemos chamados de todos os pontos do país, sinalizando novos tremores de terra. As casas colapsando, as pessoas em pedaços. Onde pisamos? Como estamos? Por mais que tentemos manter a calma, a incerteza e as imagens não nos deixam em paz. Dorme-se com um olho aberto e o outro encostado.

21 de janeiro de 2010

Descanso e calma. Palavras que demarcam uma aposta no amanhã.

(e-mail enviado para a família quando soube que minha irmã estava grávida)

Fiquei muito feliz com a notícia da Daiane! Pobre mãe. Haja coração para tanta emoção boa e ruim. Deem suporte para a Vó Anita.

Quanto a mim, tudo tranquilo, nada de tremor hoje. Amanhã volto para o Haiti, então se eu não der notícias, não se preocupem que estou só trabalhando. Mil parabéns pra Daia e pro Júlio, tentarei ligar.

Mandem este recado pra ela:

Mana querida, estou muito feliz com este novo serzinho que vem ao mundo em missão de PAZ. Tô aqui de longe, vibrando com o novo pequeno ou pequena que está se preparando para chegar! Já estou contando os dias para o nascimento, não farei nenhuma missão na época que ele/ela chegar!

PARABÉNS, MAMÃE E PAPAI!!!!

Béia

(e-mail para as amigas de infância)

Amigas lindas,

Estou bem, embora com um olho aberto e outro encostado durante a noite. Sentimos vários tremores de terra, mas à noite parecem sempre pior, talvez pela vulnerabilidade de

estarmos mais sonolentos e cansados. Estou bem, este último tremor foi perto de Gonaïves e fica a uma distância considerável, por isso não nos afetou tanto aqui na capital. Nestes dias tivemos outros tremores de intensidade 4,5 e isso me assustou muito.

Debi

22 de janeiro de 2010

8h. Um longo suspiro. Um olhar ao redor, uma repassada na agenda. Missão repatriamento cumprida. Volto para Porto Príncipe na madrugada de amanhã. Esta noite partiram os seis colegas da minha missão de repatriamento. Alguns chocados, outros sofridos, outros mais entristecidos, mas quase todos certos de terem feito o melhor que puderam.

22h. Um golpe de vida no balançar desta terra.

23 de janeiro de 2010

8h. MAIS UM DIA na terra que se inquieta com a desigualdade.

Meio-dia. Da janela redonda do helicóptero vejo a estrada bem abaixo de mim. Uma extensa fila de carros e caminhões leva a esperança de encontrar humanos sob o amontoado de concreto. Na caçamba dos caminhões seguem as equipes e seus cachorros farejadores de vida, são os especialistas em escombros e soterramentos que, embora tarde, levam esperança àquele pedaço de ilha.

Mais à frente, vejo os chineses, seguidos pelos americanos, alemães e outras nacionalidades que talvez nunca tenham ouvido falar no Haiti até este momento. Neste instante, somos todos Humanos vestidos de uma pele que não dá importância à cor ou à história, dá importância somente ao fato de estarem em busca de encontrarmos mais um de nós vivo. Encho meu pulmão de ar ao ver toda esta gente buscando fazer um mundo um pouquinho mais condizente com uma raça dita racional.

26 de janeiro de 2010

(e-mail para as amigas de infância)

Minhas amigas,

Um longo suspiro.

Estou cansada de viver dias de pedaços: pedaços de gente, pedaços de casas, pedaços de vida, pedaços de esperança. Tivemos um grande número de pessoas amputadas pela gravidade dos ferimentos e também pelo nível alto de infecção potencializada por calor, sujeira, poluição, falta de higiene, além do alto índice de moscas e insetos que chegam para se alimentar dos corpos. Este cenário desolador intensifica ainda mais a dor da perda.

Neste somatório de fragmentos que se assemelha a um cenário de bombardeio, ainda é possível encontrar pessoas plenas de desejo de se agarrar a alguma expectativa de vida. Quando percebo uma brecha qualquer no encontro com um sobrevivente, abro um sorriso, ofereço um toque. Quando sinto abertura, parto para o abraço. Uma sensação boa vai chegando: é a vida que vai se conformando em meio ao mundo de frações. Que sejamos suficientemente fortes para transformarmos isso tudo em outra imagem neste imenso

quebra-cabeça vivo.

Um pedaço de sorriso e uma longa reflexão.

28 de janeiro de 2010
(e-mail para mamãe)

Mãezinha querida,

Tenho trabalhado ferozmente, mas estou muito feliz de poder ajudar a construir um mundo um pouquinho melhor. Cada um faz o que acha correto para ser feliz e ajudar a construir um mundo mais digno para se viver. Acho que nossa família não é diferente: uns geram filhos, outros casam, alguns estudam, outros viajam. Cada um faz o que acredita que pode dar certo. E eu? Eu permaneço segura das minhas escolhas.

Obrigada por ter me dado raízes, asas e coragem (e pernas também). Nestes últimos dias, tenho agradecido por ter nascido com todos os membros funcionais. Fique tranquila porque amanhã de manhã estou indo de helicóptero para a República Dominicana mais uma vez. Fui convidada para preparar meus colegas expatriados em termos de saúde mental. É possível que eu fique mais tempo na Republica Dominicana. Como anda meu novo ou nova sobrinho/a? A Daiane está bem? E o Júlio? E a vovó? Não tenho ideia de quem é o mais animado.

Bjs e saudade, Béia

(e-mail para as amigas de infância)

Amadas e amado (Pinta),

Para vocês que vivem comigo no lado de dentro, segue aqui um pouco do diário desta noite no centro/tenda de urgência de Choscal, no bairro de Cité Solei, Porto Príncipe, Haiti:

Longo dia de buscas, do lado interno e externo do campo de visão. Estou trabalhando há vinte horas. Ainda com as pálpebras pesadas e com a sensação áspera de quem não pode ver tudo, vou saindo das tendas improvisadas em meio à ruína que antes abrigava um centro de saúde.

Passo, repasso, visito tenda por tenda. Ainda era madrugada quando encontrei um olho arregalado olhando para o vazio. Estava no meu campo de visão uma pessoa que tentava reconhecer a nova composição corporal: uma perna amputada, costelas quebradas, cheiro do sangue seco grudado na atadura de pano. Enxerguei o sentimento de escombro, registrei uma sensação de buscar reconhecer o novo habitante do próprio corpo.

4 horas da manhã. Na tenda sete alguém gemia de dor. De onde emergia a dor? Do fim do período da anestesia pós-cirúrgica? Da história do homem que ficou três dias sob os escombros? Do cenário à sua volta? Do medo de encontrar aquilo que um dia era a sua vida? Quem dava vozes àquela dor?

4h30 de uma manhã difícil. Quase nada era invisível aos olhos. O cheiro do sangue, o cheiro do medo, o cheiro da perda, o cheiro do ontem, o gosto amargo de não se

reconhecer na própria pele. O toque no resto do que um dia foi corpo, o barulho do escombro, o chamado não atendido do filho. Enquanto vagava entre os leitos, fui atingida por uma questão: “Você sabe o que é perder uma perna no Haiti?”, perguntou-me Petersem, 22 anos, às 4h30 de um dia injusto.

5h. No leito ao lado de Petersem, Alüc me perguntou: “Como se vive sem os braços?”. Sentada no leito de Alüc, ainda compartilhando o momento do indizível que segue após uma pergunta dessa envergadura, ouvi um começo de gente chorando sozinha no chão do centro de saúde. Aparentando três meses de mundo, aquele serzinho pedia um carinho, um colo, um afago e um pouco de calor. Com dois quilos de fome, aguardava que alguém lhe ajudasse a beber o leite servido no copo plástico. Sem mãe ou pai por perto, fiquei com ele nos braços, ofertando um pouco de conforto. Vislumbrei naquele ato uma forma de me proteger de tanta pergunta sem resposta.

6h. “Onde estamos?”, perguntou um dos pacientes da “tenda da morte” ao despertar de um momento inconsciente. No seu entorno, todas as referências haviam colapsado, nada lembrava a vida que ali existia antes do grande tremor.

7h30. Nesta noite que nunca vai acabar, recebi um sopro de carinho. Do alto dos seus 5 anos de idade, Reine é a acompanhante do dia de uma jovem senhora que tem como papel principal ser sua mãe. Enquanto eu passava pelos leitos, a pequena correu em minha direção, abraçou-me e estalou em minha bochecha um beijo de família. Fui tomada por uma alegria que ainda não havia aparecido desde que cheguei ao Haiti. Paciente, ouço Reine dizer: “Doutora, você me disse a verdade: minha mãe não morreu, ela me deu um irmão”. E, no meio dos destroços de uma família, veio ao mundo mais um para ajudar nesta longa reconstrução.

9h. Sensação de limbo.

14h. Ainda posso sentir o odor daquela poça de sangue parado sobre o colchão desocupado. Cinco horas após sair do centro de urgência, ainda estou impregnada desse cheiro. Tenho dúvida se o cheiro ficou impregnado na minha pele ou nos pensamentos.

15h. Já no centro de cuidados improvisados, dentro do nosso antigo escritório, visualizei um homem de 40 anos de idade e um pequeno de uns 6 anos ao seu lado. Apresentou-se como Mario. Mario gritava algo que parecia loucura aos olhos de seus companheiros de sala. “Chamem a psicóloga, deve ser um louco!”, exclamaram em francês os enfermeiros haitianos.

Mario deixou a República Dominicana sete dias antes de se deparar pela primeira vez com um terremoto. Com a coragem que só os desprovidos de tudo têm, saiu de seu país sem falar uma palavra de francês ou créole e resolveu ganhar a vida ao lado do único filho em uma terra que desconhecia. Mario gritava em espanhol: “Façam algo, falem comigo, eu tenho medo e ninguém fala comigo há uma semana...”. Loucura? E enquanto eu falava em espanhol com um Mario que apenas precisava dizer à sua família que estava vivo, eu refletia sobre os loucos que guardo em mim e que queriam sair gritando coisas que uma psicóloga não deveria dizer.

Mesmo exausta, fui impelida a compartilhar um pouco do dia com vocês. Ainda não sei

ao certo se escrevo para mim ou para vocês. São tantas histórias e imagens que não consigo acomodar tudo na caixa de memórias, então fui armazenando parte dessas memórias nas caixas de e-mails de cada um de vocês, talvez na esperança de um dia entender melhor o que acontece por aqui.

Obrigado por compartilharem a reconstrução deste imenso quebra-cabeças.

Um abraço, daqueles que nos fazem sentir um edredom em dia de inverno.

Débora

28 de janeiro de 2010, uma noite que vai durar para sempre

Com uma insônia me rondando, resolvi retomar algumas vidas que trouxe comigo. Dentro de mim alguém dizia: “Tem um cheiro muito forte de putrefação, tem muita gente ainda embaixo de escombros, tem poeira... mosca... sangue... um cenário bem forte...”. E eu tentando dizer: “Eu sei, mas precisamos dormir para deixar nascer um amanhã com menos dor”.

Ainda é dia 28, será que viverei neste dia para sempre?

Tenho medo de dormir, sinto as réplicas do terremoto na água que mexe no copo que fica ao lado da minha cama. Medo. Amanhã cedinho parto de helicóptero com mais dois pacientes que serão operados fora do país. É inimaginável tudo isso, parecem cenas de um filme de suspense e terror. Muitas pessoas amputadas que irão morrer de infecção nos próximos dias, muito humano com sequela.

As pessoas estão se decompondo em vida. A putrefação chegando com a dor do hoje.

29 de janeiro de 2010

7h. Mais um passo, e já não estamos no mesmo lugar... Cada novo dia é um pouquinho “menos pior” que o dia anterior. Estou cansada, mas disposta a trabalhar.

10h. Com todas estas ressonâncias do terremoto, ainda posso sentir a terra tremer. Principalmente à noite, o medo nos impele a sair de dentro de casa. Mas logo o sono toma conta dos medos e voltamos a dormir.

29 de janeiro de 2010 (e-mail para a minha mãe)

Querida,

Já cheguei à República Dominicana. Meu trabalho agora é preparar todo mundo para a barbárie que encontrarão por lá, e, em seguida, receber os expatriados que retornam a suas casas após a missão e ajudá-los a escolher as melhores alternativas para se cuidarem. É parte essencial do meu trabalho ajudar as pessoas a voltarem para sua rotina da forma mais acolhedora possível. Estou num lugar confortável. Saudade, e cheguem a Sergipe quando quiserem.

Grande beijo e parabéns para o Omero pela realização do sonho dele.

Bjs, Béia

1º de fevereiro de 2010

7h. Não havia tempo para ter medo, era preciso agir rápido.

14h. Cada dia tem 48 horas prorrogáveis a cada novo dia. O tempo não para, e o trabalho também não.

19h. Passa, repassa, passa ainda uma vez mais, e, assim, vai se fazendo a roda viva dos expatriados. A cada novo dia temos um fluxo de dez a vinte pessoas que terminam a sua missão no Haiti, enquanto outras dezenas chegam para enfrentar o dia de 48 horas. Um abraço e boa sorte é o que se deseja àqueles que se alternam na missão de cuidar.

23h. Tenho a sensação de que já se passaram dois meses desde o início da catástrofe. Estamos todos na sala de observação, esperando o momento de recebermos alta. Será que um dia ela acontecerá?

2 de fevereiro de 2010

Um longo e demorado suspiro, é o que tenho pra hoje.

3 de fevereiro de 2010

No mundo dos humanitários, nem sempre nos percebermos carentes de toque. Talvez a maior parte de nós sublime essa necessidade se sentindo abraçado pelo olhar daqueles que atendemos. O corpo sente a magnitude da compaixão pela alteridade do outro, enquanto a alma sente a leveza de amenizar a tristeza no agora.

23h. Sensação boa de estar viva.

3 de fevereiro de 2010

(e-mail para a minha mãe)

Fica tranquila que estou bem feliz com a vida que escolhi, ainda que muito cansada. Faz sentido ser feliz trabalhando desta forma.

Grande beijo, Béia

(e-mail para expats MSF)

Muito obrigada pelo carinho.

Ainda estou na estrada entre Haiti e Santo Domingo. Cheguei para o acompanhamento de saúde mental para os expats e acabei montando os projetos psicossociais para dois centros de urgência. Enfim, aqui estou em Santo Domingo recebendo os expats para ajudar no retorno aos seus países de origem. Posso assegurar a vocês que esta não é uma missão fácil, mas faz o trabalho com MSF fazer sentido.

Grande beijo, Débora

11 de fevereiro de 2010

7h. Cansada. Plena. Uma lágrima do lado esquerdo da história. Acordei com uma sensação de ser muitas mulheres, e alguns homens também.

19h. Um pé no presente, um sentimento no passado e um olho no futuro, ainda que seja o dia de amanhã. Desejante de um hoje!

(e-mail para as amigas de infância)

Amigas lindas,

O Haiti começa a reagir à catástrofe, embora a maioria das pessoas não tenha perspectivas de um futuro, mesmo que isso signifique o dia de amanhã. Ainda existem algumas ressonâncias do tremor de terra, que durante a noite se transmutam em angústia.

Às vezes, eu me pergunto o que é salvar uma vida no Haiti. Vocês imaginam o que é perder os dois braços para quem trabalha carregando pedras? E as pernas para quem trabalha vendendo panelas em sua bicicleta? Todo dia eu escuto: "Você sabe o que é perder uma perna no Haiti?". E pior é que eu acho que sei. Não posso sentir o que é perder uma perna no Haiti, mas posso visualizar um número infinito de barreiras num futuro que começa no agora.

Continuem mandando boas energias, porque a amiga Debi está com os recursos prestes a se esgotarem. Estou cheia de olheiras e com uma sensação de que faz seis semanas que só existem segundas-feiras, e que todo dia é dia 13 de janeiro.

Um abraço cheio de desejo de bem loguinho ser presencial.

Deb

15 de fevereiro de 2010

6h. Tá chegando a hora, é hora de partir. E me repartir.

Meio-dia. Hoje é um daqueles dias que acordei fazendo um balanço do que vivi. Foram 32 dias, mas uma sensação de que foram alguns meses. Nunca foi tão viva a sensação de que o tempo não é cronológico. O tempo é somatório das experiências vividas e do que aproveitamos delas. Sinto tudo na intensidade do devir.

22h. Embalando a alma no presente para dar a mim mesma, em um futuro bem próximo. A maltratada alma, como sempre, vai tentando cicatrizar. Saem por todos os poros frasquinhos de aflição.

23h. E assim vou me refazendo desta missão. Ainda não parti, mas já começo a me despedir.

16 de fevereiro de 2010, meu último hoje no terremoto

Hoje é um daqueles dias em que se dá o último suspiro, o último *briefing*, o último abraço, o último acolhimento, a última escuta da equipe, o último atendimento psi e, enfim, o primeiro "até a próxima".

6h. É hora do *briefing* da manhã para a equipe de 11 pessoas que chegam de 11 distintos países do mundo em direção ao Haiti. Neste momento, é parte do meu trabalho relatar para quem chega o que encontrei nas primeiras 48 horas após o terremoto, como está a situação psíquica dos expatriados e a situação da equipe nacional. Neste primeiro encontro, falo ainda de como se proteger em nível psicológico das reações de sofrimento que podemos manifestar em uma situação de catástrofe, em todos os sentidos, além de tratar da importância de ter uma relação de comunicação aberta e franca com a equipe.

7h. É hora de receber a lista da equipe que chegará de Porto Príncipe em direção a seus países de origem.

Recebo as listas com os horários e nomes das equipes que virão de avião, helicóptero e carro. Então, planifico pela última vez o número de acolhimentos e o número de escutas que farei daqueles que saíram recentemente do terreno.

8h. Todos estão sentados no chão do escritório, ouvindo atentamente o *briefing*. Assim como o meu, o perfil dos expatriados que trabalham em emergências é feito de gente que tem curiosidade pela vida humana. Fazem muitas perguntas sobre tudo.

14h. Chegaram os expatriados do Haiti. Todos são recebidos no hotel com frutas, sanduíches, sucos e sorrisos sinceros de boas-vindas. Esperamos que se sintam acolhidos e não pressionados a falar sobre o que viveram. Convidamos todos para escutar breves palavras sobre cuidados pessoais e coletivos após uma catástrofe como essa, e então os integrantes do grupo são convidados a relaxar e falar apenas se, e quando, sentirem vontade.

A maior parte dos expatriados nos procura de maneira informal, fazem algumas perguntas pontuais, pedem auxílio para reaprender a dormir, perguntam se determinados medos são normais, se ficarão bem depois de passar por uma situação extrema, ou ainda pedem um abraço. É fascinante trabalhar com a arte de ser psicóloga sem parecer ser.

Gosto desse cuidar despretensioso de quem oferta antes de qualquer tecnologia, afeto e técnica. Nesse modo de produzir cuidado, é imprescindível antes de tudo se mostrar humano, falar também de seus medos e desejos. Se lançar ao encontro com o outro é ouvir com outros órgãos, e se deixar sentir o outro antes de tudo. Como parte da metodologia, vou escutando meu sentimento no ato do encontro e vou seguindo esta trilha que tem muitas facetas.

16 de fevereiro de 2010

7h. Faz uma semana que só penso em como seria bom ficar isolada em uma praia só vendo baleias. Como os sonhos não podem esperar, peguei um micro-ônibus na capital e segui junto com meu namorado para uma ilha deserta (só um pouco deserta, pra falar a verdade). Fomos até a fronteira entre a República Dominicana e o Haiti. Já na chegada, alugamos um pequeno barco rumo ao alto-mar. Éramos só nós e as baleias.

16h. Acabamos de chegar do momento mágico. Estivemos perto o suficiente para nos assustarmos e longe o bastante para não perturbar as baleias e suas crias. Observar esse animal imenso dançar e rodopiar ao som do mar e da chuva que caía me encheu de vida. Uma baleia. Uma baleia acaba de saltar bem alto em mim e isso era tudo de que eu precisava para voltar a acreditar no mundo.

Acho que as memórias são um grande emaranhado de sentimentos ligados a um farrapo de história. Acabo de imprimir em mim toda esta sensação boa de encontrar uma gigante que dança em alto-mar. E sigo fascinada com a dança dela dentro de mim. Uma baleia!

17 de fevereiro de 2010

Em alguns dias, completo três décadas. Dentro destes 30 coube muita gente. Amei algumas pessoas, apaixonei-me por muitas, dividi minha existência com pessoas com quem tive vontade de viver para sempre, chorei, feri, fui ferida, sofri, encontrei baleia, encarei a morte de frente, encontrei muita gente viva em meio aos escombros de catástrofes bem humanas.

Tenho a sensação de que vou fazer 60 anos em alguns dias. Ainda não sei ao certo o que eu

quero dizer com 30. Mas, uma certeza tenho hoje: quero continuar Viva. Fiquei pensando esta tarde em algumas pessoas que seguem andando por este mundão sem fronteiras e insistem em dizer que estão vivas. Tanta gente andando, comendo, conversando e trabalhando, mas, certamente, viva não está.

Orgulho dessa vida com V bem maiúsculo. Esta vida que treme; que perde e ganha, mas se compromete em estar presente. Sinto-me plena. Sou feita de uma rede que se opõe às iniquidades sociais, que lacrimeja diante de uma injustiça e se propõe a ser muitas ao mesmo tempo.

Sou meio assim, desse jeito que não sabe falar de si. Às vezes, sou uma florzinha do campo, do tipo simples e que nasce em qualquer lugar; outras vezes, uma orquídea rara que, de tão sensível, se despedaça quando arrancada de seu habitat. Sou uma coisa qualquer e bem especial, sou mais uma entre tantas.

Por vezes me proponho a circular dentro de minhas entranhas e me perco. Sou do tipo que nunca sabe como voltar para casa, que nasceu sem GPS interno, sou daquelas que sabe de onde veio, mas não lembra se quer voltar.

Sou uma mulher colorida como a pele de um camaleão... Já fui boa de briga, e aprendi que em algumas delas ganhar é perder e que agressividade faz gerar em torno de mim uma sensação de fracasso. Nasci bem humana, com tudo de bom e ruim que esse conceito pode ter. Meu cabelo que nasceu negro já começa a descolorir, mas, por sorte, meus pensamentos continuam sendo escritos com a caneta da utopia de viver em um mundo melhor.

Trabalho muito para deixar este mundo um pouquinho mais colorido, e só de emprestar meus pincéis e tintas para colorir e lambuzar minhas mãos de cor todos os dias, já me sinto em paz.

20 de fevereiro de 2010

No aeroporto do Panamá, à espera da chegada ao Brasil. A ânsia por chegar em casa me consome.

23 de fevereiro de 2010

Hoje faço 30 anos. Acordei cedinho, disposta a fazer o dia render. Passei a manhã sozinha na praia, sentada na ponta de uma pequena duna de areia malformada, bem em frente ao mar. Gastei a manhã conversando com a minha trajetória, enquanto sentia uma brisa refrescando as vísceras. Um sorriso leve no lado de fora, uma lágrima fina que me lavava uma linha da face.

Senti saudade de gente que partiu, senti saudade de gente que amei muito e queria ter ao meu lado. Tomei um banho de mar demorado, voltei de novo e deitei na areia quente. Não tive pressa. Deixei o sol me aquecendo as emoções e fiquei satisfeita por não me arrepender das escolhas que fiz.

Fiquei pensando em como ainda tenho vida pela frente. Se eu levei um ano para andar, cinco para entrar na escola e mais de 50% do tempo sem dinheiro ou autonomia para sair por este mundão, meu futuro promete.

Lembrei-me de quando eu era pequena e pensava que o mundo era muito grande. Hoje, depois de visitar 30 países, tenho a sensação de que o mundo é grande como uma pequena

aldeia. Nasci em um município com menos de 260 mil habitantes e tenho a certeza de que tenho o tamanho exato daquilo que eu acredito ser.

E eu sou bem grande, ainda que muitas vezes menor que uma formiga. De vez em quando, tenho a maturidade de uma criança de três anos que crê que ao fechar os olhos ninguém a enxergará. Às vezes, acho que posso desaparecer da face da Terra por alguns instantes e que celular só serve para que os outros nunca se sintam frustrados de não poder me achar. Eu sou assim, feita de um pano tão colorido quanto os vestidos da Guiné.

25 de fevereiro de 2010

Fui convidada para partir em uma nova missão. Em alguns dias, saio do Brasil para a República Democrática do Congo. Ainda estou cansada, tenho vontade de dormir. Será que eu preciso de mais tempo para descansar? Sinto que tenho muita gente dentro de mim que ainda chora depois do terremoto. Será preciso mais tempo para confortá-las dentro de mim? Será que se forem todas ao Congo, elas começam a descansar? Tenho inquietude. Queria poder dormir 24 horas hoje. Tenho vontade de ficar quietinha na praia, só caminhando e nadando. Quero me isolar. Eu perdi muita gente.



MÉDICOS SEM FRONTEIRAS: HAITI — PÓS-TERREMOTO

Em janeiro de 2010, um terremoto de magnitude 7.0 na escala Richter devastou a capital do Haiti, Porto Príncipe, e as regiões de seu entorno. Estima-se que 220 mil pessoas tenham perdido suas vidas e outras 1,5 milhão tenham ficado desabrigadas. Naquele 12 de janeiro, a organização humanitária internacional Médicos Sem Fronteiras (MSF) estruturava o que seria a maior resposta de emergência de sua história. A fase de emergência durou três meses. MSF foi uma das principais atuantes em cirurgia entre os 30 hospitais estruturados por organizações estrangeiras. Profissionais de MSF conduziram 5.707 procedimentos cirúrgicos; 150 deles envolveram amputação.

Mesmo antes do terremoto, a maioria dos haitianos não tinha acesso a cuidados de saúde, visto que tanto instalações públicas quanto privadas cobravam taxas impraticáveis por seus serviços. Hospitais recusavam pacientes por estarem sobrecarregados ou por carecerem de pessoal e suprimentos. Pacientes frequentemente interrompiam seus tratamentos quando o dinheiro acabava. E, então, veio o terremoto. A equipe enviada por MSF a campo aumentou rapidamente de 800 para 3.400 pessoas trabalhando em 26 hospitais e quatro clínicas móveis.

Apenas dez meses depois, as equipes de MSF apoiaram os colegas haitianos no combate a uma epidemia de cólera de proporções nacionais que infectou mais de 180 mil pessoas em menos de três meses. A doença ainda é uma ameaça à saúde pública. Em 2015, mais de 2.300 pacientes foram internados no centro de tratamento de Diquini, em Delmas, e outros 750 foram tratados no centro Delmas Figaro. Equipes da organização continuam envolvidas em atividades de vigilância.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS ATUA NO HAITI DESDE 1991.

Médicos Sem Fronteiras é uma organização humanitária internacional que leva cuidados de saúde a pessoas afetadas por conflitos armados, desastres naturais, epidemias, desnutrição ou sem nenhum acesso à assistência médica. A organização oferece ajuda exclusivamente com base na necessidade das populações atendidas, sem discriminação de raça, religião, convicção política e de forma independente de poderes políticos e econômicos. Também é missão de MSF chamar a atenção para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas atendidas em seus projetos.

N
O
L
S

DESEMBARCANDO MAIS UMA VEZ NO CORAÇÃO DA ÁFRICA

A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO

MISSÃO KASISI



MISSÃO NIANGARA



1º de março de 2010

Um sorriso, um pensamento e um desejo. E vem chegando mais uma missão. Em poucos dias, parto em direção a outro mundo, uma missão a descobrir.

2 de março de 2010

Caminho pelas ruas com o estômago repleto de borboletas. Aquele frio bom na barriga, como se estivesse esperando uma grande surpresa. E vem chegando ela, a grande surpresa que é encontrar gente em todos os cantos do mundo.

Fico pensando que lá, do outro lado do oceano, as pessoas nem imaginam que em algum lugar do Brasil tem alguém saltitante por dividir a vida com elas por um tempo, e que vai fazer tudo o que for possível para que elas tenham acesso à parcela acolhedora do humano do mundo.

3 de março de 2010

Dia de arrumação de mochila, pagamento de contas, carregar todas as plantas para o corredor, arrumar a casa esperando a geladeira degelar. Respiro rápido enquanto recebo os amigos para a festa de despedida. Que canseira. Nesta madrugada, ainda com os amigos dentro de casa, colocarei a mochila nas costas e partirei para outro mundo. Sensação boa de fechar a porta e aparecer em outra dimensão. É a vida tecendo novas possibilidades.

4 de março de 2010

Saindo de Aracaju. Parada em Bruxelas para *briefings* operacionais e depois seguir para a RDC. Neste sábado praiano, saio em busca de uma África desconhecida. Saio desejosa de luz e paz nesta nova missão. É a Republica Democrática do Congo, fazendo uma nova morada dentro de mim.

5 de março de 2010, Bruxelas

8h. Amanhã vou saindo de mansinho e abrindo mais uma vez a janela deste novo mundo.

23h. O futuro é isso, um grande apanhado de incertezas e expectativas. Nada é tão certo e tão sólido quanto um sonho. E lá vou eu construindo com solitude e solidez mais um hoje.

11 de março de 2010

20h de um começo de noite vermelho cor da terra que sobe de um chão ressecado pelo calor de 40 graus. Um pouco de falta de ar, talvez devido ao ar seco e empoeirado que entra

riscando meus pulmões.

Vou chegando nesta terra de senhor@s negr@s. Sinto-me toda bem-vinda à RDC!

12 de março de 2010

11h. Acabo de chegar à Goma, cidade fronteiriça à Ruanda. Goma foi a cidade que acolheu milhares de refugiados ruandeses durante o genocídio de 1994 entre as etnias Hutus e Tutsis. Esta é também a cidade onde centenas de pessoas perderam suas vidas durante a epidemia de cólera, e onde, em 2002, o vulcão Nyiragongo entrou em erupção, deixando 120 mil pessoas desabrigadas. Goma é uma destas cidades assinaladas pela morte e suas muitas facetas.

Nas ruas, atualmente, encontramos a cidade coberta por uma cor ocre, e uma população que caminha em meio a carros, poeira, balaios e cestas de mandiocas, milho e misérias.

11h20. Vinte minutos depois de chegar à base de apoio MSF em Goma, passo pelo *briefing* operacional para compreender um pouco mais sobre a missão e a segurança na região.

O responsável pela base inicia o *briefing*: “Bem-vindos à bomba de Goma”. Segundo ele, o vulcão Nyiragongo, nosso vizinho, pode entrar em erupção a qualquer momento, risco que se soma aos riscos à segurança impostos pelos conflitos armados e pela desigualdade social. Informa que há seis dias um carro com a nossa equipe foi assaltado na rota entre Goma e Masisi, e que os homens armados apontavam seus fuzis para a cabeça dos expatriados e falavam em uma das línguas locais, suaíli, que se não colaborassem, todos iriam morrer.

Falou sobre a postura e a conduta correta durante esses “incidentes” de percurso e frisou que deveríamos sempre estar atentos a qualquer movimento no caminho. Enquanto ele ia falando de uma forma um pouco caricata, como que tentasse diminuir o peso da veracidade do risco, senti que o medo tentava fazer uma morada em mim.

13 de março de 2010

5h de uma manhã que não quer acordar. Deixamos nosso quarto compartilhado com oito pessoas e nos dirigimos à mesa do café da manhã. Sobre a mesa de madeira escura encontramos um pão dormido de duas noites, que demandou como procedimento obrigatório molhá-lo em um pouco de chá para não perder os dentes logo no primeiro dia de missão. Tomei uma xícara de chá de capim-cidreira sem açúcar e um copo de café com pingo de leite; não por etiqueta, mas porque não havia o suficiente para todos. Na tentativa de enobrecer meu pedaço de pão, raspei com afinco um resto de margarina que ainda havia no pote. Terminado o manjar matinal, segui para o carro junto aos demais em busca de nossa nova missão.

10h de uma manhã de descoberta. Acabamos de chegar a Masisi. Minha primeira impressão foi de confusão. A estrada curvilínea e cheia de montanhas verdes muitas vezes me fez esquecer da sensação de perigo iminente, ao mesmo tempo que eu fazia questão de me lembrar de que o perigo poderia estar na próxima curva. Quando chegamos à porteira da nossa nova morada, confesso que experimentei um alívio por me sentir segura junto aos demais.

As casinhas de madeira, dispostas em diferentes pontos do terreno, e o desenho que formavam, acompanhando o desnível do piso, somado à arquitetura de tetos baixos e paredes estreitas, me remetiam à aldeia de um desenho animado da minha infância, a aldeia dos *Smurfs*. Quase todas as divisórias das casas eram feitas de compensado. No meio do terreno

havia um chalé feito de palha, que aparentemente se destina às refeições coletivas. A alguns metros ficava nossa base-escritório e logo mais abaixo da ladeira estava o hospital de Masisi, onde MSF assumiu os atendimentos médicos.

Diferentemente de Niangara, a população daqui parece sorrir pouco. No *briefing* com o coordenador do projeto, disseram-nos que boa parte da população havia sido formada por deslocados internos da RDC e refugiados de Ruanda. A população vive em meio a armas e tanques de guerra. O clima é tenso, e não é difícil notar que estamos em uma zona de conflito armado eminente. Fiquei me perguntando sobre como iremos nos defender de armamentos pesados se nós e a população local moramos em casas de compensado. Grande parte da comunidade vive em grandes campos de deslocados e refugiados. Dentro desse histórico, não é difícil entender os motivos para a população parecer sorrir pouco.

13h, almoço coletivo seguido de um dia de descoberta. Passado o almoço, fomos convocados para uma reunião com o coordenador do projeto Masisi, a fim de obtermos mais informações sobre as necessidades da população e orientações sobre como operar o projeto compartilhado entre médicos, psicólogos, fisioterapeutas, enfermeiros e outros profissionais de nacionalidades distintas. Discutimos estratégias para uma população que vive em uma situação perene de inadimplência de paz.

Passamos o resto do dia fazendo o reconhecimento do território. Visitamos o escritório, o hospital, ruas, espaços habitados por esta imensidão de miséria. Recolhemo-nos às nossas acomodações à meia-noite e meia. Quando a luz do gerador foi desligada, eu, felizmente, já estava deitada. Em meio a roncos e falas ecoando atrás da minha caixinha de compensado azul, entreguei-me ao sono.

14 de março de 2010

Acordei com uma dor forte e não consegui levantar. Quis pedir ajuda, mas não lembrava o nome da minha colega de quarto. Escutei vozes distantes, provavelmente dos colegas que já chegavam para tomar café no chalé central. Devia ser umas seis da manhã, e o dia ainda não havia começado. Acordei querendo estar em casa. Despertei desejando ter gente conhecida por perto. A minha cabeça havia se transformado em um turbilhão de questões — todas sem resposta.

Ficar doente nunca foi rotina para mim. Aquela era a primeira vez que eu estava doente em uma missão. Fiquei confusa a respeito do procedimento a ser seguido e hesitei em pedir ajuda. Enquanto esperava minha colega de quarto despertar, acompanhei com os olhos um camundongo magricelo e de rabo comprido tentando entrar nas mochilas entreabertas que havíamos deixado no chão. Sem condições de me levantar, comecei a movimentar meus braços de forma brusca e sem produzir som algum, ansiando não acordar minha colega de quarto com o pavor que tenho de ratos, mas louca para afastar aquele ser indesejado.

23h. Passei o dia sem conseguir caminhar. A dor aumentou muito. Dei início ao tratamento com antibióticos e analgésicos que a médica da equipe me receitou. Fui ficando tensa por estar doente logo no primeiro dia de trabalho. Senti-me constrangida por estar doente, era como ser um fardo para uma equipe que desconheço. Recebi visitas de todos os membros da equipe. Eu continuava com dor.

15 de março de 2010

A medicação parecia não fazer efeito. Muita dor. Comecei com analgésicos mais potentes, mas eles tampouco pareciam fazer efeito. A equipe resolveu me encaminhar a Goma para uma repatriação médica. Estudaram formas de me retirar da cidade por via aérea, mas, decididamente, não seria possível pelo risco. Estamos em um ambiente hostil à entrada de estrangeiros, podem confundir a entrada do helicóptero com uma intervenção militar. A coordenação pensa que qualquer movimento, se mal interpretado, faria nossa equipe correr riscos elevados.

Na cidade cercada de montanhas e rotas sinuosas, a única evacuação possível parecia ser via terrestre. Decidiram me transportar a um hospital queniano via Kigali, em Ruanda. Passei o dia cercada de pessoas que eu havia conhecido nas últimas horas. À noite, uma das expatriadas que viajou comigo de Goma a Masisi começou a arrumar a minha mochila para a partida. Pedi à coordenadora médica que me fornecesse alguns documentos sobre o projeto para que eu pudesse me inteirar sobre a missão enquanto estivesse no hospital, e todos que estavam dentro do quarto começaram a rir. Como desejo de moribundo é ordem, forneceram-me um *pendrive* com documentos do projeto de saúde mental.

16 de março de 2010, múltiplas lágrimas, uma dor e duas esperas

4h30. Ainda sem a luz do dia, fui acordada pelo ruído do motor da ambulância. Enquanto deixava evidente o meu sofrimento através do choro, fui colocada dentro do veículo por dois homens que seguravam o colchão onde eu seria transportada. No caminho, entendi algumas palavras trocadas em suaíli entre os dois motoristas responsáveis por me levar a Goma: “Acho que a branca vai morrer”, frase nada animadora para quem passaria por mais quatro horas de viagem em uma estrada de terra, com atiradores e saqueadores nas curvas das montanhas e onde qualquer balanço do carro potencializava as dores. Enquanto a ambulância saía pelo portão da casa, eu me dei conta do quão exposta aos riscos eu estava. Se fôssemos atacados naquela rota, eu não poderia sequer sair do carro, inviabilizando qualquer possibilidade de me proteger.

No caminho, a médica atenciosa pediu para os motoristas trafegarem lentamente a fim de diminuir o impacto dos buracos sobre o meu corpo. Esse ritmo aumentou em quase três horas o nosso tempo de viagem, mas nenhum deles deixou transparecer a magnitude do inconveniente. Já em Goma, encontrei uma equipe me aguardando na base MSF, que me comunicou que aguardavam um avião para meu repatriamento médico.

Fiquei confusa, tive medo, abandonei todas as minhas certezas. Estranhei meus sentimentos, visto que eu, que sempre estou segura das minhas vontades, naquele momento, desejava apenas que eles definissem o que era melhor para mim. Esperava que usassem frases feitas, dizendo que “tudo ficaria bem”, mas eu sentia, em suas feições, que não estavam certos disso, retroalimentando as minhas inseguranças. Só queria estar com alguém que me conhecesse há mais de um par de horas.

17 de março de 2010

Recebi a notícia de que o avião não poderia chegar a Goma, e que eu deveria ser deslocada até Ruanda por meio de uma ambulância. Meus receios se reacendiam como as clareiras na seca da savana. Ainda suja de uma terra cor de sangue da viagem, tive vontade de me lavar, mas não tive coragem de pedir àquele coletivo de desconhecidos que me auxiliassem em algo tão íntimo. Cada passo era seguido por uma dor lancinante. Parecia que agulhas me atravessavam a carne.

Desejei muito um pouco de colo. Quando não suportava mais o calor úmido que tomava conta de mim, dirigi-me até a antiga banheira encardida de louça branca e deitei no seu fundo, como se ali fosse o poço em que eu tinha caído. Mesmo não conseguindo permanecer em pé, não fui capaz de pedir ajuda. Depois daquele quadro de suplício, a médica do grupo me perguntou se eu queria que ela fosse comigo até o Quênia. Sabendo que ela queria ficar em Masisi, eu disse a ela que não, mesmo implorando por dentro que ela fosse. Talvez eu nunca entenda por que eu disse aquilo, sendo que tudo o que eu mais queria naquele momento era não estar sozinha.

A médica que havia me oferecido companhia era responsável por boa parte dos partos e dos cuidados às mulheres e gestantes de Masisi, e sua ausência para me acompanhar deixaria desprovida de cuidados uma grande parte daquelas mulheres. Meu lado egoísta não se importava com nada disso, só queria que ela me acompanhasse, mas uma pontinha de racionalidade tomou conta de mim e talvez por isso eu tenha dito não para sua oferta. Eu sabia que havia sido convincente na minha resposta, mas dentro de mim desejei com força que ela lesse meus sentimentos.

Dormi um sono de sobreaviso. Naquela noite, talvez pelo efeito da medicação, tive uma sensação de que muitos dias haviam se passado.

23h. Acordei gemendo. Materializou-se ali a certeza de que eu realmente estava sozinha. Imaginei pedidos de ajuda. Queria poder gritar como uma criança pequena faria ao chamar sua mãe. Senti fome e ensaiei como daria o primeiro passo para sair da cama. Angariei um restinho de coragem e pus minha cabeça para fora do quarto. Chamei por Laurence, a administradora que estava responsável pelos meus cuidados. Sem sucesso no meu intento, voltei para a cama derrotada e faminta. Aparentemente, todos haviam saído para trabalhar. Senti-me um peso morto.

A administradora que assumiu meus cuidados colocou um despertador para não se esquecer de me dar os remédios nos horários especificados pela médica. Além dos remédios, desejei que ela conversasse comigo, embora até isso parecesse penoso, uma vez que eu tinha que organizar o pensamento em francês enquanto o sofrimento tomava conta de mim. Sofrer em uma língua que não a materna me parecia pior. Uma vez mais, não fui capaz de pedir à administradora que conversasse comigo. No meu *modus operandi* do cuidado, a presença atenciosa e interessada nunca foi um adicional de cuidado, no entanto, neste mundo operacional humanitário, muitas vezes me parecia naturalizado o esquecer-se de atentar a demandas do que não é considerado *salvar vidas*. Hoje me perguntei se eu deveria mesmo estar aqui. Perguntei-me, pela primeira vez desde que entrei na organização, o que eu vim fazer neste lugar. Apressei-me em responder: “Eu vim fazer o que acredito ser parte de mim”. O egoísmo tomou conta de mim.

18 de março de 2010

Amanheceu o dia em que o meu repatriamento médico aconteceu. Algumas intercorrências burocráticas na estrada entre a RDC e Ruanda fizeram com que a equipe que me acompanhava não pudesse entrar no país. Novamente, me senti desprotegida. Parece que as autoridades solicitaram que eu trocasse de ambulância e entrasse no país com um motorista e carro ruandeses. Sem muito alarde, deitei na maca e segui, junto ao motorista desconhecido, rumo ao avião de repatriamento. Fiquei ali, deitada, desejando proteção.

19 de março de 2010

Desembarquei em Nairóbi ainda com a luz do dia. Ao aterrissar, procurei a ambulância que deveria me esperar na pista de pouso. Logo percebi que a espera seria inútil. Uma cadeira de rodas me aguardava no pé da escada.

Iniciei o processo de migração na polícia federal sentada na cadeira de rodas que o agente da companhia aérea empurrava sem trocar nenhuma palavra comigo. Passada a tortura burocrática da espera e já na porta externa do aeroporto, o funcionário falou comigo pela primeira vez para me informar que ele precisava retornar ao posto, mas que ainda não havia nenhuma ambulância à minha espera. Minutos depois disso, estacionou em frente ao saguão uma ambulância antiga, janelas abertas, uma pintura bege desgastada pelo sol, com uma enfermeira e uma tradutora.

Ao estilo do funcionário que havia empurrado minha cadeira no aeroporto, a enfermeira quase não demandava tradução, visto que não dialogava comigo. Claramente, ela partia do princípio que um paciente não era agente de interlocução, apenas de intervenção passiva. Aferiu meu pulso e deu início ao primeiro exame clínico assim que entrei. Sem interação verbal alguma, ela manipulava meu corpo como se fosse algo inanimado. A tradutora, uma jovem e simpática ruandesa casada com um expatriado MSF, apresentou-se e disponibilizou-se a traduzir minhas perguntas até o momento da cirurgia.

Ao chegar ao hospital, o padrão de diálogo enxuto foi mantido. Como única exigência, pedi que uma mulher me examinasse. Tive medo de ficar sozinha com um corpo clínico só de homens e ser maltratada por ser mulher. Talvez esse ato tenha sido resquício das escutas clínicas de mulheres sobreviventes de violência sexual. Eu, um ser humano que se esforça para não fugir de seus medos, tentei fugir desse. Sem muitas explicações, a equipe decretou: “Faremos uma bartolinectomia”.

Meia-noite. Eu estava sozinha no quarto do hospital quando uma enfermeira se aproximou do meu leito e perguntou algo. Achei que ela estava perguntando se eu estava pronta para a cirurgia. Pronta? Eu nunca estive nem gripada em missão, nunca fiz nenhuma cirurgia na minha vida, e, justamente hoje que estou sozinha, você me pergunta se eu estou pronta? Ainda que não estivesse, sinalizei positivamente com a cabeça e torci para que na sua leitura isso significasse um “sim”.

Senti muito frio, talvez fosse um medo encanado do lado de dentro. As horas de viagem somadas à apreensão de não saber o que aconteceria comigo foi se transformando em cansaço. Ao ser transportada do quarto para o centro cirúrgico, adormeci. Minutos depois, fui despertada pelo anestesista. Ele me informou, com um sorriso cheio de dentes brancos, que

precisava que eu respondesse algumas perguntas antes da anestesia.

Em um espaço de tempo que não fui capaz de identificar, eu me vi novamente sozinha no quarto e detectei a presença de um tubo em minha garganta. Atordoada com aquela situação, olhei ao redor na esperança de encontrar algum conhecido por perto. Ao lado do travesseiro, encontrei uma campainha e tentei lembrar a língua que deveria falar ao ser atendida. Em inglês saiu meu pedido de ajuda, que logo foi interpretado como demanda por medicação. Vulnerabilidade, que sensação ruim de ter.

11h. Desperto com a sensação de que se passou uma eternidade. Ao abrir os olhos, percebo sentado no sofá, ao lado de minha cama, um homem jovem magro, porte médio e branco. Mexendo tranquilamente em seu computador, parecia um acompanhante de enfermo. Ele não percebeu que eu havia acordado. Tentei me levantar para ir ao banheiro. Rapidamente, ele faz sinal de que iria me ajudar. “Bom dia, moça. Eu sou Ramom e vou te acompanhar”.

Ramom falou comigo em português. Por um instante, pensei ser um efeito colateral da medicação, até ele completar a apresentação. “Estou aqui em Nairóbi como farmacêutico e trabalho na missão Quênia. Pediram-me para ser seu tradutor”. Naquele momento, um milagre aconteceu. É verdade que se o milagre fosse completo ele viria em forma de uma mulher, mas me contentei de ele ser um humano lusófono, porque corpo de doente parece não ter sexo. Eu, sempre reservada com minhas intimidades, comecei a achar quase normal nunca ter visto Ramom e pedir para ele me ajudar a ir ao banheiro ou ainda esvaziar a “comadre” (um penico indigno de aço inoxidável utilizado para as mulheres acamadas).

Passei o tempo à espera da visita médica para saber a minha sentença após a cirurgia. A cirurgiã veio ao quarto apenas no final do dia, com meia dúzia de sorrisos pré-moldados, e logo foi levantando o lençol e mexendo no meu corpo. Fui invadida e mais uma vez e não tive coragem de dar limites.

Ramom, ao contrário da médica, percebeu o meu desconforto. Ela falava pouco, mas quando fazia uso de alguma palavra utilizava-se do inglês e do suaíli, fazendo com que Ramom fosse essencial durante a consulta. Vestindo apenas uma ultrajante camisola hospitalar que deixava descoberto meu traseiro, fui capaz de pedir a Ramom que se virasse enquanto os exames aconteciam. Meu acompanhante se esforçava para manter o bom humor, na tentativa de fazer aquele drama parecer tragicômico. Não estava, e tampouco estou, acostumada a não ser protagonista de meu corpo. Foi como se tivesse sido violentada por todos aqueles procedimentos invasivos. Uma violência chancelada pela medicina.

Próximo das oito da noite, Ramom voltou para casa. E eu fiquei na expectativa de uma noite sem dor.

21 de março de 2010

Quando acordei, percebi que sobre a mesinha ao lado da cama a equipe MSF havia deixado um envelope com telefone celular e um *chip* de internet para falar com pessoas conhecidas ou pedir ajuda, caso necessite de algo. Ainda não telefonei para ninguém. Fiquei pensando que se eu ligar para a minha família, ficarão todos muito preocupados, aumentando minha carga de inquietudes. Meu namorado, que havia acabado de chegar na RDC, telefonou perguntando se eu queria que ele viesse até o Quênia. Eu disse que não, mesmo querendo muito que ele estivesse

comigo aqui. Fiquei pensando que não se pergunta essas coisas a quem está doente, é preciso ser sensível e conhecer quem está do seu lado. Considero que se você sente vontade de cuidar de alguém e pensa que é importante para você, mais do que para o outro, então, você deve fazer o que tem vontade, para que não se transforme em um fardo ou exigência.

Nas entrelinhas do que eu não disse, ele entendeu meu recado. No final da ligação, disse que chegaria ao Quênia no dia seguinte. Racionalmente, sei que ele fez isso porque tem medo de me perder e não porque ele entende como é importante estar ao meu lado neste momento. Fiquei chateada com a sua reação e desconfortável por saber que aquele que eu escolhi para dividir a vida comigo não se vê como um cuidador. No egoísmo de uma doente, e por desejar ter ele ao meu lado, abri mão das minhas racionalidades.

22 de março de 2010

13h. Passei a manhã sonolenta e dolorida, e me pergunto se a cirurgia foi realizada corretamente. Não consigo me empoderar para perguntar detalhes à cirurgiã, visto que suas visitas rápidas são realizadas quase sempre longe de mim e próximas da porta. Para ela, como para muitos médicos, eu sou apenas mais uma paciente, talvez um número inevitável para fazer somar dígitos à sua conta bancária. Muito ruim o sentimento de ser um número. Sinto na respiração dela a inquietude de quem acha que está perdendo tempo, quando Ramom traduz suas quase inexistentes explicações. Ela me sorri um sorriso de reflexo e me olha como se eu fosse uma incapaz. Ao mesmo tempo, fico satisfeita de não ser esse tipo de profissional.

22 de março de 2010

14h30 (e-mail para as amigas de infância)

Amadas e amado,

E lá seguem as novidades. Estou ainda no hospital, onde ficarei até dia 26, e em seguida passarei 15 dias no Quênia “para evitar infecção congolesa”, assim definiu a médica (ou aquele ser que me atende desprovida de afetividade). Segue abaixo um breve panorama do “paraíso astral”.

Cheguei a Nairóbi no dia 19/03 às 14h, onde uma ambulância me esperava no aeroporto. Migração, visto, cadeira de rodas, ambulância, hospital... tudo isso sem acompanhante. Às 22h, chegaram as INFERNEIRAS, que me deram o banho tcheco antes da cirurgia. À meia-noite, chegou a tão esperada hora. Antes de eu sair do quarto, me perguntaram seriamente algo, que ainda não tenho ideia do que era, e lá seguimos nós para a sala de cirurgia. Eu, sobre uma maca, fui sendo “pilotada” por três andares através de rampas íngremes, assemelhando-se a uma noite de aventuras em um tobogã.

Chorei como uma condenada à dor no pós-operatório. Na realidade, ainda não sei se era dor ou tristeza de não poder dizer nada. Todos só falavam suaíli e inglês. Fiquei numa pior. Queria perguntar se estava entubada, mas não me deixavam tirar as mãos que estavam debaixo do cobertor, senti os caninhos do oxigênio desencaixados das minhas narinas e não conseguia arrumá-los, porque pensavam que eu iria tirá-lo e ameaçaram me amarrar, uma tortura consentida em nome da medicina.

Todo mundo me pegava, virava e remexia, e eu dizendo que queria uma médica. Sabem como é, depois de algum tempo trabalhando com mulheres violentadas, tenho alguns reflexos meio paranoicos. Por algum tempo, evoquei Nossa Senhora da Bicicleta Preta, na esperança que ela viesse mais rápido que os outros santos. Queria ser colocada no colo, queria ganhar cafuné e tomar sopa quente, mas eis que lá estava eu no pós-operatório, tomando caldo de ovelha com pimenta e assado de pernil de porco, pode? Claro que pode, SILVIO! Como diriam nossas amigas escatológicas: e dá-lhe efeito colateral nisso, por sorte (não minha, claro) eu não tinha acompanhante.

Neste momento, estou no quarto, um quarto de hospital, estilo europeu com direito a cardápio com 25 categorias de escolha de refeição que vai de ostra a ensopado de ovelha, tudo muito leve, como podem observar. Como não tenho acompanhante, meu namorado virá me fazer companhia. Então, amanhã paro de chororô.

Bom, acho que foi mais ou menos um breve resumo dos últimos dias que tive aqui pelas bandas do Paul Tergat. Um abraço bem grande, cheio de vontade de ganhar COLO.

Bom, vou ficando por aqui, posto que é tarde e logo devo receber a visita daqueles que me ofertarão um sossega-leão. Sigo dopada de analgésicos até a última gota, uma decadência. Vou nessa, porque lá vem a desprovida de afetividades com meu "para-te quieta" da noite.

Amo cada uma de vocês e tu também, Pinta!

20h. A médica me informou que vou receber alta amanhã. Segundo ela, vou ficar bem. Não encontrei em suas frases verdades ou alento. Senti sua fala como automática, penso que ela não faz uma análise individual para dar respostas a uma reles (im)paciente. Sinto-me como em um jogo de perguntas de computador, onde as respostas já foram formuladas por um programa que não tem ideia de quem joga na frente da tela. Não tenho confiança nela, não tenho confiança na humanidade que sua medicina me revela. O indizível confirma que ela não se importa comigo, mas que ela se importa com processos, papéis e notas de dinheiro. Que hora ruim para perceber tais humanidades.

22h. No começo da noite, meu namorado chegou. Não consegui parar de chorar desde que o vi. Foi um choro de córrego. Revelei para ele meu olhar de criança abandonada. Tentei sorrir, só queria ficar perto dele, quis me sentir capaz novamente. Muito bom poder abraçar alguém sem ter de dizer nada. Acho que ele não imaginava ver aquela cena na vida dele. Até então, ele só conhecia minha porção determinada, cheia de ideias, planos e expectativas. Desvelei ali minha versão pálida como uma massa de crepe, soro no braço e olhos vermelhos de choro. Camisola verde de hospital, cabelo desgrenhado e olho remelento, a protagonista dessa cena decadente. Permaneci acomodada como um carrapato em seu corpo.

23 de março de 2010

8h. Desde que cheguei ao hospital, hoje foi o primeiro dia que senti fome e vontade de reagir. A presença de alguém que me conhece desencadeou em mim um querer estar viva.

Nunca entendi por que para grande parte das pessoas não faz sentido que a saúde física e a

saúde mental sejam como uma via de cuidado de mão única. Como fazer rodar a locomotiva do cuidado enquanto andamos em apenas uma parte do trilho?

24 de março de 2010

Hoje cedo fui reavaliada pela cirurgiã, e ela me informou que me deixará mais dois dias em observação no hospital. Pela primeira vez, caminhei até a sacada do quarto.

(e-mail enviado para as amigas de infância)

Debi e sua saga no Quênia: breve relato de um caso sem solução

Vestida com uma linda camisola verde, aparentemente 25 números maiores do que o meu, acrescida da linda cabeleira estilo Maria Antonieta em sua passagem pelo apocalipse. Assim figura essa imagem da beleza pura em que me encontro e que facilmente poderia ser confundida com o quadro da dor sem moldura, não fosse o fato de que essa figura, eu, movimenta-se agilmente como uma lesma em fuga.

Sentada no meu trono de rainha Branca, "A LOUCA", no cerne do quarto n° 2 da Ala St. Francis, às 13h do Quênia (06h15 do Brasil), dou início à leitura da minha correspondência diária. Uma risada daquelas que faz abrir os pontos de uma criatura operada, seguida de uma invasão de lágrimas que tomam conta da minha face exatamente no momento em que entravam os enfermeiros para mais uma infernal sessão de exames, punções e medicações. Eis que pairou no ar mais uma suspeita entre os habitantes locais: a rainha Branca, vulgo "a louca", apresentou características não identificadas em nossos protocolos. Medicamos? Devemos enviá-la ao seu país de origem? Seria algo normal entre aqueles que habitam o lado esquerdo do Atlântico? Seria ela perigosa? Na dúvida, todos evitam adentrarem meus aposentos desacompanhados.

Se nossa comunicação fosse fácil e fluida, não seria difícil explicar a eles que eram apenas os e-mails das amigas que eu avidamente lia e relia. Ao ler os e-mails, chorei uma vez mais. Pareço uma manteiga de garrafa (só a Ligia compreenderá essa piada). Vocês me fazem sentir forte, eu me sinto especial por ter a sorte de nascer no mesmo mundo que vocês! Obrigada por fazerem parte do meu reinado de loucuras. Amo vocês, com todo o significado que isso pode ter.

PS: Beto, tenho certeza que até em suaíli as pessoas saberiam o que tua frase quis dizer, ri muito com tudo isso! Juro que na hora que ela arrancou a seco meu curativo até eu quis dizer isso tudo pra ela!

Debi

26 de março de 2010

Saída do hospital. Saindo do reinado de adoecimentos. Cinco dias no hospital e mais 15 em uma casa de passagem MSF, na cidade de Nairóbi. Vai começar a missão recuperação. Sinto-me meio atordoada, ainda não absorvi tudo o que aconteceu nos últimos dias. Acho que eu queria entrar em uma rotina de vida normal, ao menos por um tempo. Queria dormir e acordar em

horários ditos normais, dormir em um mesmo quarto mais de 15 dias, ter certeza do lado que acordarei na cama, saber onde fica o banheiro mais próximo, ter papel higiênico no banheiro, ter água potável na geladeira, aliás, ter geladeira. Ou seja, essas banalidades do mundo ocidental que servem para termos a sensação de que tudo é controlado por nós. Quero a utopia de um mundo controlável. Almejo a brincadeira de inventar rotinas nesta vida de devires. Desejosa de uma dose diária de mesmice.

30 de março de 2010

9h. Nada é mais significativo e sólido que a paz e a saúde. Palavras de pouca valia quando as experimentamos em abundância. Passados os dias de hospital, estou pior que a boca do sapo em dia de vodu. Fadiga de esperar por uma recuperação. Deveria ser proibido ter de se recuperar quando não há acompanhante por perto. Estou começando a achar que o que fecha as feridas é o tempo e o calor humano. Sem um desses elementos essenciais, as feridas permanecem sempre entreabertas.

5 de abril de 2010

Eu me sinto bem melhor. Tenho caminhado pela quadra do local onde estou hospedada e aproveitado para visitar alguns amigos MSFs na cidade. Junto com uma amiga ruandesa, a que havia se oferecido para ser minha tradutora, conheci esta semana um orfanato dedicado a animais selvagens. Foi lindo demais ver a vida contrariando as atrocidades do capital.

13 de abril de 2010

Amanhã volto à vida congolesa. Retornarei às adversidades de um mundo em guerra declarada. Amanhã volto ao *front* de batalha. Por incrível que pareça, estou animada com o retorno.

14 de abril de 2010, Kinshasa, RDC

6h30. Saindo do Quênia e chegando à RDC. É hora de reorganizar os planos e voltar para o combate. Nesta segunda-feira, parto de Kinshasa, capital da RDC, para Goma, e de lá vou para Masisi, onde a guerra marca presença em todos os tempos de uma nação. Estou inquieta para voltar ao trabalho. Já li muitas coisas sobre o projeto Masisi e já escrevi algumas estratégias para por em prática assim que chegar. Agora é colocar a mão na massa e dividir isso tudo com a equipe de trabalho.

21h. Uma sensação familiar de conhecer o nunca visto. Em alguns dias, saio novamente rumo ao Nord-Kivu na RDC. No contexto desta missão, há mais de 700 mulheres que tiveram suas vidas estupradas pela guerra, violentadas pelo poder e pela insanidade de homens que marcam o mundo com o descompasso de um ato. Tem um número incontável de gente que não sabe como é dormir sem medo. A maior parcela das crianças nunca teve o direito de brincar. Grande parte desses humanos nunca chegará aos 40 anos de idade; a maioria nunca conjugou o verbo sonhar.

23h. Indo dormir e tentando sonhar com um mundo *Hakuna Matata*, um mundo sem problemas em suaíli.

19 de abril de 2010, dia costurado com cores

6h. Um carro estacionou na porta da casa de trânsito e chamou meu nome pelo rádio. Chegou o momento de partir de Kinshasa rumo à Goma, pensei, rapidamente. Ao entrar no carro, o motorista confirmou que estavam previstas sete horas de voo até o meu destino final. Com uma cumplicidade que só aqueles que já fizeram essa viagem se permitem ter, ele me advertiu que é melhor eu comer algo antes de partir, visto que o mau tempo ou os conflitos armados podem fazer com que esse período se estenda de forma abrupta e imprevisível.

8h. Primeira parada. O pequeno avião pousou em uma pista asfaltada no meio da floresta densa. Na clareira forjada para pouso e decolagem de pequenos aviões como o nosso, o piloto comunicou que aguardaríamos a chegada de alguns passageiros. Ao abrir a porta da aeronave, rapidamente foram entrando pequeninos corpos humanos, um a um. Eram crianças que, por algum motivo, haviam sido retiradas de sua família pelo poder destruidor da guerra. Os olhinhos escaneavam mentalmente o grande pássaro que voava com gente dentro de sua barriga. Não pareciam sequer se perguntar se fazia sentido ou não entrar em algo que voa. A maior parte delas aprendera apenas a seguir regras postas, jamais a questioná-las, especialmente se vierem de um adulto.

8h30. Olhei cada um daqueles pequenos projetos de adultos. Uma linda "senhorinha" de pouco mais de 7 anos de incerteza subiu acompanhada de sua irmã de 3 anos de história. Tranças no cabelo, vestido barato de fibra artificial e mais nada. Sem mala, sem sacola, sem parentes e sem certeza alguma, ela se esforçava para subir cada um dos degraus que conduzia às entranhas do pássaro. Enquanto observava os movimentos espichando meu pescoço entre os bancos do avião, a aeromoça me perguntou se eu poderia me responsabilizar por um daqueles pedacinhos de gente nas próximas cinco horas. Eu? Era tudo o que eu queria.

9h, e lá vamos nós. Enquanto o pássaro alçava voo com toda aquela gente na barriga, eu pensava que certamente teríamos choros e gritos. Eu me perguntei por que estariam tão sozinhos neste universo. Fiz ainda um *mea-culpa* de estar me martirizando por estar sozinha no hospital quando milhares de pessoas enfrentam completamente sozinhas seus ferimentos e sofrimentos por toda uma vida. Fiquei surpresa ao constatar que nas cinco horas de voo, nem choro e nem grito se escutou do lado de dentro do avião. Em evidência, ficaram apenas os olhos colados na janela e as mãos contraídas na tentativa de reter a ansiedade e o medo. A aeromoça solicitou em seguida que eu colocasse o cinto na pequena que ficou sob minha responsabilidade e a prendesse junto ao meu cinto, como as mães costumam fazer com seus bebês em voos. No meu colo, aquele corpo morninho permaneceu bem instalado, um diamante negro, que me olhava como se pudesse me entender, mesmo que minhas palavras não alcançassem sua compreensão.

Ao mesmo tempo, Nathalie, de 13 anos, sentada na cadeira ao lado, não podia conter sua ansiedade. Entretanto, nenhuma palavra escutou-se dela até que eu oferecesse minha mão para ela segurar enquanto decolávamos. Com aquela oferta, conquistei um sorriso manso. A inquietude era tanta que ela parecia querer fundir sua mão à minha. E a pequena princesa em meu colo dormia como se assim sempre tivesse sido.

No fim da viagem, sorri ao perceber que o amanhã finalmente havia acontecido para aquelas

pequenas. Era o futuro chegando para quem, por algum motivo, não havia tido o direito de conviver com a própria família. Fiquei tocada com a frase genuína de felicidade: “Viva, a mamãe está aqui”. A palavra *mamãe* naquele instante significava segurança, proteção, família.

Fiquei imaginando a história que separou cada um desses pequenos de suas mães. Segundo o responsável pela sua repatriação, alguns foram achados na floresta, outros foram enviados com pessoas mais idosas na tentativa de sobreviverem à tortura lenta que acomete aqueles que têm fome, outros acompanharam o assassinato dos pais em um daqueles dias de Idade Média que assola este país há muito tempo.

Vai, pequena, segue o rumo da tua história e faz do presente uma porta de passagem para um futuro onde a cor, a guerra e o medo não são barreiras para Ser Humano. E foram partindo, e eu, guardando cada uma dentro da minha narrativa.

20 de abril de 2010

Um dia na terra do vulcão Nyiragongo. Na casa onde me encontro à espera do carro para Masisi, tem um vulcão ativo logo ali no quintal, e, na minha frente, um dos maiores lagos do mundo. Quando a noite se estabiliza, posso ver a clareira e a fuligem que dele emanam; é a natureza acontecendo logo aqui na vizinhança. Amanhã estarei novamente na rota do medo: Masisi. Em algumas horas, estaremos na mesma batalha, o povo de Masisi e eu.

21 de abril de 2010

Partindo durante a madrugada. Sentindo a mariposa voando dentro da minha barriga e o pensamento já chegando pelas grandes montanhas de Masisi.

30 de abril de 2010

Os dias por aqui não respeitam calendários. É tanta aspereza cotidiana que me esqueço de registrá-las. Quando chego em casa à noite, só consigo achar tempo para carregar meu balde para a ducha e enfrentar a fila para comer algo antes de dormir.

No entanto, hoje, ao repassar a agenda para o dia seguinte, percebi que apenas nesta semana fiz 14 atendimentos de crianças e mulheres entre 5 e 50 anos que tiveram suas histórias dilaceradas pela insanidade do estupro. Essas mulheres e meninas enfrentam todo dia um duelo com inimigos. Por aqui nem sempre é possível identificar a origem ou a razão, se é que existe alguma razão no estupro ou na guerra. Durmo esta noite com uma bigorna atravessada na garganta. Como seria bom se pudéssemos apagar da história o golpe da guerra na vida dessa gente.

10 de maio de 2010

Tudo aqui é coberto pelo lençol encarnado da guerra, que faz deste território um lugar sombrio e desolador. Ao sair na esburacada estrada de terra que liga nossa casa ao hospital, somos rodeados por um grande número de crianças descalças e muitas pessoas sobreviventes de um mundo errante. Os barracos seguem cheios de esperança, enquanto as barrigas permanecem vazias. Como não se afetar com a miséria compartilhada? O que fazer com tanta penúria?

Eu me lembro da primeira vez que eu falei que sairia do Brasil para trabalhar em um país da África subsaariana. Lembro-me da resposta de um colega de trabalho: “Não entendo a razão de você ir à África trabalhar. Olhe à sua volta, temos muita pobreza por aqui”. Não tiro a razão do colega ao lembrar que temos muita pobreza no Brasil, mas tampouco entendo por que priorizar a pobreza do país onde se nasceu e não a miséria de quem não compartilha o mesmo território da minha certidão de nascimento.

Desde que comecei a trabalhar com MSF, tenho presenciado uma inanição absoluta em todas as frestas de vida que emanam desta parte do globo terrestre. A proporção em que a desolação assola esta população é de uma magnitude difícil de definir. São centenas de milhares de pessoas que presenciaram o genocídio de Ruanda, a morte por adoecimentos como tuberculose, malária, febre tifoide, diarreia, fome e a pior tragédia de todas: a falta de compaixão humana. Dormir ao sentir a barriga oca, morrer ao sentir seu corpo se esvaziando de uma esperança de futuro é história difícil de contar.

E por qual razão a miséria americana que vivemos seria mais importante que a africana? Nós não somos todos humanos? O que me impediria de atravessar um oceano para dividir a dor com alguém que eu nunca vi antes? Por que deveríamos privilegiar quem nasceu mais perto de nós? E será que nascer no mesmo território quer dizer que estamos realmente próximos? Esse tipo de pensamento não seria um comodismo humano?

Em um contexto de miséria, o nacionalismo não deveria ser uma saída. A razão e o afeto precisam se sobrepor a um nacionalismo de Copa do Mundo. Que a humanidade se atenha à bandeira do cuidado, e não à de um território.

2 de maio de 2010

Ontem foi um sábado com gosto de álbum de fotografia. Na RDC é proibido capturar imagens nas ruas com máquinas fotográficas. Mas, a cada passo, eu sentia vontade de registrar as imagens singulares que passavam pela minha retina. Via aquela velha senhora com tatuagens no rosto típicas de uma etnia local e via nela uma capa de revista. Como é possível não poder mostrar ao mundo imagens de tal singularidade? Queria sair gritando imagens para que todo mundo pudesse revelar.

3 de maio de 2010

Todo dia acompanho uma grande quantidade de pessoas em sofrimento psíquico agudo, potencializado pelos ataques armados às vilas vizinhas à nossa. Muita gente que perde tudo, exceto a capacidade de querer viver. Trabalhamos o tempo todo. Acho que até quando dormimos trabalhamos, haja vista o número de pessoas que escuto através das paredes de compensado fino falando enquanto dormem. Dói na carne não poder mudar a parte essencial que dispara todo esse sofrimento, a invisibilidade. Naquilo a que nos propusemos, mostramos que o afeto e o cuidado são uma das soluções para fazer o mundo arrancar o véu da guerra e da intolerância. Um pouco de afeto para essa insalubridade vivida deste lado do atlântico.

9 de maio de 2010

18h. O dia que Josephine acordou. Desde que comecei a trabalhar em Masisi, acompanho de

perto uma mulher jovem, de aproximadamente 40 anos, magra, esguia, cabelo raspado e olhar fixo na lona que cobre a tenda. Deitada 24 horas por dia há mais de quatro meses, sem parentes, nem visitas, sem banho e sem sol, é considerada pelos profissionais do hospital como a LOUCA da tenda de urgência. Assim me foi apresentada a senhora Josephine. E assim foi aguçado meu interesse por sua história de vida.

Passei alguns dias trabalhando para sensibilizar os profissionais que já há muito tempo tratam de seu corpo, mas não a veem. Tenho me ocupado em tecer uma rede socioafetiva, na tentativa de fazê-la retomar um lugar vivo na própria biografia. Para tal, organizei uma equipe inicial de pessoas sensíveis, entre elas um faxineiro que sabe cantar em Kinyarwanda, uma enfermeira que fala suaíli, um psicólogo que fala com ela três vezes por dia em lingala, uma vizinha de cama que lhe conta histórias sobre sua própria vida e, como coadjuvante, um pedaço de pão novinho a cada nova manhã.

Para a minha surpresa, esta manhã, ao chegar ao hospital, encontrei Josephine em pé pela primeira vez, de banho tomado, roupa trocada e falante como ninguém. Saudou-me em Kinyarwanda como se nunca tivesse sofrido de mutismo e pediu para seguir rumo à sala onde faço os atendimentos. Enquanto eu tentava não transparecer o quão envolvida eu estava por sua nova condição, Josephine me contou que é de Ruanda (provavelmente atravessou a fronteira pós-genocídio de 1994), e disse pela primeira vez seu nome de família para que fosse registrado em sua ficha. Disse que tinha desejo de ter filhos, que tem fome e que gostaria de viver em uma tenda de família. A fim de não assustá-la, permaneci atenta para que meu semblante não denunciasse meu espanto e, ao mesmo tempo, não deixasse transparecer minha vontade de lhe dar um abraço.

A jovem senhora pediu ainda para caminhar ao sol, fato que nos fez sair lado a lado em um passeio compartilhado. Naquele instante, fui tomada pela empolgação de quem desperta no primeiro dia após anos de hibernação.

23h. Ainda é domingo, e cada um de nós está a trabalhar como se fosse segunda na terra dos MUZUNGUS, os brancos, em suaíli. OMANI, paz, para nós!

10 de maio de 2010

Sensação ímpar de sentir no corpo o desfecho de um dia cheio de conquistas. Conquista do mundo do outro. Ou seria do meu mundo?

15 de maio de 2010, dia de Mulher Livre

Quando fui me deitar, percebi que tenho dores no corpo, certamente resquícios por ter carregado durante horas aquele amado e pequenino corpo de três anos de idade. A pequena, que tem como função cuidar de sua mãe hospitalizada nos últimos dez dias, ainda não compreende o significado da palavra violência, mas traz gravada na pele a covardia de ter sua infância marcada a ferro e fogo pela violência deste lugar.

A mãe, inconsciente, foi trazida pelo companheiro, o mesmo que a espancou cruelmente, e que a categorizou como uma “mulher livre”, isto é, profissional do sexo. A mulher, que foi marcada para sempre pelo politraumatismo desencadeado por seu companheiro, carregava consigo uma história áspera de se ouvir. Junto ao corpo inconsciente daquela mulher jogada na

porta do hospital, estava essa pequena, a filha deles.

A menina estava há muitos dias sem banho e sem trocar de roupa, além de estar sem a proteção de quem deveria zelar por ela. Essa criança permaneceu por longos períodos na beirada da cama da mãe, enquanto aguardava o desfecho que o destino havia lhe reservado. Acompanhar o desenrolar daquela história provocou algumas rachaduras nas minhas crenças no humano do mundo.

Não por acaso, como de costume, eu havia demandado um pequeno estoque de roupas para que pudéssemos oferecer àqueles que chegam sem nada após violências abruptas, fato que ajudou a dar alguma porção de dignidade àquele processo. Em parceira com as senhoras da limpeza, que falavam a língua da pequena, entreguei-lhe um sabonetinho de hotel, que eu havia trazido do Brasil, para o banho que daríamos nela. Já de banho tomado, roupa limpa e balão de festa na mão, a pequena se cobriu de sol, o mesmo que há muito tempo não tocava sua pele.

Quando ainda era 15 de maio

Neste 15 de maio, tivemos ainda o segundo encontro de mulheres. Vieram 20 mulheres, entre 25 e 50 anos de idade, que durante o último mês, tiveram suas biografias marcadas pela violência sexual. Depois de relatar suas histórias e conquistas individualmente, e depois de realizar alguns exercícios para aprender a identificar os pontos de tensão onde guardavam parte daquela dor, nós as convidamos para dançar. Assim elas foram se reinventando. Para falar a verdade, as congolesas sempre me surpreendem pela capacidade de manufaturar o prazer. Algumas pulavam e gargalhavam com tanta alegria que eu também desejei me sentir daquele jeito. Terminei o dia sacudindo minha forma de encarar o sofrimento humano. Armazenei a imagem delas bem dentro do meu sentir e fui dizendo para mim que eu também deveria aprender a me reinventar enquanto sigo plantando a semente da dança.

23 de maio de 2010

Vivo sob a pressão das interrogações. Ontem, Genti, a pequena acompanhante de 3 anos, disse a primeira palavra desde a violência que sofreu junto a sua mãe. Depois do banho, ficou sentada em frente à enfermaria onde sua mãe está, enquanto se encantava com as “inovadoras” bolinhas de sabão, presente de um colega nosso de trabalho. Genti sorria enquanto dizia: “Elas saem daqui, elas se mexem...”. Neste momento, um filete de sol entrou no nosso dia. Enquanto o dia tentava se manter íntegro, Genti passou me seguindo e brincando de se esconder a cada vez que eu passava na frente do leito 4, onde sua mãe aguardava o momento derradeiro de se despedir deste mundo. Enquanto pensava no que iríamos fazer com ela quando a mãe partisse, ela se esforçava para me mostrar mais uma bolha de sabão, que, assim como a felicidade neste lugar, dissipava-se no ar.

25 de maio de 2010

9h. Vamos perder a mãe de Genti, confirmou a médica que a trata. Por quê?

22h. Tiroteiro, correria, aflição. No início da noite, recebemos pelo rádio a notícia de que todos deveriam permanecer próximos ao solo em algum local protegido. Sem saber onde,

quem ou por que atacavam, fiquei desejando que houvesse algum local neste pedaço de terra para chamarmos de seguro.

29 de maio de 2010

Meio-dia de sábado. Furaha, a mãe de Genti, entrou em coma.

15h30. No meio do dia, um dos homens responsáveis pela higienização do hospital me entregou a muda de roupa que Furaha vestia. Logo quis saber por que eu estava recebendo aquela muda de roupa. O velho senhor me explicou que quando alguém da nossa família morre, seus pertences devem ser entregues a um familiar próximo. E eu, que conheci Furaha alguns dias atrás, era hoje a única referência de família que havia lhe restado.

E foi assim que Furaha partiu, só, em uma cama de hospital. Sem vela ou ritual, Furaha nos deixou. No rastro da sua existência ficara apenas Genti, que agora, sozinha no mundo, deve se virar. Virar? Para que lado vira este mundo, que nunca vira para o lado dela? Sem uma lágrima, chorei a partida de Furaha. Por ela mesma? Talvez não. Fiquei doída por Genti, que ainda espera algum futuro. Até aqui ninguém sabe se um dia ele vai chegar pra ela. E eu? Eu sou a responsável por explicar a morte de uma mãe para uma criança de 3 anos. Coube a mim a tarefa de protegê-la do incerto, enquanto aguardamos a chegada de alguém que ela possa chamar de família.

30 de maio de 2010

Um helicóptero sobrevoou nossa base. Sentíamos a terra vermelha colando no rosto enquanto ouvíamos as balas sendo disparadas, assim foi o fim do dia em Masisi. Na noite de sábado, ouvimos tiros, muitos tiros. Uma grande correria aconteceu dentro da base, e permanecemos todos juntos, rente ao muro de proteção. Proteção de quem? Contra quem corríamos ou fugíamos? Até agora não sei. Eu só sabia que era preciso correr.

Sem grandes combinações, entramos todos em um dos quartos e deitamos junto ao chão. Não sei exatamente se era porque estávamos nervosos ou desconexos com todo o risco, mas, passados os dez minutos iniciais, quando fomos capazes de ouvir até o ruído da respiração alheia, nós rimos. Por um tempo, mantivemo-nos empilhados, no chão, como um bando de cadáveres. Éramos ao todo 18 expatriados dentro de um quarto de 2x2m. Assim aguardamos avidamente o sábado acabar.

Ainda em um dia 30 qualquer

Sigo vermelha por dentro. Mantenho a paixão, compaixão e uma espera por um tempo que não chega.

23h50, de um desses 30 dias cheios de memória. Mulherão. Esta semana estive em Nyabiondo, uma pequena comunidade a uma hora e meia de moto de Masisi. Na estrada de terra vermelha que circunda os vales e montanhas da cidade, sempre acompanho uma longa fila indiana com muitas mulheres, de todas as idades, que geralmente carregam nas costas um grande cesto de lenha, em seus ombros uma criança pequena sentada e sobre seu peito um bebê que permanece envolto nos magníficos panos tradicionais.

Aproveitei o tempo ocioso da estrada para perguntar à equipe congolesa por que essas

mulheres carregam tanto peso e os homens em geral carregam apenas o machado ou o facão. Como resposta, escutei: “Isso, sim, que é uma boa mulher. As mulheres têm o seu valor social de acordo com o desempenho para o trabalho braçal e a força que têm. Se uma mulher é capaz de carregar vários quilos de lenha, dois bebês sobre o próprio corpo e ainda caminhar durante oito ou nove horas com isso tudo sobre ela, então ela é boa para casar”. Naquele instante, passou pela minha cabeça: *“Isso, sim, é que é um mulherão: suportar o peso da lenha, do estigma, da desigualdade de gênero e do escárnio social e ainda ter força para viver um dia de cada vez”*.

Não conseguia parar de pensar na DIFICULDADE de ser MULHER dentro desta cultura. Uma cultura onde uma mulher vale um pouco menos que uma cabra, usar calça é sinônimo de não merecer respeito, contracepção é direito do marido, casar é a única forma de se manter viva e respeitada, estupro é direito do homem e troca de afeto entre casais é coisa de branco. Fui me (des)fazendo em pensamento.

Quando ainda era 30

Dia de sol do lado de dentro. Do lado de fora da janela, há uma tempestade de terra. A cidade está coberta por uma nuvem densa de poeira que sobe com a seca e o vento. Acho que a tempestade se instalou dentro de mim. Estou agitada, tenho a respiração curta e uma esperança frágil de quem sabe que não pode falhar. Em quatro dias, parto de Masisi para Goma. Como um condenado que quer aproveitar ao máximo os últimos minutos de vida, passo meu tempo tentando encontrar organizações que compreendam a importância de financiar e acompanhar a profissionalização de mulheres que sofrem as dilacerantes consequências sociais do estupro e da estigmatização. Estou correndo contra o meu tempo para encontrar algum tempo para elas chamarem de presente.

Ainda que chegue a hora de dormir, minha cabeça se nega a apagar as luzes. Penso, repenso, desenho fluxos de organizações e tento preencher com contatos.

Estou exausta. Escuto o tempo todo da minha equipe que este não é o meu papel. E sigo me perguntando que psicóloga seria eu se eu não percebesse as consequências da cultura na dor narrada por cada mulher. Às vezes, pergunto-me: “*Eles realmente pensam que eu deveria fazer uma terapia no divã, com aquelas a quem a sociedade e a família negam o direito de dormir dentro de casa ou ficar com seus próprios filhos por ter sido violentada pela insanidade de um ato masculino? Que espécie de profissional seria eu se não lutasse no* front*? Por que eu estaria aqui junto com uma organização humanitária?*”. Não quero nada que há muito tempo já não seja “dado”, por uma parte deste mundo dito globalizado, como direito universal.

Sempre escuto que ansiedade é ruim, precisa ser trabalhada com respiração. É verdade, preciso saber como controlá-la para poder ir mais longe. Mas que ansiedade ajuda a lutar, ajuda. Fiquei pensando se eu lutaria com as mesmas forças se estivesse muito confortável e feliz. Ter um espinho dentro de mim me faz perceber o espinho do outro. Cada vez que sinto a dor do espinho no corpo de outra pessoa, ressoa dentro de mim a vontade de tirar o meu. Talvez, ao me esforçar para retirar os espinhos de dentro de outros corpos, eu sinta menos a dor do meu. Na dúvida, dou o significado que quero para minha luta e hoje ela significa viver um mundo sem fronteiras.

5 de junho de 2010

Desembarquei em Goma mais uma vez. Passei o dia neste calor de deserto úmido, alternando meu tempo entre fazer contato com as organizações por telefone e sair para encontrá-las em suas sedes, na tentativa de conquistar parceiros para o desenvolvimento de atividades que gerem renda para as mulheres violentadas da comunidade. Rodei a cidade inteira, mas chego ao fim do dia com a sensação de frustração. Encontrei organizações religiosas, governamentais e muitas ONGs internacionais, na tentativa de mostrar a importância de montar grupos de geração de renda para mulheres e meninas violentadas sexualmente que estão interditadas de viverem na mesma sociedade em que nasceram. Nada feito.

O conflito armado e os riscos frequentes de ataque fizeram com que Masisi se mantivesse na zona vermelha da cartografia da ajuda humanitária. Como isso é possível? Estas organizações que habitam casas hollywoodianas, com seus carros de última geração na garagem, com escolta, com suporte logístico de ponta, dão como justificativa não terem recursos suficientes para sustentar uma missão em Masisi? Como pode a guerra de alguns, e a passividade de muitos outros, fazer com que tanta gente pague com a própria vida? Fui ficando arrasada de ver que estas pessoas devem esperar um futuro para um dia qualquer, mas não para agora.

6 de junho de 2010, em Goma

Domingo de trabalho e lago. Passei o dia trabalhando na sacada da casa de Goma, bem em frente à água. Não tem preço que pague a vista daquele lago. Sigo me recuperando do baque de ontem, permaneço remendando minhas expectativas e remontando meus limites como se fosse uma construção de Lego. Fui colocando os pensamentos no trilho novamente para saber a hora certa de comprar mais um pouco de utopia.

Continuo escrevendo e-mails para outras organizações que não trabalham nesta região da RDC, além de telefonar para pessoas com quem não entendo nem mesmo a língua. Sempre me pergunto: "*Como conseguimos falar sem sabermos a língua do outro?*". Até hoje não sei, mas, como diria o "filósofo" Chicó, de *O Auto da Compadecida*: "Não sei, só sei que foi assim".

8 de junho de 2010, na estrada entre Goma e Masisi

Voltando a Masisi para que Dodo, o psicólogo nacional, possa sair de férias. Cá estou eu uma vez mais na rota do medo. O mais duro de ter de passar novamente por esta estrada é saber que do lado de lá das montanhas muitas mulheres me esperam, crentes na perspectiva de que eu possa ajudá-las a ter um futuro.

Como dizer que não encontrei uma resposta que dê a elas alguma possibilidade de sonhar? Como explicar que as pessoas que dormem em camas confortáveis preferem não saber que existe a guerra ali do outro lado da montanha?

Não querer saber, muitas vezes, nos transforma em cúmplices dos perpetradores. Quem, afinal, consegue usufruir dos travesseiros recheados de penas de ganso com tanta crueldade batendo na porta da consciência?

10 de junho de 2010, em Masisi

Estou radiante! Esta tarde encontrei um trabalhador de uma organização internacional de desenvolvimento que aceitou, enfim, fazer uma parceria e promover um trabalho de geração de renda aqui em Masisi. Ele me garantiu que parte das mulheres que correm riscos pela discriminação pós-violência sexual serão acolhidas em um centro de apoio com direito a comida, casa e emprego na cidade de Goma, podendo ainda levar os filhos, se assim desejarem e conseguirem, visto que os filhos são "propriedade do pai" neste local. É terrível saber que a maior parte dos homens renega as mulheres e seus próprios filhos após o abuso sofrido por elas.

Este homem disse ainda que, para as mulheres que quiserem permanecer na cidade, serão disponibilizadas máquinas de costura para que possam gerar renda. Comunicou-me sobre o financiamento dos tecidos, que, segundo ele, não poderão prover. Eu me apressei a assegurar que forneceremos os primeiros tecidos para fazer lençóis e camisolas hospitalares para os pacientes e o nosso *staff*. Sendo assim, nós compraremos o tecido que elas utilizarão para confeccionar o material e compraremos a sua produção, enquanto adquirem conhecimento de como operar as máquinas de costura, que, por sinal, são do mesmo modelo preto Singer que minha avó Adelaide utilizava quando ainda conseguia enxergar a linha entrando na agulha. Desta maneira aconteceu o primeiro grupo. Eu disse a ele que o grupo precisaria, para além das aulas de corte e costura, de algumas aulas de economia e geração de renda, visto que para muitas será a primeira vez que manejarão algum dinheiro, o que me foi garantido, uma vez mais, por Josias, o salvador!

Quase caí de abraços em cima daquele sujeito. Acho que ele nunca viu uma branca tão animada na vida dele. Acho que começo a enlouquecer neste país, ou será que só agora me dou conta da minha condição? Josias, que saiu do meio da montanha, sujo de terra e com boné de lavrador, salvou a minha missão.

12 de junho de 2010

É dia dos namorados no Brasil, mas, pelas bandas de cá, esta data comercial não produz nenhum significado. Casais, ainda que apaixonados, não andam de mãos dadas. Normalmente, o homem anda a frente e a mulher mais atrás. Não existem abraços, presentes, flores e nem restaurantes para fazer fila enquanto casais se abraçam à espera do jantar romântico. Impressiona-me saber que é socialmente recriminado aos casais manifestarem seu afeto. Por que tanta gente se incomoda com o amor dos outros?

13 de junho de 2010

Passei o dia na visita às enfermarias do hospital e dos grupos de mulheres. Informei a elas sobre o processo de geração de renda. Elas dançaram bem alto e pularam umas em direção às outras. Sacudiram seus corpos e improvisaram uma música para agradecer. Embora fosse cantada toda ela em suaíli, entendi que parte da música dizia: "*A Branca trouxe a Singer e a Singer trouxe o trabalho e o trabalho trouxe a vida*". Acho que não sou só eu que penso que pelo menos parte da minha missão foi cumprida.

Vou partir com minha alma livre, embora eu honestamente quisesse acompanhar o

crescimento deste projeto. O fato é que o mundo gira com ou sem a minha presença, e eu espero que, pelo menos desta vez, gire de um lado bem mais favorável para estas mulheres. Deixei um desejo de que, acima de tudo, elas possam confeccionar juntas algum retalhinho de paz.

14 de junho de 2010

Permaneci um tempo divagando sobre tudo o que presenciei por aqui, enquanto saboreava meu fim de missão. Aproveitei aquele instante para tentar memorizar cada uma das histórias que me atravessaram, talvez na ânsia de querer confirmar que não deixei nenhuma tarefa vital para trás.

Na verdade, toda atividade realizada neste território tem sido vital para mim. Fui deixando se instalar aquela sensação boa de sair com o corpo cansado, empoeirado, maldormido, mas dentro da certeza de fazer parte de um mundo um pinguinho melhor.

É incrível ter a oportunidade de trabalhar em equipe para fazer a caminhada de muita gente mais leve. Que sorte a minha ter a oportunidade de estar neste lugar com gente que quer fazer a diferença no mundo das iniquidades.

Ainda em um 14 de junho de memórias

Neste exato momento, estou em Goma. Amanhã, dormirei em Kisangani e, finalmente, aterrissarei no meu destino final: Niangara.

Em dois dias, desembarco na minha nova missão. Sigo dentro do contexto instável de conflito armado, no útero da guerra, já em uma nova paisagem. Amanhã, ajusto o foco da iluminação para outro palco. Uma sorte poder sair da frente da televisão e subir em um palco onde todos têm o papel de protagonista. Neste pedaço de mundo, não existem coadjuvantes.

17 de junho de 2010, em Kisangani

6h. Ao chegar ao aeroporto, avistei o piloto e o copiloto organizando equipamentos e algumas caixas de suprimentos dentro do pequeno avião que nos levará a Niangara. Perguntaram-me em tom jocoso se acaso sou eu a felizarda que irei a Niangara. Ao escutarem minha resposta afirmativa, iniciaram as piadas humanitárias sobre os riscos de ir a um lugar como este. Alheia aos comentários dos pilotos, permaneci vibrante por saber que em poucas horas estarei novamente na terra onde cumpri a mais áspera das minhas missões. Visivelmente inquieta, caminhei de um lado a outro na pista de asfalto quente, enquanto os pilotos terminavam de carregar o avião.

Sendo a única passageira do voo, aproveitei para ir rememorando os atendimentos que realizei há um ano. Pouco tempo após a decolagem, avistei abaixo dos meus pés a pista de terra avermelhada que segue ao lado do grande rio Congo. Enquanto o piloto me perguntava se eu reconhecia a pista, a fim de estar certo que não estávamos em uma armadilha do conflito armado, avistei o carro MSF com a bandeira da organização, demarcando o local onde deveríamos aterrissar. Compondo aquele cenário singular, pude alcançar a barreira humana que me aguardava desembarcar.

Ao abrir a porta do avião, avistei meu namorado sendo esmagado por uma pequena multidão

composta de trabalhadores e ex-pacientes que estiveram comigo na missão há um ano. Desmanchei-me ao ver a manifestação de carinho a alguém que passou por suas vidas dentro de um tenso momento da existência. Assim como eu, eles pareciam não esquecer quem havia passado pelas suas vidas no momento do desespero. Depois de muitas saudações à congolesa (encostando as laterais da testa) e pulos dançantes, daqueles que nos fazem ter vontade de sair sacolejando por aí, uma parte seguiu conosco dentro dos carros e a outra parte foi se deslocando como em uma procissão pela estrada no meio do capinzal até a base MSF.

Meu peito se encheu ao retornar à minha casa no coração da África, como chamam a cidade de Niangara, por aqui. Sinto-me familiarizada ao experimentar mais uma vez a cama de palha e molas. É interessante pensar que estou tomada por este sentimento de afeto bom, mesmo sendo exatamente neste território o local onde passei um dos momentos mais doídos da minha biografia, ao mesmo tempo em que talvez tenha sido aqui, também, o momento onde pude exercer a minha melhor porção psicóloga.

18 de junho de 2010

O cheiro de cocô de morcego que exalava assim que entrei no refeitório me fez retomar com carinho as reuniões à luz de velas, enquanto tentávamos enxergar o jantar que monotonamente era servido em forma de fufu, pondu e banana frita, nas três refeições do dia por trinta dias. Foi encantador lembrar a nossa festa ao recebermos, cada um de nós, um chocolate Bis quando desembarcou o primeiro visitante naquela cidade.

O odor úmido do pelo dos morcegos e o cheiro do medo foram meus companheiros ao longo da visita ao hospital e aos grupos nas comunidades. Cada novo encontro ia sendo acompanhado por gritos de euforia e abraços bem apertados. Fiquei absorta em meio a tanta afetividade de pessoas que em grande parte das vezes eu vi duas, três, talvez dez vezes, mas era exatamente nos dois, três, dez dias mais sofridos de nossas vidas. Éramos cúmplices.

19 de junho de 2010

Impressionante a diferença rápida que se pode fazer quando conhecemos o contexto, as pessoas e as necessidades de um território. Em alguns dias, pude dar início às formações para enfermeiros, psicólogos e médicos que trabalham diretamente com sobreviventes de violência cruel, como os sequestros de longo prazo e as violências sexuais. Estou muito animada com toda a construção. Sinto minhas vísceras se mexendo o tempo todo. Caminho na estrada enlameada e repleta de formigas que vai da base ao hospital com um sorriso escancarado e a mão direita sempre a postos para executar uma saudação congolesa. A população é muito gentil e costuma acenar quando nos vê pelo caminho, mesmo crianças muito pequenas tem o costume de dar a mão e baixar a cabeça, em sinal de saudação, quando nos enxergam cruzando seus caminhos.

Normalmente, quando encontro uma criança, tenho o hábito de me abaixar e ficar na altura dos olhos dela, mas isso não é uma premissa compreensível por aqui. Os pequenos ficam muito envergonhados e em geral abaixam ainda mais os olhinhos. Fico pensando em como será o futuro de alguém que tem na alteridade do adulto-Outro, ou do branco-Outro, um superior hierárquico, que é visto como mais poderoso. Como desconstruir esta incongruência

que nós criamos por aqui? Como fazer com que os pequenos sintam que tamanho, cor, posição ou cargo não são nada mais que necessidade social para ocupar diferentes espaços no mundo, e não sinal de superioridade?

Eu queria passar parte da minha vida escrevendo histórias infantis e desenhos animados sobre isso. Talvez seja uma boa forma de passar esta mensagem para os pequenos. Mas como passar para os pequenos que ainda vivem em cada adulto? Quando eu começo a me reinventar, às vezes quero pensar que vive uma artista dentro de mim. Mas só tenho certeza mesmo é que mora uma menininha bem desavergonhada que colore um pouco de tudo; às vezes um muro e em outras um futuro. Neste conflito armado eu sigo munida com meus pincéis.

20 de junho de 2010

Ontem, despendi horas convencendo o logístico a construir uma sala e uma *paillot* (casa de barro e palha) na comunidade. Investi um tempo mostrando a ele que sala de psicólogo pode ser em qualquer lugar, desde que ali a população se sinta acolhida, respeitada e que tenha privacidade. Justifiquei ainda que, se as pessoas não precisassem se deslocar por longos trajetos, iriam se sentir mais seguras por não ter que deixar seus bens por muito tempo. Ele tentou me explicar que daria muito trabalho. Então, perguntei: “Sim, mas o que você pensa que estamos fazendo aqui?”. Às vezes, acho que sou mesmo um pouco sem limites, e talvez o logístico tivesse alguma razão na sua negativa, mas se é para cuidar, que seja levado em consideração como o Outro gostaria de ser cuidado e não apenas como eu aprendi a cuidar.

26 de junho de 2010

Hoje foi aniversário do meu namorado, e resolvemos fazer uma festa surpresa para ele. Ainda que não tenhamos fogão, e muito menos forno, fiz um bolo. Sem fermento, sem forno e sem forma, preparei um bolo de chocolate para ele. Utilizando bicarbonato, uma panela de ferro e muita brasa para colocar em cima e embaixo da panela. Fiz um fogo de chão e, para aproveitar este momento solene, convidei duas cozinheiras, mamãe Juli e Cristina, para mostrar a elas como nós, os mundeles, como nos chamam em Lingala, comemoramos o dia em que uma pessoa nasceu.

Amei ver a animação de mamãe Juli, com seus aproximadamente 60 anos de guerra, pulando ao ver a mágica do crescimento do bolo, que além de tudo, tinha um gosto adocicado. Foi também gratificante perceber que Cristina queria ficar mais tempo que seu horário de trabalho, ela queria aprender a fazer algo que os brancos usavam nos seus rituais de aniversário. Aliás, eu me dei conta de que comemorar aniversário é coisa de mundele por aqui.

Mamãe Juli me perguntou: “Como assim, fazer aniversário?”. Respondi a ela que é o ritual que fazemos para nos lembrar de quanta coisa já fizemos neste mundo, uma celebração por estarmos vivos por mais um ano. Cada um de nós pegou o prato com uma fatia do bolo e foi para o lado de fora da casa, onde havíamos decorado o ambiente. Havia uma meia dúzia de balões belgas, um bolo meio solado à brasileira, um parabéns cantando em suaíli, um violeiro que tocava canções em lingala, e muitos abraços com cheiro de suor de trabalho na roça e muita animação. Luz? Ela não estava presente, mas tínhamos velas, lampiões e dança. Sim, improvisamos coreografias ao som de um violão tocado pelo médico brasileiro da equipe.

Pouco antes de deitar, terminei de escrever o roteiro da formação para os psicólogos nacionais. Depois disso, fui finalmente descansar em paz.

27 de junho de 2010

Dor, muita dor. Acordei às 5h30, com fortes dores e com vontade de vomitar. No caminho entre o quarto e o banheiro, enquanto acendia minha lanterna de cabeça, sentia no balançar do cabelo a revoada dos morcegos que habitam a base. Eles são muitos e os rasantes, próximos à cabeça, sempre me assustam. Ouvir o grito agudo que emitem e sentir o vento úmido que vem do voo potencializava minha ânsia de vômito.

Ainda com receio de que um morcego desatento entrasse em colisão comigo, atravessei o corredor comprido e entrei no banheiro. Vomitei. Não sei se foi o cheiro dos morcegos ou o cheiro de xixi de banheiro de ônibus, presente nos sanitários, que provocou mais ânsia, mas vomitei de novo. Com um misto de dor e sono, fui atrás do balde para colocar água no vaso, visto que não temos um sistema de escoamento sanitário.

Às sete, recebi a visita da médica que havia me atendido em Masisi. Mesmo com muita dor, brinquei que a missão dela nesta vida devia ser a de me repatriar, uma vez que é ela, novamente, a responsável por avaliar minha condição física para continuar ou não no país.

Sem muitas delongas, após o exame ela me informou que eu seria repatriada no primeiro voo que saísse de Niangara, e se possível ainda no dia hoje. Chorei. Não queria acreditar que mais uma vez eu passaria por todo aquele suplício da cirurgia. Como um tsunami, todos os receios e lembranças da doença invadiram os meus pensamentos. Meu namorado retornou para o quarto e me avisou que partiria comigo, com ou sem a permissão da coordenação. Encarei a frase como uma declaração de amor e já comecei a me sentir mais forte.

28 de junho de 2010

O pequeno avião da ajuda humanitária pousou na base de Niangara. Debaixo de chuva torrencial, os psicólogos seguiram em direção à nossa base para me acompanhar até a pista de pouso. Ao perceber as feições da equipe, senti como se eu fosse para a guilhotina.

Abraçamo-nos com vontade, no melhor estilo congolês, e, em seguida, subimos no pequeno avião, que minutos depois da decolagem aparentava perder altitude. Passados aqueles segundos em que congelamos o cérebro, o piloto avisou que existia uma intensa presença de raios e chuva forte em nossa rota, prejudicando nossa chegada ao destino final. Sentindo dor e fortes enjoos, percebi que iria, pela primeira vez na minha vida, desmaiar.

O pequeno avião balançava muito e seguia perdendo altitude. Em alguns minutos, o piloto informou que pousaríamos preventivamente em uma cidade diferente do que havia sido planejado. Logo me dei conta de que isso significaria ter de dormir com dor em local desconhecido no meio de um conflito, exatamente na zona onde os grupos armados fazem inúmeras vítimas, as mesmas que eu atendia a alguns quilômetros dali. Além disso, era possível que não tivéssemos alimentação e água potável para beber ou ainda para o banho. Naquele momento, a cara de pêsames do *staff* dentro do carro fazia todo o sentido.

Debaixo de chuva torrencial, descemos na base improvisada, e logo percebemos uma bandeira MSF. Havíamos pousado em Dungu, uma das cidades onde MSF mantém uma base

para a missão junto a deslocados de conflitos armados. Senti-me uma mulher de sorte! A comida não era suficiente para nutrir cinco adultos, mas era o bastante para que cada um comesse um pouco. Passei a noite sem conseguir encostar as pálpebras, torcendo para o dia amanhecer, a fim de que pudéssemos chegar à base de Goma.

29 de junho de 2010

Chegamos, finalmente, no aeroporto de Goma. O carro MSF, recheado com nosso *staff*, era capitaneado pela expatriada Anelise, que me olhava consternada, como quem aguardava a chegada de um cadáver. Recebi seu abraço sincero e, em seguida, fui informada que a ambulância me aguardava na base MSF para passarmos juntas a fronteira.

Atravessamos aquela fronteira entre dois mundos desiguais, que separam Ruanda da RDC, e logo chamamos um táxi que aguardava do outro lado da fronteira. Vinte minutos depois de nos afastarmos da fronteira, o taxista recebeu um telefonema e começou a falar em uma língua não identificada por nós, possivelmente suaíli. Sem emitir uma palavra em francês ou inglês, o motorista fez um sinal de que a ligação era para mim. Certa de que estávamos sendo sequestrados, preparei-me para barganhar pela vida junto ao interlocutor. Entretanto, para a minha surpresa, o sujeito do outro lado da linha se apresentou, em francês, como o coordenador médico responsável pelo *staff* MSF. Informou-me, ainda, que todas as providências para minha cirurgia na Bélgica já haviam sido tomadas, deixando-me pasma com toda a articulação desencadeada em um curto período de tempo. Ao chegarmos ao aeroporto, embarcamos sem burocracias. Como em um passe de mágica, no dia seguinte acordaríamos em um mundo onde as pessoas não sentem medo ao dormir; estaríamos na Bélgica.

1º de julho de 2010, Bruxelas

Na chegada ao país, dirigimo-nos ao hospital designado para a bartolinectomia, onde fui examinada mecanicamente por muitas mãos. Senti novamente o descaso de uma profissional médica que não parecia se importar com o que existe de humano em um corpo adoecido. Uma das médicas do hospital me perguntou mais de uma vez por que vim até a Bélgica se trabalho com Médicos Sem Fronteiras. Informei que nossa política indica que sejamos repatriados para procedimentos invasivos, e a médica logo sugeriu que eu não confio nos meus colegas. Na realidade, desde o princípio eu não confiei nela, mas minha condição de paciente me dizia que não era uma boa hora para enfrentamentos, visto que eu temia sofrer alguma represália durante a cirurgia pela nossa desavença. A partir dali, tentei fazer cara de paisagem e me permiti ser a parte oprimida daquela luta.

No final do dia, fui informada que o momento agudo da doença já havia passado, não sendo necessária a realização de nenhuma cirurgia. Disseram que eu poderia retornar à missão quando quisesse. Eu quis saber se havia risco de ter alguma recaída, a médica me respondeu de forma seca, e sem abertura para mais questionamentos, que ela não era vidente, e que tampouco poderia prever o futuro da minha doença. Ainda com a perfusão do medicamento conectado ao meu corpo, eu me senti humilhada e agredida pelo serviço hospitalar, que deveria cuidar não das doenças, mas das pessoas adoecidas.

Ao sair do hospital, segui o protocolo e me apresentei na sede MSF. Quando estava no

terceiro andar do prédio, fui surpreendida pelo carinho dos membros da coordenação médica, acompanhados por alguns coordenadores de terreno, e psicólogos. Era como se eu estivesse indo para o corredor da morte e todos quisessem prestar sua última homenagem. Em efeito dominó, as pessoas saíam de suas salas para me abraçar. Aquela atitude me desmontou. Acho que lido relativamente bem com agressividade, mas a compaixão e a piedade facilmente me desarmam. Descabelada, pálida e ainda suja do barro congolês, tive dó de mim e, naquele momento, decidi recolher meu sofrimento e descansar fora dali.

3 de julho de 2010

Começo a me preparar para voltar à RDC. Ainda cheia de receios, mas caminhando.

5 de julho de 2010

Por decisão da equipe médica MSF, permanecerei na Bélgica, esperando passar a chuva de medo que ainda me assola.

6 de julho de 2010

Chegando à RDC amanhã bem cedinho. Continuo com um frio na barriga de voltar para Niangara. Seguirei para capital Kinshasa para os *briefings* operacionais com a equipe médica e para me preparar para o retorno a Niangara. Tenho desejo de retornar, já sem dor, mas cheia de fantasmas do lado de dentro. E se a dor voltar?

7 de julho de 2010

Acabo de ler a frase que escrevi no dia anterior: “E se a dor voltar?”. Bom, se for a dor da cirurgia, sempre posso recorrer aos analgésicos, mas, e se for a dor de pensamento? Aí vou precisar ser forte porque não tenho conhecimento de nenhum analgésico que amenize dor de pensamento, de nenhuma cirurgia que faça incisão no passado ou que abra com bisturi a pele da vida.

Fiquei pensando sobre as origens da minha dor. Será que eu ainda sinto as dores de 12 meses atrás? Eu havia dividido tanto sofrimento com esta gente congolesa, que é possível que eu tenha permanecido com um queloide de pensamento. Vou percebendo que todas aquelas perversidades do ser humano não cicatrizaram como eu havia imaginado. Essas dores — tanto a das histórias de perversidade quanto a da minha impotência enquanto profissional — serão sempre minhas, bem minhas. Quiçá as dores sejam o humano do mundo pulsando à força dentro de mim.

9 de julho de 2010

Estou na cidade de Goma, aguardando para chegar pela terceira vez a Niangara. Sigo cheia de planos para a missão. Já preparei novos roteiros e materiais que serão utilizados para a formação da equipe de psicólogos. Chego mais uma vez no coração da África, onde o humano pede um gole de vida.

10 de julho de 2010

Quando ainda era madrugada, espiei minha caixa de e-mails antes de seguir para o aeroporto. Sonolenta, fui repassando rapidamente a lista dos não lidos até ser atingida de sopetão por uma mensagem de Dodo. Dodo, o psicólogo de Masisi, me escrevera contando sobre as rotinas e novidades daquela terra de percalços e desconjunturas em que ele tem trabalhado nos últimos anos. Ele escrevera sobre Gentí e Josephine, ambas personagens de um mundo de descuidos e que me são muito caras.

Segundo Dodo, nessa última semana, Josephine (a nossa Bela Adormecida, sem príncipe) partiu. Depois de anos vagando por um mundo desconhecido, de ter atravessado o tortuoso genocídio de 1994, das dificuldades de nascer tutsi naquele pedaço de chão e da amargura de viver só em um mundo cheio de gente, Josephine partiu deste mundo de desigualdade. Segundo Dodo, ela amanhecera morta em sua cama de campanha, sem emitir qualquer som ou expressão que manifestasse algo diferente daquela rotina de anos.

Como herança, Josephine deixara apenas uma sapatilha dourada e dois panos coloridos, presentes de quem acreditava que aqueles pés ainda poderiam trilhar caminhos mais iluminados. Estou consternada por perceber que não fui capaz de ajudá-la a mudar seu destino, e, ao mesmo tempo, fiquei aliviada em saber que, enfim, ela saiu de sua solitária prisão.

Será que eu realmente fiz o meu melhor para dar um bom rumo para a trilha de sofrimento que Josephine seguia? Será que eu havia sido determinada o suficiente em encontrar um destino mais aprazível para aquela que seguia sozinha há tanto tempo? Coloquei-me contra a parede e tentei fazer sair de mim alguma razão para ter acordado Josephine, se eu não era capaz de assegurar a ela um futuro digno. Xinguei a mim mesma algumas vezes por não ter insistido mais com a organização internacional que repatria as pessoas após as guerras. Por que eu não havia pressionado mais por uma decisão da organização de repatriamento? Eu havia falhado de forma irreversível.

Enquanto elaborava meu luto, desejei muito que ela voasse para bem longe daquela tristeza e fizesse o dourado das suas sapatilhas brilharem em algum ponto do céu. Que seja liberdade para além de uma morte em vida.

11 de julho de 2010

20h. Ainda com Josephine em meus pensamentos, refleti, nesta manhã, sobre sua sina: Josephine passou anos da sua vida dormindo, e, na sua partida, provavelmente apenas uma pessoa que a vira poucas vezes se lembrara dela com carinho. Mesmo que eu leve comigo parte da sua biografia, nunca será o suficiente. Minhas sinceras desculpas, Josephine, por não ter ajudado a desenhar nenhum feixe de luz no breu em que você vivia.

23h. Sigo me questionando. Teria Josephine partido quando alguém ajudou-a a perceber que fazia muitos anos que, na verdade, já não havia vida em seus dias? Quem sabe se Josephine partiu quando alguém a lembrou como era ser tratada como humana novamente? Teria Josephine aguardado para partir quando alguém sentisse sua falta? Sou só interrogações.

12 de julho de 2010

Acordei animada para partir de novo. Partindo em 24 horas. Estava em contagem regressiva para sair do vulcão e entrar na floresta. *Voilà*, Niangara!

15 de julho de 2010

Trabalhando, trabalhando, trabalhando. Muita coisa sendo feita! Muita produção de trabalho, de sentido, de vida. Às vezes, nem acredito que é possível fazer tanta coisa em tão pouco tempo, que é possível produzir tanto significado em tão poucas horas.

Como é possível a vida se encher de sentido a cada novo dia e a cada nova missão que surge? Que Vida com V maiúsculo esta que construí para mim!

20 de julho de 2010

Tenho trabalhado tanto no terreno enlameado que quando chego em casa só tenho vontade de tomar meu banho de caneca, com água esquentada na brasa e carregada no balde em meio ao breu, e dormir.

Como a luz é escassa por aqui, venho procurando não forçar minha visão escrevendo durante a noite, e, quando amanhece o dia, as dezenas de atividades capturam a minha atenção de tal forma que não priorizo o registro das minhas memórias. Tenho optado por viver com os cinco sentidos e deixar a escrita para segundo plano. Espero ter memória suficiente para conseguir lembrar de tudo isso no dia em que não puder mais partir ao encontro dos humanos que vivem no lado sombrio do mundo. Tenho a sensação de que já se passou muito tempo desde que cheguei. São tantas histórias que seguem pulsando comigo intensamente, que queria poder eternizá-las por meio da escrita.

25 de julho de 2010

Tem dias que enxergo mais passado que futuro.

5 de agosto de 2010

Terminando hoje mais uma missão. Duas sensações concomitantes: uma de sabor de vitória e outra de falta de tempo para finalizar tudo. Às vezes, falta-me tempo até para respirar, tempo para estar em contato, tempo. Queria ter bastante força para ficar mais dias neste lugar, produzindo, quiçá, um pouco mais de vida com esta gente. Queria poder transformar mais e mais desejos em realizações concretas, visto que são demandas muitas vezes simples de atender. Acho que faço pouco, mas estou segura de fazer tudo que posso até o meu limite. Como estender limites pessoais?

Sei que a qualidade do meu trabalho vai diminuir se eu ficar mais, e vou começar a me acostumar com esta vida. Não quero me acostumar com aquilo que não deve ser rotina para nenhum ser vivo. Eu me nego a me acostumar com o sofrimento perene, com o medo de dormir à noite, com a falta de sensação de acolhimento; eu me nego.

Ouço muitas pessoas em suas rotinas seguras e estáveis dizendo: “Você ficou só um, dois, quatro meses neste lugar”. Será que essa pessoa imagina o que é passar 24 horas sem comer, sem dormir à noite com medo de ser atacado, o que é tomar banho com aranhas e cobras ao seu lado, deitar na cama enquanto uma revoada de morcegos faz vento no seu pensamento? Quantos dias você desejaria viver assim? Quantas mortes você já sentiu na sua vida? E quantas aguentaria sentir? Você já sentiu o cheiro da morte de alguém? E seu próprio cheiro de humano, você já sentiu? Você sente isso? Ainda parece pouco tempo? Um dia infeliz é muito

tempo para mim.

6 de agosto de 2010

6h de um dia que não quer terminar! Hoje, saio de Niangara com a impressão de ter encontrado uma organização séria para cuidar das 249 crianças que perderam suas famílias durante o conflito armado. Finalmente uma organização que aceitou abrigar as 249 crianças que, por algum motivo, ficaram sozinhas. Parto com a imagem das gêmeas Marie e Josephina, de quatro meses, que perderam a mãe soropositiva durante o parto e foram rejeitadas pelo pai com apenas um mês de vida. Em algum momento da sua cruel peregrinação, foram deixadas na porta da nossa casa, em uma terra onde não existe leite para comprar e, tampouco, um sistema que as proteja. As meninas estavam fadadas a morrer de inanição.

Enquanto ganhava a confiança da comunidade, convenci uma freira boa gente, que vive próxima daqui, a cuidar das meninas enquanto não arrumo uma solução, já que MSF não permitiu que eu ficasse com elas até arrumar uma organização de proteção. Faço visitas todos os dias enquanto compartilho com elas esta sensação boa de ser acolhida no colo de quem gosta da gente, mesmo que a freira me advirta o tempo todo sobre deixá-las manhosas. Tento respeitar as advertências da irmã, mas é difícil não fazer com que elas se sintam amadas, mesmo que em doses homeopáticas. Outro dia até ensaiei andar com elas amarradas junto ao meu corpo, como provavelmente faria sua mãe caso ainda estivesse viva, mas achei elas tão molinhas que fiquei com medo de quebrá-las.

Depois de fazer uma reunião com os chefes de *village*, uma espécie de líderes das comunidades, consegui convencê-los a não deixar que morram, e também consegui que se comprometessem a arrumar uma ama de leite para amamentá-las e prover os cuidados básicos às bebês. Despeço-me destas pequenas com o corpo cansado da cama antiga, do banho de caneca e água esquentada na brasa nas noites de frio, somado à rotina dos pratos feitos a base de mandioca. Vou saindo devagarzinho com minha alma ainda quente. Assim vou me retirando de mais um cenário onde a vida não se faz em prosa, nem verso.

23h. Esta semana, uma pessoa que eu não vejo há muito tempo me escreveu perguntando o que me levou a trabalhar com MSF. Mentalmente, fui me respondendo: "*O que me trouxe até aqui foi a sensação de que o mundo é bem menor do que a gente pensa e que família é este tipo de gente que a gente encontra no meio do caminho. Então foi isso, vim cuidar de parte da minha família aqui do outro lado do Atlântico*".

7 de agosto de 2010

Quanto mais sólida vai ficando a ideia de partir, mais as histórias me procuram para serem registradas. Esta noite foi cheia de passado. Passei parte dela a sonhar com a história de Genti, vivida há pouco tempo ali em Masisi. Talvez o sonho tenha sido disparado pelo meu encontro com Dodo. Segundo ele, após muitas conversas que fizemos com as organizações de Goma, na mesma semana em que parti de Masisi, uma delas aceitou procurar a família de Furaha, mãe de Genti, que morrera após ser espancada. Dodo me disse que no dia combinado para a família vir até o hospital buscá-la, Genti chorava enquanto se agarrava ao corpo imenso dele. Perguntando, apavorada, por que a família iria levá-la. A pequena pediu com veemência que

não a deixasse levá-la do hospital.

Enquanto Dodo falava, seus olhos se umedeciam. E eu fui me corroendo por dentro ao ter a certeza de que o processo de aproximação com a família estava todo equivocado, o que provavelmente havia tornado aquele reencontro uma nova ferida naquela pequena vida cheia de percalços. Embora entendesse que naquela cultura não se tem o costume de levar em consideração os sentimentos de uma criança, eu estava certa de que poderíamos ter feito algo mais digno para aquele recomeço.

E eu? Eu fiquei chorando dentro de mim. Fiquei mastigando cada pensamento como uma carne de terceira. Por quê? Por que Genti tem que nascer onde não existe organização de proteção? Por que ela precisa passar por tanta penúria? Eu não sei.

23h de uma noite de militância interna. Fiquei remoendo o pavor de Genti. Por que uma pequena de 3 anos merece ver sua mãe morrer espancada por um de seus companheiros? Por que vivera por alguns meses dentro do hospital à espera de alguém que pudesse ficar com ela, uma vez que não existem serviços de acolhimento e proteção na cidade onde ela vive e que o estado congolês não aceita o deslocamento interno de crianças, sob pena de prisão?

Lembrei ainda do dia em que eu subvertendo as regras, cheguei à nossa casa MSF com Genti no colo para almoçarmos juntas. Todos ficaram boquiabertos de ver que eu havia trazido uma criança para casa. Embora ninguém tivesse nenhuma palavra para dar qualquer conforto àquela criança, eles sabiam que as regras não permitiam que convidássemos crianças para ir à nossa casa. E ficar sem pai, sem mãe, viver sozinha aos 3 anos de idade, é permitido?

Fiquei me perguntando se não era correto levá-la até a base ou se não era correto ela viver sem carinho e sem cuidado, sem proteção e sem afeto neste mundo de desamor que a envolveu até aqui. Será que o que eu fiz foi mais grave do que o fato de as pessoas não quererem saber da tristeza de um humano de 3 anos que viveu apenas momentos de hostilidade? Onde você guarda a sua lei? Que norma adormece sua sensibilidade?

Quando ainda era dia 7 de agosto de 2010

Partindo cheia de ideias de uma transformação sem fronteiras. Escrevo para repartir a minha dor.

8 de agosto de 2010, Goma, RDC

Parece que levei uma surra, meu corpo está aniquilado. A administradora da base percebeu que estou precisando de acolhimento, mas preferiu não me perguntar nada. Em MSF, somos um pouco duros com as necessidades dos colegas. Entendemos a dos pacientes, dos beneficiários, até do *staff* nacional, mas temos dificuldade de acolher a dos colegas expatriados. Talvez perguntar sobre a ferida do colega coloque em cheque a latência da sua própria. Quanto menos sentimos, mais agimos. Acho que esta é uma premissa na minha equipe. Eu sinto um pouco diferente, tenho orgulho de sentir.

Se eu deixo de sentir, como serei capaz de escutar a narrativa do humano na minha frente, que na maior parte das vezes não expressa uma palavra sequer nas línguas que posso entender? Quando me perguntam como fiz determinado atendimento nestes locais tão distantes da minha cultura e me perguntam a técnica utilizada, eu tenho dito: “Técnica? Certamente a técnica é

importante, mas, quando estou na frente de um humano nas condições de tortura recente, só dou conta de me conectar com a humanidade que emana do cheiro dele, da forma de olhar, da forma de amarrar seus panos, trançar seu cabelo, do cheiro do sangue seco ou do relevo das cicatrizes que marcam seu corpo".

Levei seis anos para me autodenominar psicóloga, mais dois anos me especializando e muitas noites em claro estudando técnicas de atendimento. Mas, na hora do cuidado face a face, acredito que não exista nada mais importante que sentir a pessoa com os cinco sentidos, deixando que a técnica se expresse através deles. Afinal, do contrário, serei um processador de palavras. A entrega de uma escuta com cinco sentidos, acredito eu, é percebida pela pessoa que está junto a mim. Então é isto, acho que uso a técnica mais utilizada na humanidade, a técnica dos cinco sentidos: escutar, ver, sentir o cheiro, tocar quando lhe é permitido, sentindo o gosto da humanidade.

9 de agosto de 2010

A administradora resolveu cuidar de mim. Convidou-me para passear no lago com um caiaque que pediu emprestado de uma madame que ela conheceu outro dia. Passamos duas horas remando no meio de uma desigualdade que gritava.

Durante o tempo em que estivemos remando, vi mansões construídas de frente para o lago, mansões que impedem os habitantes de Goma de chegar até o lago, a maior fonte de água daquela gente. Com seus gramados verdes e intocados, restringiam o acesso a um mísero corredor, fazendo com que os cidadãos de Goma se espremessem em pequenos vãos entre os muros das mansões para nadar ou pegar água em baldes, lavar roupas e lavar animais. Toda aquela gente suada e cheirando a humano se debatia para tomar um banho. A ideia de descansar no meio da desigualdade não foi nada coerente. Saí mais aniquilada do que nunca.

12 de agosto de 2010

8h de uma manhã de debriefings. Estou em Kinshasa, fazendo mais um *debriefing* operacional, como chamamos a reunião de fim de missão onde apresentamos a estratégia de trabalho utilizada e avaliamos se devem ou não ser reproduzidas, ali ou em outras missões, as atividades que desempenhamos. É sempre um bom momento de pensar sobre o que fizemos. É dia de repassar junto à coordenação tudo o que foi vivido nos cinco meses de missão. É tempo de ensinar o corpo a relaxar e de permitir que a lágrima saia; chegou a hora de soltar o verbo e pedir ajuda externa. Hoje é um daqueles dias que nos fazem planejar um amanhã menos desigual. Que venha a próxima ou o próximo psicólogo com uma alma cheia de futuro!

13h de um dia de muita falação. Que sensação boa é esta de estar no mundo. Pela manhã acordei confusa, não tinha ideia de onde estava. Que quarto era aquele? Que cidade era esta? Qual era a minha missão? Missão? Quem sabe missão não é isto: ser feliz onde estamos? Tomara que seja.

13 de agosto de 2010

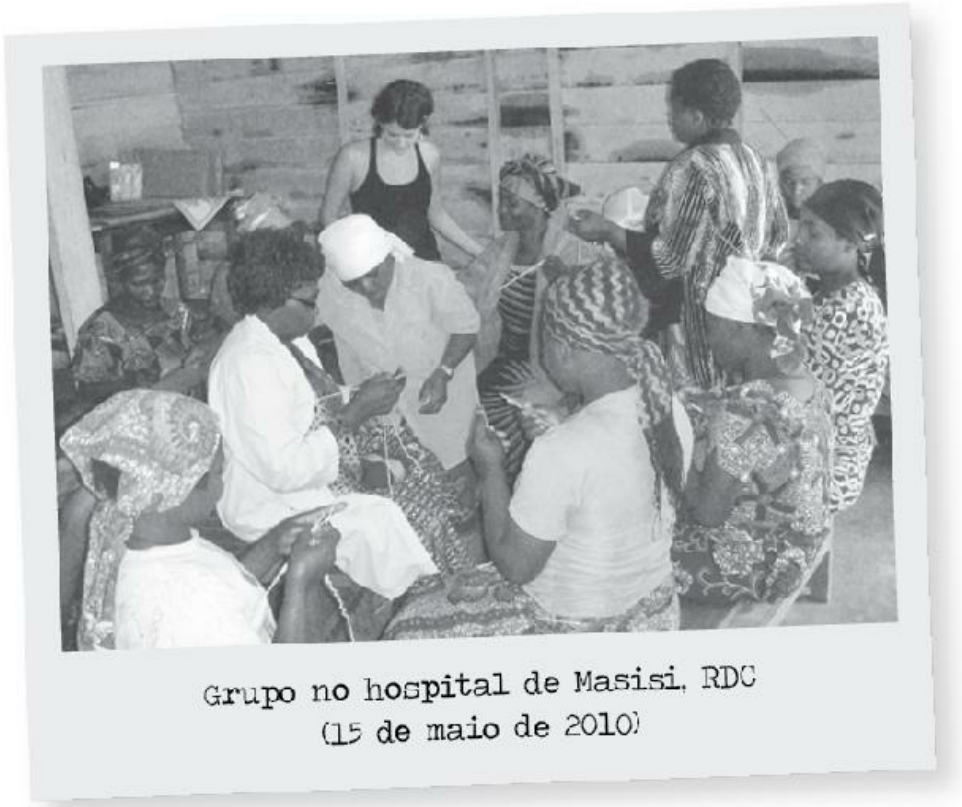
Terei alguns dias de férias antes do meu retorno. Irei ao Congo-Brazzaville.

24 de agosto de 2010

20h. Esta semana voltei dos meus cinco dias de férias no Congo-Brazzaville, o país vizinho à RDC. No caminho, ainda antes de entrar na piroga (canoa motorizada que serve como transporte público local), uma luta travada entre dois passageiros feria a socos e pontapés minha esperança de paz.

Ainda no porto chamado *Beach*, uma tentativa de um funcionário público de estuprar uma mulher surda, violentava e marcava a ferro minha tranquilidade. Dessa forma, fui desejando que este mundo de violência e sangue fosse tirar férias bem longe daqui! Cinco dias em que meus sonhos ficaram presos entre os portos da violência e do desejo de paz.

23h50. Voltando de férias com algumas perguntas sobre a RDC. Por quê? Como isso começou? Quando?



Grupo no hospital de Masisi, RDC
(15 de maio de 2010)



MÉDICOS SEM FRONTEIRAS:
REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO (RDC)

Em 2010, por todo o país, décadas de negligência da gestão pública de saúde resultaram no aumento das taxas de mortalidade infantil e materna. Naquele ano, a expectativa de vida estava entre as menores do mundo segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). À época, os projetos de MSF no país ofereciam cuidados médicos gerais e especializados em hospitais, centros de saúde e por meio de clínicas móveis em diversas províncias, totalizando mais de 1 milhão de consultas médicas, mais de 10 mil cirurgias e 19.200 partos. As equipes também trabalharam com campanhas de vacinação, cirurgia de emergência, programas de nutrição e cuidados pediátricos. Cuidados de saúde mental, bem como atenção voltada para mulheres, foram oferecidos, incluindo assistência especializada a sobreviventes de violência sexual. Nos centros de saúde, hospitais e clínicas móveis em Bunia, no Kivu do Norte e do Sul, Haut-Uélé, onde está situada Niangara, e Bas-Uele, a organização ofereceu suporte médico e psicossocial para cerca de 6 mil sobreviventes de violência sexual. Além disso, no Kivu do Norte, onde fica Masisi, MSF treinou uma rede de mulheres para responder às necessidades de vítimas de violência e, quando necessário, encaminhar pacientes ao hospital para cuidados posteriores.

Na RDC, as emergências são de diferentes naturezas e o acesso às localidades afetadas é sempre um desafio. Para garantir a resposta rápida a crises instaladas, desde 1995 o país conta com sua própria unidade de emergência de MSF, o PUC — Pool d'Urgence Congo, na sigla em francês. Apenas em 2015, o PUC recebeu 171 alertas e agiu em sete emergências — envolvendo desnutrição, sarampo, cólera e crises com refugiados e deslocados —, beneficiando mais de 300 mil pessoas em todo o país.

Em 2015, a RDC foi o país onde MSF mais investiu recursos financeiros para manutenção de seus projetos. No total, foram 100,3 milhões de euros.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS ATUA NA REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO DESDE 1981.

Médicos Sem Fronteiras é uma organização humanitária internacional que leva cuidados de saúde a pessoas afetadas por conflitos armados, desastres naturais, epidemias, desnutrição ou sem nenhum acesso à assistência médica. A organização oferece ajuda exclusivamente com base na necessidade das populações atendidas, sem discriminação de raça, religião, convicção política e de forma independente de poderes políticos e econômicos. Também é missão de MSF chamar a atenção para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas atendidas em seus projetos.

N
O
L
S


PRIMAVERA ÁRABE:
MISSÃO LÍBIA

4 de março de 2011

23h. Às vésperas do Carnaval, recebi em minha casa um médico belga que havia trabalhado comigo na RDC algum tempo atrás. Ele veio ao Brasil a fim de embarcar neste universo paralelo que se chama Carnaval. Thomas ficará alguns dias em Aracaju até partir para Olinda. Tenho me divertido acompanhando o encantamento do olhar estrangeiro sobre o nosso "show". Para falar a verdade, até comecei a me animar a seguir junto com ele e Marina para o Carnaval de Olinda. Passamos a noite na sacada do meu apartamento, bebendo cerveja, discutindo sobre as agruras da vida humanitária e das intempéries que vivemos em lugares tão inóspitos do planeta. Discorremos sobre o Brasil e sobre como os brasileiros conferem humor à montanha-russa que chamamos de rotina.

5 de março de 2011

Meio-dia. Após a longa noite de bate-papo, acordei às 11 para um café da manhã/almoço. Da cozinha, preparando omeletes e com as mãos sujas de goma de tapioca, escutei meu telefone tocar. Do outro lado da linha, Dominique.

Ainda que fosse o pleno verão aracajuano, só comecei a suar depois de ouvir a proposta de Dominique. Em meio aos ovos quebrados e aos farelos de goma de tapioca caídos sobre o chão da cozinha, chegou minha nova missão. Dominique me perguntou se eu poderia partir nos próximos dois dias para uma missão em um campo de passagem para pessoas que buscam refúgio e repatriamento devido a guerra na Líbia. Quis saber se eu estava a par da Primavera Árabe e se eu estava pronta para partir. Esquecendo-me completamente de que durante a madrugada eu havia aceitado o convite para ir a Olinda pular Carnaval, respondi que estava pronta para saída imediata. Então, Dominique confirmou que ainda na tarde de hoje eu receberia informações sobre a nova missão.

Ao desligar o telefone, sorri com os olhos enquanto sentava à mesa improvisada, na sacada do apartamento. Ao ver no meu rosto uma expressão que lhe era bem conhecida, Thomas logo entendeu que havia perdido a companheira de festa pagã. Gastamos um tempo conversando sobre a sensação de receber um convite para partir em missão. Thomas partilhava comigo o sentimento inebriante de receber o chamado do recrutador. E, assim, seguimos, comendo tapioca e pesquisando na internet mais informações sobre a situação atual da guerra.

6 de março de 2011

13h. Um friozinho gostoso na barriga, uma mochila cheia de interrogações e muita inquietude com este mundo desigual. Líbia, minha próxima missão!

19h. Já no Rio de Janeiro, agendei com Dominique uma breve reunião no portão do embarque internacional do aeroporto, para receber mais informações sobre a missão e tirar algumas dúvidas, como: se eu precisaria ou não chegar de véu, o tipo de roupa adequada para o desembarque, quais os documentos básicos para entrada no país, entre outras demandas de uma iniciante no mundo árabe. Em pé, fizemos nossa reunião em vinte minutos e seguimos cada um para seu portão correspondente.

22h. Segundo consta nos documentos que Dominique me entregou no saguão, eu deverei desembarcar na Ilha de Djerba e de lá seguir rumo à fronteira da Tunísia com a Líbia, onde terei como objetivo planejar e coordenar a estratégia para os atendimentos psicossociais às pessoas que buscam refúgio no campo de Shousha. Ainda no aeroporto, eu me encho de expectativas enquanto tento imaginar como será receber pessoas feridas e torturadas na atual conjuntura.

7 de março de 2011, chegada na Ilha de Djerba na Tunísia

Já são 23 horas de um dia repleto de trânsitos e passagens por três continentes até finalmente desembarcar na Ilha de Djerba. Quando ainda estava acordando na minha estreita poltrona de terceira classe, precisei me esforçar para lembrar que estava indo para uma missão na guerra. Foi surreal acordar na aeronave que me levaria a uma área de risco e perceber que ao meu lado no voo encontravam-se mulheres de chapéu de palha com seus lenços esvoaçantes, óculos Armani legítimos e mapas de turismo nas mãos.

No saguão do aeroporto, segui me perguntando se eu não havia desembarcado na ilha errada, até que me deparei com um homem trajando uma jaqueta com logotipo MSF e o nome escrito em árabe. Aliviada, embora muito cansada, acenei para aquele ilustre desconhecido e fui ao encontro da minha nova equipe.

Ao nos afastarmos do aeroporto, seguimos para uma estrada completamente deserta ao lado do mar. Fui ficando desconfortável ao perceber quão desprotegida eu estava naquele lugar. Confesso que, por algum tempo, tentei identificar se ele realmente era um enviado da organização ou um sequestrador que havia se aproveitado da minha displicência em acenar para um desconhecido. O homem, Ramzi, aparentava estar nervoso, e assim permaneceu durante todo o trajeto, acendendo um cigarro atrás do outro enquanto mantinha os vidros fechados, sob a justificativa de que fortes ventos se debatiam contra as janelas do carro.

Na recepção do hotel destinado ao meu pernoite, Ramzi agiu como se eu não existisse, tratando de toda a burocracia sem me dirigir sequer uma palavra ou olhar. Sem entender a combinação que havia sido estabelecida na recepção, agradeci em francês e segui para o andar do quarto descrito na chave que me foi entregue. Minutos depois de ter acomodado minha mochila no quarto, escutei o som da campainha. Na porta estava Ramzi, com um envelope contendo um celular com meu nome, dinheiro para pagar a diária do hotel e uma carta de boas-vindas assinada pelo coordenador da equipe. Manuseando o celular, descobri que ali estavam gravados os contatos dos membros da equipe. Ao chamar um dos números da agenda, um sujeito de fala apressada atendeu imediatamente perguntando se eu falava espanhol. Depois, o sujeito me informou que todos estavam em uma reunião, mas que em alguns minutos eu deveria encontrá-los no saguão do hotel.

Antes de interromper a ligação, ele me brindou com uma pitada do ácido humor catalão, sugerindo-me um bom banho e uma refeição digna, quiçá, a minha última, segundo ele. Disse ainda que amanhã nós estaremos em outro mundo, onde as refeições estarão condicionadas ao ritmo do trabalho. Acho que começo a adentrar nos meandros das contradições existentes nesta pequena ilha.

8 de março de 2011

5h. Acordamos todos muito cedo e nos dirigimos para a mesa do café. Ao nosso lado, um grande grupo de turistas de biquíni e protetor solar nas mãos se organizava para uma aula de hidroginástica ao som de uma espécie de lambada árabe. Perguntei ao coordenador do projeto se aquelas pessoas tinham noção do risco e da situação dramática que se passava a sessenta minutos dali. Com a paciência encurtada e a animação catalã, ele respondeu dizendo que provavelmente os pacotes turísticos promocionais estavam muito baratos devido ao conflito, e que essa deveria ser a razão daquelas pessoas estarem ali, além, é claro, da capacidade do ser humano ser capaz de ignorar aquilo que não lhes interessa. Neste caso, o extermínio de centenas de pessoas a poucos quilômetros de suas taças de Martini.

Passado o deleite de comer como uma esfomeada a última refeição, tomamos uma estrada que cortava o deserto. Era possível ver as casas esculpidas nas montanhas, rodeadas pelos rebanhos de ovelhas pastoreados por homens envoltos em muitos panos pretos.

10h. O vento seco e arenoso do deserto seguia riscando a pele do rosto e dificultando minha respiração. Quando percebeu meu desconforto, o motorista me sugeriu cobrir a cabeça e o rosto com o véu para me proteger do vento, do sol e da areia. Ainda na dúvida se ele queria que eu me cobrisse para me proteger ou para proteger seus costumes e tradições, aceitei a sugestão e deixei apenas os olhos expostos. A cada minuto que se passava, íamos sendo atingidos por pequenas tempestades de areia, quando ficava clara a experiência do motorista e o meu preconceito.

Ao chegarmos ao campo de Shousha, um dos colegas me informou que no dia de hoje havia 17 mil pessoas fugindo da guerra, vindas de todos os cantos do mundo, e, em particular, da África subsaariana e de Bangladesh. Desci do carro e logo avistei a bandeira MSF em uma grande tenda feita de tecidos coloridos tradicionais da Tunísia no meio daquele mar de gente coberta de panos.

Ao encontrar a equipe de psicólogos, procurei algum rosto conhecido e me deparei com Karmem, a psicóloga espanhola que coordenava a saúde mental a partir de Barcelona. Abraçamos-nos rapidamente e ela começou a me apresentar à equipe que eu deveria coordenar nas próximas semanas. Isto é, os três psicólogos tunisianos que já haviam chegado e outros quatro que deveriam chegar nos próximos dois dias.

Meia-noite. Quando o sol se pôs no campo de Shousha, nós retornamos à base de apoio e demos início às reuniões para acertarmos o passo da nova equipe. Após a extensa reunião de repasse entre aqueles que partiriam e nós que havíamos acabado de chegar, fomos todos jantar, o que por estas bandas significa a refeição subsequente ao café da manhã. Com um misto de muita fome e de cansaço até para mastigar, comemos o que encontramos nas marmitas frias de alumínio, enquanto conversávamos sobre a situação mutante e tensa do campo de Shousha.

Exaurida, com muito frio e sem tomar banho devido a falta d'água, deitei sob o lençol áspero de um tecido artificial e agradeci a sorte de poder dormir sobre um teto seguro.

9 de março de 2011 (escrito em um pedaço de folha de receituário)

Sensação de euforia e plenitude. Estou no meio do caos. Centenas de barracas distribuem-se em frente aos meus olhos. Sinto o ar seco e denso da areia quente do deserto ofuscando minha visão e invadindo meu corpo. Ainda não faz uma hora que cheguei à tenda de atendimento e já devo ter engolido alguns quilos de areia. As pessoas que saem da Líbia chegam em busca de proteção, alimentos e tratamento médico. Tristeza, esperança, insônia, desejos, fome, resiliência. O campo, de forma chocante e inebriante, permanece vivo.

As pessoas que aqui estão passam seus dias em pé nas longas filas para comer, tomar banho, usar as latrinas ou pegar cobertores para enfrentar as madrugadas geladas do deserto. Na vida deste campo se partilha de tudo: a fé, a barraca, as narrativas da tortura recente, a esperança do retorno para casa ou do lugar que ela representa. A vida deste lado do mapa é bem mais árida que este ar que respiramos. Mas, para onde voltar? O que fazer? Que rumo tomar? Este é o nosso papel de psicólogos humanitários no campo de Shousha: auxiliar as pessoas que tem dificuldade de vislumbrar um caminho à sua frente a entender sua realidade e refletir sobre suas escolhas.

Todos os dias, eu acompanho centenas de partidas e chegadas. Alguns chegam da Líbia, outros partem para seus países de origem (Sudão, Palestina, Bangladesh, Mali, Argélia, Burkina Faso, entre muitos outros). Assim vai se construindo o ciclo de trocas e descobertas do mundo de cada um. Nas sacolas plásticas que alguns conseguem trazer consigo, juntam-se um grande punhado de caos, alguns restos de tortura, violência física e psicológica e, por vezes, documentos e fotos. Portam consigo ainda a esperança de encontrar alguém no seu país de origem que os ajude a inventar algum futuro. Sinto-me estranha por aqui, talvez fruto da atmosfera tensa gerada por esta junção forçada de centenas de diferentes etnias, religiões, dores e sofrimentos, atrelada a fome, incerteza e dificuldade de construir futuro. As tendas são armadas com lonas que cheiram a pavor.

22h30. Enfim, encerramos o dia de intenso trabalho, em que desde às sete da manhã os corpos já estavam na ativa. No término da última atividade — a reunião para *debriefing* operacional — sinto a exaustão tomar conta de mim. É fácil imaginar a origem de tanto cansaço quando ficamos expostos todo o dia a rajadas de vento que fazem voar as barracas, inclusive a nossa. Mantenho olhos ressecados, pele enrugada de uma textura envelhecida e cabelos coloridos pelos muitos matizes de areia. Finalmente, chegou o momento tão esperado de tomar um banho.

Quando a reunião acabou, corri para a ducha com a alegria de uma menina de cinco anos que sente o frio de 10 graus e que espera estar aquecida em alguns minutos. Eu ainda não sabia, mas começava naquele instante minha peregrinação pelo banho do dia. Não temos banheiro privativo e o fornecimento de água — seja aquecida ou não — depende do horário e da organização da equipe. O recepcionista me avisou que, como já estava tarde, eu não iria encontrar água no banheiro do térreo, mas que eu poderia tentar a sorte no andar de cima.

Entrei no corredor escuro, onde as duchas unissex eram divididas em três portas sem

fechaduras e onde o ralo entupido deixava evidente a variedade de pelos e cabelos dos hospedes da última década. Com um fio de água fria almejei salvar minha pele do ressecamento e da areia, enquanto sentia a água do banho, meu e dos outros, sendo regurgitada pelo ralo novamente em mim. O cheiro do banheiro que mesclava o odor de ralo entupido com o de sabonete barato descredenciava o banho como um momento de prazer.

10 de março de 2011

Comecei o dia recebendo uma grande quantidade de candidatos ao refúgio que faziam fila na porta da nossa tenda. Acho que eu nunca havia visto tantos homens aglomerados no mesmo espaço. Acredito que destas 17 mil pessoas abrigadas no campo, menos de 100 são mulheres ou crianças. A maior parcela destes homens saiu das prisões após a abertura das cadeias líbias.

Em alguns dos atendimentos que fiz, escutei que os homens deixavam a África subsaariana tentando chegar à Europa pela ilha de Malta. A fim de encurtar o árduo caminho, precisavam passar pela Líbia e, nesta passagem, eram presos por não portar papéis e documentos de entrada no país. Os homens que atendi haviam estado de dois a quatro anos em celas estreitas e superlotadas e haviam sofrido uma série de torturas e perversidades, a maior parte deles porque não possuíam um visto. Uma parte considerável deles foi abusada sexualmente na prisão. Outros foram forçados a carregar seus próprios colegas mortos até uma parte do deserto para enterrá-los sob a supervisão dos carcereiros. Muitos destes não têm notícia das famílias e vivem, mesmo livres, uma vida de cárcere, aprisionados por suas memórias.

11 de março de 2011

Realizei inúmeros atendimentos sobre a estufa proporcionada pelo sol escaldante do deserto. Aproveitei o momento de almoço da equipe para fazer algumas visitas aos grupos que chegaram ontem à noite. Percebi, no meio da tarde, que muitos homens chegavam até a porta da nossa tenda de atendimento, colocavam a cabeça para dentro e logo saíam. Em um rompante de curiosidade, chamei alguns daqueles homens para saber a razão deste comportamento. Então, escutei coisas como: “A senhora sabe, nós saímos de casa muitos anos atrás e ficamos na cadeia muito tempo, e desde que saímos é a primeira vez que vemos o rosto de uma mulher”. Fui assolada por uma sensação de compaixão e, ao mesmo tempo, fui tomada por um medo de gênero.

Fiquei pensando em como seria passar anos sem ver o rosto de uma mulher, e me dei conta que ser uma mulher neste contexto de perversidade e privação pode ser ainda mais arriscado.

12 de março de 2011

Depois da conversa de ontem com o grupo de homens na porta da tenda, resolvi mudar a estratégia psicossocial. Conversei com representantes dos grandes grupos étnicos que vivem no campo e contratei um de cada etnia para fazer parte do nosso grupo. Desta maneira, dividi a equipe em duplas de um(a) psicólogo(a) e um(a) tradutor(a) para fazer a sensibilização nos grupos e, ao mesmo tempo, para nos auxiliar a conhecer e integrar as características culturais tão díspares e que podem nos aproximar ou afastar rapidamente daqueles de quem planejamos cuidar.

Acreditamos que, assim, teremos a comunicação facilitada pela linguagem, mas também pela capacidade de compreender melhor estas centenas de grupos que estão no campo. Ao mesmo tempo, protegemos parte da equipe que deve caminhar por entre os estreitos espaços que existem entre as tendas e ficam muito vulneráveis às agressividades do cotidiano. Todos saíram ganhando, inclusive os demandantes de asilo e repatriamento, que podem utilizar uma das pessoas de seu grupo para fazer chegar as mensagens mais urgentes à equipe médica ou psicossocial.

13 de março de 2011, o dia em que conheci Steve

Eram dez horas de uma manhã de tempestade de areia quando atendi em consulta um homem jovem aparentando 30 anos de sofrimento, postura mediana, magro, alpargatas de pano maiores que o seu pé e um gorro sujo de lã na cabeça.

Steve chegou de cabeça baixa, andar custoso, musculatura sem vigor, olhos opacos e gestos de quem perdeu o mapa da própria vida. Steve portava algumas folhas de receituário médico, onde haviam sido receitados antidepressivos e analgésicos. Na última folha da receita estava um encaminhamento para consulta com psicólogo.

Steve me informou que o psiquiatra que o atendeu lhe disse que, se não se sentisse melhor em algumas semanas depois da consulta, ele deveria procurar a dra. Débora da tenda colorida. Então, neste caso, ele gostaria de ser atendido por mim e não por outras psicólogas da tenda. Escutei atentamente sua história e nela cabia um homem sonhador, jogador de futebol de um dos países da África subsaariana, um portador de utopias que havia saído de casa na esperança de ver seu nome estampado em jornais europeus como um dos maiores jogadores de futebol do mundo.

Steve contou que, antes de deixar seu país de origem, economizou durante anos para sustentar seu sonho. O jogador havia partido rumo ao deserto do Saara junto com alguns companheiros de equipe, e, por meses, persistiu na tentativa de realizar seu sonho. Já na última etapa do caminho, antes de chegar à ilha de Malta, chegou à Líbia para fazer a travessia entre os dois continentes. Enquanto Steve e alguns companheiros remavam para enfrentar as fortes ondas, depararam-se com policiais líbios que os levaram diretamente para a prisão.

Resignado com sua condição de “ilegal”, Steve não reagiu e acreditou que, como todos os demais presos por não portar documentos, seria deportado ao seu país de origem. O que ele e seus companheiros não imaginavam é que ficariam mais de seis meses aprisionados, enquanto padeciam de sessões diárias de torturas. Os fantasmas da injustiça permaneciam vivos na sua narrativa. Steve passou todos aqueles anos inventando um futuro europeu, em que seria reconhecido pelo seu futebol, mas, naquele momento, só era capaz de esperar um abrigo para passar a noite.

Perguntei a Steve se jogar futebol ainda lhe fazia brilhar o olho, se ele ainda tinha forças e desejo para jogar. Após uma hora e meia de escuta, pedi a Steve que escrevesse em uma folha de papel partes da sua história e que depois tentasse descrever para mim um plano para seu futuro. Saí do atendimento a Steve com uma sensação de que era possível encontrar outra forma de voltar a viver. Sua forma de olhar e pedir ajuda denotava que o processo de mudança já estava acionado.

14 de março de 2011

Steve retornou esta manhã com uma carta destinada a ele mesmo, onde descrevia a história de sua vida. Emocionante poder ver alguém que passara por tanta penúria se esforçando para projetar luz no próprio caminho. Ao final do nosso encontro, informei a Steve que MSF estava planejando estruturar um campeonato de futebol dentro do campo de passagem, mas que, para isso, precisaríamos de um excelente jogador que soubesse coordenar e que soubesse garantir o respeito e a paz entre os jogadores. Impressionante a reação de Steve. Quando acabei de falar, ele havia mudado a postura e assumido o controle da própria musculatura. Arrumando o gorro de lã laranja sobre a cabeça, disse: “Mas eu posso, sim, fazer isto, eu sei fazer isto”.

Rapidamente, Steve tomou o verso da folha em que havia escrito a história da sua vida e começou a escrever o nome das diferentes nacionalidades que ele sabia estarem no campo de Shousha. Terminada a extensa lista, ele avisou com entusiasmo: “Podemos fazer a Copa do Mundo dos refugiados amanhã mesmo, porque eu sei que aqui dentro temos muitos jogadores profissionais que saíram do seu país assim como eu, tentando chegar à Europa. A Copa vai sair!”. Steve saiu da tenda com passos irreconhecíveis, e, sem perceber, já caminhava como um coordenador de equipe.

No final da tarde, Steve me falou sobre a lista com as nacionalidades e sobre como seria o sorteio dos jogos. Disse ainda que ele precisara de alguns materiais como bola de futebol, tênis e um espaço para jogar. Eu respondi que poderíamos garantir apenas a bola. O restante deveria ser improvisado. Sem pestanejar, Steve me informou que no dia seguinte, pela manhã, eu já poderia visitar o novo campo de futebol. Saímos juntos por Shousha enquanto eu apresentava Steve para outros expatriados e pedia que eles o auxiliassem com materiais que pudessem ser utilizados na construção do campo. Steve já usava uma das braçadeiras MSF para ser identificado e havia passado de demandante de refúgio à coordenador de torneio internacional.

15 de março de 2011

Na chegada ao campo com a prometida bola de futebol, mal pude acreditar ao ver Steve ao lado de vários outros jogadores passando o arado na areia e demarcando o campo com estacas de ferro que sobraram da construção de uma tenda de outra organização internacional. As pedras iam sendo retiradas pelos jogadores uma a uma com as próprias mãos, o que fazia daquele grupo uma equipe.

Steve mostrava todos os dentes da boca enquanto testava a bola de couro que agora era de sua responsabilidade. Apresentou-me todos os jogadores e, naquele instante, eu me senti parte da equipe de cartolas. Quem diria, eu, que detesto futebol, agora promovia torneios internacionais. Os jogadores se posicionaram um ao lado do outro, formando uma extensa fila, para se apresentar informando nome, nacionalidade e o tempo em que jogaram como profissionais em seus países de origem. Identifiquei cada um daqueles rostos e conectei com suas histórias narradas há algumas semanas em consulta psicológica.

Reconheci 30% dos jogadores desta Copa do Mundo como pessoas que haviam procurado o serviço de saúde mental do campo para estabilização emocional. Fiquei impressionada de ver como o futebol poderia servir como disparador de um processo de reinvenção da vida, e,

principalmente, como fator de reestruturação do desejo de permanecer nela.

(acrescentado semanas mais tarde, já em Aracaju, Brasil)

No início da tarde, recebi uma ligação do campo de Shousha. Era Steve, dizendo que investiu seu primeiro salário MSF na compra de um cartão telefônico internacional para me contar suas conquistas e realizações. Enquanto eu falava com ele, fui tomada por uma plenitude que não sou capaz de transcrever.

Steve me disse que atualmente é muito conhecido no campo de Shousha e que passou a ser respeitado e cortejado por outros jogadores que, assim como ele, buscavam a oportunidade de resgatar um sonho. Nos dias que se seguiram àquela ligação, recebi um e-mail de uma jornalista catalã trazendo como anexo uma reportagem do jornal espanhol *El Mundo* em que Steve era o protagonista. Foi dedicada a ele uma página inteira, com direito a foto posada para o fotógrafo do jornal, de gorro laranja e segurando a bola MSF. Com o olhar turvo, terminei a leitura da matéria sabendo que de alguma forma Steve havia chegado em solo europeu. Virei uma torcedora daquele craque, especialista em driblar as torturas da vida.

16 de março de 2011

Esta tarde, fui procurada por um homem alto, corpulento e com olhar de criança perdida. O homem procurava ajuda para "acalmar as lembranças da tortura". Nivo contou que foi preso depois de sair de seu país de origem há um ano. Fugindo da fome, deixou para trás uma mulher e um filho. Ele saiu de Burkina Faso e se embrenhou junto com amigos nas dunas do Saara até chegar à Líbia. Disse que quando foi preso, não tinha consigo nenhum documento, mas que sua aparência física corpulenta o havia salvado das inúmeras torturas que ameaçavam os homens aprisionados naquele pedaço cruel de mundo.

Nas palavras de Nivo, quando se está na cadeia, a aparência corpulenta e a testa franzida podem salvar a pele de um homem. Durante nosso encontro, ele relatou, em tom confessional, que se sentia como um menino de seis anos de idade que não sabia onde buscar proteção. Nivo disse que se voltar ao seu país, ele morrerá de fome. Disse ainda que daria o seu melhor para ganhar dinheiro suficiente para enviar a mulher e ao filho, para, quiçá um dia, viverem todos juntos em um lugar onde o medo de morrer de fome não os ameace.

Nivo parecia guardar um segredo. Ao narrar sua trajetória deixava escapar pequenas lacunas. Ao final do nosso encontro, quando perguntei se havia algo mais que ele gostaria de compartilhar comigo, Nivo respondeu que sim, mas que aquele ainda não seria o momento. Permaneci de sobreaviso, e pacientemente afirmei que poderia compartilhar mais da sua história comigo quando julgasse oportuno.

Saí do encontro com uma sensação forte de que Nivo carregava um piano pesado sobre os ombros, e que avaliava os riscos de me contar seu segredo. Desejei que ele pudesse dividir parte da sua carga, mas temi não termos tempo para estabelecermos um laço mais forte de confiança antes dos seus ombros sucumbirem.

17 de março de 2011

No dia seguinte, Nivo me procurou logo cedo para informar que seu nome estava na lista para o repatriamento a Burkina Faso. Disse ainda que ele será obrigado a retornar ao seu país, e que, se assim for, cometerá suicídio ainda dentro do campo, pois não suportaria a vergonha de retornar derrotado. Pediu minha ajuda para intervir junto a agência da ONU, responsável pelo repatriamento, dizendo que eu sou sua última esperança dentro do campo. Segundo ele, os outros brancos do campo estão ocupados demais para ouvir histórias. E, sem ter a oportunidade de contar sua história, ele já está condenado à morte que o retorno ao seu país significa.

Informei a ele que não tenho poder de interferir no repatriamento, mas que poderia encontrar alguém disponível naquela organização para ouvir sua narrativa e tentar reverter o quadro. Como de costume, comecei a frase dizendo que não prometia nada a não ser tentar ao máximo tudo o que fosse possível. No final da nossa conversa, pedi a ele que retornasse no final da tarde.

17h de uma tarde de ansiedade. Apesar do ar seco e da intensa tempestade de areia que ameaçava desabar nossa tenda, Nivo retornou com as mãos encharcadas de suor e com o olhar vidrado. Aparentava estar em choque. Começou a conversa dizendo que não dormia e não comia desde que havia sido procurado para o repatriamento. Informei a ele que uma senhora chamada Meg, responsável pela entrevista de repatriamento, iria recebê-lo para ouvir sua história. Então, uma lágrima silenciosa deslizou sobre os dois metros de homem que visivelmente pedia colo. Ele pediu que anotasse o nome da senhora em um pedaço de papel e disse que eu havia salvado uma vida. Antes que eu pudesse lembrá-lo de que nada estava garantido, Nivo desapareceu na cortina de areia formada pela tempestade. Enquanto ele corria com seu papel na mão, eu guardava comigo um nó no pensamento.

18 de março de 2011

Nivo veio à tenda logo cedo para me informar a novidade: não será repatriado nos próximos voos. A senhora que o ouviu aceitou retirar seu nome da lista de repatriamentos e tentar encontrar um país de refúgio. Nivo me disse que depois de semanas perambulando pelo campo, aquela foi a primeira noite em que ele dormiu e sonhou com a liberdade. Segundo ele, embora seu futuro seja incerto, trabalhará até deixar para trás a vida de miséria que ele sempre conhecera.

Pedi a Nivo que descrevesse uma vida ideal. Ele sorriu e disse que eu perguntava coisas que ele nunca pensou que pudesse existir. Vida ideal é abstração demais para Nivo e seus companheiros de campo. Parecia impossível imaginar uma existência onde a luta pela sobrevivência não fosse imperativa. Alguns minutos mais tarde, ele voltou para dizer que teria a mulher e o filho junto com ele, vivendo em um país bonito e que ele trabalharia todo dia, pagaria o aluguel de uma casa e o filho teria orgulho dele.

Nivo contou ainda que, enquanto não tiver como sustentar sua mulher e seu filho, não se permitirá retornar ao seu país. Afirmou que o filho precisará saber como é ser um homem de bem e que prover a subsistência da família era parte constituinte do seu modo de ser “homem de bem”. Segundo ele, enquanto for necessário pedir dinheiro para sustentar sua família, “a vergonha vai matar mais que sua vida, vai matar seu sonho”.

Saí do encontro me sentindo pesada. Sabia que eu poderia fazer mais por ele do que havia

feito até ali. Eu sabia que não me era permitido dar dinheiro, ou tratar de forma diferente as pessoas que atendia, mas entendi que Nivo precisava de um auxilio maior que uma escuta psicossocial. Então, fui em busca do pragmatismo que o permitisse acessar um caminho de encontro à própria família.

Procurei um amigo que trabalhou comigo no Haiti alguns anos antes e que nesta missão eu havia reencontrado-o coordenando uma grande organização internacional. No meio daquele campo imenso e sob o sol que fazia ferver meu sangue, perguntei a esse amigo que possibilidade de trabalho ele teria para um homem com muito desejo de trabalhar e que deveria permanecer no campo mais tempo que a maior parte dos seus companheiros de nacionalidade. Meu amigo me informou que poderia oferecer um trabalho de lavador de pratos. A frase ainda não havia sido concluída, mas, por dentro, eu já estava radiante.

Aguardei ansiosamente o momento em que Nivo viesse à tenda para informá-lo da possibilidade de trabalho. Enquanto o informava sobre o tipo de trabalho e a remuneração modesta, ele parecia não acreditar. Levantando as mãos e a cabeça, em posição de louvor, saudou o céu e sorriu um sorriso de menino que ganhou um caminhão de doces. Em sinal de respeito, não me abraçou, mas me agradeceu feliz, enquanto me oferecia a mão suada.

(nota acrescentada semanas depois)

Nas manhãs que se seguiram, Nivo passou todos os dias para me saudar. Durante as semanas seguintes em que estive no campo, fui informada pelo meu amigo que ele havia sido promovido da sua função de lavador de pratos à orientador de fluxo na distribuição de alimentos no campo. Até o dia da minha saída, Nivo ainda trabalhava na mesma organização e mostrava sinais de que tinha começado a acumular renda para fazer os olhos do seu filho brilharem. No dia em que parti da missão, Nivo chegou muito cedo à porta da tenda a fim de ser o primeiro a dizer adeus. Agradeceu-me uma vez mais por tê-lo ajudado no que chamou de “uma chance para viver”. Prometeu, ainda não sei se à mim ou a ele mesmo, ser um homem corajoso e finalizou afirmando que o filho hoje estaria orgulhoso dele.

19 de março de 2011

Esta tarde, fui procurada por um representante do serviço de comunicação da Cruz Vermelha Internacional para prestar auxílio a “um homem que precisava de um psicólogo”. Assim, chegou a mim o pedido de ajuda a Ino, do alto dos seus 2,15m de sofrimento.

Ino, jovem homem negro, muito delgado, cabelos grandes e estilosos, aparentando 25 anos de idade, vestindo calça jeans, tênis e portando uma pasta de couro a tiracolo, andava de forma bastante feminina enquanto gritava, em inglês: “Eu não acredito nisso, Deus, por que isso?”.

Enquanto eu me esforçava para passar pela cerca de arames farpados que isolavam as tendas, Ino gesticulava de forma rápida e brusca com as mãos para o alto, pedindo para falar com a família. Ino retirou de dentro de sua pasta um celular sem bateria e dedilhava sem tocar as teclas, simulando uma ligação. Em fração de segundos, Ino deu meia-volta e saiu a passos largos em direção ao centro do campo.

Para cada passo de Ino, eu precisava dar três para permanecer próximo dele. Eu o segui obstinadamente em meio às dunas que mudavam diariamente de lugar no campo de Shousha. Ino continuava sua caminhada-fuga enquanto gritava energicamente com as mãos para o céu:

“O que foi isso, quem fez isso com a gente? Guerra? Que loucura é esta? Que lugar é este, meu Deus? Por quê?”.

No momento seguinte, virou-se rapidamente e me perguntou:

— Por que diabo você está me seguindo?

Eu não havia me dado conta de que ele tinha percebido minha presença (tola eu, uma pessoa cor-de-areia atrás dele, achava que não seria notada). Embora tenha sido pega de surpresa pela sua reação, entonei uma voz suave ao responder:

— Tenho as mesmas perguntas que você, pensei que poderíamos encontrar respostas juntos.

— Você? Com este sotaque? De onde você é, branca?

— Sou do Brasil, você conhece?

— Claro que sim, não sou burro — respondeu ele, ríspido.

Em seguida, mudei de assunto, usando um tom de dúvida:

— Estou com fome e sede, você já comeu hoje? Tem sede?

— Não lembro quando foi que eu comi pela última vez, mas eu tenho fome e sede.

— Que tal procurarmos algo para comer, juntos? Conheço um lugar onde podemos conseguir, você vem?

Descaradamente blefei, visto que nas minhas andanças pelo campo havia me transformado em uma grande conhecedora dos fluxos internos da distribuição de comida. Fomos caminhando em direção ao centro de distribuição de alimentos, onde solicitei comida para alguém que precisava de cuidados de saúde mental. Percebendo a minha sorte em estar vestindo uma camiseta da organização humanitária, facilmente tive acesso a uma sacola com alimentos. Nesta hora, o olhar de Ino foi de surpresa, pois parecia ter visto alguém muito sabida. Acredito que ter me percebido “influente” o ajudou a aceitar meu convite para dividir a comida.

Entramos na tenda MSF e estendemos duas cangas e um cobertor sobre a areia fofa, onde demos início ao piquenique. Então, Ino me disse que estava com a cabeça doendo, com muitas dores nos pés e que não entendia porque havia tanta gente junta naquele campo.

— Guerra? Por que isso? — repetia ele, incansavelmente. — Eu não era louco — complementou, em seguida.

Respirando calmamente e ouvindo toda a áspera veracidade de suas questões, eu o convidei para fazer uma consulta com um médico amigo que poderia dar um jeito na sua dor de cabeça. Rapidamente, o psiquiatra Yassin atendeu meu chamado. Ao encontrá-lo, pedi que retirasse seu jaleco branco e que não se identificasse como psiquiatra, apenas como médico.

Yassin, incomodado com meu pedido, disse que não mentia para pacientes. Precisei convencê-lo de que o psiquiatra era um humano, depois médico, e que apenas mais tarde recebeu seu titulo de psiquiatra, e se lembrar dessa sequência em um local destes ajudava na aproximação. Na minha perspectiva, os rótulos de louco e psiquiatra criavam barreiras que eram intransponíveis naquela situação.

Yassim disse que se Ino perguntasse sobre a sua especialidade, ele não mentiria. E assim foi. Ino pareceu agitado ao ver Yassin, um alto e esguio médico marroquino, com seus óculos de grossas lentes e andar de Visconde de Sabugosa. No entanto, Ino não se opôs a ser cuidado. Na

tentativa de encontrar alguma reposta plausível, perguntou a Yassim a razão de haver uma guerra e depois voltou a perguntar onde estava Deus naquele momento. Yassim me olhou com a mesma intenção do olhar de Ino. Agora já éramos três a dividir a mesma dúvida. Cada um, do alto de sua pseudolucidez, tentava alcançar internamente as respostas para aquela questão.

O encontro com Ino durou três horas e rendeu uma ceia a três para conquistarmos sua estabilização emocional. Terminamos a refeição quando percebemos que Ino se sentia mais confortável em sua própria pele. A fim de que sua vulnerabilidade no campo não prejudicasse sua condição psíquica, garantimos a ele um cobertor e uma tenda para dividir com duas pessoas da mesma nacionalidade dele, que foram orientados a chamar Yassim quando necessário — ele dormiria em uma tenda próxima dali.

A intervenção compartilhada rendeu a Ino um repatriamento mais célere do que o dos seus colegas. Justificamos clinicamente sua condição psíquica, demandando um suporte familiar que apenas na condição de repatriado poderia ser acessado. Naquela noite, deixei o campo com uma sensação dúbia. Queria ter mais tempo para acompanhar Ino na sua tenda, estar perto se ele necessitasse, protegê-lo de alguma forma. Queria estar ali, mas sabia que burlar a regra de segurança que tínhamos podia custar mais que minha vida; poderia custar a vida daqueles que dividem comigo a missão.

22 de março de 2011

6h. Triste fronteira entre mundos tão distantes.

13h. Longa fila de espera para comer, outra para o banho, outra para deixar o passaporte, outra ainda para falar com o médico, mais outra para telefonar para a família. Será que esperança entra em fila?

18h. A cada dia, recebemos centenas de pessoas de todas as nacionalidades que, em busca de um mundo de paz e dignidade, aceitam caminhar dias no deserto, aceitam a privação alimentar, o medo e a violência para chegar em um porto de paz e pedir ajuda. Aqui estamos nós, os humanos humanitários, ao encontro deste pedido. Que boa sensação esta de estar no lugar certo, ainda que por razões tão erradas.

19h. Tempestade de areia no campo de Shousha. Muito vento do deserto entrando na história de cada um.

23 de março de 2011

Hoje, como na maioria dos dias, enquanto o sol rompia no horizonte, fazia frio e ventava forte. O sol parecia não ter coragem de seguir seu rumo. Como de costume, acordei um minuto antes do meu despertador se pronunciar. Respirei fundo, deixando entrar todo o frio áspero que dissecava meu desejo de deixar a cama.

Tomei coragem e saí caminhando na ponta dos pés, como uma bailarina de um balé de beira de estrada, em direção ao banheiro de piso gelado. Pela última vez, deixei pingar algumas gotas de uma água congelante, e logo dei por encerrada a sessão de tortura higiênica matinal. Vesti minha roupa tão bem passada como o lençol em que dormi e fui me preparando para o jogo dos sete erros que o café da manhã nos proporciona todos os dias.

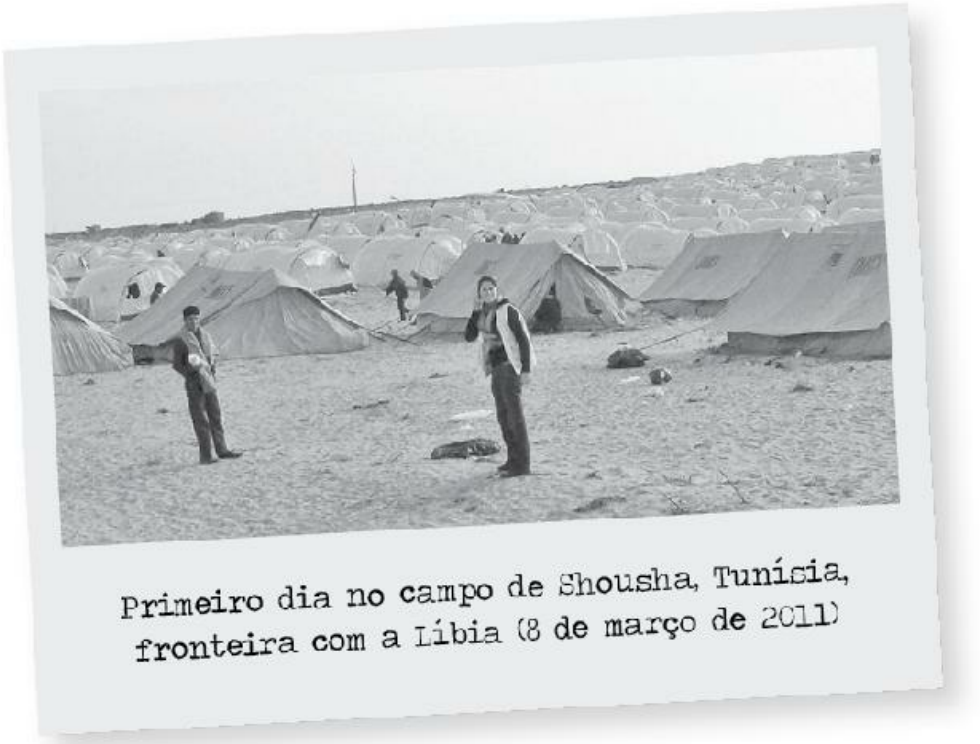
Logo após o desjejum, arrumei a mochila e enchi meu pulmão de ar seco. Mochila

arrumada, era hora de me despedir da minha equipe e fazer as últimas reuniões de repasse da estratégia que deveria ser seguida por todos da equipe de saúde mental.

Já eram 11 da manhã quando finalmente cheguei ao centro do campo de Shousha. O sol começava a cozinhar a calma daqueles que esperavam na fila da distribuição de comida. Saí do carro apressadamente, e, como de costume, passei ao lado da fila de pessoas que pleiteavam o sanduíche do dia. Como um político em campanha, acenei para uns, dei a mão para outros e estampei no rosto um sorriso de Monalisa enquanto abaixava a cabeça em sinal de saudação.

Segui meu rumo naquela estrada de areia fina e cortante em busca da tenda MSF, e encontrei minha equipe toda em pé à minha espera. Um abraço forte em cada um selava nossa relação de respeito e cuidado ao longo dessas semanas em que estivemos juntos. Os pacientes que sabiam que eu partiria hoje chegaram ainda na madrugada para dar o último adeus.

Sensação de ter feito o melhor que eu sabia fazer, ainda que não fosse suficiente. Sinto-me leve. Acreditei ter sido honesta com a expectativa que criei quando cheguei neste lugar. Queria ficar para acompanhar o esvaziamento do campo enquanto cada um segue seu destino. Desejei ver esses humanos que demandavam repatriação ou refúgio entrando em um avião que os levasse para um lugar onde fosse possível conjugar o verbo sonhar. Queria continuar produzindo desejo de vida nesta gente marcada pela dor e pela miséria. Acho que é isto, cada um conjuga uma parte do verbo e só é possível começar quando, antes de tudo, se sonha na primeira pessoa do singular.



Primeiro dia no campo de Shousha, Tunísia, fronteira com a Líbia (8 de março de 2011)



MÉDICOS SEM FRONTEIRAS: LÍBIA

Confrontos violentos eclodiram no dia 17 de fevereiro de 2011. Poucos dias depois, uma equipe da organização humanitária internacional Médicos Sem Fronteiras (MSF) cruzou a fronteira do Egito com a Líbia para oferecer assistência médica às instalações de saúde que tentavam atender pessoas feridas. Alguns profissionais de MSF ofereceram suporte logístico para a entrega de suprimentos médicos às áreas sitiadas, mas outras equipes tiveram sua entrada no país impedida.

Muitas pessoas fugiram da Líbia durante os confrontos. Equipes de MSF em países vizinhos, como Itália e Tunísia, ofereceram assistência médica e pressionaram governos, em particular os membros da União Europeia. A demanda era para eles assumirem a responsabilidade prevista pelo Direito Internacional Humanitário de manter suas fronteiras abertas para as pessoas que fugiam da Líbia e para garantirem condições de recepção adequadas. Na Tunísia, uma equipe de 25 membros de MSF se estabeleceu na entrada de Ras Ajdir e no acampamento de trânsito de Shousha, sete quilômetros para o interior do país, onde 4 mil pessoas estavam abrigadas à espera de reassentamento ou repatriamento. Ali, MSF ofereceu apoio psicológico àqueles que testemunharam ou foram submetidos a diferentes graus e tipos de violência.

Desde o fim do regime de Muammar Gaddafi, em 2011, a Líbia foi dividida por conflito armado e violência. Em 2015, tornou-se extremamente difícil manter suprimentos, profissionais de saúde estrangeiros foram evacuados e muitas instalações de saúde foram impossibilitadas de operar adequadamente. MSF, no entanto, conseguiu fazer doações a hospitais nas cidades de Bayda, Marj e Bengazi durante o ano de 2015 e melhorou as condições de higiene do hospital de Al Qubba.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS ATUA NA LÍBIA DESDE 1991.

Médicos Sem Fronteiras é uma organização humanitária internacional que leva cuidados de saúde a pessoas afetadas por conflitos armados, desastres naturais, epidemias, desnutrição ou sem nenhum acesso à assistência médica. A organização oferece ajuda exclusivamente com base na necessidade das populações atendidas, sem discriminação de raça, religião, convicção política e de forma independente de poderes políticos e econômicos. Também é missão de MSF chamar a atenção para as dificuldades enfrentadas pelas pessoas atendidas em seus projetos.

N
O
L
S

Brasília, dezembro de 2016

Entregar-me ao desafio de compilar memórias vividas em missões humanitárias no Haiti, na Guiné, na República Democrática do Congo e na Líbia e tomar a decisão de não acessar outras missões que seguem cortando minha carne, como a missão de Ebola na República Democrática do Congo, ou a vivida em meio aos Conflitos Étnicos no Quirguistão, me forçou a um isolamento temporário, e nele me deparei com as minhas sombras.

Fui em busca do meu avesso, valendo-me de diários, recortes de jornais, e-mails, recados escritos em papel de pão e imagens registradas por mim durante aqueles períodos. Ansiei por dissecar as vísceras do passado. Precisei aprender a dizer não para novas missões e ter perseverança para dedicar-me a cuidar das feridas e cicatrizes que carreguei comigo ao longo destes anos. Ainda hoje, ao receber um telefonema de Médicos Sem Fronteiras, meu coração dispara. Gosto de pensar que enquanto estiver viva, estarei prestes a partir para algum cantinho do mundo que pede ajuda.

Nos meses de solitude que foram o tempo da escrita, apalpei com cuidado todas aquelas histórias que acreditei imprimirem sentido à minha existência. Atenta às memórias que estavam em meus becos, separei com mãos de garimpeira não as pepitas, mas sim aquelas pedras que feriam meus dedos dificultando a escrita. No processo moroso entre a compilação do material e a entrega do manuscrito, recuei algumas vezes, numa tentativa fracassada de não revelar pensamentos e sentimentos, ainda em carne viva. Defrontar-me com este processo foi como amalgamar martírio e libertação. A cada linha me propus a relatar as feridas de uma gente que, assim como para boa parte do planeta, era invisível para mim.

Ao contar estas vivências, vou deixando minhas feridas expostas no sol do olhar do Outro e, enquanto minha nova missão não chega, sigo narrando histórias junto aqueles que ainda ousam conjugar o verbo sonhar.

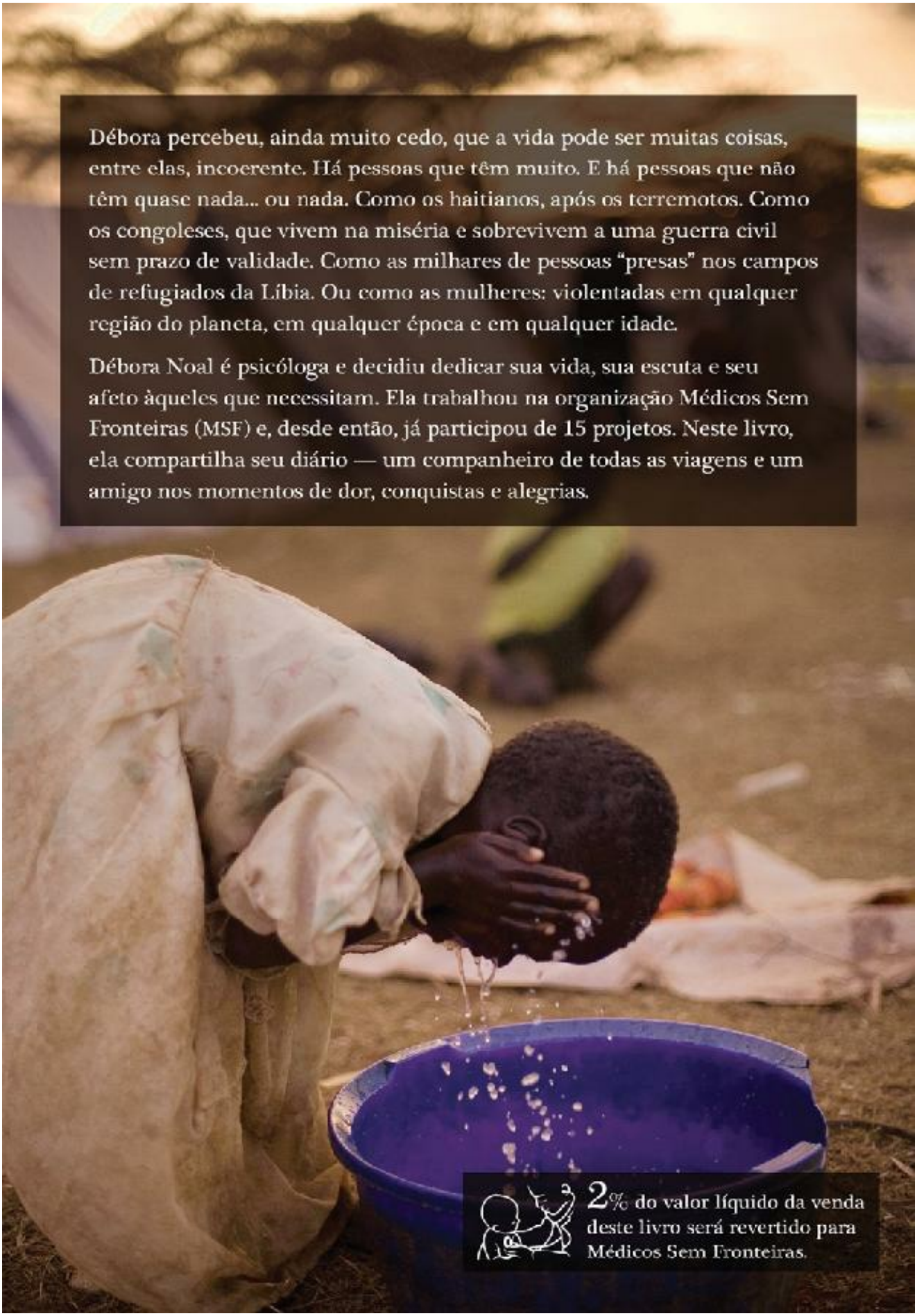


Primeira edição (novembro/2017)
Tipografia ITC Berkeley Oldstyle Std

Débora nasceu em 1981, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Um dia após receber seu diploma de psicóloga, colocou uma mochila nas costas e de lá seguiu para encontrar **O HUMANO DO MUNDO.**

A primeira parada aconteceu em 2005, no Nordeste do Brasil. Pouco tempo depois, começou a trabalhar com a organização humanitária internacional Médicos Sem Fronteiras (MSF), e lá permaneceu até 2014.

Em 2011, recebeu o Prêmio João Canuto, concedido a "pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para a luta pelos direitos humanos" e, no ano de 2013, recebeu a Medalha Sergio Vieira de Mello, "pelos serviços de excepcional relevância na área da assistência humanitária".



Débora percebeu, ainda muito cedo, que a vida pode ser muitas coisas, entre elas, incoerente. Há pessoas que têm muito. E há pessoas que não têm quase nada... ou nada. Como os haitianos, após os terremotos. Como os congoleses, que vivem na miséria e sobrevivem a uma guerra civil sem prazo de validade. Como as milhares de pessoas "presas" nos campos de refugiados da Líbia. Ou como as mulheres: violentadas em qualquer região do planeta, em qualquer época e em qualquer idade.

Débora Noal é psicóloga e decidiu dedicar sua vida, sua escuta e seu afeto àqueles que necessitam. Ela trabalhou na organização Médicos Sem Fronteiras (MSF) e, desde então, já participou de 15 projetos. Neste livro, ela compartilha seu diário — um companheiro de todas as viagens e um amigo nos momentos de dor, conquistas e alegrias.

2% do valor líquido da venda deste livro será revertido para Médicos Sem Fronteiras.

Table of Contents

A porta do mundo
Minha primeira missão: Ciclone em Gonaïves, Haiti
Haiti mais uma vez
Missão Guiné
Missão na República Democrática do Congo (RDC)
Terremoto no Haiti
Desembarcando mais uma vez no coração da África
Primavera Árabe: Missão Líbia